

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

JEAN MARCOS DA SILVA

**O ENSINO DA GEOGRAFIA EM CLASSE
HOSPITALAR/DOMICILIAR: DESAFIOS, PRÁTICAS E
POSSIBILIDADES.**

GOIÂNIA
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:


Nome completo do autor: Jean Marcos da Silva

Título do trabalho: **O ENSINO DA GEOGRAFIA EM CLASSE
HOSPITALAR/DOMICILIAR: DESAFIOS, PRÁTICAS E POSSIBILIDADES.**

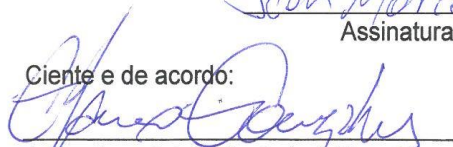
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento **SIM** **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 19 / 09 / 2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

JEAN MARCOS DA SILVA

**O ENSINO DA GEOGRAFIA EM CLASSE
HOSPITALAR/DOMICILIAR: DESAFIOS, PRÁTICAS E
POSSIBILIDADES.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Práticas escolares e aplicação do conhecimento

Orientador: Professor Dr. Glauco Roberto Gonçalves

GOIÂNÁ
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

SILVA, JEAN MARCOS DA
O ENSINO DA GEOGRAFIA EM CLASSE
HOSPITALAR/DOMICILIAR: . [manuscrito] : DESAFIOS, PRÁTICAS E
POSSIBILIDADES / JEAN MARCOS DA SILVA. - 2019.
208 f.

Orientador: Prof. Dr. GLAUCO ROBERTO GONÇALVES.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro
de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação
em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2019.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui siglas, mapas, abreviaturas, gráfico, lista de figuras.

1. Classe Hospitalar/Domiciliar. . 2. Ensino-aprendizagem.. 3.
Geografia.. I. GONÇALVES, GLAUCO ROBERTO, orient. II. Título.

CDU 911



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

- Aos dez dias do mês de setembro de 2019, às 9:00 horas, nas dependências do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, foi realizada a defesa de dissertação de mestrado intitulada O ENSINO DA GEOGRAFIA EM CLASSE HOSPITALAR/DOMICILIAR: DESAFIOS, PRÁTICAS E POSSIBILIDADES do mestrando **Jean Marcos da Silva**, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Ao término da defesa a banca examinadora (Port. nº 098/PPGEEB/2019 de 08 de setembro de 2019), considerou a dissertação apresentada

Aprovada () Não aprovada

Observações:

Acetar as sugestões da banca

Proclamado o resultado, o (a) presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata com os outros membros da banca examinadora.

Goiânia, 10 de setembro de 2019.

Prof. Dr. Glauco Roberto Gonçalves (PPGEEB/CEPAE/UFG) – Presidente

Prof. Dr. Elson Rodrigues Olanda (PPGEEB/CEPAE/UFG) – Membro interno

Prof. Dr. Ricardo Antônio Gonçalves Teixeira (FE/UFG) – Membro externo

DEDICATÓRIA

Dedico esta Dissertação a Professora Ms. Wania Elias Vieira de Oliveira, uma amiga muito querida, competente, inteligente e que muito nos ensinou com sua amizade, com seu profissionalismo, com sua dedicação e com o seu amor pela arte de estudar e ensinar. Infelizmente perdeu a dura batalha contra o câncer, mas deixou seu legado e seu exemplo a ser seguido no Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar (NAEH), onde, por mais de uma década atuou brilhantemente como professora de classe hospitalar e domiciliar, bem como, coordenadora geral. Sua amizade, seus incentivos, seus conselhos, orientações e sugestões foram imprescindíveis para a realização desse trabalho e nele a muito da professora Wânia! Obrigado por ter feito parte da nossa vida! Pena que partiu tão precocemente! Coisas da vida! Parafrazeando seu escritor preferido: “A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado”. Manoel de Barros.

AGRADECIMENTOS

Começo este momento agradecendo a Deus, por estar ao meu lado e me conceder a vida, saúde, perseverança, determinação e a oportunidade de realizar mais este trabalho;

A minha querida e amada esposa Janeth que tanto me incentivou na busca pelo saber, por palavras e ações, demonstrando amor, paciência, carinho e compreensão;

Aos meus amados filhos Marcos Paulo e Ryanne e minha querida e estimada enteada Kimberly, pela compreensão e paciência, quando da minha ausência;

Aos meus pais Onofre e Efani que sempre me incentivaram por palavras, exemplos e ações, o valor da honestidade, da luta, da perseverança, da determinação e pelo amor incondicional demonstrado para comigo;

Aos demais familiares que de maneira direta ou indireta contribuíram com o meu crescimento pessoal e profissional;

A minha amiga e parceira a quem eu considero irmã do coração Wânia Elias (*in memorian*), pela amizade, pelo incentivo e apoio para realização desse trabalho;

A equipe pedagógica do NAEH, Kátia, Isabel, Juscélia pela amizade, pela convivência e o apoio que me deram;

Aos educadores, educandos e familiares do NAEH, que muito colaboraram direta e indiretamente para a realização desse trabalho;

Ao Professor Dr. Glauco Roberto Gonçalves pela orientação, consideração, amizade, confiança e parceria na realização dessa dissertação;

Ao Professor Dr. Elson Rodrigues Olanda por aceitar em participar da banca e pela valiosa ajuda compartilhada em suas aulas e na leitura minuciosa e avaliação desse trabalho. Agradeço também, pela amizade e confiança em mim depositada;

Ao Professor Dr. Ricardo Antonio Gonçalves Teixeira por aceitar em participar da banca, pela amizade, apoio, incentivo e por mostrar que eu era capaz de ingressar em um Programa de Mestrado. Agradeço também, pela valiosa leitura, avaliação e contribuições nesse trabalho;

Aos meus amigos e companheiros de Mestrado, pela amizade, convivência, troca de experiências, disposição em ajudar e colaborar;

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEB) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG) pela acolhida e a todos os professores por compartilharem um pouco de seus saberes. Ao secretário

Wederson Carlos, por sempre mostrar disposição em ajudar e demonstrar um humor contagiante.

A todos aqueles que não foram citados, mas que de alguma maneira direta ou indireta contribuíram para realização desse projeto;

A vocês o meu respeito e admiração sempre,

Muito Obrigado!

Coração de Estudante

Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar
Pode estar aqui do lado
Bem mais perto que pensamos
A folha da juventude
É o nome certo desse amor

Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê
Flor, flor e fruto

Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes, planta e sentimento
Folhas, coração
Juventude e fé

Milton Nascimento – Música “Coração de estudante”

“Se o soro na veia é a certeza da doença, o lápis na outra mão é o vínculo estabelecido com a vida, com o futuro, com a cura”.

“Estudar pressupõe caminhar, construir, viver. Viver pressupõe vencer a doença”.

Rita F. G. R. Branco

RESUMO

Atualmente, centenas de educandos com necessidades educacionais especiais temporárias ou transitórias por motivo de tratamento de saúde, iniciam ou dão continuidade no seu processo educacional em classes hospitalares e/ou domiciliares no Estado de Goiás. O presente trabalho buscou analisar como tem se dado o processo ensino-aprendizagem de Geografia e áreas afins no contexto de classe hospitalar/domiciliar em Goiás, bem como, perceber os principais desafios enfrentados pelos professores em atuar pedagogicamente nesse contexto e contribuir com novas possibilidades de ensino mediante a utilização das outras linguagens de ensino de Geografia que vai além do uso de mapas, como por exemplo, a música, a fim de tornar as aulas mais dinâmicas, criativas, interessantes e contextualizadas com a realidade do educando. A pesquisa foi realizada com os professores que trabalham no Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar (NAEH), localizado dentro da Gerência de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, da Superintendência de Inclusão, da Secretaria de Estado de Educação do Estado de Goiás (SEDUC). Enfatizou-se nesse trabalho a importância dessa especificidade de ensino para os educandos em tratamento de saúde e/ou convalescença e ainda a importância do ensino de Geografia de modo crítico, consciente e inovador, quer sejam nas classes regulares de ensino, quer sejam nas classes hospitalares. Nesse trabalho, foram registrados os relatos e experiências dos professores, educandos e familiares sob a inferência e vivência do pesquisador no campo pesquisado. Esta pesquisa teve por base um estudo qualitativo, exploratório e analítico, dos dados coletados, mediante questionários e entrevistas, valendo-se da Pesquisa-participante. Entre as evidências encontradas podemos destacar que os recursos tecnológicos de áudio e vídeo são bem utilizados pelos professores como forma de mediação de conteúdo durante as aulas, pois permite o professor captar a atenção do aluno com imagem, som e movimento e com algo que essa geração de adolescentes está bem acostumada e utiliza diariamente no seu dia-a-dia, a tecnologia; Neste sentido, acreditamos que o produto educacional proposto neste trabalho, o Guia de Músicas (Ensino Por Meio da Música Em Ciências Humanas: Uma Prática Possível) possibilitará o professor planejar e executar suas aulas de modo interdisciplinar utilizando-se dos conteúdos das músicas e das reflexões e questões sugeridas no Guia.

Palavras-chave: Classe Hospitalar/Domiciliar. Ensino-aprendizagem. Geografia.

ABSTRACT

Currently, hundreds of students with temporary or transient special educational needs due to health treatment, begin or continue their educational process in hospital and / or home classes in the state of Goiás. The present work sought to analyze how the teaching-learning process of Geography and related areas in the context of hospital / home class in Goiás, as well as, to understand the main challenges faced by teachers in acting pedagogically in this context and contribute to new teaching possibilities through the use of other languages of teaching. Geography that goes beyond the use of maps, such as music, in order to make the classes more dynamic, creative, interesting and contextualized with the student's reality. The research was conducted with the teachers who work at the Hospital Educational Service Center (NAEH), located within the Special Education Management in the Inclusive Education Perspective, the Inclusion Superintendence, the Goiás State Department of Education (SEDUC). This work emphasized the importance of this specificity of teaching for students in health treatment and / or convalescence and also the importance of teaching geography in a critical, conscious and innovative way, whether in the regular classes or in the classes. Hospitals. In this work, the reports and experiences of teachers, students and family members were recorded under the inference and experience of the researcher in the researched field. This research was based on a qualitative, exploratory and analytical study of the data collected through questionnaires and interviews, using the participant research. Among the evidences we can highlight that the technological resources of audio and video are well used by teachers as a way of mediating content during classes, because it allows the teacher to capture the student's attention with image, sound and movement and with something that this generation of teenagers is well accustomed and uses daily technology in their daily lives; In this sense, we believe that the educational product proposed in this work, the Music Guide (Teaching Through Music In Humanities: A Possible Practice) will enable the teacher to plan and execute his classes in an interdisciplinary way using the contents of the music and the reflections and questions suggested. in the Guide.

Keywords: Hospital / Home Class. Teaching-learning. Geography.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Número de Hospitais Com Classes Hospitalares no Brasil.....	40
FIGURA 2 - Atendimento Escolar Domiciliar no Brasil.....	41
FIGURA 3 - Tempo de Trabalho na Educação Básica.....	79
FIGURA 4 - Tempo de Trabalho no NAEH.....	79
FIGURA 5 - Grau de Satisfação em Trabalhar no NAEH nos Seguintes Aspectos (coordenação do NAEH, processo de ensino, autonomia do professor, aprendizagem do educando, ao educando atendido pelo professor e o ambiente de trabalho).....	81
FIGURA 6 - Por Que o Professor Considera seu Trabalho Importante no NAEH.....	84
FIGURA 7 - Como se dá o Processo Ensino e Aprendizagem no contexto de classe hospitalar	87
FIGURA 8 - Recursos Tecnológicos Utilizados nas Aulas	90
FIGURA 9 - Por que os Recursos Tecnológicos são Importantes no Processo Ensino-aprendizagem	91
FIGURA 10 - Por que Utilizar Outras Linguagens como Recursos Didáticos (música, histórias em quadrinhos, charges, fotografia).....	92

LISTA DE ABREVIATURAS

ACCG - Associação de Combate ao Câncer de Goiás
AGM - Aprendendo Geografia por meio da Música
APACHE - Associação para a melhoria das condições de hospitalização das crianças
ALFA – Universidade Alves Faria
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEE - Conselho Estadual de Educação
CEPAE - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
C.N.E.F.E. I - Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada
CNE/CEB - Conselho Nacional de Educação / Conselho de Educação Básica
CNES - Confederação Nacional de Saúde
CONANDA - Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
CRER - Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo
EACH - Associação Europeia para as crianças em Hospital
FE – Faculdade de Educação
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
FEMDH - Federação Para o Ensino dos Doentes em Domicílio e em Hospital
HAJ - Hospital Araújo Jorge
HC - Hospital das Clínicas
HDS - Hospital Dermatológico Sanitário Santa Marta
HDT - Hospital de Doenças Tropicais
HGG - Hospital Geral de Goiânia Dr. Alberto Rassi
HMI - Hospital Materno Infantil
HOPE - Associação Europeia de Pedagogos Hospitalar
HUGO - Hospital de Urgências de Goiânia
HUGOL - Hospital de Urgência Governador Otávio Lage
ICB - Instituto de Ciências Biológicas
IME - Instituto de Matemática e Estatística
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC - Ministério da Educação
NAEH - Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar/Domiciliar
OMS - Organização Mundial da Saúde
ONG – Organização Não Governamental
ONU - Organização das Nações Unidas
PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE - Plano Nacional de Educação
PPP - Projeto Político Pedagógico
PROFMAT - Programa de Pós-graduação Profissional em Rede
REDLACEH - Rede Latino-americana e do Caribe pela Educação de crianças e jovens hospitalizados ou em tratamento
SEDUC - Secretaria Estadual de Educação
SEE - Secretaria de Estado de Educação
SEEE/GO - Secretaria Estadual de Educação Especial de Goiás
SNS - Sistema Nacional de Saúde
SUS - Sistema Único de Saúde
UEM – Universidade Estadual de Maringá
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFG - Universidade Federal de Goiás
UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO/ APRESENTAÇÃO	15
1. CAPÍTULO I - ADENTRANDO AO CONTEXTO DE CLASSE HOSPITALAR.....	23
1.1 - ASPECTOS DE CLASSES HOSPITALARES NO MUNDO	29
1.2 - POLÍTICAS DE CLASSES HOSPITALARES NO BRASIL.....	34
1.3 – AS CLASSES HOSPITALARES NO BRASIL.....	39
1.4 – AS CLASSES HOSPITALARES EM GOIÁS.....	42
1.5 - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS PROFESSORES DE CLASSE HOSPITALAR DO NAEH.....	48
1.6 - A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO NAEH.....	50
1.7 - O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ATUALIDADE EM ESCOLAS REGULARES.....	54
1.8 - O PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	58
1.9 - A ESCOLHA DO CONTEÚDO.....	63
1.10 - O LUGAR DO ENSINO DA GEOGRAFIA - NAS CLASSES HOSPITALARES	69
2. CAPÍTULO II – PERCURSO METODOLÓGICO DO ENSINO DE GEOGRAFIA EM CLASSE HOSPITALAR.....	75
2.1- DISCORRENDO SOBRE OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ...	75
2.2 - SUJEITOS DA PESQUISA.....	76
2.3 – INSTRUMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS.....	77
2.4 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	78
2.5 – PRODUTO EDUCACIONAL	94

2.5.1 – APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	95
2.5.2 - AS POTENCIALIDADES DA MÚSICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM CLASSES HOSPITALARES	96
3. CAPÍTULO III - RELATOS E EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DE PESQUISA.....	101
3.1 – AS POTENCIALIDADES DO ENSINO EM CLASSE HOSPITALAR NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR.....	101
3.2 – RELATOS E EXPERIÊNCIAS VIVENCIADOS NO NAEH: FAMÍLIA E EDUCANDOS.....	106
3.3 – RELATOS E EXPERIÊNCIAS VIVENCIADOS NO NAEH: EDUCADORES.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126
APÊNDICES	136
APÊNDICE A	137
APÊNDICE B.....	199
APÊNDICE C – PRODUTO EDUCACIONAL (GUIA DE MÚSICAS).....	202
ANEXOS	205
ANEXO A	207
ANEXO B	205
ANEXO C	208

INTRODUÇÃO/APRESENTAÇÃO

Para iniciar e apresentar essa dissertação utilizaremos algumas palavras de Freire (2003, p. 125-126), que ao falar de evasão e aprendizagem escolar, enfatiza a importância de considerar o educando em sua totalidade, contextualizado e inserido em uma realidade:

Uma escola democrática teria de preocupar-se com a avaliação rigorosa da própria avaliação que faz de suas diferentes atividades. [...] A aprendizagem escolar tem que ver com as dificuldades que eles enfrentam em casa, com as possibilidades de que dispõem para comer, para vestir, para dormir, para brincar, com as facilidades ou com os obstáculos à experiência intelectual. Tem que ver com sua saúde, com seu equilíbrio emocional. A aprendizagem dos educandos tem que ver com a docência dos professores e professoras, com sua seriedade, com sua competência científica, com sua amorosidade, com seu humor, com sua clareza política, com sua coerência, assim como todas estas qualidades têm que ver com a maneira mais ou menos justa ou decente com que são respeitados. (FREIRE, 2003, p. 125 -26).

Acreditamos que a educação voltada para o contexto das classes hospitalares e domiciliares¹ muito se identifica com a abordagem de Freire (2003). Pois, nessa especificidade de ensino, ofertada a educandos impossibilitados de frequentarem as escolas regulares por motivos de doenças ou tratamento de saúde, se faz necessário levar em consideração, durante e no processo ensino-aprendizagem, a realidade e o contexto em que o educando está inserido, bem como, sua saúde e seu equilíbrio emocional e psicológico, isto é, o ser humano em sua totalidade, bio-psico-social. Somente assim, será possível despertar os educandos, para uma educação de qualidade, capaz de oferecer possibilidades de mudanças e transformações para o enfrentamento da realidade, quer seja momentânea, quer não, imposta pelo tratamento clínico e a sua reinserção social após a alta hospitalar.

Esta pesquisa se desenvolveu com os professores do Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar – NAEH, localizado atualmente dentro da Gerência de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, da Superintendência de Inclusão, da Secretaria de Estado de Educação do Estado de Goiás - SEDUC. O NAEH

¹ Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental.

Atendimento pedagógico domiciliar é o atendimento educacional que ocorre em ambiente domiciliar, decorrente de problema de saúde que impossibilite o educando de frequentar a escola ou esteja ele em casas de passagem, casas de apoio, casas-lar e/ou outras estruturas de apoio da sociedade.

Geralmente quando se refere ao termo Classe Hospitalar, incluem também as Classes Domiciliares, ou seja, o atendimento pedagógico domiciliar.

é o Núcleo responsável pela educação hospitalar em Goiás. Sendo assim, estabelece parcerias de trabalho com instituições de saúde, com intuito de abrir e manter as classes hospitalares, onde se encontram hospitalizados educandos que não podem frequentar sua respectiva escola regular. Em geral, estas parcerias são estabelecidas em sua maioria com instituições públicas, embora haja casos de educandos atendidos pedagogicamente em instituições particulares.

O NAEH, também é responsável por selecionar e treinar os professores para atuarem nas classes hospitalares e domiciliares em Goiás, bem como, por dar sequência no processo educacional do educando enquanto este estiver hospitalizado em uma instituição que conta com a classe hospitalar, ou mesmo quando este recebe alta médica, mas ainda encontra em processo de convalescença em seu domicílio, e por isso, fica impedido de frequentar regularmente a escola onde está matriculado.

Convém ressaltar algumas particularidades e dificuldades enfrentadas pelo educador, inerentes ao processo ensino-aprendizagem existentes nesse campo de atuação pedagógica, as classes hospitalares. Pois, o hospital, para muitos, é um lugar frio, alheio, pouco acolhedor, nota-se isso nas placas pedindo silêncio, nos corredores longos e com pouca luminosidade, nos choros, nos gemidos, nos olhares perdidos, nos pacientes sentindo dores, desconfortos, debilitados fisicamente e nos profissionais da saúde tentando manter certa distância. Nesse ambiente, não se valoriza o educando-paciente² em sua integralidade biológica, psicológica, social e tampouco a cognitiva. O que o representa são números e prontuários técnicos, isto é, seu saber vivencial, seu corpo é apropriado pelo saber da instituição. Assim, passa a ser conhecido apenas por sua patologia e seu número de leito.

O paciente chega ao hospital trazendo um corpo doente, ou em outras palavras, um corpo que está ameaçado de perder sua força. Ele traz um corpo a respeito do qual abdicou de todo saber vivencial. Por meio da anamnese o indivíduo se torna um “caso”; o exame fixa de forma “científica” as diferenças individuais; o paciente, mediante as técnicas documentárias, pode ser descrito, mensurado, medido, pesado e comparado a outros. A criança doente passa a ser nomeada pela doença: uma diabética, um renal crônico, etc. A partir deste momento, seu corpo não mais lhe pertence, foi apropriado pelo saber da instituição (CAPOBIANCO, 2003, p.74-75).

Atuar pedagogicamente em um ambiente inóspito e pouco acolhedor, não é tarefa fácil para os educadores de classe hospitalar. Exige esforço, treinamento, estudo, habilidade e disposição, pois, é preciso perceber o processo de adoecimento e o

² Para instituição de saúde, o educando que recebe atendimento pedagógico é somente um paciente como todos os outros hospitalizados ou em tratamento de saúde. Para o educador de classe hospitalar, ele é sujeito ativo capaz de prosseguir aprendendo diariamente, independentemente de sua enfermidade.

processo pedagógico, como uma rede de interligações do próprio viver bio-psico-social do ser humano, algo que não se aprende nos cursos de licenciaturas. Porém, é preciso acreditar, motivar e instrumentalizar o paciente-aluno com o conhecimento de si e da realidade dele vivenciada, a fim de que este tenha possibilidades de vir-a-ser-no-mundo.

Este empreendimento inspirado na crença de que o paciente-aluno, instrumentalizado pelo conhecimento de si e da realidade, redescubra o seu papel e possa desenhar com mãos próprias as suas possibilidades de vir-a-ser-no-mundo (ORTIZ; FREITAS, 2005, p. 60).

Pensar educação democrática e dialógica capaz de habilitar o educando a conhecer e reconhecer a realidade que o cerca e conseqüentemente transformá-la significa pensar em educação capaz de superar as práticas comuns da educação tradicional. Neste sentido, é preciso que o educador reflita criticamente sobre sua prática pedagógica, sobre seus conhecimentos adquiridos e se reconheça como um ser apredente em todos os momentos e que a Educação deve fascinar e ser instigante para a criação e recriação, além de ser prazerosa. Isso é de suma importância para o nosso ofício de mediar aprendizagens, quer seja em uma escola regular de ensino, quer seja uma classe hospitalar.

O meu contato com o NAEH ocorreu no ano de 2014, quando na ocasião fui convidado a fazer parte da equipe pedagógica do Núcleo, como psicólogo. Embora também formado em Geografia e pertencente à Rede Estadual de Educação de Goiás desde o ano de 2004, não conhecia essa especificidade de ensino, tampouco o NAEH. Porém, achei interessante e até surpreendente a proposta do Núcleo, de fazer educação em um ambiente hospitalar. Levar conhecimento, vida, um “pedacinho” da escola para dentro de um hospital ou para um domicílio de um educando enfermo, algo magnífico, e claro, aceitei prontamente o desafio.

Como psicólogo do Núcleo minha responsabilidade era contribuir na manutenção da saúde emocional e psicológica dos professores que atuavam diretamente nas classes hospitalares e domiciliares. Para isso, reunia mensalmente com todos os professores do Núcleo em atendimentos psicoeducacionais, onde podia perceber seus medos, angústias, desejos, frustrações, capacidades, limitações e principalmente o amor, o compromisso e a dedicação de cada educador com seu educando enfermo e a parceria que construíam no caminhar pedagógico e no enfrentar da doença, e claro, nas alegrias compartilhadas quando este educando superava a doença e voltava a sua vida normal e a sua escola regular, antes de ser acometido pela enfermidade.

Acompanhei e acolhi também, os educadores com suas tristezas, sofrimento e mais variados sentimentos, quando percebiam que a doença estava sendo mais forte que seu educando e que este, já não tinha mais força como antes para lutar contra a enfermidade e que esta inimiga, muitas vezes poderosa e implacável, acabava por ceifar prematuramente os planos, os objetivos, as metas, o futuro, os sonhos e os desejos, enfim, a vida de alguns educandos.

Neste caminhar dentro do NAEH, além das atribuições de psicólogo, sempre me preocupei com a questão do ensino, certo de que este deve proporcionar ao educando a oportunidade de conhecer e se posicionar diante da realidade a qual está inserido. Mais do que apenas transmissão de conteúdo, o processo ensino-aprendizagem deve ser pautado no compromisso ético de ajudar o educando a enxergar as entrelinhas que o sistema injusto e desigual, no qual estamos inseridos, insiste em esconder. Se esse ensino e olhar crítico são importantes em uma escola regular, imagina em uma classe hospitalar, onde muitos educandos de classe social baixa, precisa lutar e se esforçar para ter acesso ao atendimento de saúde digno, mais justo, mais humano e igualitário.

Por ser formado em Geografia e por mais de dez anos atuar como professor dessa disciplina em sala de aula de escola regular, e por acreditar em uma educação e no ensino libertador e transformador, considero de suma importância que os educandos desenvolvam um modo crítico de pensar, isto é, que tenham a capacidade de perceber, conhecer, reconhecer e se posicionar diante da realidade que lhe é posta e se possível tenham conhecimento, discernimento e mecanismos para transformar essa realidade, seja em nível local, regional ou global.

Algumas questões nos acompanhavam durante nosso caminhar no NAEH, por conseguinte, as respostas a tais indagações nos motivaram na elaboração de um projeto de pesquisa para que pudéssemos conhecer e entender o processo de ensino-aprendizagem no contexto de classe hospitalar e domiciliar. As questões as quais buscamos respostas são as seguintes:

- Como tem se dado o processo ensino-aprendizagem de Geografia nesse contexto de classe hospitalar/domiciliar?
- O processo de ensino de modo geral, tem contribuído para os educandos entenderem a realidade que o cercam?
- E as outras linguagens no ensino de Geografia, além da cartografia (música, fotografia, charges, história em quadrinhos, entre outros), bem como, os recursos tecnológicos, são utilizados de modo a tornar as aulas atrativas e interessantes

aos alunos, para que esses compreendam de forma crítica o conteúdo proposto e a realidade na qual estão inseridos?

Com essa pesquisa, objetivamos contribuir com o processo ensino-aprendizagem nas classes hospitalares e domiciliares em Goiás, a partir de uma proposta de intervenção com o uso de outras linguagens no ensino de Geografia e áreas afins, por meio de um Guia de músicas, a ser desenvolvido como resultado da pesquisa.

Na linha desse objetivo geral, nossa pesquisa apresentou os seguintes objetivos específicos:

- Perceber como tem se dado o processo ensino-aprendizagem no contexto de classe hospitalar e os principais desafios e dificuldades enfrentados pelos professores do NAEH;
- Contribuir com novas possibilidades de ensino de Geografia e áreas afins neste contexto hospitalar/domiciliar, por meio do uso do Guia de músicas, a fim de forma lúdica, despertar nos educandos o interesse, a participação, a consciência e o senso crítico, para que estes possam compreender a realidade que os cercam.
- Promover o uso de outras linguagens para o ensino de Geografia e áreas afins, como por exemplo, a música, por meio da construção do Guia de músicas.

A relevância social deste trabalho é observada em pelo menos dois aspectos. O primeiro refere-se à demanda crescente de alunos que tem buscado o atendimento do NAEH. Ano a ano os números de educandos atendidos aumentam consideravelmente. Para se ter uma ideia, no ano letivo de 2015 foram atendidos 850 educandos. Em 2016, foram atendidos 1336 educandos, e em 2017, 1450 educandos foram atendidos nas classes hospitalares e domiciliares em Goiás. Observa-se assim, uma demanda crescente de educandos que necessitam de atendimento nessas referidas classes especiais de ensino, devido às condições de saúde.

A Segunda justificativa está no fato de existirem relativamente poucos trabalhos encontrados nessa temática, ensino de Geografia no contexto hospitalar/domiciliar. Este tema, não é contemplado nos Projeto Pedagógico dos Cursos de licenciatura em Goiás, incluindo nesse meio os cursos de Geografia. Com isso, muitos professores não sabem da existência de tal modalidade de ensino.

Nosso trabalho assume relevância também, ao visar o desenvolvimento de um Guia de músicas que sirva como instrumento pedagógico para o educador que deseja trabalhar de forma interdisciplinar diversos conteúdos, tanto do Ensino Fundamental, quanto do Ensino Médio, utilizando a música como recurso pedagógico, tanto nas classes hospitalares, quanto nas classes regulares de ensino.

Para organização do presente trabalho, dividimos o texto em três capítulos e as Considerações Finais:

No Capítulo 1, adentramos ao contexto de classe hospitalar, onde se procurou aprofundar o conhecimento dessas referidas classes, bem como, seu surgimento, seu amparo legal, sua abrangência no mundo, no Brasil e em Goiás. É ressaltado ainda neste capítulo, o surgimento do Projeto-Hoje e a transformação deste no NAEH, além de enfatizar as principais características dos professores de classe hospitalar e a prática pedagógica desenvolvida no NAEH.

A seguir, em um segundo momento, abordamos como tem se dado o ensino de Geografia na atualidade nas escolas regulares, tentando fazer um paralelo com as classes hospitalares. Propomos também uma discussão conceitual baseada nos autores que enfatizam a importância de se trabalhar o ensino de geografia de modo que estimule o senso crítico, criativo dos educandos. A partir daí, abordamos, algumas características do ensino de Geografia em classe hospitalar, destacando o conceito de Lugar (hospital).

No Capítulo 2, descrevemos no primeiro momento o percurso metodológico deste trabalho. A seguir, foram apresentados e discutidos os dados obtidos através da pesquisa com os professores do NAEH e por fim, apresentamos a proposta e a descrição do produto educacional da pesquisa.

No Capítulo 3, destacamos no primeiro momento as potencialidades do ensino inter, multi e transdisciplinar nas classes hospitalares coordenadas pelo NAEH em Goiás, enfatizando a importância da prática interdisciplinar para promover o ensino dentro do ambiente hospitalar. No segundo momento, apresentaremos relatos e experiências vivenciados no campo de pesquisa sob a luz da percepção e inferências do pesquisador, e também, das falas ditas e não ditas dos educadores, educandos e seus familiares.

Nas Considerações Finais, são apresentadas reflexões sobre o que se desenvolveu nesta pesquisa, buscando apontar as perspectivas e os desafios sobre o

tema e a prática de atuação nas classes hospitalares e domiciliares e a importância de mais estudos sobre essa temática.

1. CAPÍTULO I - ADENTRANDO AO CONTEXTO DE CLASSE HOSPITALAR

A educação não existe apenas onde há escola. Por toda parte, pode haver redes e estruturas sociais de transmissão de conhecimento e de saber de uma geração para outra. Isso pode ocorrer, mesmo onde ainda não foi sequer criado algum modelo de ensino formal e centralizado. Pois, a educação ensina e habilita ao homem, a continuar o trabalho da vida. Desta forma, a educação básica no Brasil vem passando por significativas mudanças, entre as quais estão a ampliação e democratização do ensino, bem como, a inclusão social e educacional de diversos grupos, que antes eram excluídos ou tinham seu acesso dificultado ao processo de escolarização, entre os quais podemos citar pessoas de baixa renda, negros, indígenas, ciganos, e educandos com necessidades educacionais especiais, que em geral, estavam à margem da educação formal.

O conceito de educação se amplia e vai muito além dos muros das escolas onde acontece a educação formal. Farfus (2012, p. 30) ressalta que:

Os muros escolares deixam de significar barreiras para que haja a ampliação da atuação do processo educacional em um contexto multidisciplinar, como também a ampliação das possibilidades para o pedagogo e profissionais da educação.

Neste contexto mencionado por Farfus (2012), vale destacar um espaço formal de educação, onde esta se estabelece e se desenvolve fora dos muros das escolas tradicionais, a saber, as classes hospitalares e domiciliares³. Nestas classes hospitalares atualmente encontram-se muitas crianças, jovens e adultos matriculados na educação básica de ensino, que por motivos de internação hospitalar para tratamento de saúde, estão impedidos de frequentarem regularmente suas escolas de origem. Mesmo recebendo alta hospitalar, alguns alunos ficam em recuperação ou em tratamento de saúde em seus respectivos domicílios, impossibilitados assim, por recomendações médicas, de frequentarem suas respectivas escolas. Desta forma, faz-se necessário criar

³ Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental.

Atendimento pedagógico domiciliar é o atendimento educacional que ocorre em ambiente domiciliar, decorrente de problema de saúde que impossibilite o educando de frequentar a escola ou esteja ele em casas de passagem, casas de apoio, casas-lar e/ou outras estruturas de apoio da sociedade.

Geralmente quando se refere ao termo Classe Hospitalar, incluem também as Classes Domiciliares, ou seja, o atendimento pedagógico domiciliar.

mecanismo de inclusão desses alunos com necessidades educacionais especiais⁴ no processo ensino aprendizagem, para que possam iniciar ou dar continuidade em seus estudos, enquanto enfrentam tratamento de saúde. As classes hospitalares permitem essa inclusão, pois, possibilita o aluno adoecido a oportunidade de obter o atendimento pedagógico educacional em hospitais, (enfermarias, ambulatórios ou hospital-dia) e em serviços de atenção à saúde mental. Sem dúvida, a educação inclusiva deve ser uma ação conjunta, política, cultural, social e pedagógica, a fim de garantir o direito que todos os alunos têm, a saber, o direito de aprender. Desta forma, observando os princípios da equidade na concepção de direitos humanos com a finalidade de promover uma educação de qualidade para todos.

Embora localizadas em espaços primariamente destinados ao tratamento de saúde, as classes hospitalares se caracterizam pelo trabalho pedagógico da educação formal realizado por professores em hospitais e domicílios com estudantes enfermos que necessitam deste atendimento especial. Assim sendo, estes educandos que são impedidos em função de sua doença ou convalescença de frequentar a sala de aula regular, tem seus prejuízos pedagógicos amenizados e, portanto, não ficam atrasados em seus estudos, e quando recuperados de suas enfermidades, são reinseridos ao ambiente escolar, podendo dar continuidade em seus estudos normalmente, sem grandes perdas, em conteúdo e tempo, evitando assim, a evasão ou mesmo o fracasso escolar. A Política de Classe Hospitalar do Ministério da Educação (MEC) assim define as classes hospitalares:

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (MEC/SEESP, 2002. p. 13).

As classes hospitalares possibilitam aos estudantes da Educação Básica, independentemente da idade, a oportunidade de vivenciarem suas experiências pedagógicas, visto que:

A permanência da criança no hospital não deve representar o rompimento de seu vínculo com a escola e a perda do direito à escolarização. As classes hospitalares garantem às crianças e adolescentes hospitalizados a oportunidade de continuarem a vivenciar as experiências pedagógicas. Além da garantia do contato com o saber, que estimula o processo cognitivo e de

⁴ Enquanto o educando estiver hospitalizado em tratamento de saúde ou mesmo em seu domicílio dando continuidade a esse tratamento e a sua possível recuperação e nestas condições, impossibilitado de frequentar a escola, ele é considerado como um aluno com necessidades educacionais especiais.

desenvolvimento, elas implicam a continuidade das relações interpessoais. (ZOMBINI et al, 2012, p. 73).

Vale destacar que no referencial teórico deste tema, “Classe hospitalar”, são encontradas diferentes nomenclaturas na tentativa de definição desta modalidade específica da Educação. Entre quais podemos citar: “Classe Hospitalar”, denominação utilizada pelo MEC (2002); “Escola Hospitalar”, denominação utilizada por Fonseca (2003); “Pedagogia Hospitalar”, como propõem Fernandes, Orrico e Issa (2014) além de Matos e Mugiatti (2014); “Espaço de ensino em ambiência hospitalar” conforme Ortiz e Freitas (2001); “Atendimento pedagógico hospitalar” denominação utilizada por Assis (2009), dentre outros que são encontrados em diferentes estudos. Este trabalho não adentrará nas discussões sócio-filosóficas de cada termo, e nem nas particularidades que levaram cada autor a adotá-los. Porém, neste estudo, é adotada com maior frequência a expressão Classe Hospitalar, conforme estabelecida pelo MEC a fim de que esta se harmonize com o tema do trabalho.

Importante ressaltar que no Brasil destacam-se duas vertentes ou correntes teóricas que sugere a prática do educador nas classes hospitalares. A primeira é defendida por autores como Fonseca (2001 e 2002), Ceccim (1997 e 1999), Ortiz (2002), entre outros, que defendem a ideia de uma educação escolar através das classes hospitalares, ou seja, esses autores defendem a permanência dos professores nas classes hospitalares para a escolarização dos educandos internados, seguindo o mesmo padrão da escola regular de ensino, o que se harmoniza com a política do MEC, que define classe hospitalar como sendo um “ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar”. (BRASIL, 1994, p. 20). As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), também defende a vertente de uma “educação escolar através de Classes Hospitalares”.

A outra vertente ou corrente filosófica que sugere a prática de atuação do educador nas classes hospitalares tem como uma das defensoras a autora Dra. Regina Taam (Universidade Estadual de Maringá - UEM), que sugere a construção de uma prática pedagógica com características próprias do contexto e do espaço hospitalar, não simplesmente transportando a escola para dentro do hospital, mas defende a ideia de que o conhecimento contribui não só para o bem-estar físico, como também para o bem estar psicológico e emocional da criança hospitalizada. Vale ressaltar, que para Taam,

esse conhecimento, não é necessariamente o conhecimento curricular ensinado no espaço escolar. (TAAM, 2000).

Há vários benefícios proporcionados pelas classes hospitalares, entre os quais se destacam além do acesso à educação e a não evasão escolar, a humanização do ambiente hospitalar, conforme destacado por Calegari (2003, p. 36), “humanizar refere-se a possibilidade de assumir uma postura ética de respeito ao outro, de acolhimento do desconhecido, e de reconhecimento dos limites”. O que se torna bastante relevante no ambiente hospitalar, onde muitas vezes as pessoas não são tratadas de maneiras justas, igualitárias, dignas e com equidade.

A Classe Hospitalar ajuda a humanizar o ambiente hospitalar, segundo Sandroni (2008, p.8), e dessa forma amplia a visão de recuperação do educando para além de sua doença. E porque não dizer, promove a cidadania! Embora Fonseca (2008, p. 26) ressalta que "A escola hospitalar não está no hospital para humanizá-lo. A escola no hospital tem o papel de atender às necessidades pedagógico-educacionais dos alunos hospitalizados".

A crítica feita por Fonseca (2008, p. 26), não se refere à negação ou a falta de reconhecimento da importância da necessidade da humanização no ambiente hospitalar, e sim, à interpretação errada deste conceito de humanização, que os profissionais da educação que atuam em classes hospitalares estão sujeitos a incorrerem. Pois, se os atendimentos dos profissionais da saúde nos hospitais não são humanizados, esse é um problema que tem que ser superado pelos próprios profissionais da saúde, não cabe aos professores preencherem essa lacuna.

O retorno à escola regular pelos alunos outrora ausentes é sem dúvida, outro benefício proporcionado pelas Classes Hospitalares. Pois não raro, os educandos que se encontravam ausentes e impossibilitados de irem à escola, ao entrarem em contato com as professoras das classes hospitalares, se sentem motivados e incentivados a retomarem seus estudos, quando estes, recebem alta hospitalar. O que se harmoniza com Fonseca (1999, p.126) que salienta que a “frequência à classe hospitalar incentiva a criança e a família a buscarem a escola regular após a alta hospitalar”, vale ressaltar que tal motivação e incentivos se estendem, não só as crianças ou aos jovens educandos, mas também, aos pais e responsáveis que acompanham os filhos na internação. Vários são os casos de pais que voltaram a estudar juntamente com os filhos.

As classes hospitalares oferecem variadas possibilidades de atuação pedagógicas por parte do professor que atua em tais classes, levando em consideração o estado físico, psicológico, afetivo, social do educando, ou seja, é necessário compreender o educando como um sujeito ativo, repleto de direitos e deveres, inclusive o direito à escolarização durante sua eventual hospitalização. A dimensão pedagógica nesse contexto passa a ser entendida e vislumbrada como um “ato social, uma vez que, permite ao aluno adoecido ser protagonista de seu processo de adoecimento e de sua provável cura ou não”, conforme Branco, (2008). Pois, o conhecimento pode contribuir para o bem-estar físico, psíquico e emocional do educando enfermo. Esta “pedagogia dialógica legitima a concepção de pacientes autônomos e cidadãos, pois, permite a prática de uma educação humanizada em um mundo humanizado” (ORTIZ; FREITAS, 2005, p.57). Oferece ainda, oportunidade de equidade de direitos, como tão bem descreve Barros ao se referir as classes hospitalares:

O acompanhamento escolar de jovens e crianças hospitalizados seja por quais forem as patologias, portadores ou não de deficiências, é uma prática que se inscreve sob o título da equidade – a equiparação de oportunidades apesar das diferenças – uma pauta de destaque nas agendas sobre qualidade de vida, cidadania e democratização, tão discutidas neste fim de milênio (BARROS, 1999, p.93).

Ao ser hospitalizada, a pessoa, independentemente da idade se sente frágil, insegura e muitas vezes, desamparadas, impotentes e desconfortadas diante da dor, da insegurança e do iminente risco a vida que a enfermidade pode provocar. Como destaca Ortiz & Freitas (2001. P. 71) “a hospitalização traz consigo a percepção da fragilidade, o desconforto da dor e a insegurança da possível finitude. É um processo de desestruturação do ser humano, que se vê em estado de permanente ameaça”. Diante disso, as classes hospitalares e o que ela oferece, tem um papel fundamental na vida do educando, pois, funcionam como uma porta aberta ao mundo, ao sonho, ao viver (CALEGARI, 2003). Branco (2008) ressalta que “na escola não existe espaço para o não investimento pessoal. É neste cenário que os vínculos sociais se fazem realidade: colegas, professores e funcionários fazem parte das relações da criança com o mundo”, e ao ser hospitalizado o educando sofre uma ruptura em suas relações sociais:

Durante a hospitalização, a criança sofre uma profunda cisão nos seus laços sociais: de um lado a escola e as brincadeiras e, de outro, o hospital e os procedimentos clínicos. (...) Sua vida fica restrita aos espaços família/casa e hospital/doença. Para todas as crianças, em nossa sociedade, a escola é um lugar de contato social, de vida (CECCIM, CARVALHO, 1997, p.76).

As classes hospitalares possibilitam a manutenção dos vínculos sociais, próprios dos processos educacionais. Estes por sua vez, são de extrema importância no processo saúde-doença. Por isso, hoje, a escola adentra ao hospital; “interliga-se; participa. Traz em meio aos conteúdos a possibilidade de vínculo com o mundo saudável” (ORTIZ; FREITAS, 2005, p.27). Branco (2008) descreve a importância e a relevância das classes hospitalares neste contexto de saúde, doença, educação:

Se o soro na veia é a certeza da doença, o lápis na outra mão é o vínculo estabelecido com a vida, com o futuro, com a cura. Estudar pressupõe caminhar, construir, viver. Viver pressupõe vencer a doença. Neste contexto, professores tornam-se co-promotores do processo de cura, auxiliares em um movimento que procura impedir a alienação da criança. (BRANCO, 2008, p. 42).

Quando o educando recebe alta hospitalar, as classes hospitalares também se fazem importantes, pois quando isso ocorre o educando volta ao seu cotidiano, porém nem sempre como era antes, uma vez que, a alta do hospital nem sempre garante a integridade física e psicológica do educando, mas ao contrário, o educando que retorna ao lar não é em absoluto, exatamente igual àquele que esteve hospitalizado (BRANCO, 2008). Pois, pode existir um período de convalescença, ou seja, recuperação em que a permanência no hospital não mais é exigida, mas o educando ainda não se encontra em condições de retomar sua vida por completo e por consequência, cumprir com suas responsabilidades enquanto estudantes (ORTIZ; FREITAS, 2002).

Em alguns casos, os educandos ficarão com sequelas e por isso, terão dificuldades e limitações para o seu retorno ao ambiente escolar. Sendo assim, o atendimento pedagógico domiciliar se fará necessário e contribuirá com o educando não só nas questões pedagógicas, que respeitará seu ritmo, seu tempo, como também, contribuirá com o seu reingresso ao convívio escolar:

O escolar portador de enfermidade tem que reconstruir, após a alta hospitalar, grande parte de sua vida cotidiana, assumindo riscos que a maioria das crianças niveladas por idade não vivenciam. (...) É preciso, pois, ter cautela e saber respeitar o ritmo de adaptação do educando ao seu “mundo-vida” livre da hospitalização (ORTIZ; FREITAS, 2005, p.73-78).

As classes hospitalares, conforme ressalta Oliveira (2016, p. 25), “não são, necessariamente, uma sala ou um espaço separado dentro de um hospital, ou dentro de uma área específica na instituição de saúde”. Pois, nem todas as instituições hospitalares, possuem um espaço específico e separado dos leitos ou das enfermarias para o atendimento pedagógico. Poucos são aqueles que possuem salas amplas, bem

arejadas e com materiais pedagógicos, destinados aos propósitos educacionais. Porém, na maioria dos casos, esse espaço físico específico não existe, tendo em vista a grande demanda de pacientes⁵ atendidos pela equipe de saúde. Assim sendo, o atendimento ao educando hospitalizado muitas vezes, acontece nos leitos, nas salas de hemodiálise, nas salas de quimioterapia, ou ainda, nas salas de espera e alas de clínicas médicas.

1.1 - ASPECTOS DE CLASSES HOSPITALARES NO MUNDO

As primeiras experiências de classe hospitalar ocorreram em Paris, em 1935, com o objetivo de atender crianças consideradas inadaptadas nas escolas regulares. Nesse ano, Henri Sellier inaugurou uma escola para atender tais crianças especiais. Com o passar do tempo, esse modelo de trabalho se expandiu e se espalhou por outros países europeus e também para os Estados Unidos, onde, neste último, os objetivos primários eram atender crianças infectadas por tuberculose, que na época, era uma doença comum e de grande prevalência. (VASCONCELOS 2006).

O marco das classes hospitalares no mundo foi a Segunda Guerra Mundial, quando nos confrontos, um número elevado de crianças e adolescentes, em idade escolar, sofriam ferimentos graves, e por isso, eram internados por longos períodos. Com isso, foi necessária a união de diferentes profissionais como, por exemplo, médicos e professores, para tentar não só a recuperação física desses jovens, mas também a atenção pedagógica, uma vez que, estes se encontravam afastados das unidades escolares (ALBERTONI, 2014).

De acordo com Vasconcelos (2008; 2015), o primeiro Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada (C.N.E.F.E. I), foi criado na França no ano de 1939, com o objetivo de realizar a formação de professores. O cargo de professor hospitalar é regulamentado junto ao Ministério da Educação Francês. Falando sobre o C.N.E.F.E.I Vasconcelos (2015) enfatiza:

[...] O C.N.E.F.E.I. tem como missão mostrar que a escola não é um espaço fechado. O Centro promove estágios em regime de internato dirigido à professores e diretores de escolas, a médicos de saúde escolar e à assistentes sociais. A Formação de Professores para atendimento escolar hospitalar tem duração de dois anos. Desde 1939, o C.N.E.F.E.I. já formou mais de 3.000 professores, aproximadamente trinta por turma. Anualmente ingressam 15 novos professores. Isso resulta que hoje todos os hospitais públicos na França tenham em seu quadro quatro professores: dois de ensino fundamental e dois

⁵ Conforme Oliveira (2016, p. 24) destaca, consideramos o sujeito como paciente para a instituição de saúde. Para o educador ele é sujeito ativo que prossegue aprendendo diariamente.

de ensino médio. Cada dupla trabalha em expedientes diferentes, de segunda a sexta-feira. (VASCONCELOS, 2015, p. 32)

O protagonismo e o pioneirismo francês em relação às classes hospitalares datam de 1929, quando diferentes profissionais em acordo com a administração dos hospitais criaram duas associações em Paris e Lion, cujo objetivo era aliviar a lacuna escolar provocada pelas internações das crianças. Vasconcelos (2015) ressalta que:

[...] O grande número de crianças atingidas, mutiladas e impossibilitadas de ir à escola engajou, sobretudo, médicos, que hoje são defensores da escola em seu serviço. Foi Marie-Louise Imbert que transformou o sentimento de ansiedade de maneira prática, quando fundou a primeira associação de ensino no hospital. Na época, o interesse repousava sobre a reeducação das vítimas da guerra, para dar-lhes a oportunidade de serem vistos como pessoas inteiras, capazes de aprender e assim aliviar muito de sua dor. Isso foi no início um trabalho filantrópico. Outras associações foram criadas desde então e, em 1992, elas somavam 14, o que tornou possível a criação da Federação para o Ensino dos Doentes em Domicílio e em Hospital (FEMDH). Na França, atualmente, o número de associações é 36, nos 31 departamentos do país. O objetivo principal deste trabalho é apoiar a vida e garantir o direito à educação de crianças e adolescentes, pois a escola, diz Delorme (2000), significa normalidade. No hospital, vemos claramente que essa normalidade é o primeiro passo para outros interesses a buscar. (VASCONCELOS, 2015, p. 31-32).

Segundo Paula (2010), na década de 1940, houve a criação da Animation, Loisirs à l'Hôpital (Animação, Lazer no Hospital) e, em 1960, foi criada a Associação para a melhoria das condições de hospitalização das crianças (APACHE), vinculada à European Association for Children in Hospital (Associação Europeia para as crianças em Hospital – EACH) tais instituições contribuíram grandemente para o direito da criança hospitalizada ter acesso à educação (PAULA, 2010).

Vale destacar também a Carta Europeia das crianças hospitalizadas publicada em 13 de maio de 1986 no Jornal Oficial das Comunidades Europeias, que dentre outras, assegura que o cuidado é um direito fundamental, particularmente para as crianças. Entre as diversas diretrizes deste documento podemos destacar: direito da criança a hospitalização sem envolver encargos econômicos adicionais para os pais; o direito da criança de receber informações adaptadas à sua idade, seu desenvolvimento mental, seu estado emocional e psicológico, em relação a todo o tratamento médico; direito de continuar seus estudos durante sua permanência no hospital e beneficiar os ensinamentos dos professores e material didático que as autoridades escolares põe à sua disposição, bem como o direito de abrir mão deste direito, dentre outros (NEVES, 2015).

Outra entidade que também merece destaque, de acordo com Neves (2015), é a Associação Europeia de Pedagogos Hospitalar (HOPE/1988). Esta associação internacional foi criada com objetivos científicos e educacionais e mantém seu foco no ensino e na atenção pedagógica de crianças hospitalizadas. Esta associação foi iniciada no Congresso Europeu sobre Educação e ensino de crianças hospitalizadas realizado em Ljubljana (Eslovênia) com apoio da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e da Organização Mundial de Saúde (OMS). Entre os principais objetivos dessa Associação destacam-se:

- Defender e garantir o direito das crianças no hospital para receber uma educação apropriada para suas necessidades individuais em um ambiente adequado;
- Assegurar a continuidade dessa educação para as crianças doentes, após sua admissão no hospital;
- Promover a figura do pedagogo e do professor no contexto hospitalar;
- Atuar como mediador entre todos os envolvidos no campo da atenção hospitalar da criança (médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais.);
- Representar, informar e defender pontos de vista dos professores hospitalares; dentre outros.

A HOPE é uma associação aberta a todos os países europeus e profissionais da educação vinculadas à classe hospitalar. Atualmente, esta associação desenvolve trabalhos com aproximadamente 33 países, entre os quais cinco não fazem parte da Europa (Israel, Chile, Marrocos, Austrália e Nova Zelândia). Anualmente realiza seminários para intercâmbio de experiências entre os professores e demais profissionais buscando melhorar a educação para estudantes enfermos (NEVES, 2015).

Ainda no continente europeu, são dignos de nota os países da península ibérica, Portugal e Espanha. De acordo com Menezes (2013), Portugal, reconhece que a criança, hospitalizada e por isso, sem condições de ir à escola, tem o direito de continuar inserida no processo de escolarização, e que esta, deve ser estimulada na área educativa, a fim de amenizar os prejuízos pedagógicos e cognitivos devido à ausência da unidade de ensino. Segundo Paula (2010), em Portugal, nos anos 2000, foi aprovado a *Carta da Criança Hospitalizada*, movida pelos princípios da Carta Europeia da Criança

Hospitalizada, trazendo no corpo do seu texto 10 princípios que resumem e reafirmam os direitos das crianças hospitalizadas.

Na Espanha, Menezes (2013) ressalta que desde a década de 1980, continua a expandir o atendimento educacional em hospitais. As bases que hoje são as classes hospitalares na Espanha segundo González (2007) foram estabelecidas por meio da Lei Nº 13/1982 que determina em seu artigo 29 que:

Todos os hospitais, tanto infantis quanto de reabilitação, e também aqueles que tiverem serviços pediátricos permanentes, da administração do Estado, dos órgãos autônomos dela dependentes, da segurança social, das comunidades autônomas e das corporações locais, assim como os hospitais particulares que regularmente ocupem, no mínimo, a metade de duas camas com doentes cuja a instância e atendimento médico dependam de recursos públicos, terão de contar com uma seção pedagógica para prevenir e evitar a marginalização do processo educacional dos alunos em idade escolar internados em hospitais (GONZÁLEZ, p. 345).

Ainda no continente europeu, o Ministério da Educação Italiano implantou, em 2002, um programa para auxiliar os alunos hospitalizados, intitulado “O hospital-escola como um laboratório de inovação e aprendizagem educacional”. Este programa permite a formação e ativação do sistema de rede para permitir a comunicação entre escolas, alunos, professores, alunos e famílias. Um portal na Web foi criado com a temática escola no hospital, com objetivos de promover a inovação e a aprendizagem por meio do uso da tecnologia, e introduzir o ensino a distância através de uma plataforma modular, videoconferência e salas de aulas virtuais. Este projeto permite aos alunos hospitalizados ou em casa a continuidade de seus estudos e ainda permite manter os vínculos sociais com colegas e professores (SANDRONI, 2011).

Conforme Fonseca e Ceccim (1999), foi a partir da segunda metade do século XX que se observou na Inglaterra e nos Estados Unidos da América, que os orfanatos, asilos e instituições que prestavam assistência a crianças, não respeitavam algumas condições básicas do seu desenvolvimento emocional, por falta de um atendimento mais integral. A conclusão à qual se chegou é que essas lacunas no atendimento infantil trariam riscos e sequelas que, na idade adulta, poderiam evoluir para doenças psiquiátricas. Surgiu, então, a iniciativa de implementar experiências educativas para as crianças e jovens internados em instituições hospitalares. Com o passar do tempo, essa iniciativa também foi replicada em hospitais brasileiros, com o mesmo objetivo (CARDOSO; SILVA; SANTOS, 2012; MENEZES, 2018).

Na América Latina merece destaque, segundo Neves (2015), a Fundação Telefônica que desenvolve atividades por meio de ações como “Aulas Fundação Telefônica em Hospitais”, que foi implementada em 2001 em instituições de saúde pública de alguns países (Peru, Chile, Venezuela, Argentina e Colômbia) cujo intuito é beneficiar educandos hospitalizados. Esta instituição, ressalta a autora, possui salas de aulas em hospitais e contribui para inclusão educativa por meio de tecnologias móveis, que facilitam a interação com conteúdo curricular, utilizando-se de outras linguagens como vídeos, jogos, músicas, fotografias, etc.

Neves (2015) destaca a Rede Latino-americana e do Caribe pela Educação de crianças e jovens hospitalizados ou em tratamento (REDLACEH), criada com o objetivo de promover a Pedagogia Hospitalar, além de compartilhar experiências e ainda fomentar uma rede de apoio entre os países da América Latina e do Caribe. Fazem parte desta rede países como: Argentina, Brasil, Chile, Costa Rica, Guatemala, México, Peru e Venezuela.

A REDLACEH assegura o direito à educação hospitalar sem discriminação de raça, sexo, nacionalidade ou crença, estabelecendo parcerias que fortalecem as políticas de proteção à educação de crianças e jovens para seu pleno desenvolvimento. Além de a REDLACEH ter sua sede em Santiago, capital do Chile, de acordo com Menezes (2013), o Ministério da Educação desse país, em 2009, lançou o documento intitulado “*Pedagogia Hospitalaria*” (Pedagogia Hospitalar). O material apresenta a organização do atendimento escolar hospitalar em todo território chileno.

Neves (2015) destaca que Israel, no Oriente Médio, conta com importantes organizações que buscam atender pedagogicamente os educandos hospitalizados, por exemplo:

Talim (Educational Support for Sick Child) - projetado para atender alunos que estão em tratamento prolongado, oferecendo apoio através de uma escola virtual.

Kav-or (Distancia Learning for Children in Hospitals) - um sistema de ensino a distância para aliviar o stress e ansiedade e reforçar os laços entre a criança e os ambientes familiares. Essa organização atua em mais de 100 departamentos pediátricos em 27 hospitais em todo país.

Menachem – Organização Não Governamental (ONG) que atua para ajudar crianças com doenças graves e seus familiares. (NEVES, 2015, p. 17824).

Percebe-se, assim, um movimento mundo a fora pelo reconhecimento do direito a educação que o aluno hospitalizado ou em processo de recuperação em seu domicílio

possui, de poder iniciar ou dar continuidade em seus estudos durante o enfrentamento da doença.

1.2 - POLÍTICAS DE CLASSES HOSPITALARES NO BRASIL

O marco legal da atuação educativa nos hospitais do Brasil é relativamente recente, pois, foi somente a partir da década de 1990, que a legislação brasileira passou a reconhecer a educação realizada nos hospitais. Hoje as classes hospitalares possuem amparo legal. E como já destacado até aqui, as classes hospitalares se caracterizam por ofertar atendimento educacional as crianças, jovens e adultos que necessitam de internação hospitalar para tratamento de saúde na Educação Básica. Estas, como já mencionado, têm por objetivos permitir aos alunos enfermos ou em processo de convalescença, a oportunidade de iniciarem ou darem continuidade aos estudos durante o tratamento de saúde, estejam estes hospitalizados ou em processo de recuperação em seus domicílios, conforme estabelece o Ministério da Educação, através da Política Nacional de Educação Especial (MEC/SEESP, 1994).

Esta política abarca as classes hospitalares, uma vez que, o atendimento pedagógico a educandos hospitalizados é considerado como uma modalidade da educação especial, devido ao seu afastamento do ambiente escolar e as consequências que este pode causar, como cisão no convívio social com outros educandos da mesma faixa etária, além de perdas e/ou dificuldades no seu processo educacional. O que se harmoniza com o modelo de educação inclusiva proposta pela Declaração de Salamanca⁶ de 1994 onde diz:

Nós, os delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, representando 88 governos e 25 organizações internacionais em assembleia aqui em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, reafirmamos o nosso compromisso para com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino e reendossamos a Estrutura de Ação em Educação Especial, em que, pelo espírito de cujas provisões e recomendações governo e organizações sejam guiados. Acreditamos e Proclamamos que: toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994)

⁶ A Declaração de Salamanca (1994) é uma resolução das Nações Unidas que trata dos princípios, política e prática em educação especial. Adotada em Assembleia Geral, apresenta os Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiência. É considerada mundialmente um dos mais importantes documentos que visam à inclusão social.

No Brasil, vale ressaltar, que a Constituição Federal de 1988, garante o direito à educação a todos, no artigo 6º, esta é vista como um direito social. Ainda responsabiliza a União, Distrito Federal, Estado e Municípios a proporcionarem os meios de acesso à educação, conforme o artigo 23, inciso V. No artigo 205, diz que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família e que esta deve contribuir para o desenvolvimento da pessoa e prepará-lo para o exercício da cidadania, e claro que esta responsabilidade não exclui os alunos enfermos e/ou hospitalizados. Ainda no Artigo 214, a Constituição Federal, estabelece ações do Poder Público para que haja a universalização do atendimento escolar, descrito da seguinte forma:

A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a:

- I – Erradicação do analfabetismo;
- II – Universalização do atendimento escolar;
- III – Melhoria da qualidade de ensino;
- IV – Formação para o trabalho;
- V – Promoção humanística, científica e tecnológica do País;
- VI – Estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto.

O inciso I do artigo 206 da Constituição Brasileira ressalta a importância da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Assim, pode-se dizer que todos esses artigos e incisos da Constituição Brasileira de forma direta ou indireta embasam legalmente as classes hospitalares, uma vez que, se a educação é um direito de todos, portanto, esse mesmo direito, não excluem os educandos hospitalizados ou em processo de recuperação em seus domicílios, que por motivo de tratamento de saúde, encontram-se afastados da escola.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também garante na lei 8.069 de 13 de julho de 1990, no artigo 53 que a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, direito este, também expresso na Constituição Federal (BRASIL, 1990a).

No artigo 198, inciso II, a Constituição traz o conceito de integralidade, que é definido, assim, pela lei 8.080/90: "integralidade de assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais

e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema" (BRASIL, 1990b).

Essas considerações sobre o princípio da integralidade nos faz perceber a exigência de se considerar os usuários dos serviços de saúde na sua totalidade, ou seja, fazer saúde é considerar todos os aspectos envolvidos na vida do usuário que interfiram no seu bem-estar. A lei 8.080/90 cita os seguintes determinantes e condicionantes em saúde: alimentação, moradia, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, renda, educação, atividade física, transporte, lazer e acesso aos bens e serviços essenciais (BRASIL, 1990b).

Souza et al. (2012, p. 452), ao comentarem este princípio, afirmam que a integralidade enquanto princípio do Sistema Único de Saúde – SUS busca garantir ao indivíduo uma assistência à saúde que transcenda a prática curativa, contemplando o indivíduo em todos os níveis de atenção e considerando o sujeito inserido em um contexto social, familiar e cultural. Assim, a educação, portanto, interfere diretamente no bem-estar das pessoas, e promover esse aspecto é promover saúde.

O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) também prevê na resolução n. 41, de 13 de outubro de 1995, o direito das crianças e dos adolescentes hospitalizados à educação, conforme descrito no apontamento 9: “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”. Essa Resolução diz, expressamente, que é direito da criança e do adolescente o “acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”. Pode-se dizer que esta foi a primeira formalização com citação direta de um direito até então somente implícito de uma educação escolar para educandos hospitalizados.

A Lei n. 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), no Artigo 5º e no Artigo 23º também garante a obrigatoriedade de ensino e a criação de formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino por parte do poder público.

Vale ressaltar que a Resolução n. 02/2001 do Conselho Nacional da Educação (CNE) implementa uma política específica sobre as classes hospitalares e domiciliares, a partir do documento intitulado, “Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica”. Que define no 3º artigo o que se entende por educação especial:

Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica (BRASIL, 2001a).

Ainda de acordo com essas Diretrizes no art. 13º, ressalta a importância de os sistemas de ensino organizarem o atendimento educacional especializado, a alunos que por razão de tratamento de saúde, estão impossibilitados de frequentarem as aulas, sejam por motivos de internação hospitalar ou porque estão em processo de recuperação em seus domicílios. Assim descrito:

Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio. (BRASIL, 2001a, sic).

Os termos classe hospitalar e atendimento em ambiente domiciliar são mencionados no 1º parágrafo desse mesmo artigo 13º, onde destaca e resume as funções e os objetivos de tais classes:

As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular (BRASIL, 2001a).

Em 2002, o Ministério da Educação (MEC), através de sua Secretaria de Educação Especial, lançou um documento contendo as estratégias e orientações para a adequação, implantação e funcionamento das classes hospitalares e do atendimento pedagógico domiciliar, conforme descrito abaixo:

Cumpra às classes hospitalares e ao atendimento pedagógico domiciliar elaborar estratégias e orientações para possibilitar o acompanhamento pedagógico-educacional do processo de desenvolvimento e construção do conhecimento de crianças, jovens e adultos matriculados ou não nos sistemas de ensino regular, no âmbito da educação básica e que se encontram impossibilitados de frequentar escola, temporária ou permanentemente e, garantir a manutenção do vínculo com as escolas por meio de um currículo flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral (BRASIL, 2002, p.13).

Este documento aborda diversos assuntos importantes que direcionam a implantação e o trabalho nas classes hospitalares, como princípios e fundamentos,

objetivos, organização, funcionamento administrativo e pedagógico das classes hospitalares, além, do atendimento pedagógico domiciliar e dos recursos humanos, entre outras recomendações.

Em 2008 o Ministério da Educação (MEC) lançou a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, e dentro desta nova política, o público-alvo da educação especial passou a incluir apenas as pessoas com deficiência (auditiva, física, intelectual e visual), transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades de dotação/superdotação. Os educandos que são atendidos pelas classes hospitalares, deixaram de ser público-alvo da educação especial, o que implicou em diminuição de recursos financeiros para esse público e redução do número de classes hospitalares pelos diferentes estados brasileiros (TEIXEIRA et.al. 2015).

No dia 24 de setembro de 2018 foi sancionada a Lei 13. 716 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que estabelece que deve ser acrescida do artigo 4ºA, que assegura o atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado. O artigo 4ºA diz:

Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa.

Esta lei é um grande marco na garantia de direitos dos educandos hospitalizados que por motivos de saúde encontram-se afastados de suas respectivas escolas. Cabem agora os diferentes Estados da Federação, se preocuparem com a temática e criarem suas próprias leis de implantação das classes hospitalares, a fim de garantirem o direito de educação a todos. Apenas alguns estados já aprovaram suas respectivas leis que obrigam a oferta de classes hospitalares, como por exemplo: São Paulo, que implantou a Lei Estadual n. 10.685/00 (SÃO PAULO, 2000); Santa Catarina, com a Lei n. 13.843, de 14 de setembro de 2006 (SANTA CATARINA, 2006); e o Distrito Federal, com a Lei Distrital 2.809/01 (DISTRITO FEDERAL, 2001). Portanto, parte do caminho já foi percorrido na busca do reconhecimento do direito da educação para todos, em especial a aqueles que estão adoecidos. Porém, há ainda um longo caminho a ser percorrido para que as classes hospitalares de fato seja uma realidade em todos os estados brasileiros, afinal “Não se faz saúde sem educação, nem educação sem saúde” (BARROS, 2016, p. 26).

1.3 - AS CLASSES HOSPITALARES NO BRASIL

No Brasil, é recente o histórico das classes hospitalares, o pioneirismo, bem como, o protagonismo destas classes está na região sudeste do país, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo registros, em 14 de agosto de 1950 iniciou-se oficialmente a primeira classe hospitalar no Brasil, no Hospital Municipal Jesus (Hospital Público Infantil), com as práticas pedagógicas iniciadas pela professora Lecy Rittmeyer, em princípio, realizando os atendimentos educacionais que se fizessem necessários para pacientes internados por períodos prolongados, que, em função de suas enfermidades, eram prejudicados no ano letivo escolar.

As aulas aconteciam nos leitos das enfermarias individualmente, pois o Hospital não dispunha, na época, de um local adequado à realização de atividade escolar. Só com a criação do Ensino Especial Supletivo (atualmente denominado Educação de Jovens e Adultos), foi que se legitimou o atendimento aos educandos em tratamento de saúde, por meio da Lei de Diretrizes e Bases e pela Constituição do Estado de Guanabara (CASRTRO 2011, p. 232-233). Nos dias atuais o atendimento pedagógico contempla crianças da educação infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

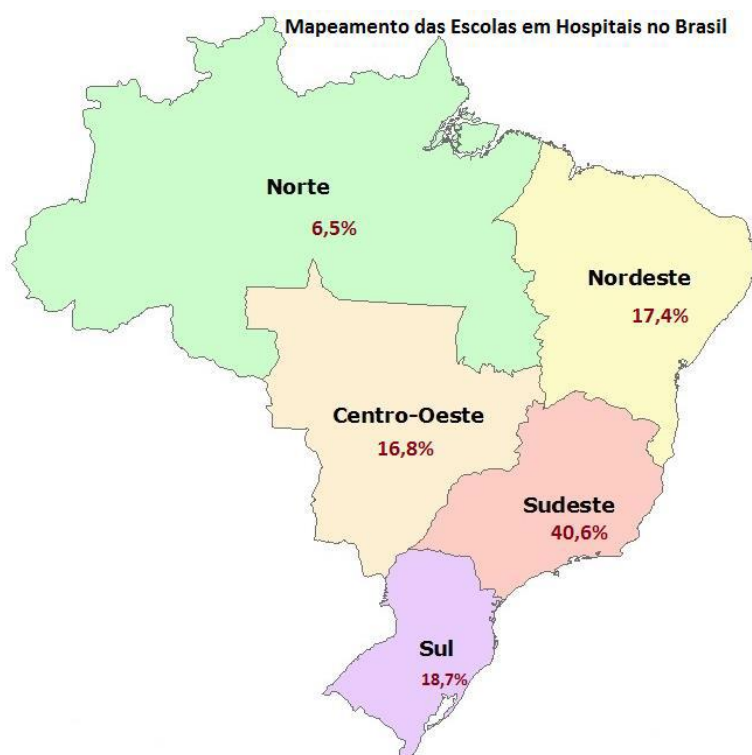
O surgimento dessa classe hospitalar ocorreu em um momento em que doenças como a poliomielite provocava inúmeras internações de crianças em vários estados brasileiros. Esta doença deixava suas marcas e sequelas nas crianças acometidas por ela, como por exemplo, a paralisia infantil. Assim, o objetivo dessa classe hospitalar específica, era atender estes deficientes físicos, mostrando grandes avanços no quadro de crianças e adolescentes hospitalizados, ampliando seu desenvolvimento e seu nível de abrangência.

Em São Paulo, alguns pesquisadores consideram que o atendimento pedagógico em hospital tenha começado na década de 1930, mas, os registros escolares indicam que as classes hospitalares começaram na Santa Casa de Misericórdia, em 1953, conforme destacado por Albertoni (2014):

A história da Classe Hospitalar no Brasil é bem mais recente. Em São Paulo, foi na Santa Casa de Misericórdia que se instalou a primeira classe Hospitalar. Segundo Assis, apesar deste serviço ter sido iniciado na década de 1930, somente a partir de 1953 encontram-se registros escolares mais acurados. (ALBERTONI, 2014, P. 31).

Eneida Simões da Fonseca, professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e uma das pioneiras em pesquisar a temática de classe hospitalar, realizou no ano de 2015 um levantamento quantitativo de hospitais com atendimento escolar no Brasil. Seus dados revelaram que em 2015 havia 155 hospitais com escolas distribuídas de forma heterogênea nas cinco regiões do país. Distribuídos da seguinte forma, conforme a figura 1 apresenta:

Figura 1: Número de Hospitais Com Classes Hospitalares no Brasil.



Fonte: Fonseca, 2015.

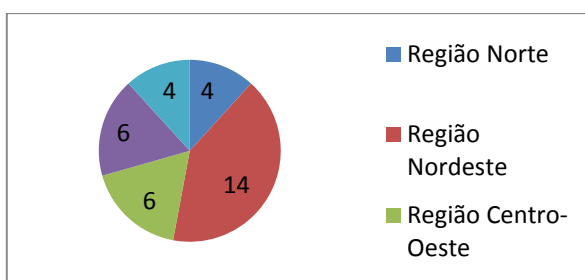
As porcentagens expressas na Figura 1 demonstram que o Brasil possui um número significativo de Classes em Hospitais espalhados nas cinco regiões do país, com destaque para região sudeste que concentra o maior número de classes hospitalares. Quanto ao número de classes hospitalares por estados, os dados levantados por Fonseca (2015) destacam os estados de São Paulo que conta com 36 classes hospitalares, o Rio de Janeiro que possui 17 classes hospitalares, o Paraná que tem 16 classes hospitalares, o estado da Bahia que conta com 14 classes hospitalares e o Distrito Federal que possui 12 classes hospitalares. É digno de nota também o Estado de Goiás, que vem se destacando nessa especificidade de ensino, conforme descreveremos neste trabalho, conta atualmente com 10 classes hospitalares.

Não obstante, ressalta-se que esses números de classes hospitalares no Brasil, apresentados nos estudos de Fonseca (2015), demonstram que ainda são insuficientes em comparação com a demanda que surge de alunos adoecidos e hospitalizados que necessitam de tal apoio educacional, quando em comparação com a população do país, que tem mais 200 milhões de habitantes e com os 6.672 hospitais existentes no Brasil, segundo dados disponibilizados pela Confederação Nacional de Saúde (CNES/2015). Assim, esse número de 155 classes hospitalares é apenas o começo, há um longo caminho a ser percorrido para a democratização da oferta desta especificidade de ensino.

Só para se ter uma ideia, se compararmos a Espanha que possui uma população e uma extensão territorial bem inferior a do Brasil, possui praticamente o mesmo número de classes hospitalares que o Brasil, num total de 150. Assim, percebe-se o quanto a demanda de classes hospitalares no Brasil ainda é grande (OCHOA, 2015 apud. NEVES, 2015). Matos e Mugiatti (2014) corroboram com esse ponto de vista ao afirmarem que, no Brasil, a grande maioria dos hospitais não possui atendimento escolar hospitalar, uma vez que não há um reconhecimento satisfatório no sentido de que as crianças e os jovens hospitalizados possuem esse direito.

Fonseca (2015) também destaca as instituições e/ou casas de apoio que oferecem o atendimento escolar domiciliar aos alunos que, após receberem alta hospitalar, ainda se encontram em processo de tratamento ou recuperação em seus domicílios ou casas de apoio, e por isso, estão impossibilitados por recomendações médicas de frequentarem suas escolas, onde se encontram matriculados. Na figura 2, Fonseca (2015) mostra o número de casas de apoio e/ou instituições que oferecem o atendimento escolar domiciliar por região.

Figura 2: Atendimento Escolar Domiciliar no Brasil.



Fonte: Fonseca, 2015. Elaboração: Autor.

Na figura 2, os dados levantados por Fonseca (2015) destacam que no Brasil, o atendimento escolar domiciliar é ofertado em 34 instituições e/ou casa de apoio de educandos em tratamento de saúde fora da internação hospitalar. Há um destaque para a região nordeste nesta especificidade de ensino, especialmente no estado da Bahia que possui oito instituições com esse atendimento educacional. Vale ressaltar que esse atendimento em casa de apoio é considerado um atendimento domiciliar, pois se localiza fora da unidade hospitalar e passa a ser a moradia do aluno-paciente e seus familiares por dias, semanas, meses e às vezes anos, em Goiás, conforme destacaremos além dos atendimentos domiciliares em instituições e/ou casa de apoio, é oferecido o atendimento no domicílio do educando.

Um bom caminho no reconhecimento da importância das classes hospitalares para os alunos adoecidos já foi percorrido no contexto brasileiro. No entanto, há um longo caminho a ser trilhado. Neves (2015) destaca que de modo geral as classes hospitalares no Brasil apresentam características semelhantes, pois nem sempre contam com espaços específicos para atividades escolares, por isso mesmo, os atendimentos pedagógicos muitas vezes são realizados nos leitos dos educandos.

A maioria dos professores de classes hospitalares são mulheres e formadas em Pedagogia ou outras licenciaturas e estão vinculados ao governo estadual ou municipal (uma vez que a rede privada de ensino, não oferta essa especificidade de ensino) e ainda, possuem propostas pedagógicas específicas para cada aluno, conforme as suas necessidades com os atendimentos interdisciplinares e multisseriados.

É necessário, portanto, definir o papel da escolarização na vida da criança doente, aumentar a oferta do atendimento escolar no ambiente hospitalar, aumentar os números de estados que ofereçam essa especificidade de ensino, bem como, o número de classes hospitalares no Brasil (FONSECA, 2015). As classes hospitalares são um grande exemplo de política pública de Estado, que reconhece e promove a garantia dos direitos à educação aos alunos com necessidades educacionais especiais.

1.4 – AS CLASSES HOSPITALARES EM GOIÁS

A classe hospitalar em Goiás foi oficializada, sistematizada e implementada a partir de agosto de 1999, fruto de uma discussão entre a Superintendência de Ensino Especial da Secretaria Estadual de Educação e a Associação de Combate ao Câncer de

Goiás (ACCG). A partir de tais discussões, foi implantada a primeira classe hospitalar no estado, no setor de pediatria do Hospital Araújo Jorge e o primeiro atendimento educacional domiciliar, no Albergue Filhinha Nogueira, casa de apoio abrigava os educandos que acometidos de câncer que faziam tratamento no Hospital Araújo Jorge, pertencente à Associação de Combate ao Câncer de Goiás (ACCG), conforme destaca Rodrigues Neto (2010).

De início, este trabalho passou a ser denominado Projeto Hoje – Atendimento Educacional Hospitalar, que foi criado com o objetivo de oportunizar a criança, jovens e adultos em estado especial de saúde iniciar ou dar continuidade a sua escolaridade, estimulando seu desejo de saber, de aprender, de recuperar-se e de curar-se; contribuindo ainda para diminuir a defasagem idade/série, a evasão e o fracasso escolar.

Este trabalho foi uma ação da Secretaria Estadual de Educação de Goiás, desenvolvido pela Coordenação de Ensino Especial, por meio do Programa Estadual de Educação Para Diversidade numa Perspectiva Inclusiva– PEEDI (RODRIGUES NETO, 2010). Este trabalho foi aprovado e regulado pelo Conselho Estadual de Educação de Goiás pela Resolução N° 161/2001 que diz:

RESOLUÇÃO N° 161/2001- Art. 1º- Aprovar, para fins de Validação de Estudos realizados, o Projeto “Hoje” destinado ao “Atendimento Educacional Hospitalar”, executado por uma equipe de profissionais ligados à Associação de Combate ao Câncer e à Secretaria de Estado da Educação, através da Superintendência de Ensino Especial, realizado a partir do mês de agosto do ano de 1999 ao ano de 2000, no Hospital Araújo Jorge e no Albergue Filhinha Nogueira nesta Capital, contendo carga horária de 30(trinta) horas semanais - CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÁS.

Em março de 2004 através da Resolução N° 06/2004 o Conselho Estadual de Educação de Goiás (CEE) aprovou por cinco anos e ampliou o campo de atuação de abrangência do Projeto Hoje, o reconhecendo como uma Ação de Atendimento Educacional Hospitalar:

RESOLUÇÃO N° 065/2004, art. 1º “Aprovar o PROJETO HOJE – AÇÃO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR – da Secretaria de Estado da Educação, executado pela Superintendência de Educação Especial, a partir do ano letivo de 2003, por um período de 05 (cinco) anos letivos em todo Estado de Goiás” – CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÁS.

Em 15 de dezembro de 2006 o Conselho Estadual de Educação de Goiás (GOIÁS, 2006), busca normatizar e estabelecer normas e parâmetros para a educação

inclusiva e educação especial no sistema educativo de Goiás. Sobre as classes hospitalares esta resolução estabelece:

VII – DAS CLASSES HOSPITALARES

Art. 20. O Sistema Educativo de Goiás, por suas mantenedoras, mediante ação integrada com os sistemas de saúde e de assistência social, deve organizar o atendimento educacional especializado aos alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio.

§ 1º As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escola de educação básica, visando ao seu retorno e reintegração ao grupo escolar.

§ 2º Para crianças, jovens e adultos que não estão incluídos no sistema de ensino, deve ser propiciado atendimento educacional por meio de currículo flexibilizado de forma que possa facilitar seu ingresso na escola.

§ 3º Nos casos de que trata este artigo, a certificação de frequência deve ser realizada com base em relatório elaborado pelo professor.

Além das resoluções citadas, o trabalho desenvolvido nas classes hospitalares em Goiás é normatizado pela Resolução nº 41 de 2 de dezembro de 2010 do Conselho Estadual de Educação e pelo Parecer 0267/2015 do Conselho Estadual de Educação, que valida e autoriza o trabalho até a data de 31 de dezembro de 2019. Nos seus dez primeiros anos de existência, o então Projeto Hoje, realizou um significativo trabalho, com números expressivos, pois, atendeu mais de 19.958 educandos, na capital e no interior do Estado de Goiás, sendo 45 classes hospitalares instaladas em 18 instituições hospitalares e 732 alunos atendidos em domicílio, envolvendo 358 educadoras, conforme destacou a então coordenadora do Projeto Hoje na época Rodrigues Neto (2010).

No entanto, como o Projeto Hoje, se tornou uma realidade na educação inclusiva do Estado de Goiás, não fazia mais sentido, continuar sendo um projeto. Sendo assim, no ano de 2013, deixou de ser conhecido como Projeto Hoje e após passar por algumas modificações, se tornou o Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar (NAEH). Que atualmente se localiza dentro da Gerência de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, da Superintendência de Inclusão, da Secretaria de Estado de Educação do Estado de Goiás. Este Núcleo tem por objetivos:

O Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar (NAEH) desenvolve uma proposta de trabalho que visa atender estudantes da educação básica da rede estadual de ensino, como também aos estudantes de outros Estados que estejam em tratamento em Goiás e que sejam, na ocasião transferidos e matriculados nas escolas da rede estadual de ensino de Goiás. (Goiás, 2013a, p. 1).

Assim como o Projeto Hoje, o NAEH segue com os mesmos objetivos de possibilitar aos educandos impossibilitados de frequentarem suas respectivas escolas por motivos de saúde, a oportunidade de iniciarem ou darem continuidade em seus estudos, com intuito de diminuir a evasão e/ou fracasso escolar. Porém, com a implantação do Núcleo, o foco nos estudos de temas relacionados às classes hospitalares passou a ser uma constante, bem como, a sistematização do trabalho, criando diretrizes próprias de atuação.

Com a nova coordenação do NAEH, buscou-se fortalecer as parcerias com as Universidades públicas e privadas, com objetivos de estreitar laços entre o campo de atuação da classe hospitalar e o mundo acadêmico. Merece destaque a parceria com o Instituto de Ciências Biológicas (ICB/UFG), a Faculdade de Educação (FE/UFG), e o departamento de Pós-graduação da Educação e da Saúde Coletiva e Engenharia Civil da Universidade Federal de Goiás (UFG).

No ano de 2014 foi possível realizar o primeiro Simpósio de Atendimento Escolar Hospitalar e Domiciliar em Goiás, fruto da parceria entre o ICB/UFG, FE/UFG e a Pós-graduação de Educação e da Saúde Coletiva da UFG com o NAEH. No ano de 2015, a parceria da UFG foi mantida com o NAEH, que também contou com a parceria da Universidade Alves Faria (ALFA), tais parcerias, permitiram a realização do segundo Simpósio de Atendimento Escolar Hospitalar e Domiciliar e o primeiro Congresso de Pesquisadores em Educação, Saúde e Inclusão do Estado de Goiás.

Outro avanço proporcionado pela parceria do NAEH com a FE e o Instituto de Matemática e Estatística (IME/UFG) por meio do Programa de Pós-graduação Profissional em Rede (PROFMAT/UFG), foi à criação do banco de dados e a criação do Blog do Núcleo. Até o ano de 2013 os dados do NAEH, como por exemplo, números de atendimentos, educandos, cidade que moram e etc. eram registrados apenas em livros atas, cadernos de planos e/ou outras formas de registros manuscritos, portanto, não estão digitalizados.

Com a criação do banco de dados, a partir de 2014, todos os dados de produção, como alunos atendidos, cidades que moram, sexo, idade, escola que estuda e etc. estão todos digitalizados, o que permite analisar o crescimento e a produção do Núcleo ano a ano, bem como, acompanhar a evolução do educando e o seu retorno a sua unidade de ensino.

O Blog do NAEH também é fruto da parceria com a FE, IME e o PROFMAT. Com a criação desse canal de comunicação foi possível dar visibilidade as ações do Núcleo, reunir as informações oriundas de cursos, formações, documentos, palestras, fotos, etc. em um só lugar, o que ajudou a dinamizar e melhorar o trabalho e a comunicação entre os profissionais do NAEH. A parceria NAEH com a FE, IME e o PROFMAT, também proporcionou a criação e a oferta de cursos, formações semestrais e anuais aos professores de classes hospitalares e ainda a implantação de um grupo de estudo sobre a temática inclusão. Sem dúvida, a parceria do NAEH com o mundo acadêmico trouxe grandes benefícios e incentivou o estudo, a pesquisa, o debate, a formação continuada, o que proporcionou um crescimento profissional e intelectual dos professores do NAEH, que foram refletidos nas melhorias dos serviços prestados aos educandos do Núcleo.

Atualmente, a equipe do NAEH é formada por uma coordenadora geral, por uma secretária, pela assistente social, pelo psicólogo, pelas coordenadoras pedagógicas (hospitalar e domiciliar) e pelos professores de classe hospitalar e atendimento educacional domiciliar (GOIÁS, 2014). A coordenadora geral responde pelo Núcleo como um todo, por exemplo, realiza a contratação e organiza a modulação dos professores, prepara e viabiliza as formações pedagógicas, coordena e orienta os demais profissionais, entre outras funções que lhe são pertinentes.

A Secretária cuida da secretaria do Núcleo, livro de ponto, frequência, ofícios, documentações e outros. O psicólogo trabalha dando apoio psicológico aos professores, alunos e familiares quando necessário; a assistente social apoia e orienta as famílias dos alunos, quanto aos direitos sociais e educacionais, além de fazer o contato entre NAEH e escola do educando; e as coordenadoras pedagógicas orientam e apoiam o trabalho dos professores; estes por sua vez, atuam pedagogicamente junto aos educandos.

De acordo com o NAEH, 10 instituições de saúde possuem classe hospitalar na região metropolitana de Goiânia, são elas:

- Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo (CRER);
- Hospital Araújo Jorge (HAJ);
- Hospital Materno Infantil (HMI);

- Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (HC/UFG);
- Hospital de Doenças Tropicais (HDT);
- Hospital Geral de Goiânia Dr. Alberto Rassi (HGG);
- Hospital de Urgências de Goiânia (HUGO);
- Hospital de Urgência Governador Otávio Lage (HUGOL);
- Hospital Santa Casa de Misericórdia de Goiânia (HSCM);
- Hospital de Dermatologia Sanitária e Reabilitação Santa Marta (HDS).

Para que a parceria com as instituições citadas possam ser efetivadas e o trabalho pedagógico possa ser realizado de forma eficiente, cabe ao NAEH oferecer: material didático; contratação de profissionais para a implementação da Classe Hospitalar de acordo com a demanda e disponibilidade de educadores; realização de cursos de formação continuada para os profissionais; ônus salarial aos professores. Em contrapartida, competem as instituições hospitalares e casa de apoio oferecer: viabilização dos espaços físicos; disponibilização de horários para que as atividades pedagógicas possam ser realizadas; equipamentos (computador para pesquisa e elaboração de atividades diárias e documentos a serem encaminhados às escolas, digitação, impressão e xerox); materiais de consumo (papel sulfite, lápis, borracha, caneta e materiais educativos) (GOIÁS, 2013a). A parceria entre educação e saúde traz grandes benefícios ao educando adoecido que é visto como um ser integral, dotado de direitos e deveres e que exercem sua cidadania:

A interface entre a educação e a saúde colabora com a formação do ser integral à medida que garante os seus direitos de cidadão e o reconhece como sujeito, pois o educando em condição especial de saúde continua aprendendo mesmo em consequência da sua patologia, uma vez que o seu cognitivo está preservado. (Goiás, 2013a, p. 3).

Durante o ano de 2018 foram atendidos pelo NAEH 1450 educandos, tanto nas classes hospitalares como nas classes domiciliares em todo o estado de Goiás. Observa-se que a demanda de educandos adoecidos é considerável. Estes tiveram a possibilidade de enfrentarem o momento difícil da doença, sem perderem seus vínculos com a educação. Porém, vale destacar que muitos outros por falta de conhecimento da lei que ampara seu direito de acesso a educação durante o tratamento de saúde, interromperam

seus estudos permanente ou temporariamente, não só na capital, como também no interior do estado.

Os educandos atendidos no NAEH são todos de escolas públicas, seja Municipal (atendidos nos hospitais) ou de escolas estaduais, público alvo do Núcleo. Assim, alunos de escolas particulares não entram nesses números de atendimentos, o que demonstra e enfatiza pelo menos duas situações: primeiro, a demanda pode ser ainda maior de educandos adoecidos que necessita de atendimentos e segundo, ainda há a dificuldade de todos exercerem seus direitos garantidos por lei de terem acesso à educação, especialmente em um momento tão difícil, quando se enfrenta uma doença.

1.5 - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS PROFESSORES DE CLASSE HOSPITALAR DO NAEH

Quem são os professores que atuam nessa nova modalidade de ensino, a saber, classe hospitalar? Quais são suas principais características? Que formação precisa ter a fim de atuar em uma classe hospitalar ou domiciliar? Essas perguntas levam a pensar na importância de se refletir sobre a prática pedagógica por parte dos professores que atuam nesse contexto, uma vez que, este trabalho possui particularidades específicas, próprias do ambiente ao qual está instalado. Assim, se faz necessário estudar e discutir o papel do professor na classe hospitalar conforme ressalta Fonseca (1999):

O atendimento de classe hospitalar precisa ser estudado e discutido mais profundamente, dentro e fora de seu grupo profissional imediato, para que o papel e propostas do professor diante das crianças com diversas idades, habilidades e necessidades sejam mais efetivamente implementados (FONSECA, 1999, p.13).

Conforme destaca Branco (2008, p. 50), a formação dos professores de classe hospitalar, “deve ser pensada como um instrumento sociopolítico na construção da identidade de uma categoria profissional”, pois, desta forma, se assim for, pode fortalecer a categoria como um todo, abrindo a possibilidade para que haja “movimentos e lutas em prol do engrandecimento e reconhecimento do professorado”. Sem contar que ao atuar em ambientes onde paira o adoecimento, o sofrimento, a dor e a morte, o professor de classe hospitalar, precisa ter um olhar e uma formação que vai muito além da pedagógica, que são contempladas nos cursos de licenciaturas. Sobre esse olhar e essa formação que vai além do pedagógico, Fonseca (2003) destaca:

O professor da escola hospitalar é, antes de tudo, um mediador das interações da criança com o ambiente hospitalar. Por isso não lhe deve faltar noções

sobre as técnicas e terapêuticas que fazem parte da rotina da enfermagem, sobre as doenças que acometem seus alunos e os problemas delas decorrentes para as crianças e também para os familiares e para as perspectivas de vida fora do hospital (FONSECA, 2003, p.25-26).

Segundo documento elaborado pelo próprio NAEH (GOIÁS, 2014), o educador que atua em Classe Hospitalar e Domiciliar precisa “desenvolver habilidades para exercer suas atividades integradas, de modo que as relações multi/inter/transdisciplinares devem possibilitar a construção do conhecimento e o exercício da cidadania”. Sendo assim, este professor deve se manter sempre atento quanto a qualidade do ato pedagógico, buscando alternativas que diminuam as dificuldades encontradas em inúmeras situações que perpassam desde experiências dolorosas do estado de saúde ao desequilíbrio psicológico (GOIÁS, 2014). Oliveira (2016) destaca a capacidade que o educador deve ter para lidar com situações limites:

Outro aspecto importante a ser considerado, em relação ao trabalho pedagógico em classe hospitalar, é a capacidade que o educador deve ter para lidar com situações limites que envolvem a dor, a vida e a morte. Para tanto, precisamos entender que o equilíbrio emocional é um dos requisitos básicos para essa atuação. (OLIVEIRA, 2016 p. 25)

No documento Goiás (2014, p. 8), são destacadas outros requisitos para que o professor possa atuar nas classes hospitalares de Goiás: o professor do NAEH deve ser efetivo ou contrato temporário da Secretaria de Estado de Educação de Goiás; precisa ser graduado em licenciatura ou pedagogia; precisa acreditar e trabalhar de forma interdisciplinar e para tanto, deve ser possuidor de habilidades e competências para mediar a construção do conhecimento em todos os níveis de ensino e todas disciplinas; precisa ser também, pesquisador e estudioso; além de apresentar equilíbrio emocional, psicológico e buscar ter uma vida saudável; deve ter consciência da sua função de docente no contexto hospitalar; ser assíduo e pontual.

O professor que atua em classe hospitalar deve ser, portanto, um profissional sensível, que respeita o sujeito, suas limitações e acima de tudo acredita nas potencialidades de seu educando, estando sempre aberto ao novo e ao diferente. Sobre isso, Oliveira (2016) ressalta:

Nessa modalidade de trabalho, é importante valorizar, principalmente, o sujeito, respeitando as suas necessidades e potencialidades a serem desenvolvidas. Estabelecer vínculos é primordial para a prática pedagógica. O trabalho em classe hospitalar trata-se de um desafio para os educadores; e é novo aos olhos de quem descobre que o mundo está em construção, sendo tudo dinâmico, mesmo independentemente de nossa vontade. Para exercer o papel de educador, nessa modalidade, é necessário que estejamos abertos ao

novo, ao diferente e saibamos nos reconhecer no outro (OLIVEIRA, 2016 p. 25)

Os professores que atuam nas classes hospitalares em Goiás, seguem os pressupostos estabelecidos pelo Ministério da Educação, quando diz que:

O professor que irá atuar em classe hospitalar deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. Deverá, ainda, propor os procedimentos didáticos pedagógicos e as práticas alternativas necessárias ao processo ensino aprendizagem dos alunos, bem como ter disponibilidade para o trabalho em equipe e o assessoramento às escolas quanto à inclusão dos educandos que estiverem afastados do sistema educacional, seja no seu retorno, seja para o seu ingresso (BRASIL, 2002, p.22).

O ideal seria que todos os professores de classe hospitalar fossem especialistas na área, com curso de pós-graduação e já tivesse seu primeiro contato com a temática ainda na graduação. No entanto, não é essa a realidade. A maioria dos cursos de pedagogia, bem como, os cursos de licenciaturas, não contempla essa temática de classe hospitalar em suas grades curriculares. Por isso, essa modalidade de ensino ainda é pouco pesquisada, discutida, conhecida e difundida, entre os professores e demais profissionais da educação. Com isso, os professores que adentram a esse contexto educacional, muitas vezes descobrem sua vocação ou não para atuarem no ambiente hospitalar, quando já estão imersos no processo. Fato este, que pode acarretar prejuízos físicos e emocionais aos professores e prejuízos pedagógicos aos educandos adoecidos.

1.6 - A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO NAEH

Os professores do NAEH, ao realizarem suas respectivas práticas pedagógicas seguem algumas diretrizes e normas estabelecidas pelo Núcleo. Por exemplo: a mediação da aprendizagem muitas vezes, é feita de maneira individual e pensada no próprio aluno que está sendo atendido, visto que, as circunstâncias e a situação de cada educando, bem como, o ambiente em que a classe é instalada, exige individualização do atendimento. Em geral, a rotina de um professor dentro do ambiente hospitalar, de modo geral, segue os seguintes passos, conforme destacado no documento do NAEH (GOIÁS, 2013):

Primeiro passo - após se apresentar e cumprimentar o educando e sua família os educadores apresentam a proposta pedagógica do NAEH e os convida para participarem da Classe Hospitalar e do atendimento pedagógico domiciliar, quando este receber a alta

médica e se por ventura, se encontrar impossibilitado de frequentar sua respectiva escola. Na maioria das vezes, durante esse primeiro contato feito pelo professor do NAEH, os educandos e familiares ficam surpresos e gratos diante dessa realidade que lhes são apresentadas e muitos aceitam de bom grado participarem das aulas. Porém, há aqueles que por consequência da doença, não raro grave, e da dor, do sofrimento que esta causa, prefere no primeiro momento recusar o atendimento pedagógico e priorizar o tratamento físico e/ou médico. Neste caso, o educador deixa claro que quando o educando desejar receber o atendimento pedagógico, seu direito está garantido.

Segundo passo - depois de explicar como as aulas serão ministradas e acertarem alguns detalhes que se fizerem necessários, o educador faz a Escuta Pedagógica. Neste momento, o educador escuta e constrói a história de vida, escolar e de saúde dos pacientes hospitalizados ou em tratamento para inseri-los como educandos no Núcleo (GOIÁS, 2013). Visto que:

A palavra escuta diferencia-se da palavra audição. Enquanto a última se refere a um dos órgãos do sentido, a captação dos sons ou a sensibilidade do ouvir, a primeira se refere à captação das sensações do outro, realizando a integração ouvir-ver-sentir. A associação com a palavra pedagógica sugere que este ouvir-ver-sentir decorre de uma sensibilidade aos processos psíquicos e cognitivos experimentados pelo outro. (CECCIM, 2000, p. 15)

Conforme já destacado, a criança enferma hospitalizada sofre profundos desgastes emocionais, sociais e afetivos. Estes, fatalmente refletem na aprendizagem escolar. Por isso, se faz necessário ouvir do educando, suas dúvidas, suas preocupações, suas angústias, suas frustrações, seus medos e até mesmo seu silêncio. Daí a importância da escuta pedagógica, que permite enxergar o educando em sua totalidade, o que possibilita delinear estratégias de acolhimento, a fim de minimizar os prejuízos causados pela internação hospitalar, a saber, privação de convívios sociais, experiências e aprendizagens, oriundos da vivência escolar.

A escuta pedagógica torna-se um instrumento que ultrapassa barreiras meramente biológicas (CORDEIRO & FANTACINI, 2018). Fontes (2016, p. 28) diz que “a escuta pedagógica deve transcender o físico, aparentemente imediato e adentrar o mundo silencioso e/ou silenciado das subjetividades da criança enferma”. Assim, fica claro que a prática pedagógica no NAEH, é baseada numa perspectiva dialógica, isto é, numa perspectiva que ajuda o educando a superar conflitos e medos, pois a experiência

da internação pode ser menos traumática “quando não se está só, podendo compartilhar com o outro a dor através do diálogo e da escuta atenciosa” (FONTES, 2016, p. 27).

Terceiro passo - o educador preenche a ficha perfil do educando. Esta ficha é preenchida toda vez que um novo educando começa a receber atendimento no Núcleo. Informações importantes são registradas nesse documento, como por exemplo: a identificação do educando e seus responsáveis, escola de origem, cidade em que mora, estuda, o motivo do atendimento no NAEH e a enfermidade que está tratando, hospital em que está a classe hospitalar, entre outras informações que são relevantes para o processo de “matricula” do educando no núcleo.

Quarto passo - o educador aplica uma atividade escolar ou lúdica que servirá de avaliação referencial para identificar o nível de escolaridade declarado pelos sujeitos envolvidos. Essa avaliação se caracteriza como uma Sondagem Pedagógica, que visa perceber o nível de conhecimento intelectual, em que o educando se encontra. Após a Sondagem Pedagógica, vem o quinto passo - o educador deve elaborar diariamente o Plano de aula, contemplando os seguintes itens: tema, objetivo, conteúdo, método/metodologia, atividades, recursos, avaliação e referências.

O planejamento deve ter como parâmetro o documento oficial da SEDUC, o Currículo Referência⁷. Neste encontram-se os conteúdos divididos por bimestres. Portanto, o Currículo Referência (2012) é um instrumento pedagógico orientador dos aspectos indispensáveis no processo de ensino-aprendizagem em cada disciplina, ano de escolaridade e bimestre. Um documento de referência com uma base comum e importante para os estudantes da rede estadual de ensino do Estado de Goiás, em consonância com as legislações vigentes, Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS).

Em se tratando de classe hospitalar e de todas as particularidades que envolvem o trabalho pedagógico ali desenvolvido, como por exemplo, o ambiente em que ela está

⁷ O Currículo Referência tem como objetivo contribuir com as Unidades Educacionais apresentando propostas de bimestralização dos conteúdos para melhor compreensão dos componentes do currículo e sua utilização na sala de aula. Ao mesmo tempo será um instrumento pedagógico que visa orientar, de forma clara e objetiva, aspectos que não podem se ausentar no processo ensino aprendizagem em cada disciplina, ano de escolaridade e bimestre. Assim, busca-se referenciar uma base comum essencial a todos estudantes, em consonância com as atuais necessidades de ensino identificadas não somente nas legislações vigentes, Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais, mas também nas matrizes de referências dos exames nacionais e estaduais, bem como a matriz curricular do Estado de Goiás (2012, p. 10).

instalada, o hospital, bem como, a situação especial de saúde fragilizada em que se encontram os educandos que frequentam as classes hospitalares, há de se destacar que o Currículo Referência “engessa” a atividade e a criatividade do professor, pois, não levam em conta as diversidades e especificidades de cada aluno e o estágio da doença que o acomete. Uma vez que, o Currículo Referência não leva em conta a heterogeneidade dos educandos, a mesma aula dada em uma sala regular de ensino, com a mesma expectativa de aprendizagem, estratégias de ensino e avaliação, deve ser dada para o aluno em classe hospitalar, mesmo que este esteja gravemente acometido por sua enfermidade. Desta forma, cabe ao professor de classe hospitalar ter perspicácia para não se deixar engessar por tal Currículo Referência e após a escuta pedagógica, ter sabedoria para planejar suas aulas, levando em conta as características do contexto em que sua sala está instalada e as especificidades e particularidades de seus educandos.

Aplicação do plano de aula que foi elaborado deve ser feita de forma personalizada individualmente ou no coletivo. Por isso, este deve ser flexível e se adaptar as circunstâncias do educando e do ambiente, onde a aula será ministrada. Desta forma, os educandos impedidos de se locomoverem são atendidos no leito, aqueles que conseguem se locomover são convidados a irem a classe hospitalar (sala onde o professor atende as crianças, esta pode ser uma brinquedoteca, ou sala de eventos no ambiente hospitalar, ou mesmo uma sala de aula, nos hospitais que possui esse espaço) onde o educador ministrará a aula individualmente ou em grupo, conforme seu planejamento.

Após o término do Ato Pedagógico, os educadores elaboram o Relatório Avaliativo referente ao dia. Este se constitui em um documento Diário dos educadores, sendo um diário de bordo. Nele, é descrito pontos relevantes dos atendimentos e da estadia do professor na classe hospitalar, como por exemplo: a evolução pedagógica do educando; as intercorrências que possam ocorrer durante o atendimento pedagógico, bem como, pontos relevantes que ajudarão o educador a aprimorar sua prática pedagógica e/ou a compor o relatório de avaliação do educando.

Durante o Ato Pedagógico, o educador avalia as atividades pedagógicas desenvolvidas. Estas visam mensurar o aprendizado dos educandos, a fim de atribuir-lhes uma nota e conceito, sempre levando em conta as necessidades educacionais especiais, provocadas pela enfermidade. Ao final de cada bimestre, com as notas e

conceitos em mãos, os educadores elaboram o Relatório de Avaliação do educando e preenche a Declaração de atendimentos realizados pelo Núcleo, e enviam às escolas regulares, onde, cada educando está matriculado e entrega uma cópia desse relatório a família do educando, bimestralmente.

As classes hospitalares são espaços favoráveis para a prática educacional, bem como, para a interação social dos alunos com necessidades educacionais especiais. Espaços esses, que permitem o aluno-paciente se perceber como ser pensante, autônomo, ator de sua própria história. E acima de tudo, conforme afirma Vygotsky, um dos principais referenciais teóricos que direcionam os trabalhos pedagógicos no NAEH, os educandos são capazes de aprender, de se desenvolver e de se transformarem na relação com o outro, independentemente de suas limitações. A educação que se desenvolve nas classes hospitalares, de certa forma, humaniza as relações entre todos os envolvidos (equipe de saúde, educadores, educandos e familiares ou responsáveis). Parafraseando Paulo Freire: “a sala de aula é o princípio da pesquisa”, seja em uma escola regular, seja em uma sala de aula dentro de um hospital.

1.7 - O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ATUALIDADE EM ESCOLAS REGULARES

Vivemos em um mundo globalizado, competitivo, excludente e que constantemente passa por profundas mudanças e transformações políticas, econômicas, sociais e tecnológicas. Porém, tais mudanças não adentram com a mesma rapidez, agilidade na educação, no ensino e nas salas de aula, principalmente se tratando da educação básica.

Embora muito se tenha discutido sobre a educação, o ensino, os currículos e o processo de aprendizagem como um todo, ainda observa-se um distanciamento do que é, e como é ensinado, com a realidade e a vida dos alunos. Não raro, estes não conseguem relacionar o que estão estudando na escola, com sua vida prática, com a realidade que o cercam, com a busca de sua cidadania, da garantia de seus direitos quer individuais, quer sociais. Assim sendo, Callai (2001) tão bem enfatiza: “O mundo tem mudado rapidamente e com ele devem mudar também a escola e o ensino que nela se faz” (CALLAI, 2001, p.134).

A Geografia presente na grade curricular da educação básica deve ter por objetivos conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

Possibilitar que o aluno compreenda que as melhorias nas condições de vida, os direitos políticos, os avanços tecnológicos e as transformações socioculturais são conquistas ainda não usufruídas por todos os seres humanos e, dentro de suas possibilidades, empenhar-se em democratizá-las (PCNs, 1998, p. 34).

Sendo a Geografia uma ciência social, que estuda o espaço construído na relação homem-homem e homem-natureza e as contradições que são estabelecidas e manifestadas nas paisagens resultantes destes espaços, não deve se furtar a esse objetivo, a saber, de promover um ensino que possibilite ao aluno exercer sua cidadania, tornando de fato cidadãos, conscientes de seus direitos e deveres, capaz de reconhecer, compreender e por que não dizer, modificar o espaço em que vive. Callai (2001) expressa a importância do aluno se tornar um cidadão se reconhecendo como um ser social, capaz de construir sua história e a da sociedade em que vive:

Um cidadão que reconheça o mundo em que vive que se compreenda como indivíduo social capaz de construir a sua história, a sua sociedade, o seu espaço, e que consiga ter os mecanismos e os instrumentos para tanto (CALLAI, 2001, p. 134).

O importante papel que a Geografia tem dentro das salas de aula, entre outros, é o de ofertar aos alunos um conhecimento de forma sistematizada e abrangente do mundo e de suas modificações e transformações, possibilitando ao aluno conhecer sua realidade espacial, tanto local, regional ou mesmo global, o que contribuirá para que o aluno exerça sua cidadania de forma crítica e consciente.

Para um aluno adoecido em um leito hospitalar, que provavelmente teve que lutar muito juntamente com seus familiares para ter acesso à saúde, isto é de suma importância, a fim de reconhecer e lutar por seus direitos de cidadão. No entanto, para que o ensino de Geografia alcance esses objetivos dentro da sala de aula, quer nas escolas regulares, quer nas classes hospitalares, dependerá grandemente da habilidade, da disposição, do conhecimento e da formação do professor, a fim de que este, não seja mero transmissor de conteúdo, mas de fato possa promover um ensino e uma aprendizagem que faça diferença na vida do aluno, conforme Martins (2014):

Ser professor numa sociedade globalizada significa muito mais que transmissão de conteúdo. É necessário construir habilidades e competências para atuar num mundo recheado de tecnologias, privilegiando práticas transformadoras e fazendo da escola um espaço de resistência à exclusão e a seletividade. (MARTINS, 2014, p. 65)

Por ser uma ciência social, e conseqüentemente estudar e analisar as constantes mudanças, transformações e contradições que ocorrem na sociedade e como estas se manifestam na paisagem, o ensino de Geografia deve possibilitar ao aluno compreender tal realidade para que possa se reconhecer e se posicionar diante das circunstâncias que estão postas. Isto só será possível, se o senso crítico do educando for estimulado, aguçado pelo professor ao promover o ensino de Geografia. Este ensino por sua vez, deve ser capaz de estimular a criatividade, a imaginação, o pensamento dos alunos, libertando-os da dependência intelectual, segundo Vesentini (1992), que diz que o ensino de Geografia deve possibilitar ao aluno:

Se libertar das amarras da dependência intelectual e de pensamento, encontrar a sua criatividade e imaginação, aprender a pensar a partir do diálogo com o real e com as obras culturais, se descobrir como cidadão e, conseqüentemente, agente de mudanças (VESENTINI, 1992, p. 131).

É preciso pensar, repensar o ensino de Geografia, como este tem se dado na educação básica, se de fato tem conseguido promover o senso crítico nos alunos, capacitando-os a reconhecer e se posicionar diante da realidade que o cercam. Para isto é imprescindível conhecer os alunos, o contexto onde a escola está instalada, bem como a comunidade em sua volta, sobre essa importância Callai 2013, ressalta:

Não pode desconsiderar o contexto da escola, o lugar em que ela está situada, o tipo de população, as formas de organização da mesma, o que permite explicitar as características dos estudantes que a frequentam (CALLAI, 2013, p. 41).

Quando o professor promove o ensino considerando tais aspectos, quer nas escolas regulares, quer nas classes hospitalares, este passa a ter verdadeiro significado e sentido na vida do educando, e ainda, possibilita que estes se apropriem das suas próprias histórias, e como estas, estão inseridas no contexto social nas diferentes dimensões e escalas. Abre-se assim, a possibilidade do educando ser protagonista de sua própria vida, conhecendo a realidade que o cerca, o processo político, econômico, ideológico, histórico e social envolvido na construção do espaço.

Mesmo que o educando não consiga mudanças imediatas em suas condições de vida, ao estimular tal conhecimento por parte dos educandos, a escola, segundo Callai (2001), possibilita ao aluno desenvolver sua “capacidade de perceber que as coisas, que as formas de desenvolvimento e organização da sociedade são construções históricas

dos homens” (CALLAI, 2001, p. 144) e, sendo assim, passíveis de questionamentos e por que não dizer passíveis de mudanças, passíveis de transformações e revoluções. Isto é, promover o ensino com senso crítico, estimulando a cidadania. Ainda com esse enfoque de ensino que estimule o senso crítico, contextualizado com a realidade do aluno, capaz de fazer com que esse se reconheça no processo, Callai (2010) afirma que:

A geografia escolar, assim como a ciência geográfica, tem a função de estudar, analisar e buscar explicações para o espaço produzido pela humanidade. Enquanto a matéria de ensino cria as condições para que o aluno se reconheça como sujeito que participa do espaço em que vive e estuda, compreendendo que os fenômenos que ali acontecem são resultado da vida e do trabalho dos homens em sua trajetória de construção da própria sociedade demarcada em seus espaços e tempos”. (CALLAI, 2010, p.17)

Se o ensino de geografia há de despertar o senso crítico e estimular a cidadania, este deve ser prazeroso para os educandos e para os professores, além do mais, deve estar relacionados, segundo Martins (2014, p. 67) “com as experiências concretas do mundo real vivido pelo aluno no seu espaço cotidiano”, pois desta forma, a sala de aula se tornará um ambiente de “vivências pedagógicas significativas, que contribuem para promover o desenvolvimento cognitivo”. O que na educação básica é de suma importância, devido à faixa etária dos educandos, que muitas vezes não conseguem sozinhos relacionar o conteúdo estudado em Geografia com sua vida diária, por isso, a ajuda professor se torna imprescindível.

Kaercher (2007) ressalta quão importante é desenvolver nos alunos o “desejo de saber”. Isto só é possível com uma prática pedagógica embasada teoricamente, com didáticas que estimulem a reflexão, a discussão, o debate, tornando a “Geografia mais saborosa”. Assim, segundo o autor, o aluno “terá mais apetite”, “desejará saber mais” e a geografia não será apenas *Fast Food*. O autor esclarece:

Parece que temos uma Geografia *Fast Food*. É rápida! Em minutos, fala de muitas coisas, mas pouco se aprofunda. Chama a atenção! Seus temas são atuais e estão na mídia! No entanto, a longo prazo, fica pouco para o aluno. Há pouca articulação dos conhecimentos trabalhados. Ficamos ‘cheios’, mas pouco alimentados (KAERCHER, 2007, p. 42).

O ensino de Geografia deve fazer com que o aluno compreenda o seu lugar de vivência, a realidade que o cerca. Portanto, deve ser um conhecimento de caráter estratégico que sirva para, além, de levar o aluno a reflexão e educá-lo, também sirva para auxiliá-lo a mudar e compreender o seu espaço de vivência e o mundo como um todo. No entanto, o que se tem observado na prática que nas aulas de Geografia se fala de praticamente tudo, conteúdo variado, porém, pouco discutido.

Cabe ao professor de Geografia analisar se o que “ensina é ainda relevante para a construção do conhecimento geográfico e a compreensão da realidade em que os alunos estão inseridos” (MARTINS, 2014, p. 70). Pois desta forma, as experiências concretas experimentadas e vivenciadas durante e no processo ensino aprendizagem, terão relação e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno será expresso no espaço cotidiano, e a interligação deste com as demais instâncias serão fundamentais para a aprendizagem.

O aluno se perceberá como parte do processo, estando inserido em um espaço, espaço este relacional com a sociedade e com a natureza, o que faz com que a realidade geográfica esteja presente na vida do aluno, conforme Resende (1986) ressalta: “Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (e/ou aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia torna-se alheia para ele” (RESENDE, 1996, p. 20). Assim, o papel do professor é imprescindível no processo ensino aprendizagem, conforme destacado por Callai (2013), cabe a ele dar a direção correta desse processo, pois, é sua função ensinar:

No ensino e aprendizagem (de geografia) é importante que o professor tenha o controle do processo do ensino que está fazendo, pois cabe a ele dar a direção uma vez que é sua a função da autoridade no ensinar. A ele cabe oportunizar a passagem do conhecimento produzido pela humanidade para que os alunos o aprendam. Ao professor se atribui também, fazer a condução necessária para que os alunos conheçam, isto é, que sejam informados e que estas informações possam se tornar um conhecimento significativo para as suas vidas. (CALLAI, 2013, p. 51).

Ao professor, portanto, cabe ser condutor e/ou mediador do processo ensino aprendizagem, tanto nas escolas regulares como nas classes hospitalares.

1.8 - O PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Ao iniciar a segunda fase do Ensino fundamental, o aluno por falta de maturidade cognitiva, fruto da sua faixa etária, ainda não têm clareza de como é produzido e utilizado o conhecimento geográfico no seu dia-a-dia. Por isso, o professor tem um papel preponderante em deixar claro aos alunos os objetivos propostos pelo ensino de Geografia, de contribuir para a formação de cada um, estimulando o senso crítico através de discussões que envolvam a realidade e o contexto em que estão inseridos, uma vez que, é compromisso teórico e prático desta disciplina, instigar, estimular e promover a reflexão do conjunto de relações que se dá no espaço geográfico. Sendo assim, o professor de Geografia tem um grande desafio de tornar o

conteúdo interessante e próximo da realidade dos alunos. Callai (2003) ressalta essa importância:

Fazer da geografia uma disciplina interessante, que tenha a ver com a vida e não apenas com dados e informações que pareçam distantes da realidade e na qual se possa compreender o espaço construído pela sociedade, como resultado da interligação entre o espaço natural, com todas as suas regras e leis, com o espaço transformado constantemente pelo homem. (CALLAI, 2003, p. 58)

O professor de Geografia tem a responsabilidade e a incumbência de orientar seus alunos acerca da leitura geográfica do espaço, mediando o conhecimento através da reflexão e do diálogo com seus alunos. Conhecimento este que possibilitará com que os alunos ampliem sua percepção da realidade que o cercam, permitindo-lhe se posicionar criticamente diante do contexto do qual estão inseridos.

Se Geografia há de se tornar interessante para o educando, o professor deve compreender o seu importante e fundamental papel, como mediador e condutor do processo ensino aprendizagem, conforme descreve e exemplifica Kaercher (2007) “o professor como mediador pode ser uma espécie de escada, andaime, oferecendo um suporte cognitivo para que o aluno saia de um patamar mais simples de organização de ideias para uma posição mais arrazoada” (KAERCHER, 2007, p. 35). Desta forma, a busca pela melhoria da qualidade do ensino deve ser uma constante na vida dos professores, e partindo deste princípio, é preciso com que estes, repensem suas práticas pedagógicas sempre, especialmente quando se têm por objetivos formar alunos cidadãos, conscientes, críticos, éticos, criativos e atuantes na sociedade em que vivem.

O ensino de Geografia tem como desafio maior, levar os educandos a desenvolverem a capacidade de leitura da organização espacial do mundo, para que seja possível estabelecer uma relação entre estes processos com seu cotidiano, a fim de perceber-se sujeito influente nas transformações do mundo, isto se faz importante também para alunos das classes hospitalares. Por exemplo: não raro, alunos atendidos nas classes hospitalares de Goiás, são oriundos de outros Estados da Federação, que migram temporariamente ou permanentemente para Goiás em busca de tratamento de saúde e/ou melhores condições de vida.

Aproximar o conteúdo com a realidade deste educando, levando-o a perceber o processo político, econômico, histórico envolvido na sua migração, o porquê de seu Estado federativo, não lhe proporcionar seu tratamento de saúde, e melhores condições para que esta se restabeleça, fará com que o conteúdo estudado, realmente tenha

significado para ele e o permitirá fazer uma leitura e se posicionar diante da organização espacial em diferentes escalas.

A postura do professor será muito importante para que o aluno se reconheça como cidadão capaz de exercer esse papel. Para que isso seja possível, o professor de geografia precisa estudar, pesquisar e conhecer sua disciplina, como descreve Callai (2013): “exige-se, pois do professor intimidade com a sua disciplina, e esta requer que ele tenha, perceba, compreenda e saiba operar com a dimensão técnica bem como a dimensão pedagógica da mesma” (CALLAI, 2013, p. 47). Assim, o professor tem um papel fundamental de mediar e construir o aprendizado, despertando o interesse e criatividade dos alunos diariamente, tarefa extremamente complexa e que exige do professor conhecimento da disciplina Geografia e acima de tudo, desejo de desenvolver habilidades pedagógicas com intuito de estimular a aprendizagem de seus alunos.

A formação técnica e pedagógica do professor de Geografia deve contribuir para que ele desenvolva sua habilidade de ensino, realizando de uma forma clara e inteligível a mediação do conhecimento científico da disciplina, de modo que os conteúdos ministrados em sala de aula sejam significativos para os alunos. Para tanto, o professor deve ser apto, aberto e disposto a desenvolver novas posturas de ensino, com novas metodologias e estratégias, proporcionando ao aluno verificar a importância da Geografia na sua vida.

A formação continuada por parte dos professores possibilita e facilita esse processo, uma vez que o mundo contemporâneo é dinâmico e suas transformações são constantes. Por isso, a formação inicial ou continuada dos professores deve contribuir para que sua docência seja voltada para a realidade que o cerca, bem como, a cerca seu educando. Neste ponto, as grades curriculares dos cursos de licenciatura, incluindo os cursos de Geografia, não contemplam a modalidade de classes hospitalar ou educação hospitalar. Portanto, muitos professores de Geografia, se formam sem mesmo saber que existe tal especificidade de ensino.

A formação continuada, a pesquisa, o estudo para uma prática pedagógica inovadora, será de fundamental importância para o professor que atua em classes hospitalares. É preciso, portanto, que o professor seja consciente de seu papel na sociedade e que sua prática seja baseada na reflexão e na pesquisa, segundo Cavalcanti (2002):

Para enfrentar os desafios postos atualmente na educação escolar, é necessária uma formação consistente. Essa formação é a que propicia ao professor segurança para tratar os temas disciplinares, para analisar a sociedade contemporânea, suas contradições, suas transformações; para compreender o processo histórico de construção do conhecimento, seus avanços, seus limites; e sensibilidade para compreender o mundo do aluno, sua subjetividade, suas linguagens. (CAVALCANTI 2002, p. 112)

Exige-se do professor uma boa formação e ainda, compromisso e esforço para que suas aulas de Geografia deixem de ser apenas descritivas e desconectadas da realidade, mas que seja realmente significativa na vida de seus alunos. Pois, a atuação do professor na educação é um trabalho que move a sociedade, uma vez que, abre caminhos para o aluno, e ainda, lhes desperta o desejo de obter um futuro melhor, e dessa forma, o professor participa do crescimento social da sua comunidade. Por isso, enquanto profissionais da educação, nunca devemos perder de vista o objetivo da função docente no desenvolvimento dos que compõem a sociedade.

O ensino de Geografia eficaz será aquele em que o professor possibilita seus alunos sentirem e perceberem o espaço geográfico e suas respectivas relações sociais, econômicas, culturais, ambientais, políticas, éticas, ou seja, que permite com que o aluno compreenda o espaço construído pela sociedade, “como sendo resultado da interligação entre o espaço natural, com todas as suas regras e leis, com o espaço transformado constantemente pelo homem” (CALLAI, 2003, p. 39).

Muitas vezes o bom desempenho do aluno em uma determinada disciplina, muito tem haver com o comprometimento do trabalho do professor, que sabe que seu atuar pedagógico envolve uma série de responsabilidades e compromissos. E que a sua prática pedagógica deve ser voltada para as necessidades e expectativas dos alunos, pois estes esperam algo surpreendente nas aulas, que os motivem e despertem seu interesse em buscar mais conhecimento para fortalecer seu desenvolvimento intelectual e social. Para que isso ocorra, o professor deve ser segundo Kaercher (2007), “iluminista e iconoclasta”, uma vez que, tem um importante e fundamental papel no processo de ensino-aprendizagem:

Iluminista, porque resgata o papel tão imodesto quanto necessário, de falar do banal, do cotidiano, do óbvio, mas mostrando o não-óbvio no óbvio, alertar para pontos não percebidos, relacionar fatos aparentemente desconexos. apontar pistas, enfim, ser condutor do processo. Iconoclasta, porque a todo mestre cabe destruir ícones (= objetos de culto, portos seguros que não se deve discutir, tradições que se seguem sem questionamentos), alargar os domínios do saber já conquistado evitando que ele se solidifiquem, se cristalizem como verdades inquestionáveis”. (KAERCHER, 2007, p.83)

Ao trazer para as salas de aula temas atuais, que partem do cotidiano dos alunos, como a violência, as drogas, o racismo, entre outros, o professor terá a oportunidade de proporcionar aos alunos momentos de reflexão sobre a sociedade em que vive e a partir daí perceber-se como parte do todo. Porém, será necessário que essa abordagem aconteça de forma consciente pelo professor, que deve estar preparado para expor os conceitos, suas causas e consequências, buscando desenvolver no aluno o discernimento sobre determinado assunto. Por isso, o planejamento das aulas é de suma importância a fim de que os objetivos educacionais e a aprendizagem possam ser alcançados. Libâneo (1994) enfatiza a importância do planejamento:

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino (LIBÂNEO, 1994, p. 221).

O planejamento da aula é um instrumento essencial para o professor elaborar sua metodologia, suas estratégias de ensino, suas expectativas de aprendizagem, bem como, os objetivos que se espera alcançar, levando em conta as especificidades de cada turma. Quando esse planejamento é bem feito, pensado na turma de modo específico, os alunos se sentem mais interessados em participar da aula, pois parece fazer mais sentido para sua vida.

Em se tratando de classe hospitalar, esse planejamento se torna ainda mais especial, pois deve ser personalizado e flexibilizado ao aluno enfermo, levando em conta suas condições físicas e emocionais, bem como sua capacidade intelectual e ainda a capacidade do ambiente hospitalar em ser favorável naquele momento para a prática pedagógica. Por isso, o professor ao trabalhar determinado conteúdo precisa ter claro seu objetivo, o que deseja enfatizar e como esse será aplicado no cotidiano dos alunos. Kaercher (2007) diz:

Seja qual for sua linha pedagógica ou 'geográfica', o conteúdo sempre é central. Se damos aula de Geografia, e os alunos a reconhecem como tal, é justamente pelos conteúdos trabalhados. O que proponho é que, seja qual forem os conteúdos, tenhamos claro os objetivos pedagógicos a serem alcançados. Onde queremos chegar? O espaço não pode estar ausente. Pensar na importância e na influência das coisas estarem neste ou naquele lugar. (KAERCHER, 2007, p. 31)

São grandes os desafios na formação dos alunos, visto que as mudanças ocorridas na sociedade são complexas, cada vez mais exige um aluno pensante, crítico, capaz de elucidar questões diversas referentes ao seu espaço de atuação e do seu exterior. Portanto, o professor tem responsabilidade ímpar na mediação e incentivo do

aprofundamento do conhecimento dos alunos em Geografia, contribuindo substancialmente para a formação social dos mesmos. Daí a importância de não apenas passar substancialmente pelos conteúdos, mas de aprofundar neles, promovendo o debate, a reflexão, a aprendizagem. Kaercher (2007) reforça que o que predomina na geografia escolar “é uma sucessão de informações sobre os lugares da terra”, metaforicamente comparado por ele, a um “edifício teórico muito pobre, quando não sem sentido lógico algum. Um gigante com pés de barro”. O autor explica:

Esses pés de barro (epistemologia pobre, pedagogia confusa) resultam numa Geografia escolar como pastel de vento, Geografia Fast Food. Pastel de vento porque vistoso por fora, recheio pobre. Fast food porque sacia-nos rápido – há muito conteúdo a ver -, mas de forma pouco nutritiva, reflexiva. (KAERCHER, 2007, p. 30).

Para que o conteúdo de geografia seja realmente “nutritivo” é preciso que o professor estimule a reflexão dos educandos, mesmo que para isso, seja preciso buscar, desbravar, criar novos caminhos, novas estratégias, novas metodologias, para alcançar seus alunos e de fato promover o Ensino de Geografia, neste mundo dinâmico, globalizado, atual. É preciso romper com o tradicionalismo, é preciso habilitar os nossos alunos a pensar e agir. Callai (2001) explica:

O conteúdo de Geografia continua a ser o mundo, isto é, o espaço produzido pelos homens na sua luta contínua para sobrevivência – o território. O caminho é que tem que ser reconstruído, e existem caminhos diversos e alternativas possíveis. A escolha destes deve se dar de acordo com as circunstâncias do mundo atual. Não se pode querer ter uma estrutura de trabalho assentada nos moldes tradicionais se temos como alunos jovens que vivem num mundo dinâmico e diferente, por ser atual, e que como adultos vivem e viverão num mundo que apresentará novos desafios. É preciso habilitá-los a pensar e agir. (CALLAI, 2001, p.149).

1.9 – A ESCOLHA DO CONTEÚDO

O professor deve ter claros os motivos de seu aluno estudar Geografia e como essa disciplina poderá contribuir em sua formação pedagógica, pessoal e social ao trabalhar os diversos conteúdos contemplados na grade curricular. Estes por sua vez, devem atender as reais necessidades dos alunos, permitindo-lhes que desenvolvam estratégias metodológicas na construção de competências e habilidades que os tornem capazes de apreender criticamente a interação homem, sociedade e natureza, percebendo-se como sujeito ativo nas transformações ocorridas no seu espaço. Temos pelo menos três razões para se estudar Geografia, conforme destacado por Callai (2003):

Primeiro: para conhecer o mundo e obter informações, que há muito tempo é o motivo principal para estudar geografia. Segundo: podemos acrescentar que a geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem. Ao estudar certos tipos de organização do espaço, procura-se compreender as causas que deram origem às formas resultantes das relações entre sociedade e natureza. Para entendê-las, faz-se necessário compreender como os homens se relacionam entre si. Terceira razão: não é no conteúdo em si, mas num objetivo maior que dá conta de tudo mais, qual seja, a formação do cidadão. Instrumentalizar o aluno fornecer-lhe as condições para que seja realmente construída a sua cidadania é objetivo da escola, mas à geografia cabe um papel significativo nesse processo, pelos temas, pelos assuntos que trata. (CALLAI, 2003, p.57)

Assim, é preciso que ao fazer a seleção do conteúdo a ser trabalhado, o professor considere a realidade de seus educandos, afim de que, esses possam se perceber na discussão. Esses conteúdos devem possibilitar com que o aluno amplie as noções espaciais que desenvolveu ao longo de sua carreira pedagógica e por isso o professor, deverá trabalhar os conhecimentos necessários para que o aluno entenda as inter-relações entre as dimensões econômica, cultural, demográfica, política e socioambiental, presentes no espaço geográfico.

O professor deve partir do conhecimento prévio do aluno, para então dar segmento à aprendizagem, levando em consideração os diferentes níveis de conhecimento entre eles. Desta forma, não se pode desconsiderar quão útil são os conteúdos de geografia que com certeza, podem permitir uma leitura e uma melhor compreensão do mundo, além de contribuir para que os educandos exerçam sua cidadania. Para que isso ocorra, os conteúdos trabalhados em sala de aula devem ter uma “tríplice função”, conforme Callai (2001):

Resgatar o conhecimento produzido cientificamente, reconhecer e valorizar o conhecimento que cada um traz junto consigo, como resultado de sua própria vida, e dando um sentido social para este saber que resulta (CALLAI, 2001, p. 137).

Ao selecionar o conteúdo que será trabalhado, o professor precisa levar em consideração os conceitos que seus alunos já dominam, levando em conta à idade, a série, a maturidade cognitiva de cada um e a partir daí, mediar à construção de novos conceitos, oportunizando assim uma aprendizagem participativa e ao mesmo tempo, retomando conceitos já trabalhados e ainda não assimilados. Essa prática pedagógica é fundamental e essencial na relação professor-aluno, pois é função do professor organizar e coordenar a disciplina dentro da sala de aula, como destaca Kaercher (2007) que não acredita na relação professor-aluno sem conteúdo:

Tampouco acredito em relação professor-aluno sem conteúdo. Defendo um professor que assuma sua condição de imprescindibilidade dentro da sala: que organize as ideias, que exponha seus pontos de vista, que coordene a disciplina vista aqui em seu duplo sentido: cognitivo (a disciplina escolar chamada Geografia) e comportamental (a disciplina enquanto um pacto necessário de respeito entre docentes e discentes que torne possível a comunicação e o trabalho cognitivo). (KAERCHER, 2007, p.36)

Mesmo que exista um currículo mínimo preestabelecido pelas Secretarias de Educação e por consequência, os conteúdos já venham selecionados a cada bimestre para ser trabalhado em sala nas escolas regulares e também nas classes hospitalares (em Goiás as classes hospitalares seguem o Currículo Referência das escolas regulares) e aqui voltamos a criticar a existência deste nas classes hospitalares, pois desconsidera as especificidades de cada educando e sua história de vida e de luta contra doença e ainda engessa o professor em suas práticas.

Este Currículo Referência não pode servir de desculpas para o professor ficar “engessado” e “preso” na rotina e na mesmice em suas práticas pedagógicas, trabalhando conteúdos desconectados da realidade dos educandos. Pois, o currículo pré-estabelecido mostra o caminho a seguir, mas o professor autônomo e criativo tem a liberdade de escolher como vai trilhar esse caminho. Sobre isso Callai (2001) comenta:

Não é possível aceitar que se devam estabelecer planos oficiais com a definição dos conteúdos de cima para baixo a fim de obter através de uma homogeneidade a garantia da qualidade, mas nem por isso, devem-se desprezar proposições alternativas de modelos como sugestões em nome de que cada professor deve ter sua autonomia. O que não pode acontecer é se impedir o professor de pensar alternativas, de escolher ou de criar. Vai depender das suas condições, que, aliás, são um tanto precárias pela própria formação acadêmica que tiveram num momento da história brasileira em que se recebia tudo pronto para não se correr o risco de tentar alternativas que não interessassem. (CALLAI, 2001, p. 135)

O professor de Geografia nos dias de hoje, deve ter um perfil pesquisador, crítico e inovador que constantemente busca novas estratégias de ensino, a fim de promover uma aprendizagem significativa para os alunos, e não se contentar em ser apenas aquele profissional que tão somente transmite informações mecânicas, prontas e acabadas. Por isso, o professor de Geografia, que de fato pratica o ensino visando à autonomia e a cidadania de seus educandos, deve ficar atento quanto à questão ideológica e política envolvida na escolha e implantação de uma proposta curricular, a fim de despertar em seus educandos a capacidade de pensar, a crítica e a coerência, conforme Callai (2001):

A questão da definição de uma proposta curricular não é técnica, mas fundamentalmente política e pedagógica. E o que se quer hoje, e a sociedade exige da escola, é uma educação que desenvolva o raciocínio lógico, a criticidade, a instrumentalização para usar coerentemente o conhecimento, a capacidade de pensar e especialmente de poder construir o pensamento com autoria própria. As informações e o conhecimento adquirido são instrumentos para o processo de formação dos estudantes e não o objetivo final, embora, na prática, exatamente o que se critica é o que vem acontecendo. (CALLAI, 2001, p. 135).

Há de se ter clareza por parte do professor, que um currículo pronto e organizado para ser trabalhado em todas as escolas, esconde contradições importantes existentes nos meios sociais, sejam em escala local, regional e mesmo global. Por exemplo: conteúdos relacionados a investimento em pesquisa de medicamentos, acesso à saúde, entre outros relacionados a essa temática, pode ter um peso e um significado muito maior, para os alunos em classes hospitalares que estão hospitalizados enfrentando um grave problema de saúde. Assim como, conteúdos relacionados à violência, criminalidade, condições sociais desfavoráveis, tem um peso maior para alunos de baixa renda de regiões periféricas das grandes cidades.

O professor precisa perceber a ideologia implícita em se propor conteúdo único e universal para todos, pois dá a entender que todos são iguais e que, portanto, tem as mesmas oportunidades e as mesmas condições, quer físicas, psicológicas, econômicas e sociais. O que sabemos que na prática, não é o que ocorre, pois, capitalismo, não se globaliza visando o bem comum, este se estabelece e se mantém justamente pelas contradições e explorações arraigadas nas diferentes relações que são estabelecidas. Por isso, vale destacar a crítica apresentada por Callai (2001) sobre esse tipo de currículo pronto e acabado vindo de cima para baixo como é o Currículo Referência implantado e utilizado pela Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esporte de Goiás:

É, sem dúvida, um instrumento de poder e como tal funciona ideologicamente no sentido de se perceber/ reconhecer apenas os problemas mais gerais, sem considerar a realidade concreta em que vivem os alunos e mesmo os professores. (CALLAI, 2001, p. 135)

A fim de minimizar os efeitos de homogeneizar os educados e generalizar os problemas que estes vivenciam dentro e fora das unidades escolares pela implantação de um Currículo Referência, é importante que o conteúdo ensinado nas aulas de Geografia esteja próximo da realidade do aluno, seja contextualizado com sua vivência, para que haja assim uma maior compreensão do que é estudado. Isto muito dependerá das habilidades do professor adquiridas em sua formação acadêmica e na sua formação continuada, bem como, na sua experiência pedagógica.

Ao escolher o livro didático para trabalhar com seus educandos, exige-se do professor habilidades e competências, pois, este precisa ter claro que estes livros, não raro, trazem consigo ideologias políticas, econômicas e sociais, muitas vezes, a serviço do grande capital ou das empresas que a este representam “travestidas” de institutos ou organizações que promovem uma educação para todos e que se preocupam com o meio ambiente. Por isso, embora o livro didático seja um importante instrumento para transmitir e democratizar o conhecimento, a forma que o professor utiliza tal instrumento em sala de aula é de suma importância, conforme (CALLAI, 2013):

Neste contexto surge o livro didático como o disponibilizador/transmissor das informações geográficas necessários para a escola e para a formação dos jovens. O Livro – Didático, é, sem dúvida, uma possibilidade para democratizar o acesso ao conhecimento, e como tal uma poderosa ferramenta para a construção da cidadania. Resta saber como o professor o usa e como os alunos recebem as informações apresentadas e os conteúdos nele organizados, no dia a dia da sala de aula. Afinal, tradicionalmente, ensinar geografia é uma tarefa que tem sido apoiada enormemente pelo uso do Livro Didático para disponibilizar os conteúdos. (CALLAI, 2013, p. 42)

O livro didático não pode ser uma “muleta pedagógica” para o professor, isto é, sem ele, o professor não consegue ministrar suas aulas. Antes pode e deve ser utilizado como mais um recurso disponível para o professor, promover um ensino de qualidade, visando o debate, a discussão em sala, a formação cidadã de seus educandos, que os auxilie a terem outras visões e possibilidades além daquelas trazidas e apresentadas no próprio livro didático.

O professor não deve ser apenas “disciplinador/ocupador (recreacionista) de jovens”, que apenas repete o que já sabe e crer, mas passa a ser um agente motivador e estimulador dos educandos, a fim de que estes aprendam a pensar, raciocinar, debater, enfim, consigam ter uma visão e uma percepção ampliada da realidade que o cercam. O debate, a discussão das ideias e o calor gerado pelo “fogo” desses momentos marcantes em uma aula, promove uma aprendizagem significativa, e neste aspecto, o papel do professor é ímpar e insubstituível, conforme expressa Kaercher (2007):

Professor e alunos parecem estar no mesmo espaço (a sala de aula), mas não se comunicam. Claro, há exceções, seja por parte de alguns professores, como de alguns alunos. Mas, é bem superior o número de belas discussões que são levantadas, e ficam natimortas, do que aquelas em que, o fogo inicial provocado pela polêmica, seja dos assuntos em si, seja por parte de opiniões contundentes dos alunos, ficam acesas por mais de três minutos. Dizendo em outras palavras: a matéria-prima (os assuntos trabalhados) são ricos, mas originam muito mais fumaça do que fogo. Queremos fogo, porque ele gera calor (uma boa discussão), e, luz para iluminar cantos obscuros. (KAERCHER, 2007, p. 34)

Quer seja nas escolas regulares, quer seja nas classes hospitalares o professor de Geografia deve constantemente refletir sobre sua ação educativa, suas práticas e estratégias de ensino, e sua busca por práticas inovadoras devem ser constantes. Jamais deve perder de vista os objetivos da Geografia, especificados no Parâmetro Curricular Nacional (PCN), de modo que possa adequar suas informações a sua experiência diária em sala de aula, ao conteúdo, a fim de exercer sua função social na construção da cidadania dos alunos e de si mesmo, conforme Callai (1999):

O professor exercita a sua cidadania dando conta de gerir a sua própria atividade profissional, construindo e reconstruindo, constantemente, o saber e, daí sim, poderá pensar em formar cidadãos, quer dizer, fazer das suas aulas oportunidade a que os alunos construam o seu conhecimento, se interessem pelas aulas e pelas tarefas e compreendam o significado que tem tudo isso. (CALLAI, 1999, p. 38).

Diante disso, ao escolher ou trabalhar um conteúdo em geografia escolar, o professor deve ter por objetivo, e o compromisso de realização de um ensino empenhado na formação de alunos pensantes, emancipados, capazes de formular suas próprias opiniões. Isso só será possível se o professor considerar seu aluno como sendo parte do processo educacional, um ser ativo, participativo, e, portanto, produtor desse meio que está em construção, isto possibilitará que o aluno domine diversos conceitos geográficos e vai contribuir para a sua autonomia e a formação de seu senso crítico. Sobre isso Pontuschka (1999) comenta:

[...] formar uma criança e um jovem que deverão se movimentar bem no mundo de hoje, com a complexa realidade [...], e ainda prepará-los para enfrentar outras transformações que estão por vir. [...]. Há que se pensar um ensino que forme o aluno do ponto de vista reflexivo, flexível, crítico e criativo. Não é uma formação para o mercado de trabalho apenas, mas um jovem preparado para enfrentar as transformações cada vez mais céleres que certamente virão. (PONTUSCHKA, 1999, p.112)

Portanto, parafraseando Freire (1996, p. 25) “Não há docência sem discência, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém”. O professor tem um papel fundamental qual mediador do processo ensino aprendizagem, bem como, na relação dialética oriunda desse processo. Por isso, é preciso que o professor deixe sua zona de conforto e busque estratégias criativas e inovadoras de ensino, mesmo que para isso se exija do professor tempo para um bom planejamento das aulas, para pesquisa, para reflexão, a fim de propor uma prática pedagógica de qualidade. Os professores devem se “apaixonar pela docência, apaixonar pela ideia de promover um ensino de qualidade, capaz de

transformar a vida de seus educandos, levando-os a lugares inimagináveis”, a “lugares nunca dantes navegados” (KAERCHER, 2007, p. 44).

1.10 – O LUGAR DO ENSINO DA GEOGRAFIA - NAS CLASSES HOSPITALARES

As classes hospitalares permitem a inclusão dos educandos enfermos que não podem frequentar regulamente suas respectivas escolas, pois, através deste atendimento pedagógico, estes podem dar continuidade ou iniciarem seus estudos, mesmo ocupando um lugar primária e predominantemente da saúde, é possível se fazer também educação. Desta forma, o ensino da Geografia por sua vez, ocupa e faz uso desse lugar, pois conforme Santos (2005), o lugar é visto como um conjunto de oportunidades que proporciona um caminho para entender a complexidade do real: “É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar” (SANTOS, 2005, p. 158). O mesmo autor relaciona Lugar e Mundo:

Muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente (SANTOS, 2005, p. 158).

Diante deste conceito de Santos (2005), percebemos que os eventos operam a ligação entre os lugares e uma história em movimento. Assim, o lugar expressa a cooperação e o conflito, a permanência e a mudança, a criação e a recriação das dinâmicas impostas pelas forças internas e externas do mundo. Este movimento se dá nas escolas regulares e também nas classes hospitalares e domiciliares, que são ambientes férteis para o ensino criativo, dinâmico e crítico de Geografia.

A escola pode ser considerada como um lugar, uma vez que alunos e professores se apropriam desse espaço e formam um conjunto sócio-espacial e arquitetônico para que ocorram as aulas, em um espaço, onde são estabelecidas implícitas e explicitamente as relações de poder e ordem social. Santos (1994) destaca a concepção de lugar, relacionando-o com o espaço:

Tudo que existe num lugar está em relação com os outros elementos desse lugar. O que define o lugar é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que forma um contexto e atinge todas as variáveis já existentes, internas; e as novas, que se vão internalizar (SANTOS, 1994, p. 97).

Diante da definição de Santos (1994) sobre lugar, percebemos que o que o define, é uma teia de objetos e ações com causa e efeito. O lugar abarca uma permanente mudança, decorrente da própria lógica da sociedade e das inovações técnicas que estão sempre transformando o espaço geográfico. Neste sentido, as classes hospitalares também podem ser consideradas como lugar, e que está em constante movimento com os pares dialéticos: o interno e o externo, o novo e o velho, o local e o global. Pois que, o quarto de um hospital se transforma em sala de aula e o leito hospitalar em carteira escolar, terminada a aula, ou seja, as relações sócio-espaciais estabelecidas para a prática pedagógica são dissolvidas, e o quarto hospitalar e o leito voltam a ter sua função primária. Lima (2011) ressalta:

Nesse novo espaço que se cria, ocorrem ações pedagógicas, afetivas e de identidade parecidas com a da escola formal. Entretanto, mesmo com tantas semelhanças, essa nova escola, por meio de certas ações, será transformada em um lugar. [...] É um lugar que tem existência periódica (em certos horários) e regular (diariamente). Compreendido desse modo, entre suas funções e sua dinâmica, pode-se considerar que em determinado tempo-espaço a desterritorialização ocorre novamente, pois o hospital passa a ser escola e a escola se dissolve após cada aula. (LIMA, 2011, p. 20)

Segundo Relph (1979) lugar significa muito mais que o sentido de localização geográfica, é um produto da experiência humana, pois tem haver com o envolvimento do sujeito com o mundo, com a necessidade de raízes e segurança (RELPH, 1979, p. 45). Neste sentido, os lugares só vão adquirir identidade e significado através da intenção humana e da relação que irá se estabelecer entre essas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas.

Já para Tuan (1983, p. 68), o lugar é criado pelos seres humanos para os propósitos humanos. Afirma ainda que há uma estreita relação entre experiência e tempo, na medida em que o senso de lugar raramente é adquirido pelo simples ato de passarmos por ele. Neste contexto, vale destacar também o conceito de Tuan (1983) sobre espaço e lugar. O primeiro é amplo, pouco conhecido. Já o lugar é próximo, carregados de vivências e experiências, é restrito. As ações do corpo nesse espaço não passam despercebidas, pois são importantes, por isso, o autor acrescenta: “Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar”. ‘Espaço’ é mais abstrato que ‘lugar’ (TUAN, 1983, p. 6).

A escola, aqui entendida como sala de aula no ambiente hospitalar, pode ser vista como um lugar. Sendo assim, pode-se considerar que o espaço que se forma no hospital é um espaço dinâmico, flexível, que se dissolve, “um espaço de ação, em períodos e locais diferentes sem um espaço físico propriamente definido” (LIMA, 2011,

p. 21). Esse flexível e dinâmico espaço, que se constrói, reconstrói, efêmero em sua essência, pode ser identificado como lugar a partir das ligações emocionais, das experiências dos sujeitos com os objetos, na transformação desses em certos símbolos, criando a identidade desta “escola”, sob a ótica dos autores da Geografia humanística e cultural.

As classes hospitalares favorecem as ligações emocionais entre professor e aluno, esta relação dialética é pautada no respeito, na empatia, no cuidado, em estar e sentir com o outro. Por isso, é tão importante à escuta pedagógica, que valoriza a singularidade das expressões de vida de cada educando, que possibilita estar atento ao que ele quer dizer nas suas expressões e silêncios. Esta escuta transcende o físico e é capaz de agenciar conexões entre intelecto, emoção e pensamento, numa perspectiva de atenção integral como escuta a vida (CECCIM, 1997). Sem dúvida, esta escuta como prática pedagógica é acolhedora e significa aceitar o outro e a si mesmo, Maturana (1998) ensina que “sem a aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social” (MATURANA, 1998, p. 31).

O cuidado nasce, então, do desejo de manutenção do Outro, sem o aniquilamento de si. Neste aspecto, mais que as escolas regulares, as Classes Hospitalares tem a possibilidade e a autoridade para experimentar o cuidar-se, no sentido de cuidar dos sujeitos que a constituem. Lima, (2011) acrescenta:

A escola no hospital se despe de todo esse simbolismo patriótico, cívico, disciplinador, para cumprir um papel pedagógico de ensinar, de informar, de apresentar outras possibilidades, livre de ranços que a escola tradicional conserva de longos períodos. [...] A ideia de disciplina, de campo de forças entre os dois sujeitos professor-aluno ou entre aluno-escola, já não existe. Professor e aluno passam a ser apenas dois sujeitos: um que faz o papel de professor e outro que se abre, receptivo para conhecer a nova escola que se lhes apresenta: a escola no hospital. (LIMA, 2011, p.24).

Nessa comparação entre a escola regular e as classes hospitalares, vale ressaltar algumas diferenças importantes que pode explicar não só as relações pedagógicas, mas também as relações de afeto entre professor e aluno. Claro que o fato do educando está adoecido em um leito hospitalar ou domiciliar, sensibiliza o professor, especialmente no ocidente, que não acostumamos ver crianças e jovens enfrentando graves problemas de saúde, ou mesmo com risco eminente de morte.

Podemos nos valer de Foucault, (1987, p. 168), que ao analisar a estrutura organizacional da escola, descreve bem como a disciplina, a ordem, a coerção, está implícita na escola, desde seu projeto arquitetônico até como as carteiras escolares estão organizadas em sala. Por exemplo, a disciplina começa por distribuir os indivíduos no espaço, onde cada um tem o seu próprio lugar. Isto possibilita o controle, a disciplina, e anula descontrolado coletivo. Essa localização, e sua disposição, dá poder de, a cada instante, vigiar a conduta de cada um, admirar, punir, medir as qualidades ou os méritos, impor uma ordem.

Quando se refere às classes hospitalares esses mecanismos de defesas, ordem, disciplina, coerção, que visam à organização e o controle do espaço mediante forças implícitas de poder e dominação, não se fazem necessários, uma vez que, o contexto onde as práticas pedagógicas são desenvolvidas e a própria aula em si, são bem diferentes das escolas regulares.

As ações são outras, se diferem na abordagem do professor ao educando e ao responsável deste, até na relação dialética que se dá entre professor-aluno, pois as trocas, as experiências vividas são mais intensas, personalizadas, até pelo lugar que ocupam e pela situação do educando, que tem a opção de escolher ou não ter aula naquele dia ou naquele momento. Sobre isso Lima (2011) diz:

Por outro lado, a aula no hospital é única, particular, há interação pessoal e afetiva entre dois sujeitos que se colocam frente a frente em um diálogo sobre o tema em estudo que conduz a um aprendizado completamente diferente daquele da sala de aula, pois o aluno está ali estudando porque escolheu estudar. Ele poderia ter dito “não”, como muitos o fazem quando não se sentem bem. Ele não é obrigado a ir à escola, esta lá, frágil. A escola vai ao seu encontro. Não há cercas, muros, fileiras, em pé ou sentado. Ele pode até ficar deitado, se assim o desejar. Compete ao estudante, também, escolher se quer estudar matemática, física, português, arte, geografia, inglês, etc. Consequentemente, não é a reprodução do modelo da escola formal”. (LIMA, 2011, p. 25).

O professor de Geografia pode e tem ocupado esse lugar, as classes hospitalares, a fim de realizar o ensino neste contexto. Ao professor que atua nas classes hospitalares, abre-se a oportunidade de utilizar novas metodologias de ensino, como a interdisciplinaridade, o uso das outras linguagens que vão além da linguagem cartográfica, podem ser usadas no ensino de Geografia, como por exemplo: as charges, história em quadrinhos, fotografia, música, entre outros, que podem trabalhar o conteúdo e ao mesmo tempo conectá-lo a realidade do educando, mesmo que este esteja em um leito hospitalar. Sem dúvida há grandes desafios, porém, há grandes

possibilidades! É uma questão de planejamento e metodologia. Vasconcellos (2000, p.147) esclarece que metodologia “refere-se à condução do processo didático, [...]. O aspecto metodológico é muito importante, pois é a criação dessas condições adequadas para o trabalho educativo, superando a improvisação empírica”. Podemos afirmar a real importância disso, nas classes hospitalares.

Essa especificidade de ensino, a classe hospitalar, exige do professor de Geografia e áreas afins diversos saberes, entre eles, destacam-se a observação e a sensibilidade, pois, essa observação vai ao encontro do saber humanizado, uma vez que, permite o professor descobrir as diversas facetas do seu aluno através desta observação sensível. Por exemplo: para um aluno hospitalizado por vários meses, a concepção de espaço, de lugar, de território, de paisagem, de escola, de brincadeiras, amizades, entre outros, pode ser bem diferente de um aluno que nunca passou por essa experiência de ser hospitalizados. Daí cabe ao professor ter essa observação sensível, a fim de abrir a possibilidade para que os “alunos aprendam a respeito das forças ideológicas que influenciam e restringem suas vidas” (CALLAI, 2001, p. 149).

É necessário que o professor de geografia em classe hospitalar, mediador do processo ensino aprendizagem, trabalhe os conceitos e as categorias geográficas e ressalte a importância do debate, do senso crítico, da coerência, mas não perca a escuta sensível e presteza de estar com o outro. Sobre isso, Fontes (2005) escreve:

O ofício do professor no hospital apresenta diversas interfaces (política, pedagógica, psicológica, social, ideológica), mas nenhuma delas é tão consistente quanto a da disponibilidade de estar com o outro e para o outro. Certamente, fica menos traumático enfrentar esse percurso quando não se está sozinho, podendo compartilhar com o outro a dor, por meio do diálogo e da escuta silenciosa. (FONTES, 2005, p. 123).

Ao professor de Geografia não basta apenas repassar conceitos soltos e desconectados da realidade do educando, é preciso que o professor atue como mediador para que seus educandos formem seus próprios conceitos sobre as coisas, e isso é importante nas escolas regulares e igualmente importante para os professores de Geografia que atuam em classes hospitalares. Pois, para um aluno em um leito hospitalar e que às vezes enfrenta uma grave doença, talvez a concepção de espaço-mundo-vivido dele seja outra, a realidade que o cerca é outra, suas metas, objetivos, lutas e busca, também podem ser outras, pois ao mesmo tempo em que está focado como qualquer outro jovem na esperança de um futuro melhor, em ingressar em uma universidade, em ter um trabalho, sucesso profissional, também está focado em vencer a

doença, em ter um tratamento de saúde digno, justo, humanizado, independente de sua condição social.

É de suma importância que os alunos se apropriem dos conceitos que o levará a um raciocínio geográfico, para que este tenha uma maior percepção da realidade que o cerca e se posicione diante dela. Nesse aspecto, o professor de Geografia tem um papel fundamental. Cavalcanti (2005) enfatiza tal necessidade:

É preciso, então, que o professor aguace bastante a sensibilidade para captar os significados que os alunos dão aos conceitos científicos que são trabalhados no ensino. Isso significa a afirmação e a negação, ao mesmo tempo, dos dois níveis de conhecimento (o cotidiano e o científico) na construção do conhecimento, tendo, contudo, como referência imediata, durante todo o processo, o saber cotidiano do aluno. Na verdade, o raciocínio geográfico só é construído pelos alunos se for encarado como tal, como um processo do aluno, que dele parte e nele se desenvolve. Não se desconsidera, aqui, o importante papel do conhecimento científico e do professor (ele próprio ligado a um contexto histórico-cultural) como mediação do aluno com o objeto a conhecer; ao contrário, o texto insiste no entendimento de que se trata de o aluno aproveitar formas de mediação, de colaboração coletiva, para a construção e o desenvolvimento de funções psicológicas pessoais, de pensamento por conceitos. (CAVALCANTI, 2005, p.201)

Quer seja nas salas de aula regulares, quer sejam nas classes hospitalares o ensino de Geografia deve possibilitar aos educandos a capacidade de perceber, entender, pensar, criticar, a realidade que o cercam. Isso, segundo Callai (2013, p. 40) é “construir uma forma geográfica de pensar”. Forma esta, que contribuirá para a formação dos educandos, enquanto sujeitos e cidadãos aptos a exercerem sua cidadania e neste sentido, as aprendizagens geográficas serão significativas e muito mais do que simples ilustrações.

2. CAPITULO II – PERCURSO METODOLÓGICO DO ENSINO DE GEOGRAFIA EM CLASSE HOSPITALAR

Neste capítulo descreveremos o percurso metodológico deste trabalho, que se propôs a pesquisar o ensino de Geografia em classes hospitalares em Goiás. Serão apresentados e analisados os dados obtidos no campo da pesquisa. Destacaremos ainda, a proposta do produto educacional e as potencialidades da música como recurso pedagógico nas classes hospitalares e regulares de ensino.

2.1 – DISCORRENDO SOBRE OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem por base um estudo qualitativo, exploratório e analítico, valendo-se da Pesquisa-participante, cuja abordagem processual de articulação de um conhecer e agir contribui diretamente para resolução de problemas de interesse coletivo (BRANDÃO, 1984). De caráter dialético emancipatório, essa metodologia tem como princípio fundamental uma forma de participação onde todos, pesquisadores e população, são sujeitos de um mesmo processo de exercício de cidadania, objetivando transformação social. A pesquisa-participante possibilita a interação, o diálogo constante entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos na pesquisa, o que facilita a socialização das experiências e dos conhecimentos teóricos e metodológicos pesquisados.

A pesquisa-participante visa transformações e/ou resoluções de problemas dentro do grupo pesquisado, de modo colaborativo e participativo de todos os participantes envolvidos na pesquisa. Essa característica faz dessa metodologia uma proposta adequada para aplicação em ambientes de trabalho que necessitem de uma transformação de uma realidade específica. Por isso, considera-se importante ressaltar, que ao se valer da pesquisa-participante, não se trata simplesmente de coleta de dados, antes, envolve o conhecimento da realidade e as necessidades dos envolvidos.

Buscou-se neste trabalho o estudo e a ação, o fazer, o intervir para colaborar com o todo. Algo que algumas abordagens metodológicas encontram dificuldade, pois, o pesquisador busca um distanciamento do objeto abordado, uma neutralidade, porém, na pesquisa-participante ocorre justamente o contrário, ambos, pesquisador e participantes da pesquisa pressupõe uma ação conjunta e efetiva.

A implicação do pesquisador e dos participantes na pesquisa e na problemática abordada é o que permite estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre as pessoas no campo de pesquisa, durante os processos de transformação. Em outras abordagens metodológicas, no entanto, perde-se esse conhecimento dinâmico das relações, pois o distanciamento e a neutralidade propostos vão investigar somente os aspectos individuais e superficiais como opiniões, atitudes, motivações e comportamentos (THIOLLENT, 1988, p.19).

Este trabalho se valeu da pesquisa-participante, com seu caráter participativo e interativo, pautado no diálogo constante entre os pesquisadores e os sujeitos envolvidos para que houvesse sempre a socialização das experiências e dos conhecimentos teóricos e metodológicos pesquisados, sem, contudo, perder o rigor científico. A esse respeito, Thiollent (1985) afirma que:

[...] é necessário definir com precisão, qual ação, quais agentes, seus objetivos e obstáculos, qual exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação. (THIOLLENT, 1985, p. 16)

Percebe-se a valiosa contribuição da pesquisa-participante neste tipo de trabalho, pois, antes mesmo de produzir um resultado final através da análise dos dados, pode produzir modificação na práxis social dos sujeitos envolvidos. Durante todo o estudo, os sujeitos da pesquisa tornam-se protagonistas das mudanças possíveis. Antes mesmo da socialização dos resultados, a comunidade estudada sente, dentro de si mesma, as mudanças efetivadas.

2.2 – SUJEITOS DA PESQUISA

No primeiro momento, pretendiam-se como sujeitos da pesquisa apenas os professores licenciados em Geografia que trabalham no NAEH, em classe hospitalar ou em classe domiciliar. No entanto, ao adentrar ao campo de pesquisa e começar conhecer e entender a prática de ensino no Núcleo, que ocorre de forma interdisciplinar, percebeu-se que todos os professores poderiam contribuir com a pesquisa, uma vez que todos, independentemente de sua licenciatura também trabalham o conteúdo de Geografia de forma interdisciplinar e tem por objetivo promover o ensino, proposto pelo Currículo da série do educando.

Participaram da pesquisa todos que demonstraram interesse, sendo reservada a eles, a livre escolha em participar ou não da pesquisa e a permissão para se retirar dela a qualquer momento que desejasse. Teve como garantia também o anonimato, ou seja, nenhum participante seria identificado. Do total de professores do NAEH que atuam em Goiânia e região metropolitana (25 professores), dezesseis (16) se propuseram a participar da pesquisa. Sendo seis (6 de um total de 8) de classe Hospitalar (que atuam em hospitais de Goiânia) e dez (10 de um total de 17) de classe domiciliar (que atendem alunos em domicílios em Goiânia e região metropolitana).

Embora os educandos, seus responsáveis e a equipe gestora do NAEH não fossem sujeitos primários da pesquisa, em um segundo momento, devido à dinâmica que a pesquisa-participante possibilita, considerou-se estes como sujeitos secundários, isto é, não lhes foram aplicados nenhum questionários, entrevistas ou qualquer outro instrumento de coleta de dados, no entanto, seus relatos espontâneos, suas experiências, suas vivências, suas reações, seus medos, expectativas, durante a prática pedagógica e a convivência no campo de pesquisa, foram levados em consideração, anotados em um diário de itinerância do pesquisador e analisados, por fazerem parte do processo ensino-aprendizagem, objetivo desta pesquisa.

2.3 – INSTRUMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS

Como instrumentos para coleta de dados foram feitas entrevistas espontâneas, isto é, conversas espontâneas, sem uma estruturação pré-definida, conversa informal com os professores, embora com objetivo claro de coleta de dados. Segundo Bogdan & Biklen (1994) defendem que:

As entrevistas devem ser mais semelhantes a conversas entre dois confidentes do que uma sessão formal de perguntas e respostas entre um investigador e um sujeito. [...] Essa é a única maneira de captar aquilo que é verdadeiramente importante do ponto de vista do sujeito. (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 69)

Também foi utilizado questionário com perguntas de múltiplas escolhas e com perguntas abertas, aplicado aos professores, com intuito de entender como se dá o processo ensino-aprendizagem e suas respectivas práticas pedagógicas. Foram realizadas visitas nos hospitais que possuem classe hospitalar em Goiânia e também em alguns domicílios de alunos atendidos pelo Núcleo, o que favoreceu a observação participante, a intuição e a vivência do pesquisador no lócus da pesquisa, onde ocorre a

prática pedagógica. Pois, esta técnica, observação participante permite o pesquisador captar uma variedade de fenômenos e situações que não são obtidas por meio de perguntas. “A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (MINAYO 2002, p. 59). Isto possibilitou ao pesquisador ter um contato maior com os professores, contato com educandos, seus responsáveis, profissionais da saúde e equipe gestora do NAEH.

Os dados das observações da realidade pesquisada foram registrados em um diário de itinerância, que nada mais é do que um caderno de anotação de campo, mas que abarca as especificidades de uma pesquisa-participante, e que auxilia na caracterização do objeto de estudo. Também se fez uso da análise documental, do banco de dados e do blog do NAEH a fim de captar os dados para a pesquisa, relacionados à criação e ao funcionamento do trabalho pedagógico no ambiente hospitalar. Os dados foram colhidos no segundo semestre de 2018, após a aprovação da pesquisa por parte do Comitê de Ética entre os meses de agosto a dezembro.

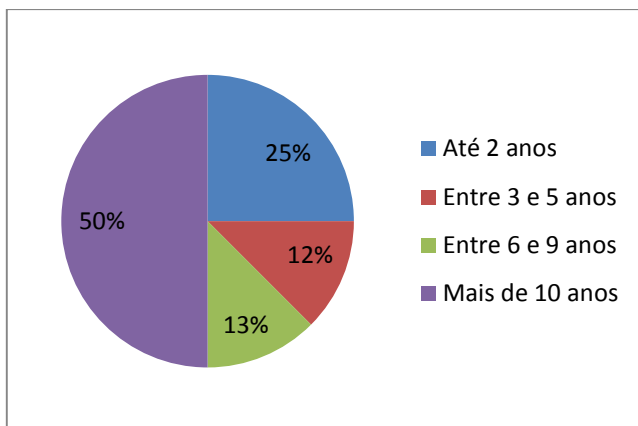
2.4 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados quantitativamente favoreceram a interpretação e permitiram observar e avaliar a proposta de intervenção desenvolvida, levando em consideração as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores do NAEH, que possibilitaram a compreensão de como o processo ensino-aprendizagem ocorre no contexto de classes hospitalares em Goiás. Assim sendo, esse estudo apresenta caráter qualitativo, e, portanto, a análise dos dados não é simplesmente uma mensuração dos dados coletados, mas uma interpretação, à luz das teorias estudadas, de acordo com os objetivos delimitados. Portanto, os dados quantitativos, nesse caso, reforçam a interpretação do resultado e a sua relação com o processo ensino-aprendizagem desenvolvida no NAEH.

Os dados foram coletados em momentos distintos, a aplicação do questionário e as entrevistas se deram nas reuniões mensais (entre os meses de agosto de 2018 a dezembro de 2018) que ocorrem no NAEH com todos os professores e a observação participante se deu de forma contínua, ao longo da vivência do pesquisador nas classes hospitalares e domiciliares. A seguir serão descritos e analisados os dados obtidos.

Pretendeu-se no primeiro momento perceber há quantos anos os professores do NAEH trabalham na Educação Básica. Os resultados foram evidenciados na Figura 3:

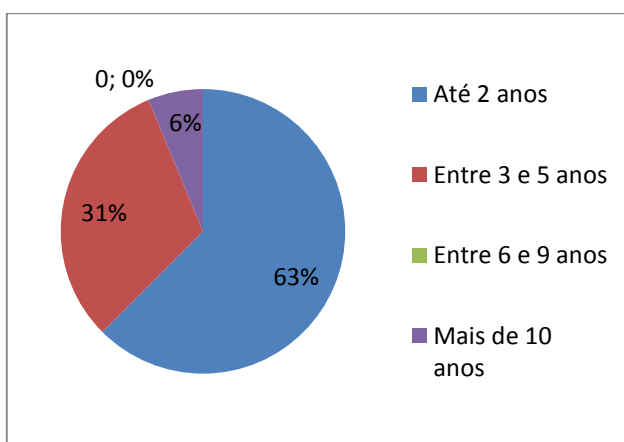
Figura 3: Tempo de Trabalho na Educação Básica



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

A figura 3 nos revela que 50% (8 do total que participaram da pesquisa) dos professores que atuam no NAEH, tem mais de 10 anos de experiência na Educação Básica e apenas 25%, ou seja, 4 professores, iniciaram suas respectivas carreiras no magistério em até dois anos. O que demonstram que a equipe é formada por professores experiente e que pode contribuir muito no processo ensino-aprendizagem. Porém, quando se faz a mesma pergunta relacionada ao tempo de trabalho no NAEH, o resultado é bem diferente, 63% dos professores entraram no NAEH em no máximo dois anos, 31 % trabalham nas classes hospitalares entre três e cinco anos e apenas 6% dos professores, atuam no Núcleo há mais de 10 anos. Observe a Figura 4:

Figura 4: Tempo de Trabalho no NAEH



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

A grande maioria dos professores do NAEH tem entre um e dois anos de experiência em classes hospitalares, o que não deixa de ser preocupante, pois uma especificidade de ensino tão especial, requer sem dúvidas professores experientes para lidarem com as demandas próprias do contexto hospitalar. Para amenizar essa aparente dificuldade, a equipe pedagógica do NAEH oferece a todos os professores que iniciam suas atividades no Núcleo, uma formação onde enfocam as características da classe hospitalar, a prática profissional, os documentos e fichas específicas do Núcleo, bem como, procedimentos de biossegurança.

Vale destacar, que no início de cada semestre, todos os professores passam por uma formação de três dias, onde são discutidos textos sobre classe hospitalar, planejamento, interdisciplinaridade, biossegurança, atendimento psicoeducacional, estudos de caso e outros assuntos pertinentes ao trabalho, que visam contribuir com a prática profissional. Fontes (2005) reforça a necessidade dessa capacitação continuada e da formação em serviço dos professores que atuam em classes hospitalares e domiciliares, e ressalta ainda, a importância da formação específica nesta área de conhecimento:

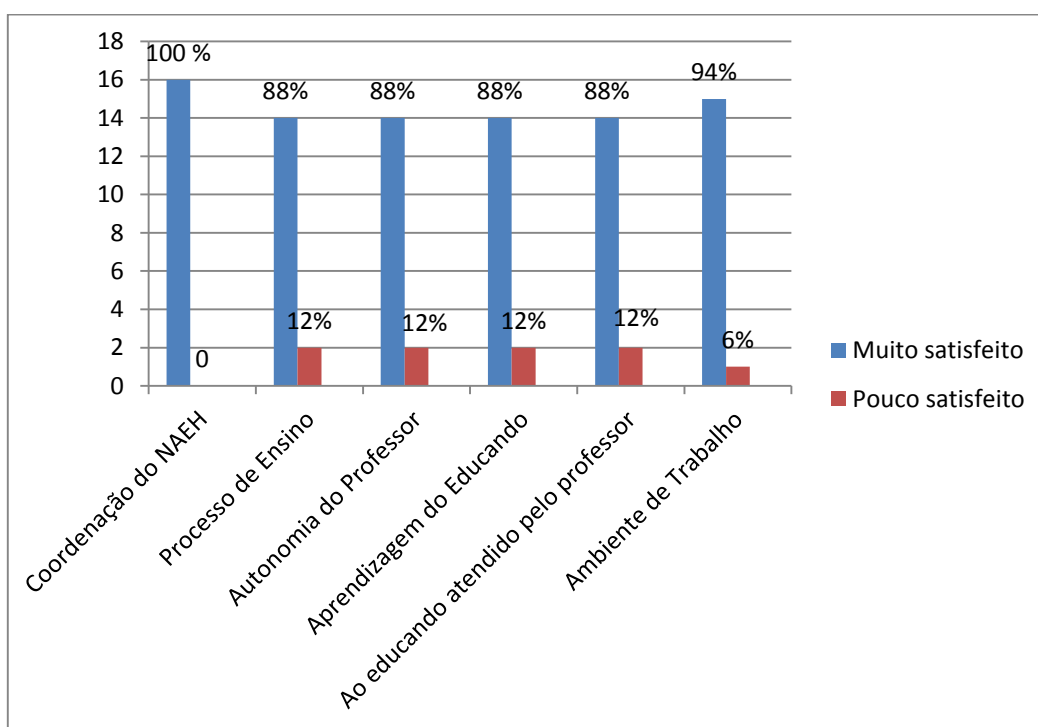
Embora a grande maioria de professores que atuam com crianças em hospitais possua formação em nível de pós-graduação na área educacional, a formação em serviço é, indubitavelmente, o que tem assegurado um nível de qualidade crescente nessa modalidade de atendimento pedagógico, uma vez que não existe um curso, reconhecido pelo MEC, voltado para esse tipo de profissionalização. Mas apenas isso não basta. Precisamos garantir maiores e melhores condições de acompanhamento pedagógico educacional à clientela infanto-juvenil internada, o que certamente virá com a formação específica de profissionais nessa área de conhecimento. (FONTES, 2005, p. 123)

Além da formação inicial, são oferecidas mensalmente a todos os professores do NAEH, oficinas de Literatura, Português e Matemática que visam contribuir com a formação continuada do professor, ajudando-o a preparar suas aulas com temas variados, diversificados e de forma interdisciplinar. Além disso, a equipe pedagógica do NAEH acompanha periodicamente os professores em suas respectivas classes de atuação seja no hospital, seja no domicílio do educando, com intuito de orientar e auxiliar a prática pedagógica dos professores. Visto que o professor de classe hospitalar deve estar preocupado com sua capacidade e habilidade de atender seus diferentes educandos, bem como, com o seu próprio e contínuo crescimento profissional, visto que:

O professor que irá atuar em classe hospitalar ou no atendimento pedagógico domiciliar deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares [...] O crescimento profissional do professor deve incluir sua busca de fazer parte da equipe de assistência ao educando, tanto para contribuir com os cuidados da saúde, quanto para aperfeiçoar o planejamento de ensino, manifestando-se segundo a escuta pedagógica proporcionada. O professor deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo (BRASIL, 2002, p.23).

Devido as particularidade de se fazer educação formal dentro de um ambiente diferente da escola regular, e ter que realizar seu trabalho em um hospital ou mesmo em um domicílio do educando ou outro espaço na comunidade quando este domicílio não apresenta condições de segurança, higiene ou por algum motivo os atendimentos não podem ser realizados nele, foi perguntado o grau de satisfação dos professores com seu trabalho no NAEH, nos seguintes aspectos, coordenação do NAEH, Processo de Ensino, Autonomia do Professor, Aprendizagem do Educando, o Educando Atendido pelo Professor e o Ambiente de Trabalho, conforme a Figura 5:

Figura 5: Grau de Satisfação em Trabalhar no NAEH nos Seguintes Aspectos



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

A Figura 5 demonstra bem o grau de satisfação dos professores em trabalhar no NAEH. 100% dos participantes da pesquisa apreciam o trabalho realizado pela coordenação do Núcleo. Vale ressaltar que essa coordenação é formada pela equipe pedagógica, que por sua vez é composta pela Coordenadora Geral, que além de outras atribuições, acompanha e orienta os trabalhos das coordenadoras hospitalar e domiciliar. A coordenadora hospitalar tem a função de acompanhar e orientar de perto os trabalhos realizados pelos professores nos hospitais de Goiânia. A coordenadora domiciliar acompanha e orienta os trabalhos dos professores nos domicílios dos alunos de Goiânia e do interior do Estado de Goiás. Pelo grau de satisfação demonstrado pelos professores do Núcleo, podemos inferir que as coordenadoras realizam um bom trabalho e são vistas como parceiras dos professores e que contribuí eficientemente no processo ensino-aprendizagem desenvolvido no NAEH.

Vale destacar os outros dados apresentados na Figura 5, como por exemplo, o grau de satisfação dos professores em atuarem no contexto de classe hospitalar, pois 94% dos professores estão satisfeito com esse ambiente (hospitalar ou domiciliar). Esse resultado é relevante, pois enfatiza pelo menos dois aspectos: o primeiro é a capacidade dos professores em aceitar o desafio, o novo, o diferente, o desconhecido, pois, muitos destes, não conheciam as classes hospitalares. É característica do educador que atua neste contexto essa capacidade de estar aberto ao novo ao diferente, conforme destacado por Oliveira (2016, p. 25) “para exercer o papel de educador, nessa modalidade, é necessário que estejamos abertos ao novo, ao diferente e saibamos nos reconhecer no outro”.

O segundo aspecto digno de nota apresentado na Figura 5, que pode explicar o grau de satisfação dos educadores no contexto de classe hospitalar, é a boa adaptação e a capacidade de lidar com situações limites que envolvem a dor, a vida e a morte que demonstraram, o que por certo, contribui para um trabalho pedagógico eficiente e de qualidade, conforme destacado por Oliveira (2016):

Outro aspecto importante a ser considerado, em relação ao trabalho pedagógico em classe hospitalar, é a capacidade que o educador deve ter para lidar com situações limites que envolvem a dor, a vida e a morte. Para tanto, precisamos entender que o equilíbrio emocional é um dos requisitos básicos para essa atuação. (OLIVEIRA, 2016 p. 25)

Ainda chama a atenção na Figura 5, que 88% dos professores estão satisfeito com o processo de ensino desenvolvido no NAEH, o que tem possibilitado aos

educandos uma aprendizagem significativa, pois o mesmo percentual de professores acreditam na aprendizagem de seus respectivos educandos independente de suas condições saúde, que na maioria das vezes, tem seu cognitivo preservado. Isto é perceptível no grau de satisfação dos responsáveis pelos educandos e pelos próprios alunos que se percebem e se reconhecem como cidadãos e valorizam a educação recebida, visto que:

A interface entre a educação e a saúde colabora com a formação do ser integral à medida que garante os seus direitos de cidadão e o reconhece como sujeito, pois o educando em condição especial de saúde continua aprendendo mesmo em consequência da sua patologia, uma vez que o seu cognitivo está preservado. (Goiás, 2013a, p. 3).

É digno de nota também, que muitos dos educandos atendidos pelo NAEH, ao concluírem o Ensino Médio, tem conseguido entrar nas Universidades e cursar o ensino superior, alguns presencialmente outros através do ensino a distância, dependendo do grau de suas limitações físicas provocadas pela doença. Fato é que ao lhe dar a oportunidade de continuarem seus estudos e lhe oferecer um ensino de qualidade, sente-se “empoderados” e com este poder, sente-se cidadãos e vão em busca de realizar seus sonhos e projetos de vida, mesmo limitados pela doença.

Os professores dizem estar satisfeitos pela autonomia oportunizada no NAEH, na maneira de conduzir e preparar suas aulas, bem como em exercer seu papel fundamental na prática pedagógica, conforme demonstrado na Figura 5. O professor tem a autonomia de escolher qual metodologia e estratégias de ensino utilizará. Pois a gestão do NAEH busca ser democrática e quando tal gestão existe, os pais, os alunos, os professores e os funcionários assumem sua parte de responsabilidade pelo projeto da escola (neste aspecto entendendo o NAEH como uma escola), conforme destacado por Gadotti (1994, p. 2), “na gestão democrática pais, alunos, professores e funcionários assumem sua parte de responsabilidade pelo projeto da escola”. O que por certo, se reflete na prática pedagógica, bem como, no que, e como se ensina, e na autonomia que este ensino proporciona ao aluno, segundo Freire (2011, p. 25), “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

Ao indagar se o professor do NAEH considera seu trabalho relevante e eficaz, todos foram unânimes em dizer que sim e reconhecem a relevância desta especificidade de ensino e buscam ser eficientes em suas práticas. As explicações dadas para essa

relevância foram as mais diversificadas possíveis, desde a oportunidade dos alunos continuarem seus estudos, mesmo enfrentando condições de saúde desfavoráveis, passando pela formação continuada do professor, ao ambiente favorável para a aprendizagem nas classes hospitalares, até a visão assistencialista de poder ajudar o aluno que passa por uma enfermidade, conforme demonstrado na Figura 6, a seguir⁸.

Figura 6: Por Que o Professor Considera seu Trabalho Importante no NAEH.

Por que o professor considera seu trabalho relevante no NAEH	Número de Professores que apontaram a mesma resposta	Percentual de Professores que apontaram a mesma resposta
Pela oportunidade para os alunos continuarem seus estudos.	12	52,3%
Permite o professor ter uma formação continuada e o motiva a pesquisar.	02	8,7%
Contribui para o processo de humanização.	01	4,3%
Os educandos aprendem.	02	8,7%
Permite diversificar as atividades cotidianas.	01	4,3%
Cria um ambiente favorável para o processo ensino-aprendizagem.	02	8,7%
Posso ajudar a quem precisa.	01	4,3%
Permite a inclusão dos alunos.	02	8,7%
Total	23	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Percebe-se assim que, na visão dos professores, a relevância do trabalho que executam em classes hospitalares em Goiás, se mostra diversificadas, embora haja uma ênfase em possibilitar e oportunizar para o aluno adoecido e muitas vezes hospitalizado, a continuidade de seus estudos. Neste sentido, convém entender e compreender a

⁸ Os números de professores somados nas respostas da Figura 6 ultrapassam o total de sujeitos participantes na pesquisa (16), pois alguns professores deram mais de uma resposta enfatizando como se dá o processo ensino e aprendizagem no NAEH.

dimensão pedagógica como sendo um ato social, pois permite ao aluno doente ser protagonista de seu processo de adoecimento e de sua provável cura ou não, permite um olhar integrado para além da simples instrumentalização. Entre as diversas interfaces da prática pedagógica nas classes hospitalares, Fontes (2005) destaca a mais consistente:

O ofício do professor no hospital apresenta diversas interfaces (política, pedagógica, psicológica, social, ideológica), mas nenhuma delas é tão consistente quanto a da disponibilidade de estar com o outro e para o outro. Certamente, fica menos traumático enfrentar esse percurso quando não se está sozinho, podendo compartilhar com o outro a dor, por meio do diálogo e da escuta silenciosa. (FONTES, 2005, p. 123).

As classes hospitalares tem um significado muito grande na vida do educando que enfrenta enfermidades, pois uma vez que este não consegue ir à escola, a escola vai até ele, respeitando sua condição física, emocional, psicológica e suas limitações. Este caminhar junto, lado a lado com o educando, é sim um ato social, que permite à inclusão, a humanização, que promove a aprendizagem e conseqüentemente desperta à cidadania, amplia a percepção dos alunos e os capacita a se posicionarem quanto à realidade que os cercam, quer seja em sua comunidade, quer seja no ambiente hospitalar.

Não é raro, alunos evadirem-se das escolas regulares e conseqüentemente abandonarem seus estudos temporariamente ou permanentemente por motivos de saúde. O que gera nos familiares e/ou responsáveis das crianças nessas condições, mais um motivo de grande preocupação, quanto à escolaridade e o processo de ensino-aprendizagem dos seus filhos. Os próprios pediatras e as equipes médicas como um todo, sabem o quanto é preocupante para a criança e seus familiares o absentismo à escola e, muitas vezes, a repetência que demanda do processo de hospitalização. Sendo assim, as classes hospitalares além de desempenhar a função pedagógica, apresenta também, as interfaces psicológicas e sociais, na medida em que possibilita ao paciente-aluno a oportunidade de continuar seu processo de escolarização.

No contexto do estudo pretendeu-se saber se o professor que trabalha no NAEH, se sente realizado em prestar esse serviço. 100% dos professores pesquisados disseram que sim. Com isso, surgiu uma interrogação no decorrer da pesquisa: se 100% dos professores se sentem realizados com o trabalho que executam e 94% estão muito satisfeitos com o ambiente de trabalho, por que 63% dos professores tem menos de dois anos de atuação no Núcleo e apenas 6% tem mais de dez anos, conforme destacado na

Figura 4? O por que da rotatividade de professores? Estaria isto ligado a algum aspecto do processo ensino-aprendizagem e/ou saúde psicológica e emocional do professor?

Ao se buscar as respostas a estas indagações, percebeu-se que o motivo dessa rotatividade de professores não está ligada ao processo ensino-aprendizagem, pois os dados demonstraram que 88% dos professores estão muito satisfeito nesse aspecto (Figura 5). E quando perguntados se os professores se sentem bem em sentido emocional e psicológico para atuarem em classes hospitalares, 94% deles responderam que sim, e 100% responderam que o NAEH oferece suporte psicológico aos professores, por meio do atendimento psicoeducacional em encontros mensais.

O psicólogo também acompanha de perto os professores nos hospitais e domicílios dos educandos, e sempre está a disposição dos professores a qualquer momento que eles venham a precisar. Por isso, os dados revelaram que a saúde emocional e psicológica dos professores do NAEH, estão bem, ou seja, dentro dos padrões normais. Assim sendo, esta também não seria a causa da rotatividade dos professores. O que seria então? E como motivar uma equipe tão jovem em termos de atuação no NAEH?

Com a vivência do pesquisador no campo de pesquisa, foi possível através da observação participante e das entrevistas espontâneas e/ou conversas informais com os professores e a equipe pedagógica, perceber que a rotatividade se dá possivelmente pela forma de ingresso dos professores no NAEH. O professor para trabalhar no NAEH deve ser um profissional efetivo da Secretaria Estadual de Educação ou um Contrato Temporário. No quadro (módulo de professores) permanente de professores do NAEH, há apenas cinco professores efetivos e um contrato temporário (contrato de três anos). Os outros professores, estão modulados nas escolas regulares e apenas complementam sua carga horária no NAEH quando surge a demanda. Assim, quando o aluno retorna a escola, e portanto deixa de ser atendido pelo NAEH, este professor tem a sua extensão de carga horária excluída e volta a trabalhar somente na sua escola de origem e deixa de prestar seu serviço no NAEH. Portanto, esse possivelmente seja o motivo da rotatividade de professores no Núcleo.

Para resolver essa questão da rotatividade de profesoeres no NAEH, o que por certo traz grandes dificuldades para o trabalho ralizado no Núcleo, foi ponderado com a equipe gestora a possibilidade de ampliar o quadro de professores modulados no

NAEH, pois desta forma, esses professores prestariam seus serviços exclusivamente no Núcleo e conseqüentemente a cada dia, a cada ano, se tornariam mais experientes, fariam uso constante da formação recebida e poderiam contribuir cada vez mais com o processo ensino-aprendizagem no contexto de classe hospitalar. Embora a coordenação do NAEH tem tentado essa ampliação no quadro de seus professores permanentes, alguns entraves no âmbito da Secretaria de Estadual de Educação tem impedido esse avanço.

Como um dos objetivos da pesquisa era entender o processo de ensino-aprendizagem no contexto de classe hospitalar, foi feita uma pergunta aberta aos professores, solicitando que eles explicassem como esse processo ocorre. As principais ideias expressas pelos professores foram consideradas, e transcritas em frases curtas, sem contudo perder o sentido da ideia original no contexto em que ela foi escrita. Portanto, as explicações foram variadas conforme descritas na Figura 7, observe⁹:

Figura 7: Como se dá o Processo Ensino e Aprendizagem no contexto de classe hospitalar.

Como se dá o processo ensino e aprendizagem no contexto de classe hospitalar	Quantidade de professores que apontaram a mesma resposta	Percentual de professores que apontaram a mesma resposta
Conforme a especificidade do educando: disposição e condições físicas.	05	15,1%
De acordo com o currículo escolar do aluno.	05	15,1%
Trabalha o conteúdo de forma interdisciplinar.	03	9,1%
Através de atividades lúdicas.	01	3%
Por meio da avaliação processual e contínua.	01	3%
Por meio de aulas expositivas e atividades.	06	18,2%

⁹ Os números de professores somados nas respostas da Figura 7 ultrapassam o total de sujeitos participantes na pesquisa (16), pois alguns professores deram mais de uma resposta enfatizando como se dá o processo ensino e aprendizagem no NAEH.

Por meio de projetos.	02	6,1%
Flexibilizando e revisando os conteúdos.	02	6,1%
Utilizando atividades variadas.	02	6,1%
Através de conversa informal.	01	3%
Adquirindo a confiança do aluno.	01	3%
De modo satisfatório e tranquilo.	04	12,2%
Total	33	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

As respostas apresentadas na Figura 7 nos dão uma ideia das estratégias de ensino adotadas no NAEH. Podemos destacar alguns pontos que merecem consideração e análise. A aula expositiva dialogada ainda é o meio mais utilizado pelos professores para mediar o processo de ensino, conforme destacado por 18,2% dos professores. Embora a equipe pedagógica se esforce em oferecer e oportunizar aos professores através de oficinas e formações, estratégias de ensino que vão além do tradicional de aula expositiva e dialogada, alguns professores ainda sentem dificuldades de assimilar e utilizar em suas aulas tais estratégias de ensino. Fonseca (2003) destaca a importância de o professor ser flexível, capaz de lidar com as referências subjetivas dos educandos, atuando com planos abertos, móveis, reorientado pela situação do educando, o que por certo, foge da prática tradicional:

Mas, para uma atuação adequada, o professor precisa estar capacitado para lidar com as referências subjetivas das crianças, e deve ter destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança, ou seja, o aluno da escola hospitalar (FONSECA, 2003, p. 26).

Os professores são incentivados constantemente a refletirem sobre suas práticas pedagógicas, a fim de inovarem em suas práticas de ensino para lidarem com uma demanda tão específica como esta, de trabalhar com aluno adoecido e, portanto, limitado de alguma forma pela enfermidade. Se a inovação em estratégias de ensino é importante nas escolas regulares, quanto mais no contexto de classe hospitalar. Sabendo disso, alguns professores utilizam-se de atividades variadas, lúdicas, projetos, para mediar o conteúdo e promover uma aprendizagem satisfatória. Matos (2009, p. 214)

ênfatiza a importância destes estímulos mais intensos por parte do professor, a fim de motivar os alunos hospitalizados, onde segundo a autora, “é importante que o ambiente possa oferecer uma interação com ludicidade, para que os alunos se sintam instigados a interagirem com seus colegas, professores da escola e do hospital e com o próprio ambiente”.

No que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem, alguns professores expressaram que ocorre de forma satisfatória e tranquila, o que não diz muito a respeito desse processo. Porém, esta tranquilidade e satisfação possivelmente acontecem, pelo fato dos professores respeitarem a condição de saúde de seus educandos, bem como, a disposição que eles apresentam ou não no momento da aula. Pois não raro, durante a mediação pedagógica do professor, ocorre do aluno passar mal, ficar indisposto e não conseguir continuar assistindo a aula. Quando há esse respeito, essa percepção e esse entendimento, se ganha à confiança do aluno e do familiar, o que por certo, favorecerá a relação entre professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem. Por isso, Fonseca (2003) destaca quão importante é o professor de classe hospitalar ter noção da doença de seu educando, bem como, dos sintomas e problemas que ela causa:

O professor da escola hospitalar é, antes de tudo, um mediador das interações da criança com o ambiente hospitalar. Por isso não lhe deve faltar noções sobre as técnicas e terapêuticas que fazem parte da rotina da enfermagem, sobre as doenças que acometem seus alunos e os problemas delas decorrentes para as crianças e também para os familiares e para as perspectivas de vida fora do hospital (FONSECA, 2003, p.25-26).

Merece destaque também, o fato dos professores planejarem suas aulas de acordo com o Currículo Referência da escola do aluno, uma vez que, o objetivo do NAEH, é que estes alunos tenham menos prejuízo possível em relação ao conteúdo quando retornarem para a escola regular, evitando assim, sua defasagem em relação aos seus colegas de classe.

É preciso que o professor do NAEH perceba e reconheça as armadilhas e as limitações pedagógicas envolvidas, em se pensar um Currículo Referência pra todas as escolas da rede estadual de Goiás, inclusive para alunos enfermos e hospitalizados, pois este Currículo, segundo Callai (2001, p. 135) “é um instrumento de poder e como tal funciona ideologicamente no sentido de se perceber/ reconhecer apenas os problemas mais gerais, sem considerar a realidade concreta em que vivem os alunos e mesmo os professores”.

A equipe pedagógica do NAEH incentiva e orienta que os planejamentos das aulas, bem como, a execução das mesmas, ocorram de forma interdisciplinar. A interdisciplinaridade é a metodologia de trabalho proposta pelo Núcleo, o que para o contexto de classe hospitalar, devido as suas particularidades, traz grandes benefícios, conforme veremos no capítulo três deste trabalho, as potencialidades do ensino inter, multi e transdisciplinar em classes hospitalares. Porém, os resultados demonstraram que os professores encontra dificuldade em mediar suas aulas de forma interdisciplinar, pois somente 9,1% disseram que o ensino se dá dessa forma no NAEH, conforme Figura 7.

Este trabalho tem por objetivo, possibilitar e oportunizar aos professores do NAEH, estratégias de ensino utilizando-se dos recursos tecnológicos¹⁰ a fim de trabalhar diferentes conteúdos de Geografia e de áreas afins, por meio da música e/ou uma sequência didática, como forma de estratégias de ensino diferenciada, que possa aproximar o conteúdo da realidade vivenciada pelo educando. Neste aspecto, foi perguntado aos professores, se eles utilizam recursos tecnológicos em suas aulas e foram unânimes em afirmarem que sim, que durante sua mediação pedagógica utiliza-se de tais recursos. A Figura 8 abaixo¹¹ demonstra os recursos tecnológicos citados pelos professores.

Figura 8: Recursos Tecnológicos Utilizados nas Aulas

Recursos Tecnológicos Utilizados nas Aulas	Quantidade de professores que apontaram a mesma resposta	Percentual de professores que apontaram a mesma resposta
Vídeo/Vídeo aula	08	30,9%
Computador/notebook/tablet/internet/celular	11	42,3%
Filmes	04	15,4%
Aparelho de Som	01	3,8%
Aplicativos que favorece o conteúdo	01	3,8%

¹⁰ Embora o termo recurso tecnológico seja amplo e genérico, considerou-se nesse trabalho que os recursos didáticos utilizados pelos professores, como áudio e vídeo, bem como, os softwares, computadores e celulares e outros citados pelos professores na pesquisa, como sendo recursos tecnológicos.

¹¹ Os números de professores somados nas respostas na Figura 8 ultrapassam o total de sujeitos participantes na pesquisa (16), pois alguns professores deram mais de uma resposta enfatizando os recursos tecnológicos que utilizam durante suas aulas.

Calculadora	01	3,8%
Total	26	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

A seguir os professores foram indagados se consideram importante à utilização dos recursos tecnológicos no processo ensino-aprendizagem e 100% dos professores disseram que sim. As justificativas das respostas foram agrupadas nas frases apresentadas na Figura 9, sem perder o sentido da ideia original expressada pelo professor no contexto. Observe a Figura 9 a seguir¹²:

Figura 9: Por que os Recursos Tecnológicos são Importantes no Processo Ensino-aprendizagem

Por que são importantes os Recursos Tecnológicos no Processo Ensino-Aprendizagem	Quantidade de professores que apontaram a mesma resposta	Percentual de professores que apontaram a mesma resposta
Torna o conteúdo mais concreto / aproxima o conteúdo do aluno	02	11,7%
Auxilia na compreensão do conteúdo. Auxilia no processo ensino-aprendizagem.	05	29,4%
Acompanha o desenvolvimento tecnológico	01	5,9%
Abre novos caminhos	01	5,9%
Torna as aulas mais interessantes / sai da rotina / alia som e imagem	08	47,1%
Total	17	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Observa-se nas Figuras 8 e 9, que os recursos tecnológicos são imprescindíveis para a mediação do conteúdo em classes hospitalares, uma vez que permite o professor

¹² Os números de professores somados nas respostas na Figura 9 ultrapassam o total de sujeitos participantes na pesquisa (16), pois alguns professores deram mais de uma resposta enfatizando a importância dos recursos tecnológicos no processo ensino-aprendizagem.

captar a atenção do aluno com imagem, som e movimento e com algo que essa geração de adolescentes está bem acostumada e utiliza diariamente no seu dia-a-dia, os recursos tecnológicos (aparelhos eletrônicos, internet, smartphones, etc.). Os professores do NAEH entendem e reconhecem que se bem utilizados, os recursos tecnológicos podem ser mais um instrumento eficaz em aproximar o conteúdo da realidade do aluno e ainda favorece a quebra da rotina, que, diga-se de passagem, em um hospital é enfadonha e deprimente.

Os recursos tecnológicos possibilitam desbravar novos caminhos, novos métodos, novas estratégias de ensino, que se bem utilizados, poderão contribuir para uma aprendizagem significativa e que de fato, faça a diferença na vida dos educandos. Martins (2014) enfatiza a importância do professor em desenvolver habilidades e competências para atuar nesse mundo globalizado, recheados de tecnologias:

Ser professor numa sociedade globalizada significa muito mais que transmissão de conteúdo. É necessário construir habilidades e competências para atuar num mundo recheado de tecnologias, privilegiando práticas transformadoras e fazendo da escola um espaço de resistência à exclusão e a seletividade. (MARTINS, 2014, p. 65)

Objetiva-se com esse trabalho enfatizar a importância do uso de outras linguagens como recursos didáticos, a fim de aproximar o conteúdo de Geografia e áreas afins com a realidade do educando. Assim, os professores foram questionados se utilizam em suas aulas como recursos didáticos a música, a história em quadrinho, as charges, as fotografias, entre outros recursos. Os professores foram unânimes em responderem que sim, que utilizam desses recursos como estratégias de ensino. A Figura 10 mostra por que os professores consideram importante tais recursos didáticos. Observe¹³:

Figura 10: Por que Utilizar Outras Linguagens como Recursos Didáticos (música, histórias em quadrinhos, charges, fotografia).

Por que Utilizar Outras Linguagens (música, histórias em quadrinhos,	Quantidade de professores que apontaram a mesma resposta	Percentual de professores que apontaram a mesma resposta
---	---	---

¹³ Os números de professores somados nas respostas na Figura 10 ultrapassam o total de sujeitos participantes na pesquisa (16), pois alguns professores deram mais de uma resposta enfatizando a importância do uso de outras linguagens como recurso didático.

charges, fotografia)		
Auxilia na interpretação e discussão de pontos relevantes / desenvolve o pensamento crítico.	03	14,4%
Auxilia muito em algumas disciplinas / Inglês e Espanhol.	02	9,6%
Enriquece o trabalho/ favorece a aprendizagem/ as aulas ficam mais interessantes.	10	48%
Ampliam a possibilidade da interdisciplinaridade.	01	4,9%
As aulas ficam mais divertidas, dinâmicas / o aluno se sente parte do processo.	04	18,2%
Permite leituras diversificadas, linguagens e interpretações variadas.	01	4,9%
Total	21	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Os resultados da Figura 10 sugerem que os professores do NAEH, utilizam em suas aulas, as outras linguagens como recursos didáticos e que esses podem aproximar o conteúdo da realidade do educando, facilitar a interdisciplinaridade e ainda, tornar as aulas mais divertidas e interessantes. Neste sentido, acreditamos que a música como um recurso pedagógico no contexto das classes hospitalares, trará significativas contribuições no processo ensino-aprendizagem do NAEH, uma vez que segundo Bastos (2011, p. 45) “a música é um instrumento educador, já que difunde ideias em letras e sentimentos em melodias”.

Os resultados desta pesquisa deram uma amostra de como o ensino tem se dado no contexto de classes hospitalares em Goiás. Percebeu-se que este trabalho sério, é pautado no cuidado, no respeito, na compreensão e principalmente na aposta do desenvolvimento e aprendizagem que cada professor deposita nos seus educandos com quem trabalham dentro do hospital ou em seus respectivos domicílios. É a aposta numa aprendizagem dos conteúdos escolares alicerçados numa relação de amor, de carinho e

empatia pelos alunos. Sem dúvida, é a “escuta pedagógica” em ação, em movimento, em processo real e cotidiano, que visam contribuir para uma forma geográfica de pensar dos alunos, que por sua vez, os possibilitarão entenderem, se reconhecerem e se posicionarem diante da realidade que o cercam.

2.5 – PRODUTO EDUCACIONAL

Os Mestrados Profissionais diferenciam-se dos Mestrados Acadêmicos entre outros aspectos, devido à obrigatoriedade da construção de um produto educacional que possa ser utilizado em espaços formais ou informais de ensino, não apenas uma pesquisa dissertativa. Sendo assim, o aluno do Mestrado Profissional, além de apresentar uma Dissertação de Mestrado para a obtenção do título de mestre, é necessário também, conforme orientação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a produção de um Produto Educacional. Estes por sua vez, são instrumentos elaborados pelos próprios profissionais em formação, que comportam conhecimentos organizados, cujo objetivo é viabilizar a prática pedagógica. Portanto, são instrumentos que podem contribuir para a melhoria do ensino e/ou prática pedagógica na realidade pesquisada.

Os produtos educacionais visam à melhoria do ensino na área a qual está sendo proposto, podendo ser uma nova estratégia de ensino de diferentes conteúdos. A normativa dos tipos de produtos é especificada pela Capes, no artigo 7º, inciso IX no § 3 que diz:

O trabalho de conclusão final do curso poderá ser apresentado em diferentes formatos, tais como dissertação, revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, patente, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, publicações tecnológicas; desenvolvimento de aplicativos, de materiais didáticos e instrucionais e de produtos, processos e técnicas; produção de programas de mídia, editoria, composições, concertos, relatórios finais de pesquisa, softwares, estudos de caso, relatório técnico com regras de sigilo, manual de operação técnica, protocolo experimental ou de aplicação em serviços, proposta de intervenção em procedimentos clínicos ou de serviço pertinente, projeto de aplicação ou adequação tecnológica, protótipos para desenvolvimento ou produção de instrumentos, equipamentos e kits, projetos de inovação tecnológica, produção artística; sem prejuízo de outros formatos, de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso, desde que previamente propostos e aprovados pela CAPES. (CAPES PORTARIA NORMATIVA Nº - 7, DE 22 DE JUNHO DE 2009).

O intuito do Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE/UFG, é preparar os profissionais para a pesquisa aplicada na escola básica, a fim de que estes possam construir sua reflexão

crítica de sua prática profissional e, conseqüentemente, possam contribuir com ações que visem impactar o sistema educacional no qual estão envolvidos.

Os produtos educacionais não são de uso exclusivo do programa, pois outros profissionais poderão recorrer a esses instrumentos didáticos independentemente de estarem ou não realizando curso de mestrado profissional. Assim, conforme Moreira (2004), o objetivo é que o produto educacional “se constitua em material que possa ser utilizado por outros profissionais” (Moreira, 2004, p. 134). Diante disso, pensando em contribuir com o ensino de Geografia no contexto de classe hospitalar, propomos um produto educacional a ser ofertado e disponibilizado para os professores do NAEH.

2.5.1 – APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Visando contribuir com o ensino de Geografia no contexto de classe hospitalar em Goiás, propomos como produto educacional um Guia Didático, denominado Ensino Por Meio da música em Ciências Humanas: Uma Prática Possível (Disponível no Apêndice A deste trabalho). Este Guia poderá servir como um recurso didático para os professores do NAEH trabalharem com seus educandos, diferentes conteúdos, tanto no Ensino Fundamental, como no Ensino Médio.

Este Guia permitirá que o professor do NAEH trabalhe de forma criativa, crítica e de modo interdisciplinar boa parte dos conteúdos propostos, por meio das músicas contidas nele, onde se apresentará o título, o intérprete, o compositor e a letra da música, bem como, por meio das respectivas reflexões ambientais, políticas, sociais e econômicas que este ofertará, na sessão Pensar e Responder, o que possibilitará um planejamento interdisciplinar por parte do professor. Para Muniz (2012, p. 81) “Ao utilizar letras de músicas à prática pedagógica possibilita a análise e a reflexão dos conteúdos vistos em sala de aula por meio da dinâmica da nossa sociedade”.

Vale lembrar que as canções contidas nesse Guia faz parte do histórico e da vivência do pesquisador enquanto professor de Geografia. Todos os professores, são incentivados a utilizarem como recurso pedagógico as músicas, especialmente as conhecidas pelo professor. Convém também destacar que ao utilizar uma canção como recurso pedagógico, o professor adapte a série e a idade dos educandos as questões a serem analisadas e discutidas.

Na sessão Pensar e Criar, o Guia, ainda incentivará com que o professor de classe hospitalar e seu respectivo educando, crie sua própria produção musical, (estrofes, paródias, rimas, músicas, entre outros) relacionados com o conteúdo estudado e suas respectivas reflexões e a realidade da qual estão inseridos e favorecendo a imaginação e o processo criativo, conforme destacado por Viana; Moura (2012, p. 365) “Saber escolher a música a ser trabalhada em sala de aula se torna importante, pois é preciso que ela possibilite e favoreça a imaginação dos alunos, ampliando o pensamento acerca da realidade estudada”.

Pretende-se com esse Guia, promover o uso de outras linguagens para o ensino de Geografia e áreas afins, como por exemplo, a música, que poderá tornar as aulas mais interessantes, dinâmicas e atrativas aos educandos nas classes regulares e hospitalares em Goiás, uma vez que, poderão estudar a teoria de forma lúdica e contextualizá-la a sua realidade e a sua história de vida, auxiliando na formação crítica e consciente destes. Aos professores do NAEH, servirá como instrumento para o ensino de Geografia e áreas afins e será mais um recurso pedagógico capaz de envolver e aguçar os vários sentidos e os variados aspectos cognitivos do educando. Este Guia estará disponível no Apêndice A deste trabalho.

2.5.2 – AS POTENCIALIDADES DA MÚSICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM CLASSES HOSPITALARES

A música pode ter grande participação na construção e disseminação do conhecimento, pois ela está presente em vários momentos do nosso cotidiano, exercendo influências no modo de pensar e agir, conforme ressalta Bastos:

Convivemos com a música ao longo de quase todo o nosso dia a dia, no trabalho, em casa, na rua, em vários momentos estamos cantarolando alguma música que apreciamos. Podemos considerar que a música é um instrumento educador, já que difunde ideias em letras e sentimentos em melodias. E, por estar presente quase que integralmente na vida de cada um, a música pode se tornar um recurso eficaz na vida escolar e na assimilação dos conteúdos referentes a Geografia. (BASTOS, 2011, p. 45).

Com uma forma particular de linguagem, a música permite expressar visões diversas de mundo, está presente praticamente em todas as sociedades conhecidas, e nos mais diversos lugares, seja em nossas casas através de nossos aparelhos de áudios, seja em nossos automóveis, trabalho, nos edifícios comerciais, nas salas de espera, nos filmes, na televisão e assim por diante. A música tem o poder de despertar em nós,

desejos e emoções, e ainda, pode nos proporcionar uma viagem ao longo do tempo, despertando em nós lembranças daquilo que vivemos, daquilo que imaginamos ter vivido ou daquilo que gostaríamos de ter vivido.

A música está em nossa vida desde o nosso nascimento e está presente em praticamente todos os ambientes, é usada em diversas práticas sociais, desde os rituais religiosos e cívicos, aos tratamentos medicinais, em reuniões sociais, festas e uma variedade de atividades do nosso cotidiano. Sendo assim, por que não utilizá-la como um recurso didático em sala de aula nas escolas regulares e também nas classes hospitalares?

Por seu grande potencial interdisciplinar, ou seja, de abarcar uma diversidade de temas em suas formas de reprodução, a música pode servir como um excelente recurso pedagógico ao se trabalhar com determinados conteúdos disciplinares, por exemplo, identidades culturais, regionalismos, territorialidades, sentidos de lugar, sociedade, desigualdade social, meio ambiente, entre outros. Assim, a música relacionada com um conteúdo, pode permitir com que o educando que a escuta, assimile a temática abordada, relacione com sua realidade espacial, com sua visão de mundo, sua visão da sociedade, dos valores humanos e da própria cultura, conforme Tonello e Ferreira (2012) apontam:

A música pode revelar como o indivíduo vê a sociedade em que vive e é a partir da análise das letras e da expressão corporal que o aluno pode demonstrar a visão que tem do mundo e dos valores humanos. Não somente isso, a música pode ser o ponto de partida para a busca de inúmeras informações e valorização da cultura de um povo. (TONELLO E FERREIRA, 2012, p. 35).

Em se tratando de conteúdos trabalhados em Geografia e áreas afins, a música pode facilitar ao educando a assimilação e compreensão dos conceitos geográficos de maneira subjetiva, fazendo com que este analise tanto a parte textual quanto a melodia e o ritmo, tirando suas próprias conclusões. Assim, a particularidade de cada educando é expressa de diferentes formas, que pode ser constatada na discussão do conteúdo em sala.

Se isso é importante nas classes regulares de ensino, é igualmente importante nas classes hospitalares, pois trabalhar o conteúdo de Geografia de forma interdisciplinar neste contexto, utilizando como recurso didático a música, pode permitir com que o educando em tratamento de saúde, organize os conteúdos trabalhados de acordo com

sua percepção de mundo, de vida, de morte, de passado, de presente e de futuro, que pode não ser a mesma percepção de antes da descoberta e do enfrentamento da doença. Por isso, permitir com que os alunos ressignifiquem os conteúdos trabalhados a partir de sua própria percepção, pode propiciar um aprendizado e uma valorização maior deste conteúdo, conforme Corrêia (2009):

O aluno, sujeito da percepção, por meio de canções pode organizar conteúdos geográficos, pois suas expressões culturais, constantes nas melodias trazem detalhes dos elementos da natureza e da sociedade, os quais entram em seu saber a partir do momento de sua percepção. As canções oferecem texto estruturado, poético e temático, além de outros elementos que ajudam na ressignificação e valorização dos conteúdos trabalhados (CORRÊIA, 2009, p. 47).

A música sempre esteve muito relacionada à vida das pessoas, em especial a dos jovens. As músicas sempre tratam de algum conteúdo em suas composições, podemos observar conteúdos relacionados ao meio ambiente, a sociedade, a política, a economia, ao relacionamento entre os casais, a realidade de uma comunidade, a violência, as ações policiais, enfim, são vários os temas que a música trata em relação à Geografia e áreas afins, porém, muitas vezes, passam despercebidas pelas pessoas. O professor, que deseja utilizar da música como recurso pedagógico, pode chamar a atenção dos educandos às letras das canções, para que eles possam ter a capacidade de ouvir e interpretar a mensagem que elas desejam transmitir, contextualizando com a realidade cotidiana que vivenciam, conforme destaca Oliveira e Holgado (2012):

Ao ouvir uma música podemos ser levados a pensar em lugares, seja pelas descrições que são feitas nas letras das músicas ou pelos significados que podem ser atribuídos por aqueles que ouvem as músicas. [...] As músicas, também, podem representar as mudanças que ocorrem na sociedade, seja através do que dizem as suas letras ou dos valores associados a um determinado estilo musical. E, isso pode se manifestar no espaço escolar nas falas, nas atitudes e nas roupas dos alunos (OLIVEIRA; HOLGADO, 2012, p. 198, 199).

Vários são os estudos e pesquisas que apontam os benefícios da música em ambiente hospitalar, pois favorece o processo de humanização proposto pelo Ministério da Saúde e ainda pode trazer um ganho na saúde física, psicológica e emocional dos pacientes hospitalizados. De acordo com Cunha e Volpi (2008, p. 90): “Independente do tempo de duração, as interações musicais em ambiente hospitalar tem contribuído para a humanização destes espaços podendo criar momentos de prazer e bem-estar, sensibilizando os pacientes para novas experiências artísticas e culturais”. Neste sentido, a música no ambiente hospitalar pode trazer conforto, descontração, alívio da

tensão, da dor, do medo, da angústia e porque não dizer conhecimento e aprendizado para pacientes internados. As autoras afirmam que:

Esta possibilidade de expressão e comunicação, que caracteriza a prática da musicoterapia, pode colaborar com a construção de um período de hospitalização durante o qual os pacientes se sintam mais acolhidos e considerados no que se refere às dimensões de identidade e subjetividade. A musicoterapia pode contribuir para que o ambiente hospitalar se torne mais descontraído e agradável na medida em que atua diretamente sobre os sentimentos dos participantes procurando aliviar tensões e propiciar momentos de trocas sociais positivas. (CUNHA E VOLPI, 2008, p. 91)

Os cientistas destacam também, outros benefícios da saúde do corpo e da mente que a música proporciona, pois atua de maneira direta no sistema cerebral, mais precisamente, no sistema límbico. Este por sua vez, reage através do aumento e liberação de endorfinas, contribuindo com o processo de cura, prevenção e auxílio de doenças como o estresse, depressão, ansiedade, câncer, dores crônicas e hipertensão. (BUENO, 2012). Assim, ao utilizar a música como recurso didático no contexto de classe hospitalar, além de ter a possibilidade promover o conhecimento de Geografia e áreas afins, há também, à possibilidade de contribuir positivamente de forma indireta na saúde física, psicológica e emocional dos educandos. Por isso, nos hospitais, a música vem sendo utilizada como mais um recurso no processo de cura, tanto de crianças, jovens e adultos, visto que:

Em alguns hospitais a música tem sido utilizada antes, durante e após cirurgias, os resultados vão desde pressão sanguínea e pulso mais baixo, menos ansiedade, sinais vitais e estados emocionais mais estáveis, até menor necessidade de anestésico. (CHIARELLI e BARRETO, 2005. p.7).

Outro aspecto, que vale destacar na música como recurso didático em classe hospitalar, é seu viés lúdico, pois, os hospitais são estruturas pouco lúdicas para as crianças, jovens e os adultos. Nesse sentido, ao utilizar a música como recurso didático em classe hospitalar, além de trabalhar diferentes conteúdos de forma interdisciplinar, o educador tem a possibilidade de realizar seu trabalho de maneira lúdica, proporcionando a seu educando entrar em contato com sua suas emoções, sensações e reações, sendo estas de formas variadas de educando para educando, conforme o gosto musical de cada um, e o significado que ele dá ao ouvir determinada música. Neste sentido, a música pode ter um duplo papel, recurso pedagógico para professor em classe hospitalar e ao mesmo tempo, brinquedo para os educandos. Maffioletti (2008) destaca que:

Enquanto brinquedo, a música oferece um universo estruturado com significações originais, no qual a criança pode mergulhar. A criança não apenas imita, mas inventa, conversa, anula, transforma e dá novas

significações. [...] A brincadeira não é uma imitação servil, mas um conjunto de imagens que podem ser compartilhadas por todos, oportunizando uma linguagem comum, um suporte de comunicação (MAFFIOLETTI, 2008, p. 06, 10)

Se a música está em diferentes locais e acontecimentos, atingindo públicos de faixas-etárias distintas, sua presença em classes hospitalares se faz ainda mais necessária, pois a internação e/ou processo de convalescência, priva os educandos de suas atividades cotidianas, o que para muitos se torna um fardo e uma experiência angustiante. Assim, para o educando ouvir/cantar, além de promover conhecimento, pode despertar sentimentos bons, e ainda, através da imaginação, do fazer de contas, o leve a caminhos e lugares no qual até mesmo o impossível possa ser real, no instante, onde tudo acontece.

3. CAPÍTULO III- RELATOS E EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DE PESQUISA

Dedicaremos a escrever neste capítulo em um primeiro momento, as potencialidades do ensino inter, multi e transdisciplinar nas classes hospitalares coordenadas pelo NAEH em Goiás, enfatizando a importância da prática interdisciplinar para promover o ensino dentro do ambiente hospitalar. Esta prática deve ter por foco considerar o educando em sua totalidade (saúde, doença, família, escola, hospital, bairro onde mora, a realidade que o cerca, entre outros), numa óptica transdisciplinar.

No segundo momento, apresentaremos relatos e experiências vivenciados no campo de pesquisa sob a luz da percepção e inferências do pesquisador, e também, das falas ditas e não ditas dos educadores, educandos e seus familiares. Embora não lhes foram aplicados nenhum questionário ou entrevista estruturada, através das conversas informais (com sentidos e propósitos específicos de conhecer a realidade) e visitas nas classes hospitalares/domiciliares e vivências no lócus da pesquisa, foi possível coletar importantes relatos e experiências de ser, sentir e estar em classes hospitalares/domiciliares.

3.1 – AS POTENCIALIDADES DO ENSINO EM CLASSE HOSPITALAR NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

O ensino nas classes hospitalares em Goiás deve ocorrer de forma interdisciplinar, uma vez que, na maioria dos casos, um professor trabalha todas as Disciplinas do Currículo. Assim, os professores do NAEH, são orientados e incentivados a planejarem suas aulas nessa perspectiva interdisciplinar. No que se refere ao ensino de Geografia, não é diferente. As aulas também devem ser planejadas e ministradas de forma interdisciplinar.

Como os conteúdos a serem trabalhados seguem o Currículo Referência da Secretaria Estadual de Educação de Goiás, os professores do NAEH, muitas vezes sentem-se com dificuldades e limitados em trabalhar de forma interdisciplinar, uma vez que o Currículo Referência limita e engessa tal perspectiva, pois ele direciona os trabalhos dos professores da rede como um todo, sugerindo o conteúdo a ser trabalhado bimestralmente e as expectativas de aprendizagens esperadas para esses respectivos conteúdos.

Cabe ao professor do NAEH, adotar estratégias de ensino de modo a flexibilizar a rigidez do Currículo Referência a fim de realmente fazer um trabalho na perspectiva interdisciplinar, uma vez que, o professor tem autonomia em escolher suas estratégias de ensino e a forma de avaliar seu educando. Assim, o professor tem autonomia para trabalhar, criar, inovar, construir, reinventar com seus educandos. Essa autonomia é de suma importância no contexto hospitalar e faz toda a diferença, pois, ao professor lhe é dado a oportunidade de preparar suas aulas e construir junto com seu educando o caminho para o conhecimento, flexibilizando o conteúdo e adaptando-se as circunstâncias do contexto hospitalar, bem como, as condições físicas dos educandos.

Vale destacar o conceito de interdisciplinaridade, esta é vista neste contexto como o intercâmbio mútuo e a interação de diversos conhecimentos de forma recíproca e coordenada, onde mais de uma disciplina se une em um projeto comum, com um **planejamento** que as relacione. Durante o processo, estas áreas trocam conhecimentos e enriquece ainda mais as possibilidades. Como resultado, há um novo saber, menos fragmentado e mais dinâmico.

Esta perspectiva metodológica comum a todos, visa integrar os resultados, buscam soluções dos seus próprios problemas através da articulação com as diferentes disciplinas. Esta prática dá significado à experiência escolar. A principal característica para colocar a interdisciplinaridade em prática é destacada por Fazenda (1979, p. 18) “é a ousadia da busca, da pesquisa, a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir”, na forma de diálogos que os conhecimentos devem ser trocados e aceitar os pensamentos contraditórios.

No NAEH os professores são incentivados a serem constantes pesquisadores e inovadores em suas práticas pedagógicas, pois a demanda específica de atuar em um ambiente hospitalar, com alunos enfermos, exige isso destes profissionais. Assim, é preciso entender a interdisciplinaridade como processo pedagógico, e como tal, requer metodologias apropriadas, um bom planejamento por parte dos profissionais da educação, assim como pela própria instituição de ensino, que deve estar envolvido em todo o processo educacional. Sendo assim, esta prática pedagógica é bastante salutar em promover o ensino no ambiente hospitalar, uma vez que possibilita uma maior contextualização e aproximação do aluno com aquilo que está sendo abordado durante a aula.

A multidisciplinaridade ocorre quando há mais de uma área de conhecimento em um determinado projeto ou propósito, mas cada uma destas disciplinas mantém seus métodos e teorias em perspectiva. Serve para resolver problemas imediatos e não possui foco na articulação e nos ganhos colaborativos. De acordo com o conceito de multidisciplinaridade, recorre-se as informações de várias matérias para estudar um determinado elemento, sem a preocupação de interligar as disciplinas entre si. Assim, cada matéria contribui com informações próprias do seu campo de conhecimento, sem considerar que existe uma integração entre elas. Essa forma de relacionamento entre as disciplinas é considerada pouco eficaz para a transferência de conhecimentos, já que impede uma relação entre os vários conhecimentos.

Os professores de classes hospitalares de Goiás evitam essa prática multidisciplinar, pois entendem que o aluno deve ser visto em sua totalidade e esta visão holística, exige um conhecimento menos fragmentado possível. Porém, a prática multiprofissional é extremamente valorizada pelos professores, quando são convidados a trocar experiências, informações, com médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais, a respeito de determinado educando. Esta prática multiprofissional traz grandes ganhos para saúde física do educando e contribui eficazmente para o processo ensino-aprendizagem.

Ao se trabalhar com o educando de forma interdisciplinar no contexto de classe hospitalar, o foco do professor deve ser pautado em uma ação estruturada na transdisciplinaridade, pois, esta visa à unidade do conhecimento. Desta forma, procura estimular uma nova compreensão da realidade articulando elementos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade do mundo real. Além disso, do ponto de vista humano, a transdisciplinaridade é uma atitude empática de abertura ao outro e seu conhecimento.

A transdisciplinaridade trata-se de um nível bem superior e complexo de integração contínua e ininterrupta dos conhecimentos tal como conhecemos hoje. Neste caso, não há mais disciplinas segmentadas, mas o propósito da vida e do conhecimento é a relação complexa dos diversos saberes sendo que nenhum é mais importante que o outro. É um processo dialógico onde as relações disciplinares não estão mais em foco, não são mais importantes. Pois, o importante é o educando, o ser total.

As potencialidades do ensino de Geografia em classes hospitalares por meio da interdisciplinaridade com uma ação voltada para a transdisciplinaridade são amplas e favorecem o processo ensino-aprendizagem, pois permite já de início desfragmentar o próprio conhecimento da Geografia em relação a outras disciplinas e as existentes na em seu interior, Geografia humana e Geografia física. A esse respeito Callai (2001) comenta:

Sem falar na fragmentação produzida pela divisão em disciplinas e no interior delas; no caso da Geografia, a fragmentação acontece de tal forma que impede o raciocínio lógico capaz de dar conta do objeto que deve tratar. São questões (físicas) naturais e humanas, são termos de relevo, vegetação clima, população, êxodo rural e migrações, estrutura urbana e vida nas cidades, industrialização e agricultura... estudados como conceitos a-históricos, abstratos, neutros, sem ligação com a realidade concreta. Embora se queira avançar e no nível da discussão acadêmica muitas coisas estejam resolvidas, a prática da sala de aula é ainda hoje assim, extremamente fragmentada em itens sem sentido, isoladamente, e no conjunto sem o encadeamento que lhe permitisse ter sentido. (CALLAI, 2001, p.139).

Cavalcanti (2008) enfatiza que “o mundo contemporâneo revelam transformações que são muito mais que uma simples mudança de fatos e processos econômicos”, pois o contexto atual revela a face “de uma nova cultura, de novos processos de identidades” que surgem a todo o momento e isso aponta um espaço que se organiza de diferentes formas por meio de uma “desterritorialização/reterritorialização”, e isso, deve gerar na geografia uma preocupação em promover:

conhecimentos integrados, interdisciplinares, abertos, na perspectiva da complexidade, que consigam abalar a tradição moderna de produção e conhecimento científico, principalmente aquela que tem dado maior ênfase a uma racionalidade objetiva, técnica e operacional (CAVALCANTI, 2008, p. 18).

É importante ressaltar, que no contexto de classes hospitalares do NAEH, a prática interdisciplinar é extremamente favorecida, uma vez que, neste espaço, o ensino articulado entre as diversas ciências beneficia o aprendizado e favorece a compreensão do mundo de forma integrada, deixando as teorias menos abstratas, já que, no dia a dia, a dinâmica dos acontecimentos ocorre de forma simultânea e não separados em disciplinas.

A interdisciplinaridade favorece aos estudos de diversas temáticas, como a sociedade, o meio ambiente e a Saúde, uma vez que, a Geografia como ciência, é por sua própria concepção epistemológica, interdisciplinar, já que, reúne conhecimentos de diferentes ciências como Economia, Climatologia, Estatística, Sociologia, Geologia

entre tantas outras. Neste aspecto, como professores de Geografia, encontramos mais facilidade de trabalhar de forma interdisciplinar do que em outras ciências.

Os educadores do NAEH, são ajudados e orientados a estabelecer uma ponte visando facilitar adaptação às necessidades dos educandos e as condições hospitalares e/ou domiciliares, a fim de atender bem os educandos/pacientes de modo que a aprendizagem seja realmente efetivada e de alguma forma possa produzir homens mais felizes, conforme Fazenda (1979, p. 83) diz: “numa sala de aula interdisciplinar, todos se percebem e se tornam parceiros da produção de um conhecimento para uma escola melhor, produtora de homens mais felizes”.

A interdisciplinaridade na prática deve ser mais do que simplesmente a união de disciplinas, o objetivo deve ser transdisciplinar, pois envolve ação e reflexão em torno da prática docente, uma vez que, seu objetivo maior deve ser o de facilitar o processo ensino/aprendizagem, de forma que as disciplinas sirvam de suporte uma para outra de uma forma significativa, em que o educando perceba que a ação interdisciplinar é mais do que as disciplinas a serem trabalhadas em conjuntos, envolve diferentes conhecimentos complementando-se na medida em que são explorados.

Na abordagem interdisciplinar, os conceitos geográficos, como espaço, lugar e paisagem, tem a possibilidade de serem contextualizados no viés de outras disciplinas, favorecendo a percepção do educando a fim de que ele perceba as mudanças ocorridas no espaço geográfico, seja pelo processo natural da terra, ou seja, pela ação humana, fazendo-o entender o significado e as consequências das transformações ocorridas, com os modos de vida, como aquecimento global e a intensificação das próprias catástrofes naturais, despertando assim, o sentimento de buscar diferentes alternativas para contribuir para um mundo melhor.

A prática interdisciplinar também favorece ter uma melhor interpretação dos fenômenos de saúde, neste sentido, vale destacar a contribuição dos conteúdos da Geografia da Saúde, que vem sendo cada vez mais relacionado com os processos de globalização, especialmente, com a falta de saúde, o que vem resultando em novo paradigma no contexto da Geografia e Saúde, em que a saúde se relaciona diretamente com qualidade de vida, índice de desenvolvimento humano e acesso a infraestrutura como transportes, educação e equipamentos urbanos, dentre outros, valorizando cada vez mais a sua relação com a saúde da população. Todavia, se essas temáticas são importantes nas salas de aulas em escolas regulares, quanto mais podem contribuir para

o bem-estar e uma melhor qualidade de vida para os alunos enfermos que se encontram nas classes hospitalares do NAEH.

3.2 – RELATOS E EXPERIÊNCIAS VIVENCIADOS NO NAEH: FAMÍLIA E EDUCANDOS

São vários os relatos e experiências vivenciados nas classes hospitalares e domiciliares coordenadas pelo NAEH. Tentaremos descrever algumas dessas, enfatizando a visão do próprio educando em relação à doença e a experiência de ser assistido pelo NAEH e conseqüentemente poder dar continuidade em seus estudos. Destacaremos também a percepção dos responsáveis que caminham e lutam juntos, lado a lado com seus filhos no enfrentamento da doença e na busca pela saúde, pela vida. Alguns desses relatos foram gravados em áudios com autorização dos familiares e cedidos espontaneamente pelos professores ao pesquisador, outros foram registrados no diário de bordo do pesquisador, após as conversas com os professores, educandos, familiares. Os nomes e as identidades dos educandos serão preservados, portanto, serão denominados apenas de educando (a) 1, educando (a) 2, educando (a) 3 e assim por diante. Enquanto seus responsáveis serão denominados de responsável 1, responsável 2, responsável 3, respectivamente.

A faixa etária dos alunos atendidos pelo NAEH em sua maior parte é de educando de 06 aos 18 anos, quando normalmente iniciam na primeira fase do Ensino Fundamental e concluem o Ensino Médio. São atendidos também, em menor número, alunos com idade mais avançadas, que ainda encontram-se matriculados na Educação Básica, uma vez que no NAEH, existe uma classe na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Diante dessa realidade, dá para imaginar como fica a família, ao receber o diagnóstico de um filho com uma doença grave, seja ele criança, adolescente ou mesmo adulto. Observe o caso da educanda 1. A aluna estava com a saúde cada vez mais debilitada e realizou vários exames, e por fim veio o diagnóstico, estava com leucemia. Ao lembrar-se desse triste dia em que o médico apresentou o diagnóstico e o tratamento em questão, a mãe da aluna expressou:

Receber esse diagnóstico do médico foi um choque pra toda família. Não esperávamos por isso. Eu pensei que era uma dessas doenças comum, que qualquer criança tem. [...] Não sabíamos o que fazer, só pensávamos no pior. Eu chorava todo dia e pedia a Deus, pra não levar minha filha. [...] tão nova e já sofrendo tanto. O que vai ser dela ? (RESPONSÁVEL 1, setembro, 2018).

Ao receber um diagnóstico de uma doença grave, muitos pacientes e responsáveis se recusam a acreditar, faz parte da negação da aceitação da doença, estágio que o paciente precisa passar antes de ganhar força para enfrentar a enfermidade. Foi o que aconteceu com a educanda 1. Com o tempo, iniciou o tratamento de quimioterapia e os cuidados necessários para a saúde física. No tempo devido, foi matriculada no primeiro ano do Ensino Fundamental, para dar início a sua carreira estudantil. Como não tinha condições físicas por motivo de saúde para frequentar a escola regular, buscou atendimento pedagógico no NAEH, e recebendo aulas em casa e no hospital, quando hospitalizada para o tratamento de saúde, foi alfabetizada, aprendeu a ler, escrever e foi progredindo de série ano a ano, enquanto realizava o tratamento contra a leucemia. Vale frisar o que a responsável sempre pedia para as professoras que realizavam os atendimentos:

Quero que a senhora mantenha a rotina dela, como se ela estivesse na escola regular. Pois, ela nunca foi à escola, e quando ela terminar o tratamento e for para lá, não quero que se sinta em um lugar estranho. Por isso, tire tempo para o seu recreio e o recreio dela, passe tarefa de casa, mande recado para os pais, enfim haja como se estivesse dentro de uma escola, mesmo estando no domicílio da aluna. (RESPONSÁVEL1, setembro, 2018).

Que consciência tinha essa responsável sobre a importância do estudo e da futura adaptação da filha ao ambiente escolar! A própria educanda 1 expressou algumas vezes o desejo em ir a escola regular, conhecer a turma em que estava matriculada e poder frequentar a escola. Devido à imunidade baixa, oriunda do tratamento de saúde nunca havia frequentado. A educanda disse a uma das professoras:

Meu sonho é ir na escola. Gostaria muito de conhecer meus colegas, de brincar na hora do recreio e de ver como é está no meio de tanta gente. Eu vou brincar muito e vou estudar muito. Quando o médico falar que eu posso ir, quero até lanchar na escola e conhecer minha professora. Vou ter muitas amigas! (EDUCANDA 1, setembro, 2018).

Felizmente, o tratamento contra a leucemia evoluiu bem e após quatro anos recebendo atendimento pedagógico pelo NAEH (em casa ou no hospital) foi autorizada pelo médico a frequentar a escola regular em que estava matriculada, nesta ocasião, para cursar o quinto ano do Ensino Fundamental. Sua adaptação foi boa, fácil e tranquila na escola regular e tem feito bons progressos em sua carreira estudantil, quanto a sua saúde física, se recuperou bem e faz exames e acompanhamento semestralmente.

Às vezes a situação física e de saúde de um educando pode mudar repentinamente, através de um acidente automobilístico, quedas, choques elétricos,

queimaduras, etc., todos esses imprevistos pode impedir o educando de ir e frequentar a escola repentinamente, de um dia para o outro.

Considere o relato e a experiência do educando 2. Ao tomar banho em um rio, deu salto, bateu com a cabeça e fraturou a coluna vertebral, ficando tetraplégico. Esse adolescente ficou por muito tempo entre a vida e a morte, ficou em coma por vários dias, realizou várias cirurgias e por fim sua saúde foi estabilizada, porém, com a seqüela da tetraplegia, o que o impedia de ficar sentado por muito tempo. Desta forma, esse educando estava impossibilitado de frequentar a escola e, portanto, buscou atendimentos pedagógicos no NAEH.

O educando 2 foi atendido durante todo o Ensino Médio e demonstrava boas habilidades nas disciplinas exatas e fazia bom uso dos recursos tecnológicos disponíveis e adaptados a sua condição física. De modo que quando concluiu essa etapa de ensino, foi incentivado pelos professores do NAEH, a prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e conseqüentemente foi aprovado em uma universidade para cursar uma graduação na modalidade EAD.

Embora o educando 2 esteja limitado fisicamente pela tetraplegia os seus pensamentos, seus sonhos, seus objetivos e metas, sempre tiveram asas e nunca se prenderam a sua limitação física, por outro lado, foram incentivados, motivados e orientados através do estudo, do acompanhamento pedagógico, a fim de que o conhecimento proveniente desse abrisse diferentes oportunidades e possibilidades de ter uma vida mais autônoma e independente, dentro das suas circunstâncias. O que provavelmente não seria possível, se não lhe fosse ofertado à oportunidade de continuar seus estudos, apesar das suas limitações físicas.

O transtorno mental, em especial a depressão e a síndrome do pânico, tem afastado muitos jovens da rotina escolar. É comum observarmos na escola regular, alunos que se cortam, que tem pensamentos suicidas, que se isolam, são retraídos, e que evidenciam de alguma forma sua tristeza profunda e que por tais motivos, não conseguem mais frequentar o ambiente escolar, se sentem fadigados e por isso, evadem-se das unidades de ensino. O educando 3 apresentou esses sintomas e não mais conseguia frequentar a escola. Sendo assim, por orientação médica, buscou atendimento pedagógico no NAEH. Sua responsável comentou:

Não sei o que está acontecendo com meu filho. Ele sempre foi um jovem saudável, sempre fez muitas coisas, gostava de ir à escola e de estudar, jogava bola, tocava violão, gostava de fazer atividades físicas, agora não tem ânimo pra mais nada, só fica no quarto, nem os amigos mais ele quer ver.

Não consegue ir para a escola. Só de falar em escola ele entra em pânico. (RESPONSÁVEL 3 dezembro, 2018).

Essa situação do educando 3 tem se tornado cada vez mais comum, devido a várias variáveis, que perpassam desde problemas internos, próprios da resiliência de cada um, a problemas familiares e pressões enfrentadas pelos jovens nos dias atuais, no caso em questão, a iminente conclusão do Ensino Médio e a pressão dos pais para que o educando conseguisse uma vaga na Universidade Federal. Como vencer esse obstáculo? Os pais foram incentivados a buscar ajuda profissional médica e psicológica, enquanto a parte pedagógica ficou por conta da professora do NAEH, que com paciência, amor e dedicação criou diferentes estratégias de ensino para motivar o depressivo e desmotivado educando e conseqüentemente promover a aprendizagem. Toda essa dedicação não passou despercebida pelo educando, pois após ser aprovado na universidade mandou a seguinte mensagem a professora:

Querida professora! Eu jamais vou esquecer o que a senhora fez por mim. Quando eu já não acreditava mais na vida e em mim, a senhora acreditou e mostrou que eu era capaz. Quando eu mais precisei à senhora e o NAEH estava do meu lado. Muito obrigado por tudo! A senhora nem imagina o bem que fez na minha vida! Acho que vai ficar feliz de saber que estou cursando Engenharia Civil e estou amando o curso. Ah, estou namorando, estou muito feliz! Obrigado. (EDUCANDO 3, dezembro, 2018).

Ainda falando de transtorno mental vale mencionar o relato e a experiência da educanda 4. Essa aluna, ainda cursando o Ensino Fundamental, se mostrava uma adolescente dentro dos padrões normais, como qualquer outra jovem de sua faixa etária e com bons rendimentos escolares. No entanto, sua vida e sua saúde mental e psicológica mudaram drasticamente, após sua melhor amiga na escola tirar a própria vida. A partir deste evento traumático, a educanda 4, não conseguiu mais frequentar a escola em que estava matriculada. Foi transferida para outra unidade escolar, na tentativa e na busca de motivação e melhores rendimentos escolares, sem sucesso. A fadiga, o desânimo, o isolamento, a tristeza, a falta de esperança, a perda de interesse pela vida e por qualquer atividade que exigia o mínimo de esforço, inclusive o simples fato de ir à escola, estavam presente diariamente na vida da educanda.

Preocupados com os sintomas que a educanda 4 estava apresentando, seus pais a levaram ao médico e foi diagnosticada inicialmente com depressão e ansiedade, logo, passou a fazer uso de medicamentos, que pouco contribuía para sua melhora, pois a educanda já não mais frequentava a escola, não saía de casa e nem de seu quarto. Com ajuda dos professores e apoio da equipe escolar conseguiu concluir o ano letivo. Ao

iniciar o novo ano letivo e o último ano do Ensino Fundamental, os responsáveis pela educanda 4 foram informados pela equipe escolar da existência do NAEH e sem demora buscaram os atendimentos pedagógicos domiciliares para sua filha.

Embora atendida pedagogicamente pelo NAEH e em certo sentido com bons rendimentos em suas atividades escolares, a saúde mental e psicológica da educanda 4 sofreu novo abalo com a separação e constantes conflitos entre seus pais. Com seu quadro clínico cada vez pior, as tentativas de suicídio eram constantes e diárias, o uso de medicamento dobrou e novos diagnósticos apareceram. Sua responsável relata:

Eu não posso mais trabalhar. Tive que deixar meu serviço. Minha filha não pode ficar sozinha, ela já tentou se matar várias vezes. Lá em casa tudo é escondido, facas, medicamentos, cordas do varal, ou qualquer coisa que pode representar perigo para ela. Eu vivo por conta dela 24 horas por dia, com medo dela se matar. [...] O novo médico disse que ela tem transtorno bipolar e aumentou o número de medicamentos dela, pois a fase depressiva dela é muito intensa, ela toma 11 comprimidos por dia. [...] Como o tratamento dela não está tendo o efeito esperado o médico sugeriu o tratamento com eletrochoque, ela deve fazer pelo menos 10 sessões. (RESPONSÁVEL 4, setembro, 2018).

Durante os quatro anos em que foi atendida pelo NAEH, a educanda 4 teve pelo menos cinco professores diferentes. Todos eles se empenhavam em ajudar pedagogicamente a educanda, na medida do possível e dentro das circunstâncias dela, pois em geral, quase sempre estava dopada e sonolenta. Embora se mostrasse sempre esforçada, em cumprir suas responsabilidades estudantis, todos os professores consciente ou inconscientemente imaginavam chegar lá um dia e ser informados que a educanda conseguiu interromper sua vida.

Já cursando o último ano do Ensino Médio, a professora conseguiu estabelecer um forte vínculo com a educanda 4, e após uma aula de Biologia destacando aspectos ecológicos e ambientais, a professora conseguiu motivá-la a se matricular no ENEM e a pensar e planejar o futuro, dando continuidade nos estudos em um curso superior. Na última aula do ano letivo, se mostrando fortalecida emocionalmente e psicologicamente, a educanda 4 surpreendeu a professora com uma mensagem escrita, que dizia:

Quero muito agradecer a senhora por tudo que fez por mim. Vocês lá do NAEH, nunca desistiram de mim, mesmo quando eu já tinha desistido de mim mesma e da minha vida. As aulas, a paciência, o carinho, o cuidado e o amor que foi dado a mim, eu nunca vou esquecer. Eu decidi que vou continuar estudando. Quero ser veterinária. Eu amo os animais! Lembra daquela nossa aula que falamos dos animais? [...] Avisa a todos lá no NAEH que estou bem, não quero mais morrer, agora eu consigo ver um futuro, meu mundo não é mais escuro. (EDUCANDA 4, dezembro, 2018).

A mensagem da educanda 4 emocionou sua professora, que pode de alguma forma atingir os sentimento de sua educanda e motivá-la a ação. Vigotsky mostra a importância das emoções no processo educacional:

O fato emocionalmente colorido é lembrado com mais intensidade e solidez do que um fato indiferente. Sempre que comunicamos alguma coisa a algum aluno devemos procurar atingir o seu sentimento. (...) A emoção não é um agente menor do que o pensamento. O trabalho do pedagogo deve constituir não só em fazer com que os alunos pensem e assimilem geografia, mas também a sintam. (VIGOTSKI, 2004, p.143-144)

O relato e a experiência da educanda 5 demonstra o bem não só social, psicológico, emocional e econômico, mas também o bem físico, que a educação pode proporcionar na vida das pessoas. A aluna já idosa é atendida e acompanhada em uma unidade de saúde de Goiânia. Nesta unidade, o NAEH mantém uma classe domiciliar na modalidade EJA, pois embora dentro de um hospital é também local de morada de muitos pacientes da extinta Colônia Santa Marta, que era especializada no tratamento da hanseníase.

Na unidade de saúde atual, os pacientes são assistidos por diversas especialidades médicas e por uma ampla equipe multiprofissional (nutricionista, psicólogo, fonoaudiologia, terapeuta ocupacional, etc.). A educanda 5 estava enfrentando graves problemas de saúde física, pois estava perdendo os movimentos, não conseguia andar, estava cada vez mais debilitada. Também apresentava dificuldades emocionais e psicológicas, se sentia sozinha, triste e retraída.

A equipe multiprofissional da unidade de saúde encaminhou a educanda 5 para as atividades pedagógicas com a professora do NAEH. Nas primeiras aulas, ela comparecia de cadeiras de rodas empurradas pelo maqueiro da instituição. Sentia muita dificuldade em acompanhar e realizar as atividades propostas pela professora. Mas não perdia nenhuma aula. A educanda 5 relata:

Quando fui encaminhada pra cá, eu estava muito triste. Não conseguia mais andar, não fazia nada sozinha, me sentia triste e solitária, só andava de cadeira de roda para os lugares. Isso aqui pra mim é tudo! (sala de aula com a professora) hoje eu sou outra pessoa. Eu vivia tomando remédio e não adiantava pra nada. Eu estou muito feliz. Essa professora aqui foi um presente de Deus na minha vida! Eu cheguei aqui na cadeira de roda, eu não estava nem andando, hoje eu estou até dançando! (era uma festinha de encerramento do ano letivo e estava tocando uma música dançante). (EDUCANDA 5, dezembro, 2018).

São vários os relatos e experiências vivenciados pelos os educandos e responsáveis atendidos no NAEH, cada educando, cada atendimento é uma nova experiência, algumas exitosas como as que foram citadas até aqui, outras nem tanto,

pois apesar da prática pedagógica exercer sua função de promover o ensino e a consequente aprendizagem, alguns no decorrer desse processo perdem a batalha contra a doença. Foi o que aconteceu com a educanda 6, que estava concluindo o Ensino Médio.

A educanda 6 desde a infância, lutava contra um tipo de câncer denominado neuroblastoma. Por vários anos fez tratamento contra a doença, com êxito. Chegou a ser curada da doença e voltou a sua rotina normal. Porém, no início da adolescência o câncer reapareceu em outra parte do corpo. Voltou o tratamento, os procedimentos médicos, quimioterapias e a esperança de novamente vencer a doença e voltar a ter uma vida normal, como a de qualquer outro adolescente (namorar, passear, estudar, trabalhar, comer, etc.). Voltaram também os atendimentos pedagógicos no hospital, quando se encontrava hospitalizada e os atendimentos pedagógicos em seu domicílio, quando se recuperava em casa. O tratamento estava evoluindo muito bem, de modo que mais uma cura, parecia certa, a mãe relata:

Quando o câncer voltou, ela já devia ter uns treze anos. Começou tudo de novo. O tratamento, a quimioterapia, as internações. Porque ela ficava muito fraca depois das quimioterapias, passava muito mal. Mas tudo ia bem, ela já estava quase curada, já estava na manutenção¹⁴, quando descobriu um novo nódulo no seio. Daí teve que começar tudo de novo, todos os outros exames novamente, aí viu que a doença estava espalhada em vários órgãos, inclusive no pulmão. Foi tudo muito rápido, até no começo do ano, ela estava bem, agora que ela piorou muito, e precisa desses cilindros de oxigênio para respirar e não pode ficar sem. A respiração dela ficou muito prejudicada, ela fica muito cansada e não pode ficar sem esse aparelho. (RESPONSÁVEL 6, outubro, 2018).

A preocupação da responsável em fazer esse relato se dava no fato da educanda 6 desejar fazer a prova do ENEM 2018. Porém, na ocasião da inscrição desse exame a educanda se encontrava bem de saúde, ou seja, não necessitava do auxílio do cilindro de oxigênio para manter sua respiração, pois esta se dava espontaneamente. Assim sendo, não informou e nem solicitou no ato da inscrição no ENEM 2018, condições especiais para fazer a prova.

Mesmo se tivesse a autorização para realizar a tão aguardada e sonhada prova do ENEM 2018, a educanda 6 não teria no dia, condições de saúde para realizá-la, pois seu quadro de saúde piorou muito, teve que ser hospitalizada e conseqüentemente, pouco tempo depois, seus sonhos, suas metas, seus projetos de vida e a luta contra a doença terminou.

¹⁴ Nesta fase o tratamento é mais brando e as idas ao médico são esporádicas, podendo ser mensais, semestrais ou anuais. Fase que antecede a cura e a alta do paciente.

O educando 7 também perdeu a dura batalha contra a doença. Ele foi acometido por um tipo específico de câncer em uma das pernas quando já cursava a segunda fase do Ensino Fundamental. Aluno exemplar, de boas notas, granjeava o respeito dos professores e amigos da escola. Com o apoio da família encarava a doença como apenas uma fase passageira, destas que qualquer um passa pela vida e que logo é superada. Ele e sua família muito religiosa demonstravam ter a plena certeza na cura e na vitória sobre a doença.

O câncer evoluiu, foi preciso amputar uma de suas pernas e mesmo assim, a visão otimista e segura do educando 7 e seus familiares de sobrepujança sobre a doença não diminuíram, pelo contrário, novos planos surgiram, novas metas, novos objetivos tanto em níveis acadêmicos, pois sonhava em fazer um curso superior, quanto em níveis de esportes paraolímpicos, pois gostava muito de esportes. Porém, de modo implacável a doença insistia em testar a fé da família na cura da doença e os limites do corpo do educando 7 espalhando-se e atingindo órgãos importantes, foi necessário a retirada dos rins. Esse procedimento e as consequências dele em um corpo já debilitado, cansado e frágil pela dura batalha contra a doença, minaram ainda mais as forças e a esperança do educando 7 e seus familiares. Sua responsável disse a professora:

Ele está cada vez pior, professora. A cada dia que passa meu filho está perdendo a força. A médica disse que deu metástase¹⁵ e tudo que a medicina pode oferecer estão dando a ele. [...] Nós estamos tentando também tratamentos alternativos, a base de plantas. [...] Já vai fazer um mês que ele está internado, as dores são intensas, ele pede pra ceda-lo para ele não sentir dor. Estou com muito medo de perder meu único filho! (RESPONSÁVEL 7, dezembro, 2018).

Em janeiro de 2019, a dura batalha do educando 7 contra o câncer terminou. Não da forma que ele, a família e todos os seus amigos esperavam, a doença ceifou precocemente sua vida, interrompendo seus planos, seus sonhos, seus projetos, suas metas, seu futuro, deixando a dor e a saudade em todos aqueles que acompanharam sua luta e o desejo de recuperar sua saúde.

Mesmo nesses casos, onde alguns alunos perdem a batalha contra a doença e se vão, é perceptível o desejo e a esperança deles de dias melhores e de alguma forma, seja onde for vencer à temida e sofrida doença e a realização de seus sonhos, metas e objetivos, que necessitam do conhecimento pedagógico. Assim sendo, mesmo que o professor do NAEH perca seu educado para a morte, a função pedagógica ainda assim, cumpre seu objetivo de instruir, promover o conhecimento e mais do que isso, de

¹⁵ Quando o câncer se espalha além do local onde começou (sítio primário) para outras partes do corpo.

mostrar a existência do mundo além do hospital e de ajudar o aluno ressignificar seu processo de adoecimento e de se posicionar diante da realidade que lhe é posta.

3.3 – RELATOS E EXPERIÊNCIAS VIVENCIADOS NO NAEH: EDUCADORES

Não é uma tarefa fácil ser professor de classe hospitalar, pois conviver com crianças e adolescentes adoecidos, muitas vezes com risco de morte, é bem diferente de estar em uma sala de aula comum, regular, com alunos aparentemente saudáveis. Dá para imaginar as diferentes emoções e sensações do professor ao entrar em contato com o hospital, com a doença, com a dor e com a morte, que pode acometer um paciente-aluno, que tem uma doença grave ou crônica. Uma vez que o hospital não é o habitat natural de atuação do professor da Educação Básica, este profissional deve ter conhecimento do que se passa com a criança adoecida e principalmente do que se passa consigo mesmo, em contato com essa dura realidade.

No hospital tudo tem suas próprias características, o cheiro, o silêncio, os corredores, os profissionais vestidos de branco, os medicamentos, as injeções, o choro de crianças, a dor e até mesmo a morte, que em nada lembra uma escola regular, pode trazer representações diversas para os professores que atuam neste contexto, neste Lugar, e estes movimentos inconscientes podem apresentar alguma repercussão consciente e, que por sua vez, poderá interferir diretamente na prática pedagógica desenvolvida nas classes hospitalares, bem como, na própria saúde física, emocional e psicológica do professor. Sendo assim convém analisarmos alguns relatos e experiências dos professores do NAEH que atuam nas classes hospitalares, seja dentro das unidades hospitalares, seja nos domicílios dos educandos.

Os professores do NAEH mostraram-se adaptados ao Lugar hospital e ao contexto de classe hospitalar, além do mais, são acompanhados pelo psicólogo do Núcleo e apresentam uma boa saúde emocional e psicológica. Observe o relato de um professor¹⁶ o qual denominaremos de professor 1, que trabalha já por três anos no NAEH. De início o que chamou sua atenção era tão somente a oportunidade de completar sua carga horária, a fim de aumentar seu salário. No entanto, quando

¹⁶ Dos dezesseis participantes da pesquisa, três são do sexo masculino. Portanto, a fim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, vamos nos referir a todos independentemente do gênero masculino e feminino, como professor 1, professor 2, professor 3 e assim por diante.

participou da sua primeira formação¹⁷, percebeu a grandiosidade do projeto e da missão que o aguardava, ensinar para alunos adoecidos e que estavam impossibilitados de frequentar as aulas. No caso deste professor 1, trabalhou com alunos que estavam em tratamento contra o câncer, dependentes químicos, e outras graves patologias. O professor 1 relata:

Já por três anos estou no NAEH, conheci através de alguns colegas que me indicaram. Eu precisava completar minha carga horária. No entanto, na primeira formação me deparei com um projeto extraordinário. [...] imagina, um projeto que dá a oportunidade do aluno prosseguir com suas atividades escolares apesar das adversidades que estão enfrentando no momento. E o que mais me fascina neste trabalho é a alegria como eu sou recebido pelos alunos e seus familiares, que demonstram prazer e compromisso de estar estudando, apesar de tantas dificuldades. [...] esses momentos de aula, se mostra bastante prazeroso e o aluno consegue esquecer um pouco o problema que está passando no momento. Trabalhar nesse projeto é ver e vivenciar a superação desses alunos todos os dias. E que não desistem dos seus sonhos e projetos que almejam para o futuro, mesmo diante de tantas adversidades. [...] acredito que estamos no caminho certo, pois este projeto contribui para a formação desses alunos, que são verdadeiros heróis e veem na educação seu futuro. [...] todo dia vivencio momentos únicos e extraordinários com esses alunos. Acredito que na verdade, mais aprendo do que ensino a eles. São exemplos de vida e de superação. (PROFESSOR 1, dezembro, 2018).

Esse é o sentimento dos professores que trabalham no NAEH, de entenderem a relevância do trabalho que realizam, uma vez que oportunizam aos alunos adoecidos a possibilidade de continuar prosseguido em seus estudos, apesar das dificuldades que enfrentam, como dor, indisposição, cansaço, enjoo, náuseas, entre outros sintomas. O professor 2 ressalta tais dificuldades:

Já tive dificuldades com os atendimentos, pois acontece de chegarmos à casa dos alunos e eles se mostrarem totalmente desanimados, desinteressados, indispostos de assistirem as aulas. Já houve vezes de chorarem, pedirem para não ter aula naquele dia, mas tudo devido ao tratamento, principalmente aos que fazem tratamento contra o câncer. (PROFESSOR 2, dezembro, 2018).

Nestes casos, onde os alunos não se sentem bem e não tem condições de saúde de assistir e participar das aulas, os professores do NAEH são incentivados a usarem de discernimento e sabedoria, remarcando as aulas para outro dia, sem causar prejuízos pedagógicos, físicos, emocionais ou psicológicos para os educandos e seus familiares. O professor 2 resume seu percurso no NAEH e destaca a dificuldade de vivenciar o luto após a morte de um de seus educandos:

¹⁷ A cada semestre que se inicia, o NAEH oferece uma formação de três dias aos professores veteranos na prática hospitalar e aos novatos que irão ingressar no trabalho. Essa formação consiste em ler e estudar textos referentes à classe hospitalar de autores que embasam essas atividades, bem como, traz importantes orientações quanto à biossegurança, à ética profissional dentro do hospital e/ou domicílio do educando, cartão de vacina, documentos do NAEH, atendimento psicoeducacional, além de ser um espaço de compartilhamento e trocas de experiências.

Estou no projeto há um ano e meio. Já atendi aluno com câncer e com problemas psicológicos. Conheci e me interessei pelo projeto devido a sua importância de permitir os alunos adoecidos continuarem seus estudos, mesmo dentro de um hospital, minimizando seus prejuízos escolares. [...] dos seis alunos que fiz atendimentos, três recuperaram e retornaram às aulas em suas escolas regulares, dois estão em tratamento de saúde e um faleceu devido à doença, isso mexe muito com nosso emocional, pois acabamos envolvendo muito com a situação da criança e da família. (PROFESSOR 2, dezembro, 2018).

Um dos momentos mais difíceis para os professores que atuam em classes hospitalares é quando perdem um de seus alunos na morte. Pois, a relação professor-aluno é interrompida, silenciada, de forma dura e abrupta, é preciso assim, desenvolver a arte de lidar com as muitas emoções oriundas dessa separação, pois que:

Lidar com as emoções, as próprias e as dos outros, é uma arte. Precisa ser cultivada e desenvolvida. É fundamental que haja discernimento nas dinâmicas reais de conflitos, o que implica o cultivo das relações interpessoais, educação da afetividade e o aprender a conviver. (SAMPAIO, 2004, p.58)

Aprender a lidar com as suas próprias emoções e as emoções dos outros, aprender a conviver, certamente não são tarefas fáceis, infelizmente não se aprende isso nos cursos de Licenciaturas, esta arte quando se consegue desenvolvê-la, é desenvolvida na prática e às vezes necessita do auxílio de um psicólogo. Observe a experiência do professor 3. Este professor trabalhava em uma instituição hospitalar especializada em tratamento de câncer, onde, na pediatria encontra-se a sala de aula do NAEH. As aulas ocorrem nesta sala ou no leito das enfermarias, quando o aluno não consegue ir até a sala, para assistir a aula.

O professor 3 tem duas filhas em idade escolar, portanto, a mesma faixa etária dos educandos atendidos no hospital em que desempenhava seu trabalho. Não demorou muito para que o professor se identificasse com uma aluna-paciente, pois lembrava muito sua filha, a maneira de falar, o sorriso, a inteligência, o zelo em realizar as atividades escolares, a vontade de estudar, enfim, tudo lembrava sua filha, de modo que o professor 3 disse:

Não sei, eu me apeguei muito a aquela educanda. Ela se parece muito com a minha filha, mesmo jeito. Tão nova! Tão bonita e com uma doença tão grave! Eu fico imaginando o sofrimento da mãe dela. E se fosse minha filha? Não sei se aguentaria. [...] agora, depois que eu comecei a trabalhar lá, eu chego em minha casa todos os dias e examino minhas filhas de cima em baixo, para ver se elas estão bem mesmo e se não tem nenhum tumor. (PROFESSOR 3, outubro, 2018).

O professor 3 começou a psicossomatizar¹⁸ as situações que estava vivenciando no seu dia a dia de trabalho. Foi ajudado pelo psicólogo do Núcleo no encontro psicoeducacional, que ocorre mensalmente no NAEH, a não confundir os papéis de professor, cuidador e familiar, pois é preciso separar o que é do professor (da própria pessoa) do que é do outro. Com a ajuda do psicólogo do Núcleo, o professor 3 estava realizando um bom trabalho, se fortalecendo cada vez mais emocional e psicologicamente, porém, uma situação ocorrida dentro do hospital, mudou a rotina do professor, conforme relata:

Eu desenvolvi o hábito de me despedir de todos os alunos, até porque, não sei se aqui estarão amanhã. Por isso, passo de quarto em quarto, de leito em leito, me despedindo. Acontece que em uma das enfermarias, eu não consegui entrar, estava acontecendo procedimento médico e como estava demorando, fui embora sem me despedir desse educando e de seu familiar, e imaginei, amanhã falo com eles. No entanto, quando voltei ao trabalho no dia seguinte, eles não estavam mais lá. O educando faleceu. [...] a partir daí, decidi que só vou embora, quando me despedir de todos os educandos internados, não importa a hora. (PROFESSOR 3, outubro, 2018).

Esse relato do Professor 3 demonstra a complexidade de atuar neste Lugar, a classe hospitalar, pois lida diariamente com a dor, o sofrimento, a morte, o luto. E enfatiza a importância do profissional se conhecer e reconhecer seus limites, medos, desejos e frustrações. O professor 3 foi ajudado pelo psicólogo do NAEH e a partir daí passou a atuar em classes domiciliares. No livro “Hospital: dor e morte como ofício” (PITTA, 1999), a autora destaca as dificuldades dos profissionais que desenvolve suas atividades laborais em tal contexto e cita vários estudos sobre o sofrimento mental dos trabalhadores de hospitais. Assim, afirma:

Cabe, portanto, aos que trabalham no hospital produzir uma homeostasia¹⁹ entre vida e morte, entre saúde e doença, entre cura e óbito que tende a transcender suas impossibilidades pessoais de administrar o trágico. (PITTA, 1999, p.32)

Mesmo professores experientes na Educação Básica, que trabalham há anos nas escolas regulares, podem de início sentir as diferenças de atuar como professor no contexto hospitalar, diferenças essas que podem ser positivas, demonstradas pelo amor, carinho, dedicação, aplicação dos educandos e diferenças negativas, de atuar em um ambiente que pra muitos se mostra frio e sombrio. Ortiz e Freitas (2005) destaca bem a dificuldade de adentrar e atuar como professor de classe hospitalar, contrastando com a escola regular:

¹⁸ Psicossomatizar é um termo muito comum usado nos consultórios de psicologia para definir sintomas físicos que surgem nos pacientes, causados por situações emocionais que o paciente vive/ convive.

¹⁹ Homeostasia é um termo técnico utilizado metaforicamente pela autora que pode significar equilíbrio.

A penetração neste mundo sem “cor” foi penosa no início. Os meus fundamentos docentes clamavam pela presença dos sorrisos, dos contrastes dos tons, dos barulhos, da emergência da criatividade que sempre pontuaram o meu trânsito em sala de aula. Como trazer a linguagem do investimento no outro, o saber com sabor de vida numa clínica que vivencia constantemente a luta entre a vida e a morte? (ORTIZ & FREITAS, 2005, p.14)

Não é uma tarefa nada fácil emocional e psicologicamente atuar como professor neste Lugar e neste contexto, a classe hospitalar, por isso, é tão essencial, o atendimento psicoeducacional que os professores do NAEH participam mensalmente, onde, com a orientação do psicólogo, lhes são ofertados um espaço de fala e escuta o que por certo, favorece o autoconhecimento e conseqüentemente uma boa saúde emocional e psicológica.

Ademais, convém destacar o relato e a experiência do professor 4 no seu campo de atuação. Este professor trabalha com uma demanda específica do NAEH, na modalidade EJA e por isso, a clientela atendida é de alunos idosos, que estão sobre a tutela do Estado e por isso, moram no hospital. O professor 4 relata que não conhecia o projeto e foi lhe apresentado por uma amiga. Porém, quando passou a conhecer e começou a trabalhar, foi se encontrando cada vez mais e não se vê fazendo outra coisa. O professor 4 destaca:

Minha experiência aqui é magnífica! A cada dia eu aprendo uma coisa nova. Eu considero isso aqui muito mais que um trabalho. Eu amo estar aqui! Eu amo o que faço! Eu amo ensinar e ver o progresso de cada um dos meus educandos! [...] quando eu venho prá cá, eu me renovo, aqui eu esqueço todos os meus problemas e me entrego e dou o meu melhor aos alunos, e eles me retribuem com amor, carinho, dedicação e parceria. [...] é perceptível o bem que o projeto faz na vida deles, muito mais do que aprender a ler, escrever o próprio nome, o ganho maior é na alma, eles se tornam pessoas mais felizes e apesar da idade e de suas limitações dão novo valor a vida, esta parece agora fazer sentido para cada um deles. Agradeço a Deus todos os dias por essa oportunidade. (PROFESSOR 4, dezembro, 2018).

Os vínculos afetivos estabelecidos na relação professor-aluno são bem intensos no contexto de classe hospitalar. Sem os quais, não seria possível construir caminhos para uma aprendizagem realmente significativa, que possam fazer a diferença na vida de educandos idosos, doentes e que mesmo assim, se propõe a aprender, interagir, compartilhar e por que não dizer, se propõe a viver:

A educação escolar não é um espaço técnico restrito, orientado por relações formais. Ela tem se caracterizado como um lócus de relações interpessoais em que a qualidade dos vínculos afetivos que se estabelecem são decisivos na configuração de seus resultados. Homens e mulheres que se dedicam a ensinar o fazem, também por encontrar nessa atividade um vasto campo de perspectivas de interação e solidariedade compartilhada. (LELIS, 2005, p.5)

“A educação escolar não é um espaço técnico restrito, orientado por relações formais”, conforme destacado nas palavras de Lelis (2005, p. 5), principalmente se tratando de educação em classes hospitalares, os relatos e as experiências do professor 5 confirmam essas palavras. O professor 5 realiza suas atividades em um hospital especializado no tratamento de câncer, que atende pacientes de todas as idades, porém, a classe hospitalar desta unidade está situada na pediatria, uma vez que, a maioria dos educandos matriculados na educação básica e atendidos pelo NAEH, realizam seus tratamentos de saúde nessa parte do hospital. O professor 5 relata sobre sua atuação nessa classe hospitalar:

A educação em ambiente hospitalar é um constante desafio emocional e profissional. As situações ali vividas são difíceis de serem narradas, por ser complexo traduzir em palavras o que se vive naquele espaço e nas práticas ali desenvolvidas [...] Profissionalmente é desafiador e prazeroso poder realizar o ensino de forma interdisciplinar. As aulas são menores, o tempo é reduzido em virtude do estado de saúde e condições em que se encontra o aprendiz naquele momento, porém por ser atendimento individualizado nos permite contemplar de maneira satisfatória os conteúdos propostos em cada bimestre. (PROFESSOR 5, dezembro 2018).

Falando sobre suas emoções e seus desafios em estar, vivenciar e atuar enquanto educador de classe hospitalar, o professor 5 diz:

Emocionalmente são situações de superação cotidianas. São novos aprendizes que chegam todos os dias para iniciar o tratamento de saúde, e são aprendizes que partem e nos deixam com grandes vazios e tristezas. [...] São crianças, adolescentes e jovens, que a cada dia nos recebem com um humor diferente: alegres, tristes, animados, descrentes de tudo, com vontade ou não de estudar, vontade de viver ou com vontade de desistir de tudo. Com noites mal dormidas, sob efeito de fortes medicações, com o cansaço de tantos dias de internação, dentre outros desafios que enfrentam. Seus acompanhantes, em geral mães e avós, muitas vezes estão na mesma condição do doente, seus humores e disponibilidade em conversar e nos atender nem sempre são positivos. Cabe a nós, entender, acolher seus olhares e desejos, tentar negociar um momento de estudo para assim realizarmos nosso trabalho. (PROFESSOR 5, dezembro 2018).

Depois de enfatizar que as notícias de sucesso no tratamento são alegremente compartilhadas por todos no hospital, e que o avanço da doença, bem como, a certeza iminente da perda do paciente-aluno abala a todos, o professor 5 destaca a parte mais difícil de seu trabalho, o que de fato lhe cala, lhe deixa sem palavras e sem saber o que dizer, mas lhe dá a certeza de que seu trabalho é essencial na vida de seus educandos, mesmo em situações tão adversas:

Chegar ao quarto, dar o bom dia e receber o olhar da mãe carregado de tristeza e lágrimas se despedindo de seu único filho, nos tira a segurança. Ver a linda aprendiz entubada e pedindo com voz fraca: “quero fazer tarefa”! Te mostra o que é desejo de superação e de viver, mesmo sabendo que ela não conseguirá satisfazer sua vontade. Encontrar a mãe no corredor, com o olhar perdido em uma janela e ao se aproximar ouvi-la dizer: “ela tá doente de

novo professor, e agora”?! Te cala de uma maneira que você, professor a 26 anos nunca pensou que ficaria. Receber um pote de suplemento da mãe que diz: “professor trouxe para você, você tá muito descaído”. Te mostra o que é ser cuidado, quando quem mais parece precisar de cuidados é ela. [...] Um dia após o outro!. Horas que parecem intermináveis de espera do momento em que o aprendiz irá aceitar sua intervenção pedagógica em um espaço onde nada colabora para que ele acredite que esse aprendizado terá validade. Mas também acreditando que, talvez, essas aulas são o elo que o permite sonhar e acreditar que ele retornará curado para o seu espaço social. (PROFESSOR 5, dezembro 2018).

São vários os relatos e as experiências vivenciados nas classes hospitalares. A cada dia, a cada aula, um novo aprendizado para ambos, professor e aluno. Ao professor lhe é ensinado todos os dias o valor da vida, da saúde, o valor das coisas simples, como poder comer a comida favorita sem que isso lhe faça passar mal e lhe custe uma internação. Ao professor lhe é ensinado a cada aula, o poder da luta e da superação. Ao professor lhe é ensinado que às vezes ter cabelos longos e sedosos é vaidade, o importante é a vida, afinal diante do tratamento eles caem por uns tempos.

Ao professor lhe é ensinado que uma injeção ou aquela dorzinha de cabeça esporádica, não dói tanto assim, quando comparado com aqueles que diariamente precisam fazer uso de morfina para aliviar a dor. Ao professor lhe é ensinado os limites de um corpo jovem, mas cansado e adoecido e que às vezes já não tem mais força pra lutar. Ao professor lhe é ensinado o valor de um sorriso em meio a tantas adversidades. Ao professor lhe é ensinado o valor de cada momento, cada dia, cada aula, pois a aula de amanhã pode não acontecer, o aluno pode não está mais lá.

Ao professor lhe é ensinado o barulho ensurdecido de um silêncio, a intensidade de uma lágrima, o vazio de uma ausência, a dor de uma saudade e o peso de uma separação precoce. Por fim, ao professor lhe é ensinado a ter mais esperança, amor, humildade, fé e a certeza de que ainda tem muito a aprender com a vida. Ao professor cabe mediar o conteúdo aos educandos neste Lugar, as classes hospitalares. Nesta balança dialética e pedagógica da relação professor-aluno, o professor aprende muito mais do que ensina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas reflexões apresentadas no decorrer deste trabalho, buscamos perceber e entender como tem se dado o processo ensino-aprendizagem de Geografia no contexto de classe hospitalar/domiciliar em Goiás no Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar (NAEH), e se este ensino tem contribuído para os educandos entenderem a realidade que o cercam, bem como, se as outras linguagens no ensino de Geografia e áreas afins (música, fotografia, charges, história em quadrinhos, entre outros), são utilizadas como recursos pedagógicos a fim de tornar as aulas mais atrativas e interessantes aos alunos, para que esses compreendam de forma crítica o conteúdo proposto e a realidade na qual estão inseridos.

Com intuito de compreender o processo ensino-aprendizagem nas classes hospitalares, buscamos adentrar neste contexto aprofundando o conhecimento dessas referidas classes, mediante uma revisão bibliográfica, fundamentada em autores e pesquisadores da temática. Procuramos entender o surgimento das classes hospitalares no mundo, no Brasil e principalmente em Goiás, foco de nossa pesquisa.

O amparo legal, isto é, as leis que regulamentam as atividades das classes hospitalares e o direito de acesso à educação garantida por lei, que todos têm, foram destacadas neste trabalho, bem como, a necessidade de muitos estados brasileiros criarem suas próprias leis regulamentando e organizando as atividades das classes hospitalares, a fim de que estas não fiquem a mercê de plano de governo, contando com a sensibilidade ou não dos governantes para a temática, mas que antes, possa ser uma política de estado, garantidos pela Constituição Federal e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Embora se saiba que as políticas públicas destinadas às classes hospitalares, apresentam a proposta de universalizar o acesso dos alunos em condições especiais de saúde, a realidade demonstra que muitos ainda estão excluídos desse processo e não conseguem garantir seus direitos de iniciarem ou darem continuidade em seus estudos quando enfrentam graves problemas de saúde, com internações prolongadas, sejam por falta de conhecimento das leis que lhes asseguram esse direito, sejam por falta de conhecimento da existência dessa especificidade de ensino. Sobre isso, Fonseca (1999) comenta:

A insuficiência de teorias e estudos desta natureza em território brasileiro gera, tanto na área educacional, quanto na área de saúde, o desconhecimento desta modalidade de atendimento tanto para viabilizar a continuidade da

escolaridade àquelas crianças e adolescentes que requerem internação hospitalar, quanto para integralizar a atenção de saúde e potencializar o tratamento e o cuidado prestados à criança e ao adolescente. (FONSECA, 1999b, p.119).

As classes hospitalares quando comparadas com as classes regulares de ensino, representam “um alto custo” para o governo, pois a quantidade de alunos atendidos por um único professor nas classes hospitalares é bem menor, que a quantidade de alunos atendidos por esse mesmo professor nas salas de aula regulares. Assim, coincidentemente as classes hospitalares não são divulgadas e não é exagero dizer, que muitos dos que trabalham na rede Estadual de Educação de Goiás não sabem e/ou não conhecem o NAEH e as atividades que esse Núcleo coordena.

Destacando o nosso campo de pesquisa, buscamos entender o surgimento do Projeto-Hoje e como se deu o processo de transformação deste projeto no NAEH. Percebemos que a visão ampliada da nova coordenação, o profissionalismo, a ética e a busca incessante pelo conhecimento, através dos estudos e das pesquisas, bem como, a aproximação com as Universidades, em especial, a Universidade Federal de Goiás, foram determinantes para criação do NAEH.

Enfatizamos também, as principais características dos professores de classe hospitalar e a prática pedagógica desenvolvida no NAEH. Percebemos que os professores das diferentes Licenciaturas não terminam a graduação preparados para atuarem em classes hospitalares. Não é exagero dizer, que muitos terminam sua graduação sem mesmo conhecer ou ter visto falar desta especificidade de ensino. Conforme os dados levantados neste trabalho revelaram, isso também ocorreu com os professores do NAEH, onde, muitos não conheciam o contexto e a dinâmica das classes hospitalares, mesmo depois de formados e já estarem atuando no magistério.

Estes professores tiveram sua formação e treinamento para atuar em classe hospitalar, possibilitada pelo próprio NAEH e pela prática no dia-a-dia, já no campo de trabalho. Fica, portanto, a esperança que às grades curriculares dos cursos de Licenciaturas possam contemplar em seus currículos, a temática classe hospitalar. Enfatizamos também, a necessidade de se ofertar cursos de Pós-graduação para aqueles que desejam atuar nessas referidas classes.

Outro dado relevante que a pesquisa apontou foi à rotatividade de professores no NAEH. Embora se mostrasse adaptados e satisfeitos ao ambiente e ao contexto das

classes hospitalares e considerarem seu trabalho de extrema relevância, os professores do NAEH, em geral, trabalha por um ou dois anos nessa especificidade de ensino.

Esta rotatividade se dá pelo fato da maior parte dos professores apenas complementarem sua carga horária no NAEH, estando modulado e/ou vinculado em outra unidade de ensino. Sendo assim, são contratados para atuar no Núcleo para atender uma demanda específica, tão logo seu educando receba a alta médica e retorna a sua escola de origem, o professor é desligado do NAEH. Destacamos os benefícios de se trabalhar com uma equipe de professores fixos, com menos rotatividade, uma vez que, estes a cada atendimento, a cada aluno, a cada ano se tornam mais experientes e a adaptados ao contexto das classes hospitalares.

A pesquisa evidenciou que o processo ensino-aprendizagem no NAEH ocorre de modo tranquilo e satisfatório, tendo por base uma boa relação entre professor aluno, relação esta, pautada pela confiança, o respeito, a cooperação e o caminhar juntos, professor e aluno. A aula expositiva dialogada é a prática didática mais utilizada pelos professores do NAEH, que embora sejam incentivados a ministrarem suas aulas de modo interdisciplinar, ainda encontram dificuldades em planejar e executar suas aulas nessa perspectiva.

Os recursos tecnológicos de áudio e vídeo são bem utilizados pelos professores como forma de mediação de conteúdo durante as aulas, pois permite o professor captar a atenção do aluno com imagem, som e movimento e com algo que essa geração de adolescentes está bem acostumada e utiliza diariamente no seu dia-a-dia, a tecnologia.

Os professores do NAEH entendem e reconhecem que se bem utilizados, os recursos tecnológicos podem ser mais um instrumento eficaz em aproximar o conteúdo da realidade do aluno e ainda favorece a quebra da rotina, do ambiente hospitalar. Neste sentido, acreditamos que o produto educacional proposto neste trabalho, o Guia de Músicas (AGM – Aprendendo Geografia Por Meio da Música) possibilitará o professor planejar e executar suas aulas de modo interdisciplinar utilizando-se dos conteúdos das músicas e das reflexões e questões sugeridas no Guia.

Cabe ressaltar, que neste trabalho buscamos fazer um paralelo de como tem se dado o ensino de Geografia na atualidade nas escolas regulares, e como este tem se dado nas classes hospitalares, no Lugar hospital, destacando a importância do conteúdo está contextualizado com a realidade do educando, a fim de estimular o senso crítico, criativo de cada um. Neste aspecto, merece destaque que os planejamentos das aulas do NAEH, seguem o Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás, e que

esse currículo, engessa a criatividade do professor e desconsidera as particularidades físicas, psicológicas, emocionais, econômicas e sociais dos alunos.

Acreditamos que alcançamos com êxito os objetivos aqui apresentados, quais foram: perceber como tem se dado o processo ensino-aprendizagem nas classes hospitalares em Goiás e os principais desafios e dificuldades enfrentados pelos professores do NAEH; contribuir com novas possibilidades de ensino de Geografia e áreas afins no contexto de classe hospitalar, por meio do uso dos recursos tecnológicos e do Guia de músicas, a fim de despertar o interesse, a participação, a consciência e o senso crítico dos educandos, para que estes possam compreender a realidade que os cercam.

Através dos relatos e experiências descritos neste trabalho, percebemos os desafios diários que os professores do NAEH enfrentam ao adentrarem em seu campo de trabalho. Desafios de lidar com a prática do magistério comum a todos os professores e desafios de lidar com o Lugar Hospital, frio e inóspito em sua essência, onde convivem diariamente com a dor, o sofrimento, a iminência da morte de seus educandos e às vezes, com o luto. Neste caminhar e proceder pedagógico nas classes hospitalares, as perspectivas dos educadores são vastas e perpassam desde a mediação do conteúdo e assimilação deste por parte do aluno, até a cura e o retorno deste ao seu convívio social, a sua escola regular ou mesmo seu ingresso em uma universidade.

Mediante a realização desta pesquisa, estamos certos de que não exploramos, nem abarcamos e muito menos eliminamos todas as tensões que envolvem a temática classe hospitalar, ensino-aprendizagem e Geografia. Acreditamos sim, ter avançado alguns passos em direção a uma perspectiva de contribuir para novas reflexões, novos trabalhos que possam abordar e explorar essa especificidade de ensino, as classes hospitalares.

Os caminhos percorridos durante e no percurso desse trabalho, nem sempre foram fáceis e tranquilos. Durante nossa vivência e nosso caminhar na pesquisa, lidamos com sentimentos diversos e variados, relacionados às dores, sofrimento, morte de educandos, luto de professores e familiares dos educandos. Embora esse trabalho não se trate de uma tese e sim uma dissertação, as palavras de Freitas (2002, p. 90-93) resumem bem nossos sentimentos:

A natureza do trabalho acadêmico determina boa parte das situações que vivemos na época da tese e as exigências emocionais que se nos apresentam [...] Toda tese tem uma história, que tem páginas engraçadas, alegres, divertidas e outras que são difíceis, pesadas, tristes. Aprendemos com todas elas e não são lições de consumo imediato, pelo contrário serão incorporadas na nossa vida [...] Fazer a tese significa não apenas dominar parte do conteúdo reacionado ao assunto, mas também dominar as nossas inseguranças, medos, escapes, defesas, ansiedades e angústias. Significa também experimentar um genuíno prazer e orgulho quando se escreve uma frase, um parágrafo, um capítulo maravilhoso. Significa aprender a valorizar as nossas conquistas e os apoios diversos que recebemos [...] A maior parte dos fazedores de tese sai dela muito, muito melhor do que entrou. (FREITAS, 2002, p. 90, 93).

O prazer de ver o trabalho realizado superou as dificuldades encontradas pelo caminho, deixando de saldo os momentos de prazer em aprender, alegria e a esperança de um mundo mais justo, mais humano e igualitário.

O ENSINO DA GEOGRAFIA EM CLASSE HOSPITALAR/DOMICILIAR: DESAFIOS, PRÁTICAS E POSSIBILIDADES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTONI, Léa Chuster. **A inclusão escolar de alunos com doenças crônicas: professores e gestores dizem que...** Curitiba: Appris, 2014.

ASSIS, Walkíria de. **Classe hospitalar: um olhar pedagógico singular.** São Paulo: Phorte Editora, 2009.

BARROS, Alessandra Santana. **A prática pedagógica em uma enfermaria pediátrica.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo: Anped, no. 12, p. 84-93, out./dez. 1999.

BARROS, Rodrigo Carvalho do Rego. **Atendimento educacional hospitalar e domiciliar [manuscrito] : uma pesquisa-ação / Rodrigo Carvalho do Rego Barros. - 2016. 112 f.: il. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Pró reitoria de Pós-graduação (PRPG), Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Profissional), Goiânia, 2016.**

BASTOS, A. P.. **Recursos didáticos e sua importância para as aulas de Geografia. Conhecimento prático: Geografia.** São Paulo, n. 37, Maio 2011, p. 44-51.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Trad. Maria João Alvarez. Sara B. dos Santos e Telmo M. Batista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRANCO, Rita Francis Gonzalez y Rodrigues. **Capacitação de professores de Classe Hospitalar em relação professor-aluno/paciente na perspectiva balintiana.** 2008. 180 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

BRANCO, Rita Francis Gonzalez y Rodrigues. **O ensino na perspectiva dos Grupos Balint: um espaço de reflexão sobre o encontro do estudante de Medicina com o seu paciente.** 2001. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa Participante.** São Paulo: Brasiliense, 1984

BRASIL. Lei federal n. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília, 1990a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 08 set, 2018.

BRASIL. Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990. **Dispões sobre as condições para promoção, proteção e recuperação da saúde.** Brasília, 1990b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm>. Acesso em: 02 jun, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília. (Mensagem especial; v.1) 1994.

BRASIL. Diário Oficial da União. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9394, de 20/12/96. Brasília: Imprensa Oficial, 1996.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado Federal, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB n. 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Secretaria de Educação Especial - MEC. 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>> . Acesso em: 02 jun. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica **Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC; SEESP, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>> . Acesso em: 15 abr. 2018.

BRASIL. Portaria Normativa nº 7, de 22 de junho de 2009. **Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES**. Diário Oficial da União, Brasília, n. 117, p 31-32, 23 de jun. 2009a. Seção

BRASIL. Portaria Normativa nº 17, de 28 de dezembro de 2009. **Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES**. Diário Oficial da União, Brasília, n. 248, p 20-21, 29 de dez. 2009b. Seção

BRASIL. Lei Federal Nº 13.716, de 24 de setembro de 2018. **Assegura o atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado**. Brasília, 2018. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm> . Acesso em: 11/12/2018.

BUENO, Chris. **Além de fazer bem para a alma, música ajuda no tratamento de algumas doenças**. São Paulo. 2012. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2012/08/25/alem-de-fazerbem-para-a-alma-musica-ajuda-no-tratamento-de-algumas-doencas.htm>> Acesso em 27 de mar de 2019.

CALLAI, H. C. **A Formação do profissional da geografia**. Unijuí, 1999.

CALLAI, H. C. **A geografia e a escola: muda a Geografia? Muda a escola?** Terra Livre, São Paulo, n. 16, p. 133-151, 1º semestre 2001.

CALLAI, H. C. **O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise.** P. 57-54 In: CASTROGIVANNI, Antonio, C.; CALLAI, Helena C.; KAERCHER, André, N. (org.) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** 3. Ed, Porto Alegre, Editora da UFRGS. Associação dos Geógrafos Brasileiros – Sessão Porto Alegre, 2001.

CALLAI, H. C. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões** / org. Antonio Carlos Castrogiovanni (et al.) 4º ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre 2003.

CALLAI, Helena Copeti. **A Geografia Ensinada: os desafios de uma Educação Geográfica.** In: MORAES, Eliana Marta Barbosa de, MORAES; Loçandra Borges de. **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia.** Goiânia: NEPEC, 2010.

CALLAI, H. C. **A geografia escolar e os conteúdos da Geografia.** P. 39-61 In: **A formação do profissional da geografia: o professor.** Ijuí, Ed. Unijuí, 2013.

CALEGARI, A. M. **As inter-relações entre educando e saúde: implicações do trabalho pedagógico no contexto hospitalar.** 2003. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <erelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/111/aparecidacalegari.pdf.> Acesso em: 15/09/2018.

CAPES. **Relação de Cursos Recomendados e Reconhecidos.** Disponível em: <capes.gov.br/cursos-recomendados>. Acessado em: 15/01/2019.

CARDOSO, C. A.; SILVA, A. F.; SANTOS, M. A, **PEDAGOGIA HOSPITALAR: A IMPORTÂNCIA DO PEDAGOGO NO PROCESSO DE RECUPERAÇÃO DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS.** *Cadernos da Pedagogia.* São Carlos, Ano 5 v. 5 n. 10, p. 46-58, jan-jun 2012 ISSN: 1982-4440.

CASTRO, Marleisa Zanella. **Humanização e escolarização hospitalar: transformando a realidade nas pediatrias.** In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira; TORRES, Patrícia Lupion. **Teoria e prática na pedagogia hospitalar: novos cenários, novos desafios.** 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2011. cap. 12, p. 231-249.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Cotidiano, Mediação Pedagógica e Formação de Conceitos: Uma Contribuição de Vygotsky ao Ensino de Geografia.** *Cad. Cedes,* Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana.** Papirus, Campinas, 2008

CECCIM, Ricardo Burg, & CARVALHO, Paulo R. Antonacci (Org.) **Criança Hospitalizada: atenção integral como escuta a vida.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

CECCIM, Ricardo B.; FONSECA, Eneida S. **Classe hospitalar: buscando padrões referenciais de atendimento pedagógico-educacional a criança e ao adolescente hospitalizado.** *Revista Integração*, Brasília, 1999, ano 9, n. 21, p. 31-39.

CECCIM, R. B. **A escuta pedagógica no ambiente hospitalar.** In: ENSAEH – ENCONTRO NACIONAL SOBRE ATENDIMENTO ESCOLAR HOSPITALAR DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UERJ, 1., 2000, Rio de Janeiro. Anais do 1º Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar Hospitalar – ENSAEH. Rio de Janeiro: UERJ, 2000. Disponível em: <<http://www.escolahospitalar.uerj.br/anais.htm>>. Acesso em: 4 out. 2017.

CECCIM, R. B. **Classes educacionais hospitalares e a escuta pedagógica no ambiente hospitalar.** In: PARANÁ. **Secretaria de Estado da Educação.** Superintendência de Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Núcleo de Apoio ao SAREH. Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (SAREH). Curitiba: Seed-PR, 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/tematico_sareh.pdf>. Acesso em: 4 novembro, 2018.

CONANDA. **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resoluções**, junho de 1993 a setembro de 2004 / organizado pela Secretaria Executiva do Conanda. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. 200 p. Disponível em: <<http://dh.sdh.gov.br/download/resolucoes-conanda/res-1-a99.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2018.

CAPOBIANCO, Cristina S. M. **O Corpo em OFF: a doença e as práticas psi na pediatria hospitalar.** São Paulo: Estação Liberdade, 2003, 247 p.

CORDEIRO, Inaiê & FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. **A escuta pedagógica no atendimento ao escolar hospitalizado.** *Educação*, Batatais, v. 8, n. 1, p. 11-28, jan./jun. 2018.

CORREIA, Marco Antonio. **Representação e ensino a música nas aulas de geografia: emoção e razão nas representações geográficas.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009, 118p.

CUNHA, Rosemyriam; VOLPI, Sheila. **A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação.** *Rev. Cient. FAP 3* (2008): 85-97.

CHIARELLI, Lígia; BARRETO, Sidirley. **A Música como meio de desenvolver a inteligência e a integração de Ser.** Junho de 2005. Disponível em <<http://www.iacat.com/Revista/recrearte/recrearte03/musicoterapia.htm>>. Acesso em 17 de março. de 2019.

DISTRITO FEDERAL. Lei Distrital 2.809/ 01. **Dispõe sobre a garantia do direito da Criança e do Adolescente ao atendimento pedagógico e escolar na atenção hospitalar do Distrito Federal.** Distrito Federal. 2001.

FARFUS, Daniele. **Espaços educativos: um olhar pedagógico.** Curitiba: Intersaberes, 2012.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia? São Paulo: Loyola, 1979.

FONSECA, Eneida Simões da. **A Situação Brasileira do Atendimento Pedagógico-Educacional Hospitalar. Educação e Pesquisa**. Vol.25 n° 1:117-129 Jan/Jun 1999.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar hospitalar**: o trabalho pedagógicoeducacional no ambiente hospitalar. A criança doente também estuda e aprende. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

FONSECA, Eneida Simões da. **Escolas em hospitais no Brasil**. 2015. Disponível em <www.escolahospitalar.uerj.br>. Acesso em 28 junho 2017.

FONTES, Rejane de S. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada**: discutindo o papel da educação no hospital. Revista Brasileira de Educação, vol. 29 – Universidade Federal Fluminense - Rio de Janeiro. maio/jun/jul/ago 2005.

FONTES, R. S. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada**: um olhar sobre a infância e a educação no hospital. [S.l.] Novas Edições Acadêmicas, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: ed. Paz e Terra S/A, 1996.

FREIRE, Paulo. **A alfabetização de adultos**: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o_Cultural_para_a_Liberdade.pdf. > Acesso em: 02 de julho de 2019.

FREITAS, Maria Ester. **Viver a tese é preciso**: Reflexões sobre as aventuras e desventuras da vida acadêmica. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 42, n. 1. Jan./Mar. 2002.

GADOTTI, Moacir. **Gestão Democrática e Qualidade de Ensino**. In Minascentro, Belo Horizonte – MG. 28 a 30 de Julho de 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epec/v14n2/1983-2117-epec-14-02-00171.pdf>> acesso em: 14 de abril de 2011.

GOIÁS. Conselho Estadual de Educação. **Resolução CEE n. 07, de 15 de dezembro de 2006**. Goiânia. 2006.

GOIÁS. Secretaria de Estado de Educação Cultura e Esporte: **Currículo Referência da Rede Estadual**. Goiânia, 2012.

GOIÁS. **Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar – HOJE:** o que é e como funciona. Gerência de Ensino Especial. Secretaria de Estado da Educação de Goiás, 2013a.

GOIÁS. **Núcleo De Atendimento Educacional Hospitalar – HOJE.** Gerência de Ensino Especial. Secretaria de Estado da Educação de Goiás, 2014.

GOIÁS. **Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar - NAEH:** Diretrizes para o trabalho. Disponível em: . Acesso em: 10 de outubro 2018.

GONZÁLES, Eugenio. **Necessidades educacionais específicas.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

KAERCHER, N. A. **A geografia escolar:** gigante de pés de barro, comendo pastel de vento num Fast Food? **Terra Livre:** Presidente Prudente. Ano 23, V.1, nº 28, Jan-Jun/2007. p. 27-44.

LELIS, Isabel Alice **Entre Professoras e Alunos, uma Rede de Disposições Sentimentos.** Capturado: <http://www.educacaoonline.pro.br/entre_professoras_e_alunos.asp, 2005>.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, Angélica M. L. **Ensaio Sobre o Conceito Lugar:** A Rede SAREH - Serviço de Atendimento À Escolarização Hospitalar no Hospital de Clínicas UFPR. **HYGEIA,** Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde – UFU, Uberlândia, v. 7, n. 13, p. 18-30, jul. dez. 2011. Disponível em: <<http://www.hygeia.ig.ufu.br/>>. Acessado em: 28/01/219.

LOCATELLI, A.; ROSA, C. T. W. **Produtos Educacionais:** características da atuação docente retratada na I Amostra Gaúcha. **Polyphonia,** Goiânia, v. 26, n. 1, p. 197-210, 2015.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. **A dimensão lúdica na infância.** In.: XIV Endipe - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e culturas- 27 a 30 de abril de 2008 - PUC-RS Porto Alegre.

MARTINS, Rosa. E. M. W. **“A trajetória da Geografia e seu ensino no século XXI”.** P. 61-75. IN: CASTROGIOVANNI, Antonio, C.; TONINI, Maria, I. (ORG.). O ensino de geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre, Mediação, 2014.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. M. T. D. F. **Pedagogia Hospitalar:** A humanização integrando educação e saúde. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política /** Humberto Maturana; tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MENEZES, Cinthya Vernizi Adachi de: **Atendimento Escolar Hospitalar e Domiciliar:** estudo comparado das políticas educacionais do Paraná/Brasil e da Galícia/Espanha. Curitiba, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA, M. A. **O mestrado (profissional) em ensino.** *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, Brasília, v. 1, n. 1. p. 131-142, 2004.

MUNIZ, Alexandra. **A música nas aulas de Geografia.** *Revista de Ensino de Geografia*, Uberlândia, v. 3, n. 4, p. 80-94, jan./jun. 2012. 13

NEVES, Isa Beatriz da Cruz: **Desbravando O contexto das Classes hospitalares Brasileiras.** EDUCERE XII CONGRESSO DE NACIONAL DE EDUCAÇÃO. PUCPR 26 – 29/10/2015. ISSN 2176-1396

OCHOA, Belén. **Bases conceptuales de la Pedagogía hospitalaria.** In: GONZALEZ, C; HOLZ, V. *Uso de las TIC para la atención educativa, hospitalaria y domiciliaria.* Espanha: McGraw, 2015.

OLIVEIRA, Wânia Elias Vieira de. **Proposta de ensino de variação diatópica em aulas de língua portuguesa para classe hospitalar.** 2016. Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; HOLGADO, Flávio Lopes. **Conhecendo novos sons, novos espaços:** a música como elemento didático para as aulas de geografia. *Para Onde!?*, v. 6, n. 2, p. 197-205, jul./dez. 2012.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles e FREITAS, Soraia Napoleão. **Classe Hospitalar:** Um Olhar Sobre Sua Práxis Educacional. *RBEP*, Brasília, v.82, n. 200/201/202, p. 70-78, Jan/Dez 2001.

ORTIZ, Leodi Conceição M. **Classe Hospitalar:** reflexões sobre sua práxis educativa. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria. Faculdade de Educação. Santa Maria, 2002, 132 p.

ORTIZ, Leodi Conceição M. **Considerações acerca da inclusão escolar de crianças pós-hospitalizadas.** *Cadernos de Educação Especial*. Nº 20 p:97-104, 2002.

ORTIZ, Leodi C. M.; FREITAS, Soraia N. **Classe Hospitalar:** caminhos pedagógicos entre saúde e educação. Santa Maria, RS: UFSM, 2005, 110p.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. **Educação, diversidade e esperança:** a práxis pedagógica no contexto da escola hospitalar Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, 2005.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. **A universidade e a experiência em educação no contexto hospitalar:** formação profissional e humana. In: MATOS,

Elizete Lúcia Moreira; TORRES, Patrícia Lupion (org.) **Teoria e prática na pedagogia hospitalar: novos cenários, novos desafios**. Curitiba: Champagnat, 2010.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. **Educação nos hospitais: necessidade de discussão desse cenário educativo na formação de professores**. In: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Núcleo de Apoio ao Sareh. Caderno temático. Curitiba: SEED - PR., 2010. – 140 P.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. **Escola no Hospital: Espaço De Articulação Entre Educação Formal e Educação Não Formal**. 2015. Disponível em: < <http://livrozilla.com/download/390342>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

PIMENTA, S. A.; CARVALHO, A.B.G. **Didática e o ensino de geografia**. Campina Grande: EDUEP, 2008.

PITTA, Ana Maria Fernandes. **Hospital: dor e morte como OFÍCIO**. 4. ed. São Paulo, SP: HUCITEC, 1999. 198p.

PONTUSCHKA, N. N. **A Geografia: pesquisa e ensino**. In: CARLOS, A. F. A. (Orgs.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 111-142.

RELPH, E. C. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. Revista de Geografia, Rio Claro, n.4, p.1-25, 1979.

RESENDE, Márcia Spyer. **A Geografia do aluno trabalhador**. Caminhos para uma Prática de Ensino. São Paulo: Loyola, 1986.

ROJAS, L. I. **Geografia y salud: temas y perspectivas en América Latina**. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, ano 14, v. 4, p. 701-711, out./dez. 1998.

RODRIGUES NETO, Zilma. **A pedagogia hospitalar em Goiás**. In: PACHECO et al. (Orgs.). **Educação inclusiva e os serviços especializados: CAP, CAS, NAAH/S e Projeto Hoje**. p. 60-66, 2010.v.7.

SANDRONI, Giuseppina Antonia. **CLASSE HOSPITALAR: UM RECURSO A MAIS PARA A INCLUSÃO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS E JOVENS**. Cadernos da Pedagogia - Ano 2, Vol.2, No.3 jan./jul 2008.

SANDRONI, Giuseppina Antonia. **Classe Hospitalar: A importância do Acompanhamento Pedagógico para Crianças e Adolescentes**. São Carlos: UFSCAR, 2011.

SAMPAIO, Dulce Moreira. **A pedagogia do ser: educação dos sentimentos e valores humanos**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTOS, Milton. **A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo**. In: Fim de século e globalização. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTA CATARINA. Lei ordinária n.13.843, de 14 de setembro de 2006. **Dispõe sobre a garantia da criança e do adolescente ao pedagógico e escolar na internação hospitalar em Santa Catarina.** Disponível em: <http://www.leisestaduais.com.br/sc/lei-ordinaria-n-13843-2006>. Acesso em 21 abr. 2018.

SÃO PAULO. Lei n. 10.685, de 30 de novembro de 2000. **Dispõe sobre o acompanhamento educacional da criança e do adolescente internados para tratamento de saúde.** Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2000/lei-10685-30.11.2000.html> . Acesso em: 31 dez. 2015.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O território: sobre espaço e poder.** Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.7- 116.

SOUZA, Marcio Costa et al. **Integralidade na atenção à saúde: um olhar da Equipe de Saúde da Família sobre a fisioterapia.** **O Mundo da Saúde**, v.36, n.3, p.452-460, 2012.

TAAM, Regina. **Assistência pedagógica à criança hospitalizada.** 2000. 216f. Tese de Doutorado em Educação - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2000.

TEIXEIRA et al. **Classe Hospitalar: um estudo sobre o atendimento educacional no Hospital de combate ao câncer Araújo Jorge em Goiás.** 2015. Disponível em: <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/9/8>. Acesso em: 10/12/18.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez,1985.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo. Ed. Cortez, 1988.

TONELLO, Francieli; FERREIRA, Gleison. **A música como recurso pedagógico no contexto da educação especial.** **Revista Géfyra**, São Miguel do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 31-39, jan./jun 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo/Rio de Janeiro. Difel. 1980

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar.** São Paulo: Difel. 1983.

VASCONCELOS, S. M. F. **Intervenção Escolar em Hospitais para crianças internadas: a formação alternativa re-socializadora.** In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, disponível em <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script>. acesso 30/10/2018.

VASCONCELOS, S. M. F. **Classe hospitalar no mundo: um desafio à infância em sofrimento.** Fortaleza: UECE, 2008. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/sandramaia-hospitalar.htm. Acesso em: 30/10/2018.

VASCONCELLOS, C. S. **Roteiro de elaboração do projeto de ensino-aprendizagem.** In: **Planejamento:** projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad, 2008. p.133-156

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. **Histórias de Formação de Professores para a Classe Hospitalar.** In: **Revista Educação Especial** (UFSM), v. 28, p. 27-40, 2015
Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/9118>>.
Acesso em: 10/06/2017.

VESENTINI, José W. **Para uma geografia crítica na escola.** São Paulo: Ática, 1992.

VIANA, Graciane; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. **O uso de linguagens no ensino de geografia:** possibilidades de apreensão do espaço. In: ASARI, Alice Yatiyo; MOURA, Jeani Delgado Paschoal; LIMA, Rosely Maria de. **Múltiplas geografias:** ensino, pesquisa, reflexão. v. VII, Londrina: UEL, 2012.

VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia Pedagógica.** 2ª ed. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2004, 561 p.

ZOMBINI et al., **Classe Hospitalar: a articulação da saúde e educação como expressão da política de humanização do SUS.** **Trabalho Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10 n. 1, p. 71-86, mar /jun.2012.

APÊNDICES



ENSINO POR MEIO DA MÚSICA EM CIÊNCIAS HUMANAS: UMA PRÁTICA POSSÍVEL



SUGESTÕES DE MÚSICAS PARA SEREM UTILIZADAS
COMO RECURSOS DIDÁTICOS EM CLASSES REGULARES
E HOSPITALARES EM GOIÁS.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

**CEPAE – CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À
EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO PROFISSIONAL EM
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**PRODUTO EDUCACIONAL DA PESQUISA: O ENSINO DA GEOGRAFIA EM
CLASSE HOSPITALAR/DOMICILIAR: DESAFIOS, PRÁTICAS E
POSSIBILIDADES.**

**MESTRANDO: JEAN MARCOS DA SILVA
ORIENTADOR: PROF. Dr. GLAUCO ROBERTO GONÇALVES**

Goiânia, 2019.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	140
--------------------	-----

CONTEÚDOS

1. GLOBALIZAÇÃO	142
2. MEIO AMBIENTE	145
3. MIGRAÇÃO	155
4. CAPITALISMO	160
5. DITADURA MILITAR, PODER E GUERRAS.....	165
6. POLÍTICA, CORRUPÇÃO E SITUAÇÃO DO PAÍS	169
7. VIOLÊNCIA E DESEMPREGO	176
8. MORADIA (URBANO) E EDUCAÇÃO.....	184
9. REGIÕES DO BRASIL	190

Apresentação

Visando contribuir com o ensino de Geografia e de áreas afins das ciências humanas no contexto de classe hospitalar em Goiás e também das classes regulares de ensino, propomos este Guia como uma possibilidade de recurso didático para os professores do Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar (NAEH) e para todos os professores que se interessarem em trabalhar com seus educandos, diferentes conteúdos, tanto no Ensino Fundamental, como no Ensino Médio, utilizando as outras linguagens de ensino como, por exemplo, a música.

Este Guia permitirá que o professor trabalhe de forma criativa, crítica e de modo interdisciplinar boa parte dos conteúdos propostos, por meio das sugestões de músicas contidas nele, onde se apresentará o título, o intérprete, o compositor e a letra da música, bem como, por meio das respectivas reflexões ambientais, políticas, sociais e econômicas que este possibilitará, na sessão Pensar e Responder, o que permitirá um planejamento interdisciplinar por parte do professor.

Vale lembrar que as canções contidas nesse Guia faz parte do histórico e da vivência do pesquisador enquanto professor de Geografia. Todos os professores são incentivados neste trabalho, a utilizarem como recurso pedagógico as músicas, especialmente às conhecidas pelo próprio professor. Convém também destacar que ao utilizar uma canção como recurso pedagógico, o professor adapte a série e a idade dos educandos as questões a serem analisadas e discutidas.

Para uma maior adaptação a realidade do educando, do professor e do contexto onde a aula se desenvolverá, ao planejar suas aulas de modo interdisciplinar, o professor poderá acrescentar outras questões reflexivas e/ou outras músicas de seu conhecimento, em conformidade com o conteúdo que se pretende trabalhar, além das sugeridas no Guia. Vale destacar, que o planejamento e a criatividade do professor são de fundamental importância para o sucesso das aulas.

Na sessão Pensar e Criar, o Guia, ainda incentivará com que o professor de classe hospitalar e seu respectivo educando, crie sua própria composição, (estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, vídeos, fotografias, desenhos, charges, entre outros) relacionados com o conteúdo estudado e suas respectivas reflexões e a realidade da qual estão inseridos, favorecendo assim, a imaginação e o processo criativo.

Esperamos que este Guia contribua de maneira satisfatória com os professores do NAEH e também com todos aqueles que se interessam pelo uso das outras linguagens de ensino ao trabalharem os conteúdos das ciências humanas de modo interdisciplinar. E que este instrumento sirva como mais um recurso pedagógico capaz de envolver e aguçar os vários sentidos e os variados aspectos cognitivos do educando, por meio da música.

SUGESTÕES DE MÚSICAS PARA SEREM TRABALHADAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA E ÁREAS AFINS

1. CONTEÚDO – GLOBALIZAÇÃO

Pela Internet

Gilberto Gil

Álbum: Quanta Gente Veio Ver, 1998.

Composição: Gilberto Gil

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleja ...(2x)
Que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé
Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer
Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut
De Connecticut de acessar
O chefe da Mac Milícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus para atacar os programas no Japão
Eu quero entrar na rede para contatar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar...

PENSAR E RESPONDER

- 1) Com o auxílio de um mapa-múndi localize as cidades e os países citados pelo compositor.
- 2) O que a internet possibilita em relação à comunicação entre as cidades e os países citados na letra da música?
- 3) Além da facilidade de comunicação, que outros benefícios a internet oferece?
- 4) Traduza para o português as palavras de outro idioma que aparecem na música.
- 5) De que forma a internet contribui no processo de globalização?
- 6) Na sua opinião, como a internet passou a interferir na vida das pessoas? Cite exemplos que você já vivenciou.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Disneylândia

Titãs

Álbum: Titanomaquia, 1993.

Composição: Titãs e Arnaldo Antunes

Filho de imigrantes russos casado na Argentina
Com uma pintora judia,
Casou-se pela segunda vez
Com uma princesa africana no México
Música hindú contrabandiada por ciganos poloneses faz sucesso
No interior da Bolívia zebras africanas
E cangurus australianos no zoológico de Londres.
Múmias egípcias e artefatos incas no museu de Nova York
Lanternas japonesas e chicletes americanos
Nos bazares coreanos de São Paulo.
Imagens de um vulcão nas Filipinas
Passam na rede de televisão em Moçambique
Armênios naturalizados no Chile
Procuram familiares na Etiópia,
Casas pré-fabricadas canadenses
Feitas com madeira colombiana
Multinacionais japonesas
Instalam empresas em Hong-Kong
E produzem com matéria prima brasileira
Para competir no mercado americano
Literatura grega adaptada
Para crianças chinesas da comunidade europeia.
Relógios suíços falsificados no Paraguay
Vendidos por camelôs no bairro mexicano de Los Angeles.
Turista francesa fotografada semi-nua com o namorado árabe
Na baixada fluminense
Filmes italianos dublados em inglês
Com legendas em espanhol nos cinemas da Turquia
Pilhas americanas alimentam eletrodomésticos ingleses na Nova Guiné
Gasolina árabe alimenta automóveis americanos na África do Sul.
Pizza italiana alimenta italianos na Itália
Crianças iraquianas fugidas da guerra
Não obtém visto no consulado americano do Egito
Para entrarem na Disneylândia

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que você entendeu sobre essa música?
- 2) Separe pelo menos um trecho da música que evidencia o processo de globalização.
- 3) No trecho “crianças iraquianas fugidas da guerra...”, a que guerra você acha que os autores se referem?
- 4) Com as novas regras de ortografia da Língua Portuguesa, algumas palavras mudaram sua forma de escrita. As identifique na música e as transcrevam de modo correto.
- 5) Quais capitais e que países foram citados na música? A que continentes pertencem?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Globalização

Tribo de Jah

Ano de Lançamento: 1999

Globalização é a nova onda
O império do capital em ação
Fazendo sua rotineira ronda
No gueto não há nada de novo
Além do sufoco que nunca é pouco
Além do medo e do desemprego, da violência e da impaciência
De quem partiu para o desespero numa ida sem volta
Além da revolta de quem vive as voltas
Com a exploração e a humilhação de um sistema impiedoso
Nada de novo
Além da pobreza e da tristeza de quem se sente traído e esquecido
Ao ver os filhos subnutridos sem educação
Crescendo ao lado de esgotos, banidos a contragosto pela sociedade
Declarados bandidos sem identidade
Que serão reprimidos em sumária execução
Sem nenhuma apelação
Não há nada de novo entre a terra e o céu
Nada de novo
Senão o velho dragão e seu tenebroso véu de destruição e fogo
Sugando sangue do povo,
De geração em geração
Especulando pelo mundo todo
É só o velho sistema do dragão
Não, não há nenhuma ilusão, ilusão
Só haverá mais tribulação, tribulação
Os dirigentes do sistema impõem seu lema:
Livre mercado, mundo educado para consumir e existir sem questionar
Não pensam em diminuir ou domar a voracidade
E a sacanagem do capitalismo selvagem
Com seus tentáculos multinacionais querem mais, e mais, e mais...
Lucros abusivos
Grandes executivos são seus abastados serviçais
Não se importam com a fome, com os direitos do homem
Querem abocanhar o globo, dividindo em poucos o bolo

PENSAR E RESPONDER

1. Por que o compositor afirma que a globalização não trouxe "nada de novo"?
2. Qual é a visão do compositor sobre o sistema capitalista?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Deixando migalhas pro resto da gentinha, em seus muitos planos
Não veem seres humanos e os seus valores, só milhões e milhões de consumidores
São tão otimistas em suas estatísticas e previsões
Falam em crescimento, em desenvolvimento por muitas e muitas gerações
Não há nada de novo entre a terra e o céu
Nada de novo
Senão o velho dragão e seu tenebroso véu de destruição e fogo
Sugando sangue do povo,
De geração em geração
Especulando pelo mundo todo
É só o velho sistema do dragão
Não, não há nenhuma ilusão, ilusão
Só haverá mais tribulação, tribulação
Não sentem o momento crítico, talvez apocalíptico
Os tigres asiáticos são um exemplo típico,
Agora mais parecem gatinhos raquíticos e asmáticos
Se o sistema quebrar será questão de tempo
Até chegar o racionamento e o desabastecimento
Que sinistra situação!
O globo inchado e devastado com a superpopulação
Tempos de barbárie então virão, tempos de êxodos e dispersão
A água pode virar ouro
O rango um rico tesouro
Globalização é uma falsa noção do que seria a integração,
Com todo respeito a integridade e a dignidade de cada nação
É a lei infeliz do grande capital,
O poder da grana internacional que faz de cada país apenas mais um seu quintal
É o poder do dinheiro regendo o mundo inteiro
Ricos cada vez mais ricos e metidos
Pobres cada vez mais pobres e falidos
Globalização, o delírio do dragão!

3. Você concorda com a visão sobre o capitalismo e o atual processo de globalização, apresentada pelo compositor? Justifique.

Miséria

Titãs

Álbum: **Ô Blésq Blom, 1989**

Composição: **Paulo Miklos / Sergio Britto**

Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Índio, mulato, preto, branco
Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Miséria é miséria em qualquer canto
Filhos, amigos, amantes, parentes
Riquezas são diferentes
Ninguém sabe falar esperanto
Miséria é miséria em qualquer canto
Todos sabem usar os dentes
Riquezas são diferentes

Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Miséria é miséria em qualquer canto
Fracos, doentes, aflitos, carentes
Riquezas são diferentes
O Sol não causa mais espanto
Miséria é miséria em qualquer canto
Cores, raças, castas, crenças
Riquezas são diferenças
A morte não causa mais espanto
O Sol não causa mais espanto
A morte não causa mais espanto
O Sol não causa mais espanto
Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Cores, raças, castas, crenças
Riquezas são diferenças
Índio, mulato, preto, branco
Filhos, amigos, amantes, parentes
Fracos, doentes, aflitos, carentes
Cores, raças, castas, crenças
Em qualquer canto miséria
Riquezas são miséria
Em qualquer canto miséria

PENSAR E RESPONDER

- 1) Com o auxílio de seu dicionário, busque o significado da palavra

miséria. Qual a diferença de miséria e pobreza?

- 2) De que forma a miséria e a pobreza têm se agravado na atual fase da globalização? Explique.
- 3) O **Banco Mundial** define a **pobreza extrema** como viver com menos de 1 dólar por dia e **pobreza moderada** como viver com entre 1 e 2 dólares por dia. Estima-se que 1 bilhão e 100 milhões de pessoas no mundo, tenham níveis de consumo inferiores a 1 dólar por dia e que 2 bilhões e 700 milhões de pessoas, tenham um nível inferior a 2 dólares por dia. Qual é a cotação do dólar hoje, no Brasil? Quantos dólares são suficientes para uma família de cinco pessoas se alimentarem e suprir suas necessidades diárias?
- 4) Há relação entre globalização e pobreza? Explique.
- 5) Cite alguns fatores que contribuíram para o aumento da pobreza nos países mais ricos e desenvolvidos.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Parabolicamará
Composição: Gilberto Gil
Ano de Lançamento: 1992.

Antes mundo era pequeno
Porque Terra era grande
Hoje mundo é muito grande
Porque Terra é pequena
Do tamanho da antena
Parabolicamará
Ê volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará
Antes longe era distante
Perto só quando dava
Quando muito ali defronte
E o horizonte acabava
Hoje lá trás dos montes
dendê em casa camará
Ê volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará
De jangada leva uma eternidade
De saveiro leva uma encarnação
Pela onda luminosa
Leva o tempo de um raio
Tempo que levava Rosa
Pra aprumar o balaio
Quando sentia
Que o balaio ía escorregar
Ê volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará
Esse tempo nunca passa
Não é de ontem nem de hoje
Mora no som da cabaça
Nem tá preso nem foge
No instante que tange o berimbau
Meu camará
Ê volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará
De jangada leva uma eternidade
De saveiro leva uma encarnação
De avião o tempo de uma saudade

Esse tempo não tem rédea
Vem nas asas do vento
O momento da tragédia
Chico Ferreira e Bento
Só souberam na hora do destino
Apresentar
Ê volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que significa Parabolicamará?
- 2) O que o compositor retrata nessa música?
- 3) Antes mundo era pequeno / Porque Terra era grande / Hoje mundo é muito grande / Porque Terra é pequena. Que relação podemos fazer desse trecho da música com a internet e o processo de globalização de modo geral?
- 4) Levando em consideração o ano de composição da música, porque o autor citou como recurso tecnológico capaz de transformar nossa percepção de mundo, tempo e espaço a antena parabólica e não a internet?
- 5) Em que sentido a globalização encurtou o mundo?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

2. CONTEÚDO – MEIO AMBIENTE

Água

Arnaldo Antunes

Álbum: Canções de Brincar, Palavra Cantada, 1996.

Da nuvem até o chão, do chão até o bueiro
Do bueiro até o cano, do cano até o rio
Do rio até a cachoeira
Da cachoeira até a represa, da represa até a caixa d'água
Da caixa d'água até a torneira, da torneira até o filtro
Do filtro até o copo
Do copo até a boca, da boca até a bexiga
Da bexiga até a privada, da privada até o cano
Do cano até o rio
Do rio até outro rio
De outro rio até o mar
Do mar até outra nuvem

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que você entendeu dessa música?
- 2) Na música mostra os caminhos que a água percorre até chegar em nossas casas. Você já procurou saber de onde vem a água que você usa para beber, cozinhar, tomar banho, lavar roupas? Depois de usada para onde ela vai?
- 3) O lugar onde você mora tem redes de pluvial e sanitário e água encanada ou tratada?
- 4) Por que esses serviços são importantes para a população e para o meio ambiente?
- 5) Como a água do mar chega até as nuvens?
- 6) Como a água da nuvem chega até o chão? Descreva o ciclo da água.
- 7) Você acha que, ao chegar ao solo, a água pode percorrer outros caminhos que não foram citados na música?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Herdeiro da Pampa Pobre

Engenheiros do Hawaii

Álbum: Várias Variáveis, 1991.

Composição: Vaine Darde / Gaúcho Da Fronteira

Mas que pampa é essa que eu recebo agora
Com a missão de cultivar raízes
Se dessa pampa que me fala a história
Não me deixaram nem sequer matizes?
Passam às mãos da minha geração
Heranças feitas de fortunas rotas
Campos desertos que não geram pão
Onde a ganância anda de rédeas soltas
Se for preciso, eu volto a ser caudilho
Por essa pampa que ficou pra trás
Porque eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai
Que pampa é essa que eu recebo agora
Com a missão de cultivar raízes
Se dessa pampa que me fala a história
Não me deixaram nem sequer matizes?
Passam às mãos da minha geração
Heranças feitas de fortunas rotas
Campos desertos que não geram pão
Onde a ganância anda de rédeas soltas
Se for preciso, eu volto a ser caudilho
Por essa pampa que ficou pra trás
Porque eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai
Herdei um campo onde o patrão é rei
Tendo poderes sobre o pão e as águas
Onde esquecido vive o peão sem leis
De pés descalços cabrestando mágoas
O que hoje herdo da minha grei chirua
É um desafio que a minha idade afronta
Pois me deixaram com a guaiaca nua
Pra pagar uma porção de contas
Se for preciso, eu volto a ser caudilho
Por essa pampa que ficou pra trás
Porque eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai
Eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai
Eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai

PENSAR E RESPONDER

- 1) Sobre o que o autor fala nessa música?
- 2) O que é o pampa? Onde se localiza? Ocupa qual porcentagem do território nacional?
- 3) Este foi o segundo domínio morfoclimático mais destruído no Brasil até 2009, com uma taxa de desmatamento que já atingiu 63,97% da sua área. Por que isso ocorre?
- 4) Quais são os domínios morfoclimáticos brasileiros?
- 5) Entre os domínios morfoclimáticos brasileiros, qual é o mais conservado? E o mais degradado?
- 6) Por que é importante pensar em conservar para gerações futuras?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Música: Sobradinho

Biquini Cavado

Álbum: Me Leve Sem Destino, 2014.

Compositor: Guarabyra / As

O homem chega e já desfaz a natureza
Tira gente, põe represa e diz que tudo vai mudar!
O São Francisco, lá prá cima da Bahia
Diz que dia menos dia vai subir bem devagar
E passo a passo vai cumprindo a profecia
Do Beato que dizia que o Sertão ia alagar
O Sertão vai virar mar!
Dá no coração
O medo que algum dia
O mar também vire sertão
Vai virar mar!
Dá no coração
O medo que algum dia
O mar também vire sertão
Naa na na na na
Naa na na na na
Adeus Remanso, Casa Nova, Sento Sé
Adeus Pilão Arcado, vem o rio te engolir!
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira o Gaiola vai subir
Vai ter barragem no Salto do Sobradinho
E o povo vai-se embora com medo de se afogar!
O Sertão vai virar mar!
Dá no coração
O medo que algum dia
O mar também vire sertão
Vai virar mar!
Dá no coração
O medo que algum dia
O mar também vire sertão

PENSAR E RESPONDER

- 1) Sobre o que o autor fala nessa música?
- 2) Em qual Estado da federação está localizado a Usina Hidrelétrica de Sobradinho?
- 3) Cite alguns impactos ambientais que um projeto como esse provoca.
- 4) De acordo com música, cite alguns impactos sociais, psicológicos e emocionais que um projeto como esse provoca em uma comunidade atingida.
- 5) Faça uma pesquisa sobre a Usina Hidrelétrica de Sobradinho e destaque: área total alagada, capacidade de geração de energia, capacidade do reservatório, população beneficiada e relação custo benefício entre os impactos provocados e os benefícios gerados (atendem a quem?).

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Música: Planeta Água
Guilherme Arantes
Álbum: Maioridade, 1997.
Compositor: Guilherme Arantes

Água que nasce na fonte serena do mundo
E que abre um profundo grotão
Água que faz inocente riacho
E deságua na corrente do ribeirão
Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população
Águas que caem das pedras
No véu das cascatas, ronco de trovão
E depois dormem tranquilas
No leito dos lagos
No leito dos lagos
Água dos igarapés
Onde Iara, a mãe d'água
É misteriosa canção
Água que o sol evapora
Pro céu vai embora
Virar nuvens de algodão
Gotas de água da chuva
Alegre arco-íris sobre a plantação
Gotas de água da chuva
Tão tristes, são lágrimas na inundação
Águas que movem moinhos
São as mesmas águas que encharcam o chão
E sempre voltam humildes
Pro fundo da terra
Pro fundo da terra

Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água

PENSAR E RESPONDER

- 1) Procure no dicionário o significado das palavras que você não conhece.
- 2) Como é caracterizado, no texto, o lugar de origem da água?
- 3) “A água é um líquido inodoro, incolor e insípido, imprescindível para o desenvolvimento dos processos vitais de todos os seres vivos.” Segundo o texto, que benefícios a água traz para o homem?
- 4) Você concorda que a Terra seja chamada de “planeta água”? Justifique sua resposta.
- 5) Copie o trecho da canção que fala sobre a mudança de estado líquido para gasoso.
- 6) No Brasil, qual é a região que mais sofre com a falta d'água?
- 7) Você se preocupa em economizar água? Por quê?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Música: Planeta Azul
Chitãozinho & Xororó
Álbum: Planeta Azul, 1991.
Composição: Aldemir / Xororó

A vida e a natureza sempre à mercê da poluição
Se invertem as estações do ano
Faz calor no inverno e frio no verão
Os peixes morrendo nos rios
Estão se extinguindo espécies animais
E tudo que se planta, colhe
O tempo retribui o mal que a gente faz
Onde a chuva caía quase todo dia
Já não chove nada
O sol abrasador rachando o leito dos rios secos
Sem um pingão d'água
Quanto ao futuro inseguro
Será assim de Norte a Sul
A Terra nua semelhante à Lua
O que será desse planeta azul?
O que será desse planeta azul?
O rio que desse as encostas já quase sem vida
Parece que chora um triste lamento das águas
Ao ver devastada, a fauna e a flora
É tempo de pensar no verde
Regar a semente que ainda não nasceu
Deixar em paz a Amazônia, preservar a vida
Estar de bem com Deus
Onde a chuva caía quase todo dia
Já não chove nada
O sol abrasador rachando o leito dos rios secos
Sem um pingão d'água.
Quanto ao futuro inseguro
Será assim de Norte a Sul
A Terra nua semelhante à Lua
O que será desse planeta azul?
O que será desse planeta azul?
O que será desse planeta azul

PENSAR E RESPONDER

- 1) Qual mensagem a letra dessa música quer passar?
- 2) Retire da música trechos que demonstram degradação ambiental.
- 3) Explique a frase: o rio estar chorando ao ver devastada a fauna e a flora.
- 4) Por que o autor comparou o futuro da Terra com a situação da Lua?
- 5) Você acredita que a destruição da natureza interfere em sua vida? De que forma? O que pode ser feito para melhorar essa situação?
- 6) O que você pensa sobre essa mensagem?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Xote Ecológico

Luiz Gonzaga

Álbum: Vou Te Matar de Cheiro, 1989.

Composição: Aguinaldo Batista e Luiz Gonzaga

Não posso respirar, não posso mais nadar
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar
E se plantar não nasce, se nascer não dá
Até pinga da boa é difícil de encontrar
Não posso respirar, não posso mais nadar
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar
E se plantar não nasce, se nascer não dá
Até pinga da boa é difícil de encontrar
Cadê a flor que estava aqui?
Poluição comeu
E o peixe que é do mar?
Poluição comeu
E o verde onde é que está?
Poluição comeu
Nem o Chico Mendes sobreviveu

PENSAR E RESPONDER

- 1) Qual mensagem o compositor quer transmitir com essa música?
- 2) Cite algumas consequências da degradação ambiental na vida das pessoas.
- 3) O que você entende por meio ambiente?
- 4) O que você entende por poluição? É possível não poluir?
- 5) Faça uma pesquisa sobre Chico Mendes e destaque quem foi, onde vivia, o que fazia, pelo o que lutava, por que e quando morreu.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Velho Chico
Flávio José
Ano de Lançamento: 2002
Compositor: Flávio José

Deus mande chuva
Lá pra serra da canastra
Chuvas fortes, chuvas vastas
Pro velho Chico emergir
Quero sentir
A força da natureza
Fazendo a sua correnteza
De novo puder subir
Vamos unirmos
Replantar as suas margens
Devolver toda paisagem
Que o Chicão teve outrora
Chegou a hora
Dos homens que têm poder
Drenarem pra não se ver
O velho Chico ir embora
Em cada proa
Que aparece em seu leito
É um pedido com jeito
De não me deixem morrer
Deixem as usinas
Mas param a poluição
Agrotóxicos e a erosão
Em todo canto se ver
Devolvam aos peixes
Seu santuário sagrado
Que o velho Chico calado
Só tem de lhe agradecer

PENSAR E RESPONDER

- 1) Em qual estado brasileiro nasce o Rio São Francisco? De que Região esse estado faz parte?
- 2) O Rio São Francisco tem cerca de 2.800 km de extensão e percorre cinco estados brasileiros. Quais são esses estados?
- 3) Onde é a foz do Rio São Francisco?
- 4) Segundo a música qual o perigo real o Rio São Francisco está correndo? Este perigo se estende para outros rios? De exemplos.
- 5) O que é um agrotóxico? Qual o perigo do uso indiscriminado deste produto para a saúde humana, dos rios e fauna que deles dependem?
- 6) Que relação pode fazer entre desmatamento das margens dos rios com erosão e assoreamento do leito dos rios?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

A Vaquinha
Trio Parada Dura
Álbum: Blusa Vermelha, 1980.
Composição: Carlos Cezar / Jose
Fortuna / Osvaldo Bettio

"Aquele pobre vaquinha indo para o matadouro
tão velha e magra que tem os ossos furando o
couro
Parece que ela adivinha que caminha para o fim
Se ela pudesse dizer, talvez nos diria... assim:"
Meu boiadeiro me levando à morte
Dei minha vida para lhe ajudar
Meu leite puro é que matou a fome
De seus filhinhos, que ajudei criar
Os meus filhinhos você levou embora
Uns para o corte e outros no estradão
Puxando carro pelo chão do mundo
De dor, sangrado pelo seu ferrão
Um obrigado eu esperava ouvir agora
Porém, só ouço a chicotada da partida
Meu coração, entristecido, está chorando
A ingratidão de quem tanto ajudei na vida
Hoje estou velha, pra mais nada presto
A minha morte só lhe satisfaz
Vivi a vida só lhe dando lucros
Sem o direito de morrer em paz
Quando sua faca atravessar meu peito
E o meu sangue lhe escorrer na mão
Por sua pobre ignorância humana
Meu boiadeiro, lhe darei perdão
Um obrigado eu esperava ouvir agora
Porém, só ouço a chicotada da partida
Meu coração, entristecido, está chorando
A ingratidão de quem tanto ajudei na vida
Após a morte, eu serei seus passos
No seu calçado feito com meu couro
Serei o cinto pra enfeitar madames
Serei a bolsa pra guardar seu ouro
Desde o início da humanidade

Quando, em Belém, viram a Divina Luz
O meu calor, na fria manjedoura
Fui eu que um dia aqueci Jesus
Um obrigado eu esperava ouvir agora
Porém, só ouço a chicotada da partida
Meu coração, entristecido, está chorando
A ingratidão de quem tanto ajudei na vida

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que retrata essa música?
- 2) Você concorda com a forma que nossa sociedade trata os animais? Justifique sua resposta.
- 3) Que trechos da música explica a relação entre consumismo, luxo, riqueza com a morte dos animais?
- 4) Hoje em dia, muitas pessoas com uma consciência ambiental mais desenvolvida, demonstram profundo respeito pelos animais e o meio ambiente de modo geral. Assim, na busca por uma vida mais saudável em todos os aspectos, adotam um estilo de alimentação e de vida alternativo em comparação com a maior parte da população. Por exemplo, alguns se denominam vegetarianos, outros veganos, outros crudívoros, outros frugívoros, entre outros. Você sabe a diferença entre eles? Faça uma pesquisa e aliste os pontos positivos em uma dieta sem carne animal.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

3. CONTEÚDO – MIGRAÇÃO

Vaca Estrela e boi Fubá

Fagner

Álbum: Traduzir-se, 1981.

Compositor: Patativa do Assaré

Seu dotô me de licença
Pra minha história contá
Hoje eu tô na terra estranha
E é bem triste o meu pená
Mas já fui muito feliz
Vendo no meu lugá
Eu tinha cavalo bom
Gostava de campeá
E todo dia aboiava
Na porteira do currá
Ê, vaca Estrela, ô, boi Fubá
Eu sou fio do nordeste
Não nego o meu naturá
Mas uma seca medonha
Me tangeu de lápra cá
Lá eu tinha o meu gadinho
Não é bom nem imaginá
Minha linda vaca Estrela
E o meu belo boi Fubá
Quando era de tardezinha
Eu começava a aboiá
Ê, vaca Estrela, ô, boi Fubá
Aquela seca medonha
Fez tudo se trapaíá
Não nasceu capim no campo
Para o gado sustentá
O sertão esturricô, fez os açude secá
Morreu minha vaca Estrela
Se acabou meu boi Fubá
Perdi tudo quanto eu tinha
Nunca mais pude aboiá
Ê, vaca Estrela, ô, boi Fubá
Hoje nas terra do sul
Longe do torrão natá
Quando eu vejo em minha frente

Uma boiada passá
As água corre dos oios
Começo logo a chorá
Lembro minha vaca Estrela
E o meu lindo boi Fubá
Com sodade do nordeste
Dá vontade de aboiá
Ê, vaca Estrela, ô, boi Fubá

PENSAR E RESPONDER

- 1) Essa música expressa qual realidade de muitos brasileiros?
- 2) O que podemos interpretar do seguinte trecho da música: “Hoje eu tô na terra estranha E é bem triste o meu pená”?
- 3) Qual é a realidade de muitos migrantes brasileiros de acordo com a música?
- 4) O compositor dessa música utiliza-se de palavras simples faladas pelos homens do campo, que por sua vez, não estão escritas corretamente de acordo com a norma padrão da língua portuguesa. Corrija as palavras escritas de maneira incorreta, conforme a norma padrão da língua portuguesa.
- 5) Em sua opinião a seca e os problemas provocados por ela no sertão nordestino podem ser amenizados através de políticas públicas? Justifique sua resposta.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Migração

Jair Rodrigues

Ano de Lançamento: 2008.

Compositor: Jair Rodrigues

Ele é migrador
Um retirante vindo de lá do sertão
Andou muitas léguas a pé
Perdeu seu filho, gado,
Cachorro e a mulher

Estrada seca encontrou
E a fé sempre prosperou
Na esperança ao menos
De algum caminhão

Chegou na cidade grande
Sem emprego e proteção
Estranhou a diferença
Que existia no sertão

Tanta adversidade, nesta terra de patrão
Tanto orgulho e vaidade para um pobre cidadão
Simbora ele vai outra vez pro sertão

Se arreja num carro de boi
Dispara dentro do sertão
E a boia vai fria num baião de dois
Pimenta virada no cão
Farinha pra mó de estufar
E a água encontra se Deus mandar...

PENSAR E RESPONDER

- 1) Do que fala essa música?
- 2) O que é o êxodo rural?
- 3) De acordo com a música, qual é a realidade de muitos “retirantes vindo do sertão” ao chegarem na “cidade grande”?
- 4) O que contribuiu para saída do homem do campo para as cidades?
- 5) Cite alguns problemas sociais, ambientais e econômicos decorridos do processo de urbanização rápida e intensa de muitas cidades brasileiras.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Chopis Centis
Mamonas Assassinas
Álbum: Mamonas Assassinas, 1995.
Composição: Dinho e Júlio Rasec

Eu di um beijo nela
E chamei pra passear
A gente fomos no shopping
Pra mode a gente lanchar
Comi uns bicho estranho
Com um tal de gergelim
Até que tava gostoso
Mas eu prefiro aipim
Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia
Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia
P'arriba!
Joinha, joinha, chupetão, vamo lá
Chuchuzinho, vamo embora
Onde é que entra, hein?
Esse tal Chópis Cêntis
É muicho legalzinho
Pra levar as namoradas
E dar uns rolézinhos
Quando eu estou no trabalho
Não vejo a hora de descer dos andaime
Pra pegar um cinema do Schwarzenegger
Tombém o Van Daime
Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia
Bem forte, bem forte

Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia

PENSAR E RESPONDER

- 1) Separe pelo menos um trecho da música que confirma que o autor da composição está falando de um migrante.
- 2) A língua portuguesa sofre influências regionais. Por exemplo, na música aparece a palavra “aipim”, o que ela significa? Que outros nomes ela recebe em diferentes regiões brasileiras?
- 3) O compositor dessa música utiliza-se de palavras simples faladas pelos homens do interior do Brasil, que por sua vez, não estão escritas corretamente de acordo com as normas cultas da língua portuguesa. Corrija as palavras escritas de maneira incorreta, conforme as normas cultas da língua portuguesa.
- 4) A música faz referência a uma modalidade de compra na forma de crediário em uma determinada loja. Faça uma pesquisa e veja o valor real de um produto (como, por exemplo, uma televisão, geladeira, etc.) na forma de pagamento a vista e o valor ao final dos pagamentos no crediário. E responda quanto se paga a mais pelo mesmo produto? Qual o valor dos juros? Como se pode calcular os juros cobrados no valor de cada prestação?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Pobre Paulista

IRA!

Composição: Edgard Scandurra

Ano de Lançamento: 1986.

Todos os não se agitam
Toda adolescência acata
E a minha mente gira
E toda ilusão se acaba
Dentro de mim sai um monstro
Não é o bem, nem o mal
É apenas indiferença
É apenas ódio mortal
Não quero ver mais essa gente feia
Não quero ver mais os ignorantes
Eu quero ver gente da minha terra
Eu quero ver gente do meu sangue
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh (Repete desde início)
Eu sei que vivo em louca utopia
Mas tudo vai cair na realidade
Pois sinto que as coisas vão surgindo
É só um tempo pra se rebelar
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh (Repete desde início)
Parou, pensou e chegou ... a essa conclusão
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh
Pobre São Paulo, pobre paulista...
Pobre São Paulo, pobre paulista...
Pobre São Paulo, pobre paulista...
Pobre São Paulo, pobre paulista

PENSANDO E RESPONDENDO

- 1) A quem o autor da música está se referindo ao falar de gente feia e ignorante?
- 2) “Gente da minha terra, gente de meu sangue”, a quem o compositor está se referindo?
- 3) Pesquise no dicionário o significado da palavra preconceito e escreva no espaço abaixo.
- 4) Essa música é preconceituosa? Justifique sua resposta.
- 5) Atualmente, em sua região ou país você diria que esse tipo de sentimento ocorre com maior intensidade? Existe preconceito no Brasil? Cite exemplos.

PENSANDO E CRIANDO

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Fotografia 3X4

Belchior

Álbum: Alucinação, 1976.

Composição: Belchior

Eu me lembro muito bem do dia que eu cheguei
Jovem que desce do Norte pra cidade grande
Os pés cansados e feridos de andar légua tirana
De lágrimas nos olhos de ler o Pessoa
E de ver o verde da cana
Em cada esquina que eu passava um guarda me
parava
Pedia os meus documentos e depois sorria
Examinando o 3x4 da fotografia
E estranhando o nome do lugar de onde eu
vinha
Pois o que pesa no Norte, pela lei da gravidade
Disso Newton já sabia: cai no Sul, grande
cidade
São Paulo violento, corre o Rio que me engana
Copacabana, Zona Norte e os cabarés da Lapa
onde eu morei
Mesmo vivendo assim, não me esqueci de amar
Que o homem é pra mulher e o coração pra
gente dar
Mas a mulher, a mulher que eu amei
Não pôde me seguir não
Esses casos de família e de dinheiro eu nunca
entendi bem
Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do
Norte e vai viver na rua
A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia
E pela dor eu descobri o poder da alegria
E a certeza de que tenho coisas novas
Coisas novas pra dizer
A minha história é talvez
É talvez igual a tua, jovem que desceu do Norte
Que no sul viveu na rua
E ficou desnordeado, como é comum no seu
tempo
E que ficou desapontado, como é comum no seu
tempo

E que ficou apaixonado e violento como eu
como você
A minha história é talvez
É talvez igual a tua, jovem que desceu do Norte
Que no sul viveu na rua
E que ficou desnordeado, como é comum no seu
tempo
E que ficou desapontado, como é comum no seu
tempo
E que ficou apaixonado e violento como eu
como você
Eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você que me ouve agora
Eu, eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você

PENSAR E RESPONDER

- 1) Sobre o que fala essa música?
- 2) Qual mensagem o compositor transmite?
- 3) Em que época provável essa migração ocorreu? Qual trecho da música confirma isso?
- 4) Cite alguns fatores que levam as pessoas migrarem de suas respectivas regiões de origem.
- 5) Que contraste podemos observar nessa música, entre a terra natal do migrante e a nova morada?
- 6) Qual a realidade que muitos migrantes se encontram atualmente nas grandes cidades?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

4. CONTEÚDO – CAPITALISMO

Capitalismo

Ratos de Porão

Álbum: Feijoadá Acidente? – Brasil, 1995.

Cultiva as guerras
Destrói nações
Dinheiro e poder
Suas razões
Capitalismo
Um mal incurável
Capitalismo
O homem é irresponsável
Ca-pi-ta-lismo!
Destrói natureza
Mata animais
Só o dinheiro é o que importa
Capitalismo
Um mal incurável
Capitalismo
O homem e irresponsável
Ca-pi-ta-lismo!
Ganância e ambição
Em qualquer situação
Está gerando um caos na humanidade
Esta é a triste realidade
Capitalismo
Capitalismo

PENSAR E RESPONDER

- 1) Qual visão o compositor dessa música tem sobre o modo de produção capitalista?
- 2) Explique o seguinte trecho da música: “Cultiva as guerras, destrói nações, dinheiro e poder, suas razões, capitalismo um mal incurável”
- 3) Por que o compositor chama o homem de irresponsável na música?
- 4) Em que sentido o capitalismo gera um caos na humanidade. Dê exemplos. Você consegue contextualizar com sua realidade?
- 5) Qual mensagem o compositor quer passar?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Capitalismo Não!
Geração Suburbana
Álbum: Vivemos Preso, 2018.

Um grito de revolta preso na garganta
Que ecoa como um ruído contra o capital
Capitalismo não!
Uma vida não se compra, não se vende, não se ilude.
Cada um tem seu valor suas virtudes
Dinheiro, ganância, poder e exploração.
Um grito que ecoa
Capitalismo não!
Seu dinheiro sujo, pra mim não tem valor.
Todo esse dinheiro financia o terror
Humanos desumanos estão ficando loucos
Em vez de se amarem uns odeiam os outros
Pra que tanto dinheiro
Pra que desigualdade por quê?
Se somos todos iguais
Não agüento mais essa roubalheira
Temos que mudar isso de qualquer maneira
Trazer para o mundo a paz, trazer para o mundo a liberdade.
Contra o capital e toda essa falsidade
E passam-se os tempos
E o homem ainda não aprendeu
A amar as pessoas
E continua vivendo em seu mundo
Egoísta e brigando entre si
Tudo isso por causa de uma ganância
Que parece não ter fim
E assim criando blocos entre a sociedade
Sendo que desses blocos
Uma pequena parte é privilegiada
Enquanto a grande massa
Vive em condições precárias
E eu abro os olhos
Só vejo fome e miséria
FOME E MISÉRIA!

PENSAR E RESPONDER

- 1) Qual mensagem o compositor quer passar com essa música?
- 2) Que relação tem o capital com a ganância, o poder e a exploração?
- 3) Qual é a classe dominante no sistema capitalista?
- 4) Qual é a classe dominada no sistema capitalista?
- 5) O que são desigualdades sociais? Dê exemplos de como elas se manifestam na paisagem?
- 6) Em que sentido o capitalismo tira do mundo a paz e a liberdade?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

"Fábrica"

Legião Urbana

Álbum: Dois, 1986.

Composição: Renato Russo

Nosso dia vai chegar,
Teremos nossa vez.
Não é pedir demais:
Quero justiça,
Quero trabalhar em paz.
Não é muito o que lhe peço -
Eu quero um trabalho honesto
Em vez de escravidão.
Deve haver algum lugar
Onde o mais forte
Não consegue escravizar
Quem não tem chance.
De onde vem a indiferença
Temperada a ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?
O céu já foi azul, mas agora é cinza
O que era verde aqui já não existe mais.
Quem me dera acreditar
Que não acontece nada de tanto brincar com fogo,
Que venha o fogo então.
Esse ar deixou minha vista cansada,
Nada demais.

PENSAR E RESPONDER

- 1) Como se dão as relações de trabalho no mundo capitalista? Existem lutas de classes?
- 2) Explique a frase: "Não é muito o que lhe peço eu quero um trabalho honesto em vez de escravidão. Deve haver algum lugar onde o mais forte não consegue escravizar quem não tem chance". Como podemos relacionar essa frase com o capitalismo?
- 3) Analise a primeira estrofe da letra e exponha o problema denunciado em versos. Interprete os versos "O céu já foi azul, mas agora é cinza / O que era verde aqui já não existe mais."
- 4) Em sua opinião, qual é a mensagem desta música?
- 5) "Nosso dia vai chegar, teremos nossa vez". A quem o compositor se refere?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Cidadão

Zé Ramalho

Álbum: Frevoador, 1992.

Composição: Lucio Barbosa

Tá vendo aquele edifício moço?
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição
Eram quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
Olho pra cima e fico tonto
Mas me chega um cidadão
E me diz desconfiado, tu tá aí admirado
Ou tá querendo roubar?
Meu domingo tá perdido
Vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar o meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio
Que eu ajudei a fazer
Tá vendo aquele colégio moço?
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrevento
Pus a massa fiz cimento
Ajudei a rebocar
Minha filha inocente
Vem pra mim toda contente
Pai vou me matricular
Mas me diz um cidadão
Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar
Esta dor doeu mais forte
Por que que eu deixei o norte
Eu me pus a me dizer
Lá a seca castigava mas o pouco que eu
plantava
Tinha direito a comer
Tá vendo aquela igreja moço?
Onde o padre diz amém
Pus o sino e o badalo
Enchi minha mão de calo
Lá eu trabalhei também

Lá sim valeu a pena
Tem quermesse, tem novena
E o padre me deixa entrar
Foi lá que cristo me disse
Rapaz deixe de tolice
Não se deixe amedrontar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar

PENSAR E RESPONDER

- 1) Em sua opinião, qual a principal mensagem desta música?
- 2) Que tipo de sentimento a canção transmite? Explique.
- 3) Qual ponto de vista expressa a letra? Quem está falando?
- 4) Que relação pode fazer da letra dessa música com o capitalismo?
- 5) Quais setores de atividades econômicas são mais valorizados e reconhecidos no mundo capitalista?
- 6) Separe um trecho da música que reflete desigualdade social.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Homem Primata

Titãs

Álbum: Cabeça Dinossauro, 1986.

Composição: **Ciro Pessoa / Marcelo Fromer / Nando Reis / Sérgio Britto**

Desde os primórdios
Até hoje em dia
O homem ainda faz
O que o macaco fazia
Eu não trabalhava
Eu não sabia
Que o homem criava
E também destruía
Homem primata
Capitalismo selvagem
Ô! Ô! Ô!
Homem primata
Capitalismo selvagem
Ô! Ô! Ô!
Eu aprendi
A vida é um jogo
Cada um por si
E Deus contra todos
Você vai morrer
E não vai pro céu
É bom aprender
A vida é cruel
Homem primata
Capitalismo selvagem
Ô! Ô! Ô!
Homem primata
Capitalismo selvagem
Ô! Ô! Ô!
Eu me perdi
Na selva de pedra
Eu me perdi
Eu me perdi
I am a cave man
A young man

I fight with my hands
With my hands
I am a jungle man
A monkey man
Concrete jungle
Concrete jungle
Hey

PENSAR E RESPONDER

- 1) Qual mensagem o compositor quer transmitir?
- 2) Na letra da música o compositor diz que desde os primórdios até o nosso dia o homem ainda faz o que o macaco fazia. Ao que ele se refere?
- 3) A sociedade capitalista se cria dentro da transição da sociedade feudal para a sociedade burguesa. Nessa sociedade capitalista, o que o trabalho representa?
- 4) Qual a diferença entre o trabalho feito pelos “macacos” e o trabalho na sociedade capitalista?
- 5) Por que o compositor considera o Capitalismo como selvagem? Justifique.
- 6) Quais são as justificativas para a destruição?
- 7) Traduza o trecho que está em inglês para o português.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

5. CONTEÚDO – DITADURA MILITAR NO BRASIL, PODER E GUERRAS

Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores

Geraldo Vandré

Álbum: Enciclopédia Musical Brasileira, 2012.

Composição: Geraldo Vandré

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer
Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer
Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão
Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer
Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer
Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição
De morrer pela pátria
E viver sem razão
Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição
Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer
Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que retrata essa música?
- 2) O que representa as frases: Caminhando e cantando e seguindo a canção / Somos todos iguais braços dados ou não?
- 3) Essa música fala de que época da história do Brasil? Quando ocorreu a Ditadura Militar em nosso país?
- 4) Quem eram as pessoas censuradas e vigiadas durante o período da Ditadura?
- 5) “Explique as frases: Vem, vamos embora, que esperar não é saber”.
- 6) A quem se refere à frase: Quem sabe faz a hora, não espera acontecer?
- 7) Em sua opinião, essa música é atual? Por que?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Blowin In The Wind
Diana Pequeno, 2011.
Composição: Bob Dylan/v.: Diana Pequeno

Quantos caminhos
Um homem deve andar
Pra que seja aceito como um homem
Quantos mares
Uma gaivota irá cruzar
Pra poder descansar na areia
Quanto tempo
As balas de canhões explodirão
Antes de serem proibidas
The answer my friend
is blowing in the wind
The answer is blowing in the wind
Quantas vezes
Deve um homem olhar pra cima
Para poder ver o céu
Quantos ouvidos
Um homem deve ter
Para ouvir os lamentos do povo
Quantas mortes
Ainda serão necessárias
Para que se saiba que já se matou demais
The answer my friend
Is blowing in the wind
The answer is blowing the wind
Quanto tempo
Pode uma montanha existir
Antes que o mar a desfaça
Quantos anos
Pode um povo viver
Sem conhecer a liberdade
Quanto tempo
Um homem deve virar a cabeça
Fingindo não ver o que está vendo
The answer my friend
Is blowing in the wind
The answer is blowing in the wind

PENSAR E RESPONDER

- 1) Do que fala a letra dessa musica? Justifique sua resposta.
- 2) Traduza para o português as palavras em inglês.
- 3) A quem o compositor se refere como “amigo”?
- 4) Que resposta ele espera que seja “soprada pelo vento”?
- 5) Pesquise e cite outras letras de músicas que foram escritas como forma de protesto contra as guerras. Cite alguns fatores que levam muitos países a se guerrearem.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Toda Forma de Poder
Engenheiros do Hawaii
Álbum: Alívio Imediato, 1989.
Composição: Humberto Gessinger

Eu presto atenção no que eles dizem
Mas eles não dizem nada (Yeah, yeah)
Fidel e Pinochet tiram sarro de você que não faz nada
(Yeah, yeah)
E eu começo a achar normal que algum boçal
Atire bombas na embaixada
(Yeah yeah, uoh, uoh)
Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer tudo que eu vi
Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer
Toda forma de poder é uma forma de morrer por nada
Toda forma de conduta se transforma numa luta armada
A história se repete
Mas a força deixa a história mal contada
Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer tudo que eu vi
Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer
E o fascismo é fascinante
Deixa a gente ignorante e fascinada
É tão fácil ir adiante e se esquecer
Que a coisa toda tá errada
Eu presto atenção no que eles dizem
Mas eles não dizem nada
Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer tudo que eu vi
Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer
Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer tudo que eu vi
Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer
(Yeah yeah uoh)

PENSAR E RESPONDER

- 1) Qual a mensagem essa música transmite?
- 2) Logo de início, nota-se a percepção do eu-lírico quanto à novilíngua: “Eu presto atenção no que eles dizem / mas eles não dizem nada”. O que é a novilíngua?
- 3) A letra música cita Fidel Castro e Pinochet. Quem foram esses? O que fizeram? Em quais países?
- 4) O que você entende por fascismo?
- 5) Explique as frases: “toda forma de poder é uma forma de morrer por nada”, pois “toda forma de conduta se transforma numa luta armada”.
- 6) Você acha a letra dessa música atual?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Massa Falida
Duduca e Dalvan
Álbum: Dose Dupla, 2017.
Composição: Dalvan / Domiciano

Eu confesso, já estou cansado
De ser enganado com tanto cinismo
Não sou parte integrante do crime
E o próprio regime nos leva ao abismo
Se alcançamos as margens do incerto
Foram os decretos da incompetência
Falam tanto, sem nada de novo
E levam o povo a grande falência
Não aborte os teus ideais
No ventre da covardia
Vá a luta empunhando a verdade
Que a liberdade não é utopia
Não aborte os teus ideais
No ventre da covardia
Vá a luta empunhando a verdade
Que a liberdade não é utopia
Os camuflados e samaritanos
Nos estão levando a fatalidade
Ignorando o holocausto da fome
Tirando do homem a prioridade
O operário do lucro expoente
E a parte excedente não lhe é revertida
Se aderirmos aos jogos políticos
Seremos síndicos da massa falida
Não aborte os teus ideais
No ventre da covardia
Vá a luta empunhando a verdade
Que a liberdade não é utopia
Não aborte os teus ideais
No ventre da covardia
Vá a luta empunhando a verdade
Que a liberdade não é utopia
Não aborte os teus ideais
No ventre da covardia
Vá a luta empunhando a verdade
Que a liberdade não é utopia

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que essa música retrata?
- 2) Logo nos primeiros trechos da música fala de um regime que leva ao abismo. Qual regime os compositores estão criticando?
- 3) De que acordo com o contexto histórico e político em que essa música foi composta na década de 1980, explique os seguintes trechos da música: “Não aborte os seus ideais, no ventre da covardia. Vá a luta empunhando a verdade, que a liberdade não é utopia”.
- 4) Qual mensagem os compositores querem transmitir com as frases: “Se aderirmos aos jogos políticos, seremos síndicos da massa falida”.
- 5) Embora composta há mais de 30 anos, podemos dizer que essa música é atual?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

6. CONTEÚDO – POLÍTICA, CORRUPÇÃO E SITUAÇÃO DO PAÍS.

Que País É Esse?

Legião Urbana

Álbum: **Que País É Este, 1987.**

Composição: Renato Russo

Nas favelas, no senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
No Amazonas
E no Araguaia ia, ia
Na Baixada Fluminense
No Mato grosso
E nas Gerais
E no Nordeste tudo em paz
Na morte eu descanso
Mas o sangue anda solto
Manchando os papeis
Documentos fiéis
Ao descanso do patrão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Terceiro mundo se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as almas
Dos nossos índios num leilão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

PENSAR E RESPONDER

- 1) De qual país a música está falando?
- 2) Logo na primeira estrofe o compositor fala de sujeira pra todo lado. A que sujeira ele se refere?
- 3) Explique a frase: “ninguém respeita a Constituição”.
- 4) Você acredita no futuro de uma nação em que há “sujeira pra todo lado” e em que “ninguém respeita a Constituição”? Por quê?
- 5) Para você, que país é este em que vivemos? Como você o enxerga e o entende?
- 6) Mesmo tal música sendo composta há mais de 30 anos, podemos afirmar que ela continua atual? Justifique sua resposta

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Perfeição

Legião Urbana

Álbum: O Descobrimento do Brasil, 1993.

Composição: Marcelo Bonfá / Dado Villa-Lobos / Renato Russo

Vamos celebrar a estupidez humana
A estupidez de todas as nações
O meu país e sua corja de assassinos covardes
Estupradores e ladrões
Vamos celebrar a estupidez do povo
Nossa polícia e televisão
Vamos celebrar nosso governo
E nosso estado que não é nação
Celebrar a juventude sem escola, as crianças
mortas
Celebrar nossa desunião
Vamos celebrar Eros e Thanatos
Persephone e Hades
Vamos celebrar nossa tristeza
Vamos celebrar nossa vaidade
Vamos comemorar como idiotas
A cada fevereiro e feriado
Todos os mortos nas estradas
Os mortos por falta de hospitais
Vamos celebrar nossa justiça
A ganância e a difamação
Vamos celebrar os preconceitos
O voto dos analfabetos
Comemorar a água podre e todos os impostos
Queimadas, mentiras e sequestros
Nosso castelo de cartas marcadas
O trabalho escravo, nosso pequeno universo
Toda a hipocrisia e toda a afetação
Todo roubo e toda indiferença
Vamos celebrar epidemias
É a festa da torcida campeã
Vamos celebrar a fome
Não ter a quem ouvir, não se ter a quem amar
Vamos alimentar o que é maldade
Vamos machucar o coração
Vamos celebrar nossa bandeira
Nosso passado de absurdos gloriosos
Tudo que é gratuito e feio
Tudo o que é normal
Vamos cantar juntos o hino nacional
A lágrima é verdadeira
Vamos celebrar nossa saudade
E comemorar a nossa solidão
Vamos festejar a inveja
A intolerância, a incompreensão
Vamos festejar a violência
E esquecer a nossa gente
Que trabalhou honestamente a vida inteira
E agora não tem mais direito a nada
Vamos celebrar a aberração
De toda a nossa falta de bom senso
Nosso descaso por educação
Vamos celebrar o horror de tudo isto

Com festa, velório e caixão
Está tudo morto e enterrado agora
Já que também podemos celebrar
A estupidez de quem cantou essa canção
Venha!
Meu coração está com pressa
Quando a esperança está dispersa
Só a verdade me liberta
Chega de maldade e ilusão
Venha!
O amor tem sempre a porta aberta
E vem chegando a primavera
Nosso futuro recomeça
Venha que o que vem é perfeição

PENSAR E RESPONDER

- 1) Que crítica é abordada nesta música?
- 2) O título “Perfeição” corresponde à letra da música? Qual figura de linguagem é utilizada pelo compositor?
- 3) Relacione os problemas sociais, políticos, jurídicos, econômicos citados na música.
- 4) Na canção são citados personagens da mitologia grega. Quem são esses deuses?
- 5) Embora essa música tenha sido escrita na década de 1990. Você diria que sua mensagem ainda é atual? Por quê? De exemplos.
- 6) A quem se referem os versos “E esquecer a nossa gente / Que trabalhou honestamente / A vida inteira / E agora não tem mais / Direito a nada...”. Como esses são tratados hoje?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Meu País
Zezé Di Camargo e Luciano, 1998.
Compositor: Zezé Di Camargo

Aqui não falta sol
Aqui não falta chuva
A terra faz brotar qualquer semente
Se a mão de Deus
Protege e molha nosso chão
Por que será que tá faltando pão?
Se a natureza nunca reclamou da gente
Do corte do machado,
a foice, o fogo ardente
Se nessa terra tudo que se planta dá
Que é que há, meu país?
O que é que há?
Tem alguém levando o lucro
Tem alguém colhendo o fruto
Sem saber o que é plantar
Tá faltando consciência
Tá sobrando paciência
Tá faltando alguém gritar
Feito um trem desgovernado
Quem trabalha tá ferrado
Nas mão de quem só engana
Feito mal que não tem cura
Estão levando a loucura
O país que a gente ama
Se a natureza nunca reclamou da gente
Do corte do machado,
a foice, o fogo ardente
Se nessa terra tudo que se planta dá
Que é que há, meu país?
O que é que há? (2 vezes)
Tem alguém levando o lucro

Tem alguém colhendo o fruto
Sem saber o que é plantar
Tá faltando consciência
Tá sobrando paciência
Tá faltando alguém gritar
Feito um trem desgovernado
Quem trabalha tá ferrado
Nas mão de quem só engana
Feito mal que não tem cura
Estão levando a loucura
O país que a gente ama
Feito o mal que não tem cura
Estão levando à loucura
O Brasil que a gente ama

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que a letra da música retrata?
- 2) Em sua opinião por que tá faltando pão?
- 3) O que podemos fazer para mudar a situação do nosso país?
- 4) Quantos Estados formam o Brasil? Qual é o nome de cada um?
- 5) Conforme a música, quem está levando o lucro e quem está faltando gritar?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

País Maravilha
Tião Carreiro e Pardinho
Álbum: O Fogo e a Brasa, 1992.
Composição: Jesus Belmiro

O Brasil que tanto amo não existe outro igual
Aqui a chuva do bem apagou o pó do mal
Na rua não tem mendigo, trombadinha e marginal
E ninguém teve dinheiro preso no banco central
No quartel o Soldado come na mesa com o General
Não tem viciado em droga, traficante e assassino
Não existe contrabando, nem garimpo clandestino
Não existe lar desfeito, ninguém vive em desatino
Não existe falsidade nem baixo nível de ensino
Filho de pobre é criado, igual filho de granfino
Não existe desemprego, nem greve nem inflação
Nunca existiu sequestro, suborno e corrupção
Não tem jogo de azar, não tem pobre na prisão
Cada lavrador é dono do seu pedaço de chão
E jamais teve renúncia de um Chefe de Nação
É uma fonte de saúde o ar que a gente respira
O Brasil não deve nada o mundo inteiro admira
Quem tem o poder nas mãos muito faz e nada tira
Tudo que o Governo faz o povo aplaude e delira
Só depois que acordei, vi que tudo era mentira

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que retrata essa música?
- 2) Qual mensagem o compositor transmite?
- 3) Que tipo de linguagem o compositor utiliza?
- 4) Embora essa música tenha sido composta há mais de trinta anos, você a considera atual? Por quê?
- 5) Você a credita no futuro do Brasil? Por quê? O que você e a sociedade de modo geral pode fazer para contribuir com a melhoria do País?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Admirável Gado Novo
Zé Ramalho
Álbum: Zé Ramalho 2, ano: 1979
Composição: Alceu Valença / Zé Ramalho

Ôôô, boi
Vocês que fazem parte dessa massa
Que passa nos projetos do futuro
É duro tanto ter que caminhar
E dar muito mais do que receber
E ter que demonstrar sua coragem
À margem do que possa parecer
E ver que toda essa engrenagem
Já sente a ferrugem lhe comer
Ê, ô, ô, vida de gado
Povo marcado, ê!
Povo feliz!
Ê, ô, ô, vida de gado
Povo marcado, ê!
Povo feliz!
Lá fora faz um tempo confortável
A vigilância cuida do normal
Os automóveis ouvem a notícia
Os homens a publicam no jornal
E correm através da madrugada
A única velhice que chegou
Demoram-se na beira da estrada
E passam a contar o que sobrou!
Ê, ô, ô, vida de gado
Povo marcado, ê!
Povo feliz!
Ê, ô, ô, vida de gado
Povo marcado, ê!
Povo feliz!
Ôôô, boi
O povo foge da ignorância
Apesar de viver tão perto dela

E sonham com melhores tempos idos
Contemplam essa vida numa cela
Esperam nova possibilidade
De verem esse mundo se acabar
A arca de Noé, o dirigível
Não voam, nem se pode flutuar
Não voam, nem se pode flutuar
Não voam, nem se pode flutuar
Ê, ô, ô, vida de gado
Povo marcado, ê!
Povo feliz!
Ê, ô, ô, vida de gado
Povo marcado, ê!
Povo feliz!
Ôôô, boi

PENSAR E RESPONDER

- 1) Qual a mensagem essa música transmite?
- 2) Qual o sentido da frase: “Dar muito mais do que receber”?
- 3) Quem representa o gado, povo marcado, povo feliz? Por quê?
- 4) Essa música pode ser considerada uma crítica? A quê e a quem?
- 5) O que significa a palavra massa citada na música? Em que sentido e de que forma ela é manipulada?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Queremos Saber
Cássia Eller
Álbum: Acústico MTV, 2001.
Composição: Gilberto Gil

Queremos saber,
O que vão fazer
Com as novas invenções
Queremos notícia mais séria
Sobre a descoberta da antimatéria
e suas implicações
Na emancipação do homem
Das grandes populações
Homens pobres das cidades
Das estepes dos sertões
Queremos saber,
Quando vamos ter
Raio laser mais barato
Queremos, de fato, um relato
Retrato mais sério do mistério da luz
Luz do disco voador
Pra iluminação do homem
Tão carente, sofredor
Tão perdido na distância
Da morada do senhor
Queremos saber,
Queremos viver
Confiantes no futuro
Por isso se faz necessário prever
Qual o itinerário da ilusão
A ilusão do poder
Pois se foi permitido ao homem
Tantas coisas conhecer
É melhor que todos saibam
O que pode acontecer
Queremos saber, queremos saber
Queremos saber, todos queremos saber

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que o autor da música, questiona? Você concorda com a visão dele? Explique.
- 2) De que forma as descobertas científicas e tecnológicas devem cumprir seu papel social?
- 3) Os países desenvolvidos dominam a maior parte da tecnologia resultante de pesquisas científicas. Já os países em desenvolvimento, em geral, têm que pagar muito para utilizar os resultados dessas pesquisas. Por que isso ocorre? Você concorda com isso? É possível mudança nessa ordem? Justifique a resposta.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Espinheira
Duduca e Dalvan
Álbum: Dose Dupla, 2017.
Composição: Dalvan / Manoelito Nunes

Eta, espinheira danada
Que o pobre atravessa pra sobreviver
Vive com a carga nas costas
E as dores que sente não pode dizer
Sonha com as belas promessas
Da gente importante que tem ao redor
Quando entrar o fulano
Sair o ciclano será bem melhor
Mas entra ano e sai ano
E o tal de fulano ainda é pior
Esse é meu cotidiano
Mas eu não me dano pois Deus é maior
O mundo não acaba aqui
O mundo ainda está de pé
Enquanto Deus me der a vida
Levarei comigo esperança e fé
Mas o mundo não acaba aqui
O mundo ainda está de pé
Enquanto Deus me der a vida
Levarei comigo esperança e fé
Eta, que gente danada
Que esquece de vez a palavra cristã
Ah, eu queria só ver
É se Deus se zangasse e voltasse amanhã
Seria um Deus nos acuda
Um monte de Judas querendo perdão
Com tanta gente graúda
Implorando ajuda com a Bíblia na mão
Mas a esperança é miúda
E a coisa não muda, não tem solução
Nem tudo que a gente estuda
Se agarra e se gruda, arreventa no chão
O mundo não acaba aqui
O mundo ainda está de pé
Enquanto Deus me der a vida
Levarei comigo esperança e fé
Mas o mundo não acaba aqui
O mundo ainda está de pé
Enquanto Deus me der a vida
Levarei comigo esperança e fé

PENSAR E RESPONDER

- 1) Sobre o que fala essa música?
- 2) O que você entende por espinheira, retratado no título da música?
- 3) Essa música foi lançada há mais de 30 anos. Pode se dizer que ela é atual? Escolha trechos da música que confirme sua resposta.
- 4) Em alguns trechos da música os compositores dizem que alguns se esquecem da palavra cristã e são comparados a Judas. A quem eles se referem? Quais preceitos cristãos muitos políticos esquecem?
- 5) Você concorda com a relação íntima e achegada da religião com a política? Por quê?
- 6) Quais trechos da música ressalta que o compositor não está conformado com sua situação de pobreza?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

7. CONTEÚDO – VIOLÊNCIA E DESEMPREGO

O Cachimbo da Paz

Gabriel O Pensador

Álbum: Quebra-cabeça, 1997.

Composição: Gabriel o Pensador /

Lulu Santos / Meme

A criminalidade toma conta da cidade
A sociedade põe a culpa nas autoridades
O cacique oficial viajou pro Pantanal
Porque aqui a violência tá demais
E lá encontrou um velho índio que usava um fio dental
E fumava um cachimbo da paz
O Presidente deu um tapa no cachimbo
E na hora de voltar pra capital, ficou com preguiça
Trocou seu paletó pelo fio dental
E nomeou o velho índio pra Ministro da Justiça
E o novo ministro, chegando na cidade
Achou aquela tribo violenta demais
Viu que todo cara-pálida vivia atrás das grades
E chamou a TV e os jornais
E disse: Índio chegou trazendo novidade
Índio trouxe o cachimbo da paz
Maresia, sente a maresia
Maresia, uh
Apaga a fumaça do revólver, da pistola
Manda a fumaça do cachimbo pra cachola
Acende, puxa, prende, passa
Índio quer cachimbo, índio quer fazer fumaça
Todo mundo experimenta o cachimbo da floresta
Dizem que é do bom, dizem que não presta
Querem proibir, querem liberar
E a polêmica chegou até o Congresso
Tudo isso deve ser pra evitar a concorrência
Porque não é Hollywood, mas é o sucesso
O cachimbo da paz deixou o povo mais tranquilo
Mas o fumo acabou porque só tinha oitenta quilos
E o povo aplaudiu quando o índio partiu pra selva
E prometeu voltar com uma tonelada
Só que quando ele voltou, sujou!
A Polícia Federal preparou uma cilada
O cachimbo da paz foi proibido
Entra na caçamba, vagabundo, vamo pra DP
Êêê, índio tá fodido porque lá o pau vai comer
Maresia, sente a maresia
Maresia, uh
Apaga a fumaça do revólver, da pistola
Manda a fumaça do cachimbo pra cachola
Acende, puxa, prende, passa
Índio quer cachimbo, índio quer fazer fumaça

Na delegacia só tinha viciado e delinquente
Cada um com um vício e um caso diferente
Um cachaceiro esfaqueou o dono do bar
Porque ele não vendia pinga fiado
E um senhor bebeu uísque demais
Acordou com um travesti e assassinou o coitado
Um viciado no jogo apostou a mulher
Perdeu a aposta e ela foi sequestrada
Era tanta ocorrência, tanta violência
Que o índio não tava entendendo nada
Ele viu que o delegado fumava um charuto fedorento
E acendeu um da paz pra relaxar
Mas quando foi dar um tapinha
Levou um tapão violento e um chute naquele lugar
Foi mandado pro presídio e no caminho
Assistiu um acidente provocado por excesso de cerveja
Uma jovem que bebeu demais
Atropelou um padre e os noivos na porta da igreja
E pro índio nada mais faz sentido
Com tantas drogas, por que só o seu cachimbo é proibido?
Maresia, sente a maresia
Maresia, uh
Apaga a fumaça do revólver, da pistola
Manda a fumaça do cachimbo pra cachola
Acende, puxa, prende, passa
Índio quer cachimbo, índio quer fazer fumaça
Na penitenciária o índio fora da lei
Conheceu os criminosos de verdade
Entrando, saindo e voltando
Cada vez mais perigosos pra sociedade
Aí, cumpádi, tá rolando um sorteio na prisão
Pra reduzir a superlotação
Todo mês alguns presos tem que ser executados
E o índio, dessa vez, foi um dos sorteados
E tentou acalmar os outros presos
Peraí, vamo fumar um cachimbinho da paz
Eles começaram a rir
E espancaram o velho índio até não poder mais
E antes de morrer ele pensou: Essa tribo é atrasada demais!
Eles querem acabar com a violência
Mas a paz é contra a lei e a lei é contra a paz
E o cachimbo do índio continua proibido
Mas se você quer comprar é mais fácil que pão
Hoje em dia ele é vendido pelos mesmos bandidos
Que mataram o velho índio na prisão
Maresia, sente a maresia
Maresia, uh
Apaga a fumaça do revólver, da pistola
Manda a fumaça do cachimbo pra cachola

Acende, puxa, prende, passa
Índio quer cachimbo, índio quer fazer fumaça

PENSAR E RESPONDER

- 1) Qual mensagem essa música quer transmitir?
- 2) Cite algumas críticas sociais feitas pelos compositores da letra dessa música.
- 3) Quando não se debate e ataca problemas polêmicos na sociedade, como por exemplo, a liberação ou não do uso de drogas, de que forma a sociedade é penalizada, especialmente as mais pobres?
- 4) Que relação há entre drogas e violência? Por que existe essa relação?
- 5) O que é droga?
- 6) Faça uma pesquisa sobre um país que o uso recreativo de drogas é liberado. E compare os índices de criminalidade e violência com os de um país que é proibido.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Brazuca

Gabriel O Pensador

Álbum: Nádegas a Declarar, 1999.

Composição: Ciro Cruz / Gabriel o Pensador

Futebol? futebol não se aprende na escola
No país do futebol o sol nasce para todos mas só
brilha para poucos
E brilhou pela janela do barraco da favela onde
morava esse garoto chamado brazuca
Que não tinha nem comida na panela mas fazia
embaixadinha na canela e deixava a galera
maluca
Era novo e já diziam que era o novo Pelé
Que fazia o que queria com uma bola no pé
Que cobrava falta bem melhor que o Zico e o
Maradona e que driblava até melhor que o mané
Pois é
E o brazuca cresceu, despertando o interesse em
empresários e a inveja nos otários
Inclusive em seu irmão que tem um poster do
Romário no armário
Mas joga bola mal pra caralho
O nome dele é zé batalha
E desde pequeno ele trabalha pra ganhar uma
migalha que alimenta sua mãe e o seu irmão
mais novo
Nenhum dos dois estudou porque não existe
educação pro povo no país do futebol
Futebol não se aprende na escola
É por isso que brazuca é bom de bola
Brazuca é bom de bola
Brazuca deita e rola
Zé batalha só trabalha
Zé batalha só se esfola
Brazuca é bom de bola
Brazuca deita e rola
Zé batalha só trabalha
Zé batalha só se esfola
Chega de levar porrada
A canela tá inchada e o juiz não vê
Chega dessa marmelada
A camisa tá suada de tanto correr
Chega de bola quadrada
Essa regra tá errada, vamo refazer
Chega de levar porrada
A galera tá cansada de perder
No país do futebol quase tudo vai mal
Mas brazuca é bom de bola, já virou
profissional
Campeão estadual, campeão brasileiro
Foi jogar na seleção, conheceu o mundo inteiro
E o mundo inteiro conheceu brazuca com a dez
Comandando na meiuca como quem joga sinuca
com os pés
Com calma, com classe, sem errar um passe
O que fez com que seu passe também se
valorizasse

E hoje ele é o craque mais bem pago da Europa
Capitão da seleção, tá lá na copa
Enquanto o seu irmão, zé batalha,
E todo o seu povão, a gentalha
Da favela de onde veio, só trabalha
Suando a camisa, jogado pra escanteio
Tentando construir uma jogada mais bonita do
que a grama que carrega na marmita
Contundido de tanto apanhar
Confundido com bandido, impedido
Pode parar!!
Sem reclamar pra não levar cartão vermelho
Zé batalha sob a mira da metralha de joelhos
Tentando se explicar com um revólver na nuca:
Eu sou trabalhador, sou irmão do brazuca!
Ele reza, prende a respiração
E lá na copa, pênalti a favor da seleção
Bola no lugar, brazuca vai bater
Dedo no gatilho, zé batalha vai morrer
Juiz apitou... tudo como tinha que ser:
Tá lá mais um gol e o brasil é campeão
Tá lá mais um corpo estendido no chão
Brazuca é bom de bola
Brazuca deita e rola
Zé batalha só trabalha
Zé batalha só se esfola
Brazuca é bom de bola
Brazuca deita e rola
Zé batalha só trabalha
Zé batalha só se esfola
Chega de levar porrada
A canela tá inchada e o juiz não vê
Chega dessa marmelada
A camisa tá suada de tanto correr
Chega de bola quadrada
Essa regra tá errada, vamo refazer
Chega de levar porrada
A galera tá cansada de perder
O país ficou feliz depois daquele gol
Todo mundo satisfeito, todo mundo se abraçou
Muita gente até chorou com a comemoração
Orgulho de viver nesse país campeão
E na favela, no dia seguinte, ninguém trabalha
É o dia de enterrar o que sobrou do zé batalha
Mas não tem ninguém pra carregar o corpo
Nem pra fazer uma oração pelo morto
Tá todo mundo com a bandeira na mão
esperando a seleção no aeroporto
É campeão da hipocrisia, da violência, da
humilhação
É campeão da ignorância, do desespero,
desnutrição
É campeão da covardia e da miséria, corrupção

É campeão do abandono, da fome e da
prostituição
Brazuca é bom de bola
Brazuca deita e rola
Zé batalha só trabalha
Zé batalha só se esfolia
Brazuca é bom de bola
Brazuca deita e rola
Zé batalha só trabalha
Zé batalha só se esfolia

Chega de levar porrada
A canela tá inchada e o juiz não vê
Chega dessa marmelada
A camisa tá suada de tanto correr
Chega de bola quadrada
Essa regra tá errada, vamo refazer
Chega de levar porrada
A galera tá cansada de perder (2x)
Chega de levar porrada!!

PENSAR E RESPONDER

- 1) A letra da música “Brazuca” faz um retrato do contexto social do nosso país. Cite alguns problemas sociais expressos na música?
- 2) Qual mensagem o compositor quer transmitir?
- 3) A letra faz um paralelo entre dois mundos diferentes – um do jogador de futebol e o outro do trabalhador comum. A partir da letra, enumere as diferenças entre esses mundos.
- 4) Trazendo pra sua realidade, ou seja, o contexto e a sociedade em que você vive, quem é o Brazuca e quem é o Zé Batalha?
- 5) Explique a frase: Futebol não se aprende na escola, é por isso que Brazuca é bom de bola.
- 6) Apesar da música “Brazuca” ter sido gravada em 1999, o contexto constatado nela pode ser comparado ao momento atual do Brasil? Explique sua resposta.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Capitão De Indústria
Os Paralamas do Sucesso
Álbum: Nove Luas, 1996.
Composição: Marcos Valle

Eu às vezes fico a pensar
Em outra vida ou lugar
Estou cansado demais
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
É quando eu me encontro perdido
Nas coisas que eu criei
E eu não sei
Eu não vejo além da fumaça
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas
Ah, Eu acordo prá trabalhar
Eu durmo prá trabalhar
Eu corro prá trabalhar
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
Eu não vejo além da fumaça
Que passa e polui o ar
Eu nada sei
Eu não vejo além disso tudo
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas
Eu acordo prá trabalhar
Eu durmo prá trabalhar
Eu corro prá trabalhar
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer

É quando eu me encontro perdido
Nas coisas que eu criei
E eu não sei
Eu não vejo além da fumaça
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas
Ah, Eu acordo prá trabalhar
Eu durmo prá trabalhar
Eu corro prá trabalhar

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que essa música retrata?
- 2) Será que o trabalho repetitivo e em excesso realmente nos edifica?
- 3) Explique as frases: "Ah, Eu acordo prá trabalhar /Eu durmo prá trabalhar /Eu corro pra trabalhar!"
- 4) Em que sentido esse trabalhador é alienado?
- 5) O que você entende nas frase: "Eu não vejo além da fumaça /Que passa e polui o lar /Eu nada sei"
- 6) Com a reforma trabalhista LEI Nº 13.467, DE 13 DE JULHO DE 2017 como ficou a situação do trabalhador? Melhorou?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Meu Nome é Trabalho
Fundo de Quintal
Álbum: O Show Tem Que Continuar,
1988.
Compositor: Arlindo Cruz

Meu nome é trabalho mas eu tô pegado
A fim de um cascalho vou pra todo lado
Tenho cinco pirralhos chorando um bocado
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado
Me arranja um trabalho doutor, tô
desempregado
Já fui pedreiro, carpinteiro
Motorneiro e até motorista
Já fui copeiro, fui caseiro
Jornaleiro e até jornalista
Meti os peitos, fiz tudo direito
Sou advogado
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado
Me arranja um trabalho doutor, tô
desempregado
Mecanó, Datiló
Estenógrafo eu sou
Maquinista, copista
Analista de computador
Fui profeta, atleta
Poeta e até professor formado
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado
Me arranja um trabalho doutor, tô
desempregado
Toco viola e sei jogar bola também
Levei sacola, vendi mariola no trem
Carreguei (vadiola), brequei minha sola
Não tenho um vintém furado
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado
Me arranja um trabalho doutor, tô
desempregado
Meu nome é trabalho mas eu tô pegado
A fim de um cascalho vou pra todo lado
Tenho cinco pirralhos chorando um bocado
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado
Me arranja um trabalho doutor, tô
desempregado

Já fui burocrata, fui tecnocrata
Vendi ouro e prata a doidado
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado
Me arranja um trabalho doutor, tô
desempregado
Vou pro psicólogo e fonoaudiólogo
Eu fui elogiado
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado
Me arranja um trabalho doutor, tô
desempregado
Eu não sou de roubar, eu não sou marajá
E nem sou de chegar atrasado
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado
Me arranja um trabalho doutor, tô
desempregado
Eu não quero ser doutor, nem ser embaixador
E nem governador do Estado
Meu nome é trabalho doutor, tô desempregado
Me arranja um trabalho doutor, tô
desempregado

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que essa música retrata?
- 2) Qual mensagem o compositor quer transmitir?
- 3) Atualmente se fala muito que a causa do desemprego é a falta de mão de obra qualificada. Você concorda? Que trechos da música você poderia utilizar para embasar sua opinião?
- 4) Cite algumas causas do aumento do desemprego no Brasil.
- 5) O que precisa ser feito para geração de mais emprego? Cite algumas consequências sociais, psicológicas e emocionais do desemprego?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Dança do Desempregado
Gabriel O Pensador
Álbum: Quebra-Cabeça, 1997.
Composição: Gabriel o Pensador

Essa é a dança do desempregado
Quem ainda não dançou tá na hora de aprender
A nova dança do desempregado
Amanhã o dançarino pode ser você
E vai levando um pé na bunda vai
Vai pro olho da rua e não volta nunca mais
E vai saindo vai saindo sai
Com uma mão na frente e a outra atrás
E bota a mão no bolsinho (Não tem nada)
E bota a mão na carteira (Não tem nada)
E bota a mão no outro bolso (Não tem nada)
E vai abrindo a geladeira (Não tem nada)
Vai procurar mais um emprego (Não tem nada)
E olha nos classificados (Não tem nada)
E vai batendo o desespero (Não tem nada)
E vai ficar desempregado
Essa é a dança do desempregado
Quem ainda não dançou tá na hora de aprender
A nova dança do desempregado
Amanhã o dançarino pode ser você
E vai descendo vai descendo vai
E vai descendo até o Paraguai
E vai voltando vai voltando vai
"Muamba de primeira olhá quem vai?"
E vai vendendo vai vendendo vai
Sobrevivendo feito camelô
E vai correndo vai correndo vai
O rapa tá chegando olhá sujô!...
E vai rodando a bolsinha (Vai, vai!)
E vai tirando a calcinha (Vai, vai!)
E vai virando a bundinha (Vai, vai!)
E vai ganhando uma graninha
E vai vendendo o corpinho (Vai, vai!)
E vai ganhando o leitinho (Vai, vai!)
É o leitinho das crianças (Vai, vai!)
E vai entrando nessa dança
Essa é a dança do desempregado
Quem ainda não dançou tá na hora de aprender
A nova dança do desempregado
Amanhã o dançarino pode ser você
E bota a mão no bolsinho (Não tem nada)
E bota a mão na carteira (Não tem nada)
E não tem nada pra comer (Não tem nada)
E não tem nada a perder

E bota a mão no trinta e oito e vai devagarinho
E bota o ferro na cintura e vai no sapatinho
E vai roubar só uma vez pra comprar feijão
E vai roubando e vai roubando e vai virar ladrão
E bota a mão na cabeça!! (É a polícia)
E joga a arma no chão E bota as mãos nas
algemas
E vai parar no camburão
E vai contando a sua história lá pro delegado
"E cala a boca vagabundo malandro safado"
E vai entrando e olhando o sol nascer quadrado
E vai dançando nessa dança do desempregado
Essa é a dança do desempregado
Quem ainda não dançou tá na hora de aprender
A nova dança do desempregado
Amanhã o dançarino pode ser você

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que essa música retrata?
- 2) Qual mensagem o compositor quer transmitir?
- 3) Existe relação entre desemprego e violência? Qual? Fale sobre isso.
- 4) Atualmente em 2019, são mais de 30 milhões de brasileiros trabalhando na economia informal e/ou subempregos. O que isso significa? Por que isso acontece? Quais as consequências para o país e o próprio trabalhador?
- 5) Retire trechos da música que enfatiza a relação existente entre desemprego e perda da dignidade.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Pátria Que Me Pariu
Gabriel O Pensador
Álbum: Quebra-Cabeça, 1997.
Composição: André Gomes / Gabriel
o Pensador

(4x)Pátria que me pariu!
Quem foi a Pátria que me pariu!?
Uma prostituta, chamada Brasil se esqueceu de
tomar a pílula,
e a barriga cresceu
Um bebê não estava nos planos dessa pobre
meretriz de dezessete anos
Um aborto era uma fortuna e ela sem dinheiro
Teve que tentar fazer um aborto caseiro
Tomou remédio, tomou cachaça, tomou
purgante
Mas a gravidez era cada vez mais flagrante
Aquele filho era pior que uma lombriga
E ela pediu prum mendigo esmurrar sua barriga
E a cada chute que levava o moleque revidava lá
de dentro
Apreendeu a ser um feto violento
Um feto forte escapou da morte
Não se sabe se foi muito azar ou muita sorte
Mas nove meses depois foi encontrado, com
fome e com frio,
Abandonado num terreno baldio.
(4x)Pátria que me pariu!
Quem foi a pátria que me pariu!?
A criança é a cara dos pais mas não tem pai nem
mãe
Então qual é a cara da criança?
A cara do perdão ou da vingança?
Será a cara do desespero ou da esperança?
Num futuro melhor, um emprego, um lar
Sinal vermelho, não da tempo prá sonhar
Vendendo bala, chiclete...
"Num fecha o vidro que eu num sou pivete
Eu não vou virar ladrão se você me der um leite,
um pão, um vídeo game e uma televisão, uma
chuteira e uma camisa do mengão.
Pra eu jogar na seleção, que nem o Ronaldinho
Vou pra copa, vou pra Europa..."
Coitadinho!
Acorda moleque! Cê num tem futuro!
Seu time não tem nada a perder
E o jogo é duro! Você não tem defesa, então
ataca!
Pra não sair de maca!
Chega de bancar o babaca!
Eu não aguento mais dar murro em ponta de
faca
E tudo o que eu tenho é uma faca na mão
Agora eu quero o queijo. Cadê?

Tô cansado de apanhar. Tá na hora de bater!
(4x)Pátria que me pariu!
Quem foi a pátria que me pariu!?
Mostra tua cara, moleque! Devia tá na escola
Mas tá cheirando cola, fumando um beck
Vendendo brizola e crack
Nunca joga bola mais tá sempre no ataque
Pistola na mão, moleque sangue bom
É melhor correr porque lá vem o camburão
É matar ou morrer! São quatro contra um!
Eu me rendo! Bum! Clá! Clá! Bum! Bum!
Bum!
Boi ,boi, boi da cara preta pega essa criança
com um tiro de escopeta
Calibre doze na cara do Brasil
Idade 14, estado civil mo...rto
Demorou, mas a pátria mãe gentil conseguiu
realizar o aborto.
(4x)Pátria que me pariu
Quem foi a Pátria que me pariu?

PENSAR E RESPONDER

- 1) Que relação podemos fazer da música com nossa realidade atual?
- 2) Já nos primeiros versos podemos perceber o quê com relação a saúde da mulher?
- 3) Quando não se debate temas polêmicos na sociedade e estes viram tabus, como por exemplo, o aborto. Quais consequências sociais, econômicas, psicológicas e emocionais podem provocar, especialmente nas populações de jovens carentes?
- 4) Que personificação do Brasil o autor faz na canção?
- 5) Várias temáticas foram apresentadas na música: abandono e prostituição infantil, tráfico de drogas, trabalho infantil em semáforos, violência policial, aborto, desigualdade sociais, sonhos interrompidos, entre outros. Escolha pelo menos um desses e comente como você percebe atualmente essa realidade no Brasil.
- 6) Em sua opinião, existe relação entre condições social extremamente baixa, famílias desestruturadas, com violência e criminalidade? Justifique sua resposta.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

8. CONTEÚDO – MORADIA (URBANO) E EDUCAÇÃO

Da Ponte Pra Cá

Racionais MC's

Álbum: **Nada Como Um Dia Após o Outro, 2002.**

Composição: Mano Brown

Hey, Hey, Hey Nego
Você está na sintonia da sua Rádio Êxodos
Eu, DJ Nel comandando o melhor da Black Music
São 23 minutos de um novo dia
O Japonês do Jardim Rosana manda um salve para o Zezé
Pro Chiquinho, pro Kau, pro Ribeiro, pro Tico, Zulu, e o Serginho
O Valtinho da Sabin manda um salve aí pro Vandão da Vila do Sapo
E a Kiara do Embu manda um abraço para a Viviane do Sadi
Ééé, o Papau do Parque manda um salve pros manos da 50 né
E o Adriano do Tamoio
Manda um salve aí para o Sujeito Suspeito do Paranapanema
E Pra você que está pensando em fazer um pão Pegue seu bombojaco
E sua toca Porque faz 10°C em São Paulo
A Lua Cheia clareia as ruas do Capão
Acima de nós só Deus, humilde, né, não? Né, não?
Saúde! Plin!, mulher e muito som
Vinho branco para todos, um advogado bom
Cof, cof, ah! Esse frio tá de fuder
Terça feira é ruim de rolê, vou fazer o quê?
Nunca mudou nem nunca mudará
O cheiro de fogueira vai perfumando o ar
Mesmo céu, mesmo CEP no lado sul do mapa
Sempre ouvindo um RAP para alegrar a rapa
Nas ruas da Sul eles me chamam Brown
Maldito, vagabundo, mente criminal
O que toma uma taça de champanhe também curte
Desbaratinado, tubaína tutti-frutti
Fanático, melodramático, bon-vivant
Depósito de mágoa, quem está certo é os Saddam, ham
Playboy bom é chinês, australiano
Fala feio e mora longe, não me chama de mano
E aí, brother, hey, uhuuul! Pau no seu aaai!
Três vezes seu sofredor, eu odeio todos vocês
Vem de artes marciais que eu vou de sig sauer
Quero sua irmã e seu relógio Tag Heuer
Um conto, se pá, dá pra catar
Ir para a quebrada e gastar antes do galo cantar
Um triplex para a coroa é o que malandro quer
Não só desfilar de Nike no pé
Ô, vem com a minha cara e o din-din do seu pai

Mas no rolê com nós cê não vai
Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar
Entendeu? Se a vida é assim, tem culpa eu?
Se é o crime ou o creme, se não deves não teme
As perversa se ouriça, os inimigo treme
E a neblina cobre a estrada de Itapecirica
Sai, Deus é mais, vai morrer pra lá zica!
Não adianta querer, tem que ser, tem que pá
O mundo é diferente da ponte pra cá
Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar
O mundo é diferente da ponte pra cá
Tem que ser, tem que pá
O mundo é diferente da ponte pra cá
Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar
Aí, aí, aí
Outra vez nós aqui, vai vendo
Lavando o ódio embaixo do sereno
Cada um no seu castelo, cada um na sua função
Tudo junto, cada qual na sua solidão
Hei, mulher é mato, a Mary Jane impera
Dilui a rádio e solta na atmosfera
Faz da quebrada o equilíbrio ecológico
E distingue o Judas só no psicológico
Hó, filosofia de fumaça, analise
Cada favelado é um universo em crise
Quem não quer brilhar, quem não? Mostra quem
Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém
Quantos caras bom, no auge se afundaram por fama
E tá tirando dez de havaiana?
E quem não quer chegar de Honda preto em banco de couro
E ter a caminhada escrita em letras de ouro?
A mulher mais linda sensual e atraente
A pele cor da noite, lisa e reluzente
Andar com quem é mais leal, verdadeiro
Na vida ou na morte o mais nobre guerreiro
O riso da criança mais triste e carente
Ouro e diamante, relógio e corrente
Ver minha coroa onde eu sempre quis pôr
De turbante, chofer, uma madame nagô
Sofrer pra que mais, se o mundo jaz do maligno?
Morrer como homem e ter um velório digno
Eu nunca tive bicicleta ou vídeo-game
Agora eu quero o mundo igual Cidadão Kane
Da ponte pra cá, antes de tudo é uma escola
Minha meta é dez, nove e meio nem rola
Meio ponto a ver, hum e morre um
Meio certo não existe, truta, o ditado é comum
Ser humano perfeito, não tem mesmo não
Procurada viva ou morta a perfeição
Errare humano est, grego ou troiano?
Latim, tanto faz pra mim: "Fi" de baiano
Mas se tiver calor, quentão no verão
Cê quer da um rolê no Capão daquele jeito
Mas perde a linha fácil, veste a carapuça

Esquece estes defeitos no seu jaco de camurça
 Jardim Rosana, Três Estrelas e Imbé
 Santa Tereza, Valo Velho e Dom José
 Parque Chácara, Lídia, Vaz
 Fundão, muita treta pra Vinícius de Moraes
 Não adianta querer, tem que ser, tem que pá
 O mundo é diferente da ponte pra cá
 Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar
 O mundo é diferente da ponte pra cá
 Haha
 Tem que ser, tem que pá
 O mundo é diferente da ponte pra cá
 Não adianta querer ser, tem que ter pápápá
 Firmeza total
 Mas não leve a mal tru, cê não entendeu
 Cada um na sua função, o crime é crime e eu
 sou eu
 Antes de tudo eu quero dizer, pra ser sincero
 Que eu não pago de quebrada mula ou banca
 forte
 Eu represento a Sul, conheço louco na Norte
 No 15 olha o que fala, Perus, chicote estrala
 Ridículo é ver os malandrão vândalo
 Batendo no peito, feio e fazendo escândalo
 Deixa ele engordar, deixa se criar bem
 Vai fundo, é com nós, super star, superman, vai
 Palmas para eles, digam hey, digam how
 Novo personagem pro Chico Anísio Show
 Mas firmão, né, se Deus quer sem problemas
 Vermes e leões no mesmo ecossistema
 Cê é cego doidão? Então baixa o farol!
 Hei, how, se quer o quê com quem, djow?
 Tá marcando, não dá pra ver quem é contra a
 luz
 Um pé de porco ou inimigo que vem de capuz
 Hey truta, eu tô louco, eu tô vendo miragem
 Um Bradesco bem em frente a favela é viagem
 De classe A da TAM tomando JB
 Ou viajar de Blazer pro 92 DP
 Viajar de GTI quebra a banca
 Só não pode viajar com os mão branca
 Senhor, guarda meus irmãos nesse horizonte
 cinzento
 Nesse Capão Redondo, frio sem sentimento
 Os manos é sofrido e fuma um sem dar guela
 É o estilo favela e o respeito por ela
 Os moleque tem instinto e ninguém amarela
 Os coxinha cresce o zóio na função e gela
 Não adianta querer, tem que ser, tem que pá
 O mundo é diferente da ponte pra cá
 Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar
 O mundo é diferente da ponte pra cá
 Não adianta querer, tem que ser, tem que pá
 O mundo é diferente da ponte pra cá
 Não adianta querer ser, tem que pra trocar

Três da manhã, eu vejo tudo e ninguém me vê

Subindo o campo de fora
 Eu, meu parceiro Dinho, ouvindo 2Pac
 Tomando vinho, vivão e consciente
 Aí Batatão, Pablo, Neguin Emerson
 Marquinho, Cascão, Johnny MC, Sora
 Marcão, Pantaleão, Nelito, Celião, Ivan, Di (Na
 Zona Norte)
 Sem palavra irmão
 Aí os irmão do Pantanal (Na Zona Oeste)
 A rapa do morro; e as que estão com Deus
 (Na Zona leste, cara tô na área)
 Deda, Tchai, Edi 16, Edi (Na Zona Sul)
 Um dia nos encontraremos
 A selva é como ela é, vaidosa e ambiciosa
 Irada e luxuriosa
 Pros moleque da quebrada
 Um futuro mais ameno, essa é a meta
 Pela Fundão, sem palavras, muito amor!
 Ai ai ai ai ah
 Firmeza total, vagabundo!
 É desse jeito!
 Ra ra taratátá, tataratatatá
 Há!

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que essa música retrata?
- 2) Levando em consideração os aspectos econômicos e sociais, de modo geral, como as cidades são organizadas?
- 3) Essa música mostra o contexto urbano da cidade de São Paulo. Porém, pode ser comparada a maioria das grandes cidades brasileiras que expulsam implicitamente e explicitamente os pobres das áreas centrais e/ou nobres das cidades para as áreas periféricas e menos valorizadas. Você consegue perceber esse processo em sua cidade? Dê exemplos.
- 4) Explique as frases: Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar, o mundo é diferente da ponte pra cá.
- 5) A ponte apresentada na música pode ser encarada como um símbolo de segregação econômica, política, social e também racial. Você consegue perceber isso na letra da música e em sua cidade? Dê exemplos.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Alagados

Os Paralamas do Sucesso

Álbum: Selvagem?, 1986.

Composição: Herbert Vianna

Todo dia o sol da manhã vem e lhes desafia
Traz do sonho pro mundo, quem já não o queria
Palafitas, trapiches, farrapos
Filhos da mesma agonia
E a cidade que tem braços abertos num cartão postal
Com os punhos fechados na vida real
Lhe nega oportunidades
Mostra a face dura do mal
Alagados, Trenchtown, Favela da Maré
A esperança não vem do mar
Nem das antenas de TV
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
Todo dia o sol da manhã
Vem e lhes desafia
Traz do sonho pro mundo
Quem já não o queria
Palafitas, trapiches, farrapos
Filhos da mesma agonia
E a cidade que tem braços abertos num cartão postal
Com os punhos fechados na vida real lhe nega oportunidades
Mostra a face dura do mal
Alagados, Trenchtown, Favela da Maré
A esperança não vem do mar
Nem das antenas de TV
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
Alagados, Trenchtown, Favela da Maré
A esperança não vem do mar
Nem das antenas de TV
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte de viver da fé

PENSAR E RESPONDER

- 1) Do que essa música fala?
- 2) Qual a mensagem e/ou crítica o compositor quer transmitir?
- 3) De acordo com a música, pesquise a que se refere às palavras: Alagados, Trenchtown, Favela da Maré.
- 4) É possível resolver os problemas de moradia no Brasil? Como? Qual a sua participação nisso?
- 5) Cite alguns problemas vivenciados diariamente por quem mora em favelas e/ou bairros periféricos das grandes cidades.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Música Urbana 2

Legião Urbana

Álbum: Dois, 1986.

Composição: Renato Russo

Em cima dos telhados as antenas de TV tocam música urbana,
Nas ruas os mendigos com esparadrapos podres
cantam música urbana,
Motocicletas querendo atenção às três da manhã -
É só música urbana.
Os PMs armados e as tropas de choque vomitam música urbana
E nas escolas as crianças aprendem a repertir a música urbana.
Nos bares os viciados sempre tentam conseguir a música urbana.
O vento forte, seco e sujo em cantos de concreto
Parece música urbana.
E a matilha de crianças sujas no meio da rua -
Música urbana.
E nos pontos de ônibus estão todos ali: música urbana.
Os uniformes
Os cartazes
Os cinemas
E os lares
Nas favelas
Coberturas
Quase todos os lugares.
E mais uma criança nasceu.
Não há mais mentiras nem verdades aqui
Só há música urbana.
Yeah, Música urbana.
Oh Ohoo, Música urbana.

PENSAR E RESPONDER

- 1) Retire da música elementos que caracterizem a zona urbana e escreva no espaço abaixo.
- 2) Cite alguns problemas presentes em muitas cidades brasileiras, citados na música.
- 3) Que outros problemas que não foram citados na música você poderia citar?
- 4) destaque alguns problemas na cidade que você mora, que foi citado na música e faça um comentário crítico destacando como esse problema pode ser solucionado.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Estudo Errado

Gabriel O Pensador

Álbum: Ainda É Só O Começo, 1995.

Compositor: Gabriel O Pensador

Atenção pra chamada! Aderbal?

- Presente!

- Aninha?

- Eu!

- Breno?

- Aqui!

- Carol?

- Presente!

- Douglas?

- Alô!

- Fernandinha?

- Tô aqui.

- Geraldo?

- Eu!

- Itamarzinho?

- Faltou.

- Juquinha?

Eu tô aqui pra quê?

Será que é pra aprender?

Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?

Tô tentando passar de ano pro meu pai não me bater

Sem recreio de saco cheio porque eu não fiz o dever

A professora já tá de marcação porque sempre me pega

Disfarçando, espiando, colando toda prova dos colegas

E ela esfrega na minha cara um zero bem redondo

E quando chega o boletim lá em casa eu me escondo

Eu quero jogar botão, vídeo-game, bola de gude

Mas meus pais só querem que eu "vá pra aula!" e "estude!"

Então dessa vez eu vou estudar até decorar cumpádi

Pra me dar bem e minha mãe deixar ficar acordado até mais tarde

Ou quem sabe aumentar minha mesada

Pra eu comprar mais revistinha (do Cascão?)

Não. De mulher pelada

A diversão é limitada e o meu pai não tem tempo pra nada

E a entrada no cinema é censurada (vai pra casa pirralhada!)

A rua é perigosa então eu vejo televisão

(Tá lá mais um corpo estendido no chão)

Na hora do jornal eu desligo porque eu nem sei nem o que é inflação

- Ué não te ensinaram?

- Não. A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil

Em vão, pouco interessantes, eu fico pu..

Tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio

(Vai pro colégio!!)

Então eu fui relendo tudo até a prova começar

Voltei louco pra contar:

Manhê! Tirei um dez na prova

Me dei bem, tirei um cem e eu quero ver quem me reprova

Decorei toda lição

Não erreí nenhuma questão

Não aprendi nada de bom

Mas tirei dez (boa filhão!)

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci

Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci

Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi

Decoreba: esse é o método de ensino

Eles me tratam como ameoba e assim eu não raciocino

Não aprendo as causas e consequências só decoro os fatos

Desse jeito até história fica chato

Mas os velhos me disseram que o "porque" é o segredo

Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo

Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente

Eu sei que ainda não sou gente grande, mas eu já sou gente

E sei que o estudo é uma coisa boa

O problema é que sem motivação a gente enjoa

O sistema bota um monte de abobrinha no programa

Mas pra aprender a ser um ignorante (...)

Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (Ah, deixa eu dormir)

Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre

Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste

- O que é corrupção? Pra que serve um deputado?

Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!

Ou que a minhoca é hermafrodita

Ou sobre a tênia solitária.

Não me faça decorar as capitânicas hereditárias!! (...)

Vamos fugir dessa jaula!

"Hoje eu tô feliz" (matou o presidente?)

Não. A aula

Matei a aula porque num dava

Eu não aguentava mais

E fui escutar o Pensador escondido dos meus pais

Mas se eles fossem da minha idade eles entenderiam
(Esse num é o valor que um aluno merecia!)
Ííh... Sujô (Hein?)
O inspetor!
(Acabou a farra, já pra sala do coordenador!)
Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar
E me disseram que a escola era meu segundo lar
E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente
Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!
Então eu vou passar de ano
Não tenho outra saída
Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida
Discutindo e ensinando os problemas atuais
E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais
Com matérias das quais eles não lembram mais nada
E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada
Manhê! Tirei um dez na prova
Me dei bem, tirei um cem e eu quero ver quem me reprova
Decorei toda lição
Não erreí nenhuma questão
Não aprendi nada de bom
Mas tirei dez (boa filhão!)
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Encarem as crianças com mais seriedade
Pois na escola é onde formamos nossa personalidade
Vocês tratam a educação como um negócio onde a ganância, a exploração, e a indiferença são sócios
Quem devia lucrar só é prejudicado

Assim vocês vão criar uma geração de revoltados
Tá tudo errado e eu já tou de saco cheio
Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio
Juquinha você tá falando demais assim eu vou ter que lhe deixar sem recreio!
Mas é só a verdade professora!
Eu sei, mas colabora senão eu perco o meu emprego.

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que essa música retrata?
- 2) Cite alguns problemas sociais destacados pelo compositor na música.
- 3) Qual tipo de linguagem utilizada na música?
- 4) O texto é uma crítica direcionada a quem e ao quê?
- 5) No trecho: “Meu pai nunca tem tempo pra nada”, o que o autor quis dizer? Que relação tem isso com a vida escolar dos filhos?
- 6) Nos versos: “Não / A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil / Em vão, pouco interessantes, pro colégio!” Podemos perceber o que?
- 7) Os conteúdos trabalhados em sua escola são contextualizados com sua realidade? Como deveria ser?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

9. CONTEÚDO - REGIÕES DO BRASIL

Notícias Do Brasil (Os Pássaros Trazem)

Milton Nascimento

Álbum: Caçador de Mim, 1981.

Composição: Milton Nascimento/Fernando Brant

Uma notícia está chegando lá do Maranhão.
Não deu no rádio, no jornal ou na televisão.
Veio no vento que soprava lá no litoral
de Fortaleza, de Recife e de Natal.
A boa nova foi ouvida em Belém, Manaus,
João Pessoa, Teresina e Aracaju
e lá do norte foi descendo pro Brasil Central
Chegou em Minas, já bateu bem lá no sul!
Aqui vive um povo que merece mais respeito!
Sabe, belo é o povo como é belo todo amor.
Aqui vive um povo que é mar e que é rio,
E seu destino é um dia se juntar.
O canto mais belo será sempre mais sincero.
Sabe, tudo quanto é belo será sempre de espantar.
Aqui vive um povo que cultiva a qualidade,
ser mais sábio que quem o quer governar!
A novidade é que o Brasil não é só litoral!
É muito mais, é muito mais que qualquer zona sul.
Tem gente boa espalhada por esse Brasil,
que vai fazer desse lugar um bom país!
Uma notícia está chegando lá do interior.
Não deu no rádio, no jornal ou na televisão.
Ficar de frente para o mar, de costas pro Brasil,
não vai fazer desse lugar um bom

PENSAR E RESPONDER

- 1) Como a notícia chegou aos diferentes cantos do Brasil?
- 2) Fortaleza é a capital de qual estado brasileiro? Em que região ele fica?
- 3) Releiam: “foi descendo pro Brasil Central”. Cite um estado e três cidades que se localizam no Brasil Central?
- 4) A que regiões do Brasil chegou a notícia referida na música? Justifique sua resposta.
- 5) Escreva agora as capitais e estados citados na música.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Vozes da seca

Luíz Gonzaga

Composição: Luiz Gonzaga /Zé Dantas

Ano de Lançamento: 1963

Seu doutô os nordestino têm muita gratidão
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
Mas doutô uma esmola a um homem qui é são
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão
É por isso que pidimo proteção a vosmicê
Home pur nós escuído para as rédias do pudê
Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê
Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê
Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage
Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage
Lhe pagamo inté os juru sem gastar nossa corage
Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!
Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão
Como vê nosso distino mercê tem nas vossa mãos

PENSAR E RESPONDER

- 1) Explique o verso: “home pur nós escuído para as redias do pudê” se refere?
- 2) Na sua opinião, o compositor critica ou elogia a atitude do governo? Como você explica sua opinião?
- 3) O tema dessa letra de música aparece em várias reportagens de jornais e revistas. Explique com suas palavras o que você entendeu na canção.
- 4) A linguagem do compositor não está de acordo com a norma culta da língua portuguesa. Corrija as palavras escritas de modo incorreto conforme as normas culta da língua portuguesa.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Aquarela Brasileira
Martinho da Vila
Álbum: Maravilha de Cenário, 1975.
Composição: Silas De Oliveira

Vejam essa maravilha de cenário
É um episódio relicário
Que o artista, num sonho genial
Escolheu para este carnaval
E o asfalto como passarela
Será a tela do Brasil em forma de aquarela
Passeando pelas cercanias do Amazonas
Conheci vastos seringais
No Pará, a ilha de Marajó
E a velha cabana do Timbó
Caminhando ainda um pouco mais
Deparei com lindos coqueirais
Estava no Ceará, terra de Irapuã
De Iracema e Tupã
Fiquei radiante de alegria
Quando cheguei na Bahia
Bahia de Castro Alves, do acarajé
Das noites de magia do Candomblé
Depois de atravessar as matas do Ipu
Assisti em Pernambuco
A festa do frevo e do maracatu
Brasília tem o seu destaque
Na arte, na beleza, arquitetura
Feitiço de garoa pela serra!
São Paulo engrandece a nossa terra!
Do leste, por todo o Centro-Oeste
Tudo é belo e tem lindo matiz
No Rio dos sambas e batucadas
Dos malandros e mulatas
De requebros febris
Brasil, essas nossas verdes matas
Cachoeiras e cascatas de colorido sutil
E este lindo céu azul de anil
Emoldura em aquarela o meu Brasil

PENSAR E RESPONDER

- 1) Qual mensagem o compositor quer transmitir com essa música?
- 2) Escreva os estados brasileiros citados na música.
- 3) Escreva o nome das regiões brasileiras citadas na música. Comente as potencialidades e as dificuldades de cada região do país.
- 4) A música cita Castro Alves. Quem foi ele? Cite pelo menos uma de suas obras.
- 5) Citando Brasília, o compositor faz referência a arquitetura da cidade. Quem projetou Brasília?
- 6) O que é o maracatu citado na música?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Asa Branca
Luiz Gonzaga
Composição: Humberto Teixeira / Luiz Gonzaga
Ano de Lançamento: 1947

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
Entoce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão
Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

PENSAR E RESPONDER

- 1) Qual mensagem a música transmite?
- 2) O que você entende por indústria da seca?
- 3) Levando em consideração os aspectos físicos do sertão nordestino. Qual é a explicação para seca nessa região?
- 4) Cite alguns problemas sociais decorrente da seca no nordeste.
- 5) A linguagem do compositor não está de acordo com a norma culta da língua portuguesa. Corrija as palavras escritas de modo incorreto conforme a norma culta da língua portuguesa.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Nordeste Independente
Elba Ramalho
Álbum: Do Jeito Que A Gente Gosta,
1984.

Composição: Braulio Tavares /
Ivanildo Vilanova

Já que existe no sul esse conceito
Que o nordeste é ruim, seco e ingrato
Já que existe a separação de fato
É preciso torná-la de direito
Quando um dia qualquer isso for feito
Todos dois vão lucrar imensamente
Começando uma vida diferente
De que a gente até hoje tem vivido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente
Dividindo a partir de Salvador
O nordeste seria outro país
Vigoroso, leal, rico e feliz
Sem dever a ninguém no exterior
Jangadeiro seria o senador
O cassaco de roça era o suplente
Cantador de viola, o presidente
O vaqueiro era o líder do partido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente
Em Recife, o distrito industrial
O idioma ia ser nordestinense
A bandeira de renda cearense
"Asa Branca" era o hino nacional
O folheto era o símbolo oficial
A moeda, o tostão de antigamente
Conselheiro seria o inconfidente
Lampião, o herói inesquecido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente
O Brasil ia ter de importar
Do nordeste algodão, cana, caju
Carnaúba, laranja, babaçu
Abacaxi e o sal de cozinhar
O arroz, o agave do lugar
O petróleo, a cebola, o aguardente
O nordeste é auto-suficiente
O seu lucro seria garantido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente
Se isso aí se tornar realidade

E alguém do Brasil nos visitar
Nesse nosso país vai encontrar
Confiança, respeito e amizade
Tem o pão repartido na metade
Temo prato na mesa, a cama quente
Brasileiro será irmão da gente
Vai pra lá que será bem recebido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente
Eu não quero, com isso, que vocês
Imaginem que eu tento ser grosseiro
Pois se lembrem que o povo brasileiro
É amigo do povo português
Se um dia a separação se fez
Todos os dois se respeitam no presente
Se isso aí já deu certo antigamente
Nesse exemplo concreto e conhecido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente

Povo do meu Brasil
Políticos brasileiros
Não pensem que vocês nos enganam
Porque nosso povo não é besta

PENSAR E RESPONDER

- 1) Qual a mensagem dessa música?
- 2) Você concorda com a proposta da música? Seria bom para o Brasil e para o Nordeste? Justifique.
- 3) Explique as frases: Já que existe no sul esse conceito/ Que o nordeste é ruim, seco e ingrato/ Já que existe a separação de fato.
- 4) A quem é dirigida as frases: Não pensem que vocês nos enganam/ Porque nosso povo não é besta.
- 5) Em sua opinião, o Nordeste brasileiro é deixado de lado pelos políticos brasileiros? O que fazer para melhorar as condições de vida nessa parte do Brasil?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

De Rolê Pelo País

Matéria Rima

Álbum: Procurando Respostas, 2005.

Composição: Puma

Faço a minha rima mostrando pra vocês
O mapa do Brasil, geografia pode crê
Já começando, lá de baixo, pela região sul
Vou falando de um estado Rio Grande do Sul
Onde tem chimarrão, Grêmio, Internacional,
Grande rivalidade que é chamada de Grenal
Subindo mais um pouco, chego a Santa Catarina
Onde sua capital é chamada de Floripa
Chegando em Curitiba, capital do Paraná
Onde já segui meu rumo, no Sudeste fui chegar.
Onde logo de cara encontrei São Paulo,
Maior Pólo Industrial de toda a América Latina
Seguindo minha rima, fui chegar em BH
Grande capital de Minas que sempre vou
lembrar
Mas, ali ao lado, o paraíso encontrei
No Rio cheguei, Maracanã visitei
Mas o sonho acabou Espírito Santo chegou
E ai manos e minas o Sudeste terminou.
Ae hei, ae, hei!
Ae, ae, ae,
Continuando neste clima, no nordeste eu
cheguei
Bahia adorei, nela viajei.
Conheci Itapetinga, Tucano e Valença,
É grande Bahia Salvador, terra da crença
Seguindo a minha volta, fui pra Aracajú
Capital de Sergipe. Em Recife
Pernambuco, não me contive a beleza de
Olinda,
Oh como é linda passei por Alagoas
Cheguei na Paraíba. Fui ao Ceará
Terra de gente linda! Depois, desci ao Piauí.
Subi ao Maranhão, Rio Grande do Norte, Natal.
E então,
Chegando na Região Norte fiquei maravilhado

Com tanto verde, no Amazonas tantos rios,
fiquei pirado!
Mas resolvi ir pro Amapá, conhecer Macapá
Descer pro Pará rezar em Belém
Em Tocantins bater Palmas pra beleza também
Já estou no Centro-Oeste fazendo rimar.
Mato Grosso, Cuiabá, Pantanal, vamos lá.
Em direção a Brasília, onde conheci a política
Saindo do Distrito cheguei a Maracajú
Acabei em Campo Grande, Mato Grosso do Sul
De Norte, Sul, Leste, Oeste, mostrei
O mapa do Brasil, geografia relatei
É geografia relatei.

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que essa música retrata?
- 2) Cite uma característica marcante de cada região do Brasil?
- 3) Você nasceu em qual estado brasileiro? O estado em que você nasceu, fica em qual região do país?
- 4) Na música cita São Paulo como sendo o maior centro industrial da América latina. O que significa América Latina? Essa divisão do continente americano é baseada em quê?
- 5) São Paulo pode ser considerada uma cidade global? Por que?
- 6) Escolha uma região do país e faça uma pesquisa destacando suas potencialidades, dificuldades, principais cidades, economia, e outras característica que achar relevante.

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

**O Centro Oeste Brasileiro
Teixeirinha
Álbum: Menina da Gaita, 1978.
Compositor: Teixeira**

Alô, alô meu Brasil grandioso
Vou convidar o povo em geral
Pra homenagear nossos irmãos queridos
Do centro oeste do Brasil central.
Fala: alô maestro Portinho
Você que é de Rio Grande, tchê
Segura a nossa homenagem
Ao centro oeste brasileiro.
Falo no estado do Mato Grosso
Um dos maiores da federação
Mato grossenses repartiram em dois
Os dois são um no meu coração.
Pedaço verde de Brasil grandioso
A capital do norte é Cuiabá
A capital do sul é Campo Grande
Ponta Porã, Jardim e Corumbá
Fala: olha aí da Barra da Graça
Rondonópolis, Rio Brillante, Três Lagoas
Água Boa e Dourados
Bela Vista, Porto Esperança, Coxim
Porto Murtinho, Água Clara, Nova Andradina
Paranhos, Paranaíba, Alto Araguaia
Fátima do Sul
No futebol. Cuidado... que o operário e
Campo Grande vão ser campeão brasileiro.
Minas gerais do Santos Dumont
Do Tiradentes e do rei Pelé
Do Juscelino e da pedra preciosa
Da pecuária e do plantio do café
Eu sou ligado no povo mineiro
Hospitaleiros eles são demais
Montes e rios beleza natural
Como eu te amo Minas Gerias.
Um abraço do Teixeira
Para Diamantina, Ouro Fino, Dianópolis
Poços de Caldas, Ouro Preto, e para o
Triângulo Mineiro-Uberaba, Uberlândia
Governador Valadares, Montes Claros,
Juiz de Fora, Barbacena, Sete Lagoas,

Muriaé, Guachupe, Campo Belo,
São João Del Rey, Rio Pardo, Três Corações
Terra do rei Pelé, Belo Horizonte
... Tem Atlético Mineiro aí?
Tem cruzeirista aí?
Alo Goiás do goiano valente
Alo Goiânia linda capital
Salve Trindade a Festa do Divino
Brasília é a capital federal.
Tem Goiás velha cidade histórica
Rio Araguaia não posso esquecer
O Lindomar Castilhos tem razão
A tua terra é linda de morrer.
Alo Anápolis, Formosa, Morrinhos,
Rio Verde, Jataí, Araguaia
Porto Nacional, Pontalina, Vianópolis
Flores de Goiás, Estrela do Norte
Itumbira, Dianópolis, Natividade,
Paracatu, Minaçu e Catalão
Água Limpa, Goianésia, Jaraguá e
Outras centenas de cidades do grande Goiás.
... Em Goiânia no futebol tem
Goianense aí...?
E viva o querido colega
E amigo Lindomar Castilho tchê

PENSAR E RESPONDER

- 1) Qual mensagem essa música transmite?
- 2) O estado de Minas Gerais pertence a qual região do Brasil? Por que foi citado na música?
- 3) Cite os estados da região centro-oeste.
- 4) Pesquise em um mapa em qual estado da federação fica a cidade de Porto Nacional. Este estado fica em qual região? Por que foi citado na música?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Comitiva Esperança

Almir Sater

Álbum: Ensaio, 1991.

Composição: Almir Sater / Paulo Simões

Nossa viagem não é ligeira, ninguém tem pressa de chegar
A nossa estrada, é boiadeira, não interessa onde vai dar
Onde a Comitiva Esperança, chega já começa a festança
Através do Rio Negro, Nhicolândia e Paiaguás
Vai descendo o Piqueri, o São Lourenço e o Paraguai
Tá de passagem, abre a porteira, conforme for pra pernoitar
Se a gente é boa, hospitaleira, a Comitiva vai tocar
Moda ligeira, que é uma doideira, assanha o povo e faz dançar
Oh moda lenta que faz sonhar
Onde a Comitiva Esperança chega já começa a festança
Através do Rio Negro, Nhicolândia e Paiaguás
Vai descendo o Piqueri, o São Lourênço e o Paraguai
Ê, tempo bom que tava por lá,
Nem vontade de regressar
Só vortemo eu vô confessar
É que as águas chegaram em Janeiro, descolamos um barco ligeiro
Fomos pra Corumbá

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que retrata essa música?
- 2) De qual região do Brasil ela fala?
- 3) Qual bacia hidrográfica ela destaca?
- 4) O que é uma bacia hidrográfica?
- 5) Qual importância de conservar os rios do Brasil?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.

Coração da Pátria

Eduardo Costa

Álbum: Acústico, 2004.

Compositor: Silveira e Lourival dos Santos

Nasci em Goiás lá em Jataí
Do meu grande estado eu nunca saí
Meu lindo planalto eu já percorri
Encontrei fartura miséria não vi
Em Pires do Rio aonde aprendi
A cantar sereno pro Brasil ouvir
Aos meus companheiros eu estou aqui
Pra cantar com classe tudo que aprendi
Verde e esperança eu digo a verdade
Saí de Rio Verde com felicidade
Vim pra a Santa Helena terra da bondade
Lá em Goiatuba eu fiz amizade
Buriti Alegre tem gado à vontade
E de Panamá eu fui a Trindade
Em Piracanjuba eu deixei saudade
Segui pra Morrinhos uma linda cidade
Vim de Ipameri é uma joia fina
Lá em São Luiz tem belas meninas
Em Porangatu quase me domina
Eu saí pra Ceres e depois Planaltina
Passei em Inhumas também Cristalina
E de Hidrolândia fui à Pontalina
Fui à Caldas Novas pela medicina
Moro em Itumbiara, divisa de Minas
Cidade de Anápolis gostei demais
E em Catalão, terra do meus pais
Formosa e Silvânia bonitas iguais
O meu Goiás velho não me esqueço mais
Capital antiga dos tempos atrás
Hoje é Goiânia flor das capitais
Ordem e progresso Brasília nos traz
Coração da pátria está em Goiás

PENSAR E RESPONDER

- 1) O que retrata essa música?
- 2) Por que recebe esse nome coração da pátria?
- 3) O que é um planalto?
- 4) Quais cidades citadas na música você conhece?
- 5) Antes de Goiânia, qual era a capital de Goiás? Quando e por que ocorreu a mudança da capital de Goiás?

PENSAR E CRIAR

- Exercitando sua imaginação e criatividade, tente elaborar sua própria composição, que pode ser em: desenhos e/ou representações visuais, fotografias, etc.; ou em estrofes, paródias, rimas, músicas, poemas, entre outros; ou ainda, em áudios e vídeos, relacionados ao conteúdo trabalhado.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Prezado (a) entrevistado (a),

As questões abaixo objetivam-se investigar como se dá o processo de ensino e aprendizagem de Geografia no contexto de classe hospitalar/domiciliar, bem como, outros pontos relevantes e inerentes a prática pedagógica nesse espaço. Tal pesquisa contribuirá para a elaboração da dissertação de mestrado intitulada: “O Ensino de Geografia No Contexto de Classe Hospitalar/Domiciliar: Desafios, Práticas e Possibilidades”, que será apresentada no Programa de Mestrado em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal de Goiás. Nos comprometemos em resguardar a identidade e integridade dos participantes, não sendo necessária à sua identificação. Os dados colhidos nesta investigação serão utilizados somente para esta pesquisa. Caso sinta desconforto, constrangimento ou por qualquer outra razão, você é livre para se retirar da pesquisa e não sofrerá qualquer penalização. Entretanto, salientamos que a sua participação é de fundamental importância para o nosso trabalho e por isso agradecemos a sua colaboração.

Responsáveis pela pesquisa: Mestrando – Jean Marcos da Silva e Professor Orientador Dr. Glauco Roberto Gonçalves.

Questionário

- 1) Há quanto tempo você atua como professor (a) na Educação Básica?
() até 2 anos. () entre 3 e 5 anos. () entre 6 e 9 anos. () mais de 10 anos.
- 2) Há quanto tempo você atua como professor no NAEH?
() até 2 anos. () entre 3 e 5 anos. () entre 6 e 9 anos. () mais de 10 anos.
- 3) Em relação ao seu trabalho como professor no NAEH, qual seu grau de satisfação quanto aos seguintes aspectos:
 - a) Ambiente de trabalho: () muito satisfeito () pouco satisfeito () insatisfeito

- b) Coordenação do NAEH: () muito satisfeito () pouco satisfeito () insatisfeito
- c) Ao processo de ensino: () muito satisfeito () pouco satisfeito () insatisfeito
- d) Autonomia do professor: () muito satisfeito () pouco satisfeito () insatisfeito
- e) Ao processo de aprendizagem do educando: () muito satisfeito () pouco satisfeito () insatisfeito
- f) Aos educandos que você atende: () muito satisfeito () pouco satisfeito () insatisfeito
- 4) Você considera seu trabalho como professor de classe hospitalar/domiciliar relevante e eficaz? Por que?
- _____
- 5) Você se sente realizado em ser professor do NAEH? () sim () não
- 6) Se a resposta anterior for negativa, responda: o que falta para você se sentir realizado como professor do NAEH?
- _____
- 7) Você se sente bem emocional e psicologicamente para atuar como professor de classe hospitalar/domiciliar? () sim () não
- 8) O NAEH oferece suporte emocional e psicológico para os professores? () sim () não
- 9) Atualmente, você atua em: () classe Hospitalar () classe domiciliar
- 10) Como se dá o processo de ensino e aprendizagem nesse contexto?
- _____
- _____
- 11) Como se dá o processo de ensino e aprendizagem de geografia nesse contexto?
- _____
- _____
- 12) Em suas aulas são utilizados recursos tecnológicos na mediação do conteúdo? () sim () não. Se sim, cite alguns _____
- 13) Você considera importante o uso de recursos tecnológicos no processo de ensino aprendizagem? () sim () não. Por que?
- _____

14) O uso de outras linguagens como recursos didáticos, como por exemplo a música, histórias em quadrinhos, charges, fotografias, entre outros. São utilizados em suas aulas? () sim () não. Por que?

Obrigado pela participação!



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada *O Ensino da Geografia Em Classe Hospitalar/Domiciliar: Desafios, Práticas e Possibilidades*. Meu nome é Jean Marcos da Silva, sou a pesquisador (a) responsável e minha área de atuação é o Ensino na Educação Básica. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail (jmarcosbrt@gmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (62) 985729458. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O projeto *O Ensino da Geografia Em Classe Hospitalar/Domiciliar: Desafios, Práticas e Possibilidades*, será desenvolvido com os professores do NAEH que ministram aulas tanto em classes hospitalares, como nas classes domiciliares.

A pesquisa almeja Perceber os principais desafios e dificuldades dos professores do NAEH em promover o ensino de Geografia e áreas afins no contexto hospitalar/domiciliar, bem como em contribuir com novas possibilidades de ensino de Geografia neste contexto hospitalar/domiciliar, por meio do uso dos recursos didáticos utilizando-se de outras linguagens de ensino, através da música, a fim de despertar o interesse, a participação, a consciência e o senso crítico dos educandos, para que estes possam compreender a realidade que os cercam.

1.1 Será criado e oportunizado nas aulas de Geografia para os professores e educandos atendidos pelo NAEH, um Guia de Músicas, denominado: AGM – Aprendendo Geografia por meio da Música. Este Guia permitirá que o professor trabalhe de forma criativa e crítica boa parte dos conteúdos propostos nos anos finais do Ensino Fundamental, por meio das músicas contidas nele, bem como, por meio das respectivas reflexões políticas, sociais e econômicas que este disponibilizará.

1.2 Os procedimentos utilizados na pesquisa serão:

A pesquisa terá como base um estudo qualitativo, exploratório e analítico, valendo-se da Pesquisa-participante. Pois esta pode possibilitar reflexão na prática desenvolvida, bem como, ações e mudanças de atitudes. De caráter dialético emancipatório, essa metodologia tem como princípio fundamental uma forma de

participação onde todos, pesquisadores e população, são sujeitos de um mesmo processo de exercício de cidadania, objetivando transformação social. A pesquisa-participante possibilita a interação, o diálogo constante entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos na pesquisa, o que facilita a socialização das experiências e dos conhecimentos teóricos e metodológicos pesquisados.

Seguindo os preceitos desse modelo investigativo, além das pesquisas bibliográficas sobre o tema proposto, nossos instrumentos de coleta de dados serão: o questionário semiaberto, aplicado, aos professores do NAEH tanto nos hospitais como nos domicílios, com intuito de verificar, perceber suas práticas e seus desafios, a fim de propor novas possibilidades de trabalhar a Geografia e áreas afins.

1.3 Os possíveis riscos podem estar relacionados às entrevistas através de questionários, uma vez que serão perguntas onde o professor falará de sua prática em trabalhar o conteúdo de Geografia e áreas afins. Embora os entrevistados não sejam identificados nos questionários, eles terão a liberdade de não responder qualquer pergunta proposta ou mesmo de se retirar da pesquisa sem sofrer qualquer tipo de constrangimento ou punição.

1.4 Não haverá despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa realizada, uma vez que todos os materiais utilizados serão financiados por recursos próprios do pesquisador e as atividades serão realizadas em horário normal de aula.

1.5 Há a garantia do sigilo que assegura a privacidade e o anonimato dos/as participante/s, pois não haverá a divulgação do(s) seu(s) nome(s).

1.6 Qualquer participante poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma;

1.7 Todos os participantes têm a garantia expressa de liberdade de se recusar a responder questões que lhe causem *desconforto emocional* e/ou *constrangimento* em entrevistas e questionários que forem aplicados na pesquisa;

1.8 Todos os participantes têm o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da sua participação na pesquisa;

1.9 Esta pesquisa envolve o *armazenamento em banco de dados pessoal ou institucional*. Toda pesquisa a ser feita com os dados que foram coletados deverá ser autorizada pelo/a participante e também será submetida novamente para aprovação do CEP institucional e, quando for o caso, à CONEP. Assim, visando à execução de investigações futuras, assine dentro do parêntesis da proposição escolhida:

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

2 Assentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito(a)
sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em

participar do estudo intitulado *O Ensino da Geografia Em Classe Hospitalar/Domiciliar: Desafios, Práticas e Possibilidades*. Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador (a) responsável Jean Marcos da Silva sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Também serão obtidos registros fotográficos, sonoros e audiovisuais, portanto é imprescindível a necessidade da *concessão do uso de sua voz, imagem ou opinião*:

() Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.


Rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

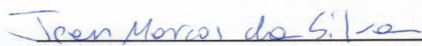
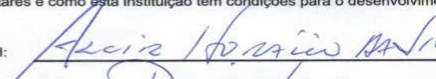

Assinatura por extenso do (a) participante

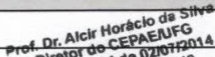
Assinatura por extenso do (a) pesquisador(a) responsável

ANEXOS

ANEXO A – FOLHA DE ROSTO PAA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS


 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP
FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: O ENSINO DA GEOGRAFIA EM CLASSE HOSPITALAR/DOMICILIAR: DESAFIOS, PRÁTICAS E POSSIBILIDADES.			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 10			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Educação			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: JEAN MARCOS DA SILVA			
6. CPF: 758.558.871-20	7. Endereço (Rua, n.º): SRM 24 Qd. 26 Lt. 07 RESIDENCIAL VILLAGE SANTA RITA IV GOIANIA GOIAS 74395405		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 62985729458	10. Outro Telefone:	11. Email: jmarcosbrt@gmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: <u>18 / 04 / 2018</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal de Goiás - UFG		13. CNPJ: 01.567.601/0001-43	14. Unidade/Órgão:
15. Telefone: (62) 3521-1215		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: 		CPF: <u>652.748.877-04</u>	
Cargo/Função: <u>Director</u>		 Assinatura	
Data: <u>18 / 04 / 2018</u> <u>18/04/2018</u>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			


 Prof. Dr. Alcir Horácio da Silva
 Diretor do CEPAE/UFG
 Port. N° 2204 de 02/07/2014
 Mat. SIAPE 01127049



TERMO DE SOLICITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica Mestrado – PPGEEB da Universidade Federal de Goiás, na pessoa do Professor **DR. Glauco Roberto Gonçalves** orientador do mestrando **Jean Marcos da Silva**, aluno devidamente matriculado neste programa, vem através deste solicitar a *Superintendência de Inclusão e do Ensino Fundamental da Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esporte de Goiás*, a autorização do campo de pesquisa, para a realização da pesquisa intitulada: *O Ensino da Geografia Em Classe Hospitalar/Domiciliar: Desafios, Práticas e Possibilidade*, a ser desenvolvida no *Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar – NAEH*.

Comprometemo-nos a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para fins previstos nas resoluções CNS 466/12 e CNS 510/12 em acordo com o Comitê de Ética e Pesquisa desta instituição. Assumimos as responsabilidades pela conduta científica do projeto, considerando a relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração de todos os interesses envolvidos.

Certos da compreensão, apoio e consideração desta estimada Superintendência, desde já, agradecemos e nos colocamos a disposição para sanar quaisquer dúvidas.

Atenciosamente,

Orientador: DR GLAUCO ROBERTO GONCALVES

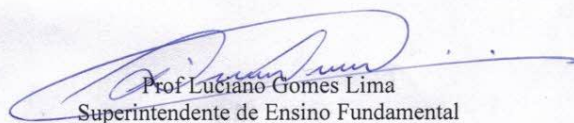
Mestrando: JEAN MARCOS DA SILVA

ANEXO C – AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA NO CAMPO

TERMO DE ANUÊNCIA SUPERINTENDÊNCIA DE ENSINO FUNDAMENTAL

A Superintendência de Ensino Fundamental da Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esporte, está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado “O Ensino de Geografia em Classe Hospitalar/Domiciliar: Desafios, Práticas e Possibilidades”, que será desenvolvido no Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar – NAEH, coordenado pelo pesquisador Jean Marcos da Silva, mestrando da Universidade Federal de Goiás, onde a pesquisa está sendo desenvolvida.

Goiânia, 18 maio de 2018.


Prof. Luciano Gomes Lima
Superintendente de Ensino Fundamental

Prof. Luciano Gomes Lima
Superintendente de Ensino Fundamental
Decreto de 14/11/2017 - Diário Of. nº 22.687